



encontrada

livro #8 na
série Memória de um Vampiro

morgan rice

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Direitos reservados© 2012 por Morgan Rice

Todos os direitos reservados. Exceto como permitido pela lei de Direitos Autorais dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por nenhuma forma ou meio, ou armazenada em banco de dados ou em sistemas de recuperação, sem a permissão prévia do autor.

Este e-book está disponível somente para seu uso pessoal. Este e-book não deve ser revendido nem doado a outras pessoas. Se você quiser compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, adquira uma cópia adicional para cada um. Se você está lendo este livro e não pagou por ele, ou se este não foi comprado apenas para seu uso pessoal, por favor, devolva-o e adquira seu próprio exemplar. Obrigado por respeitar o trabalho deste autor.

Este é um trabalho fictício. Nomes, personagens, empresas, organizações, locais e incidentes são frutos da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Modelo da capa: Jennifer Onvie. Fotografia da capa: Adam Luke Studios, New York. Maquiadora: Ruthie Weems.

Se você deseja entrar em contato com qualquer um destes artistas, por favor, entre em contato com Morgan Rice.

ÍNDICE

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO QUATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)

[CAPÍTULO DEZESSETE](#)

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

CAPÍTULO VINTE E SEIS

CAPÍTULO VINTE E SETE

CAPÍTULO VINTE E OITO

CAPÍTULO VINTE E NOVE

CAPÍTULO TRINTA

CAPÍTULO TRINTA E UM

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

FATO:

Apesar de a data exata da morte de Jesus permanecer desconhecida, acredita-se que ele tenha morrido no dia 3 de abril, 33 D. C.

FATO:

A sinagoga de Cafarnaum (Israel), uma das mais antigas do mundo, é um dos poucos lugares que restaram onde Jesus pregou. É também o local onde ele curou um homem "possesso de um demônio, de um espírito imundo."

FATO:

A atual Basílica do Santo Sepulcro em Jerusalém, uma das igrejas mais sagradas do mundo, foi construída no local da crucificação de Jesus e no suposto local de sua ressuscitação. Mas, antes da construção da igreja, durante os 300 anos após a crucificação de Cristo, paradoxalmente, este local era ocupado por um Templo Pagão.

FATO:

Após a Última Ceia, Jesus foi traído por Judas no antigo jardim de Getsêmani.

FATO:

Ambos, o Judaísmo e o Cristianismo, pregam que haverá um apocalipse, um fim dos dias, durante o qual um Messias virá, e durante o qual aqueles que haviam morrido serão ressuscitados. O Judaísmo acredita que, quando o Messias chegar, os primeiros a serem ressuscitados serão aqueles enterrados no Monte das Oliveiras.

“Vou beijar esses lábios;

É possível que algum veneno ainda se ache neles,

Para me dar alento e dar a morte.

O! Sê bem-vindo, punhal!”

William Shakespeare, ***Romeu e Julieta***

CAPÍTULO UM

Nazaré, Israel (Abril, 33 D.C.)

A mente de Caitlin estava a mil por hora, com sonhos rápidos e agitados. Ela viu sua melhor amiga, Polly, cair de um penhasco, com os braços estendidos para tentar se agarrar a ela, mas, por pouco, não alcançou sua mão. Ela viu seu irmão Sam fugir dela, correndo por um campo sem fim; ela o seguiu, mas não importava o quanto ela corresse, ela não conseguia alcançá-lo. Ela viu Kyle e Rynd assassinarem os membros de seu clã diante de seus olhos, partindo-os em pedaços, o sangue espirrava sobre ela. Este sangue se transformou em um pôr do sol vermelho-sangue, que pairava sobre sua cerimônia de casamento com Caleb. Com exceção deste casamento, eles eram as únicas pessoas, as últimas vivas no mundo, de pé, sobre a borda um precipício, contra um céu cor de sangue.

E então ela viu sua filha, Scarlet, sentada em um pequeno barco de madeira, sozinha na imensidão do mar, à deriva em águas turbulentas. Scarlet ergueu as quatro chaves que Caitlin precisava para encontrar seu pai. Mas, enquanto ela a observava, Scarlet as levantou e as deixou cair na água.

“Scarlet!” Caitlin tentou gritar.

Mas nenhum som saiu, enquanto ela assistia, Scarlet se afastava cada vez mais, oceano adentro, em direção às enormes nuvens de tempestade que se formavam no horizonte.

“SCARLET!”

Caitlin Paine acordou aos gritos. Ela se sentou respirando com dificuldade, e olhou a sua volta, tentando se orientar. Estava escuro lá, a única fonte de luz vinha de uma pequena abertura, a cerca de vinte metros. Parecia que ela estava em um túnel. Ou talvez fosse uma caverna.

Caitlin sentiu algo duro sob ela e, ao olhar para baixo, percebeu que estava deitada em um chão de terra com pequenas pedras. Ali estava abafado e cheio de poeira. Onde quer que ela estivesse, não era um clima escocês. Era quente, seco – como se estivesse no deserto.

Caitlin sentou-se, esfregando sua cabeça, forçando os olhos através da escuridão, tentando se lembrar, tentando distinguir o que era sonho e o que era realidade. Seus sonhos foram tão vívidos e sua realidade, tão surreal, que estava ficando cada vez mais difícil dizer a diferença.

Enquanto ela recuperava aos poucos seu fôlego, se livrando daquelas horrendas visões, começou a perceber que estava de volta. Viva, em algum lugar. Em um novo local e tempo. Ela sentiu as camadas de sujeira em sua pele, cabelo e olhos, e sabia que precisava de um banho. Estava tão quente ali, era difícil respirar.

Caitlin sentiu um volume familiar em seu bolso, se virou e viu, aliviada, que seu diário estava ali.

Ela imediatamente checkou seu outro bolso e sentiu as quatro chaves, em seguida, levantou suas mãos e sentiu seu colar. Tudo estava lá. Ela se encheu de alívio.

Então ela se lembrou. Caitlin imediatamente se virou, tentando verificar se Caleb e Scarlet haviam conseguido voltar com ela.

Ela enxergou uma forma na escuridão, imóvel, e, a princípio, se perguntou se aquilo se tratava de algum animal. Mas, quando sua visão se ajustou, ela percebeu que tinha forma de um humano. Ela se levantou devagar, seu corpo doía, estava rígido por deitar sobre as pedras, e começou a se aproximar.

Ela atravessou a caverna, se ajoelhou e, gentilmente, mexeu o ombro daquela grande forma. Já sentia quem era: não precisava que ele se virasse para ela saber. Ela podia senti-lo do outro lado da caverna. Era - ela sabia, aliviada - seu grande e único amor. Seu marido, Caleb.

Enquanto ela o virava de costas, ela rezou para que ele tivesse conseguido chegar lá com boa saúde. Que ele se lembrasse dela.

Por favor, ela pensou. Por favor. Só mais esta vez. Deixe Caleb sobreviver à viagem.

Quando Caleb se virou, ela respirou aliviada ao ver que suas características pareciam intactas. Ela não viu nenhum sinal de ferimentos. E, quando ela o examinou mais de perto, ficou ainda mais aliviada ao vê-lo respirando, o ritmo lento de seu peito subindo e descendo – e então, viu suas pálpebras se contraírem.

Ela soltou um profundo suspiro de alívio quando seus olhos se abriram.

“Caitlin?” ele perguntou.

Caitlin caiu em prantos. Seu coração disparou quando ela se inclinou sobre ele e o abraçou. Eles conseguiram voltar juntos. Ele estava vivo. Era tudo o que ela precisava.

Caitlin caiu em prantos. Seu coração disparou quando ela se inclinou sobre ele e o abraçou. Eles conseguiram voltar juntos. Ele estava vivo. Era tudo o que ela precisava. Não precisava pedir mais nada no mundo.

Ele a abraçou de volta e ela o apertou por um longo tempo, sentindo a movimentação de seus músculos. Ela se encheu de alívio. Ela o amava mais do que conseguia expressar. Eles haviam ido tantas vezes juntos, para tantos lugares, haviam visto tanta coisa juntos, passado por tantos altos e baixos, sofrido tanto, mas também haviam celebrado. Ela pensou em todas as vezes que eles quase perderam um ao outro, aquela vez em que ele não se lembrava dela, quando ele foi envenenado... Os obstáculos na relação deles pareciam nunca ter fim.

E agora, finalmente, eles haviam conseguido. Estavam juntos mais uma vez, para a última viagem de volta. *Isso significava que eles ficariam juntos para sempre?* Ela se perguntou. E esperava que sim, com todas as suas forças. Sem mais viagens de volta. Desta vez, eles ficariam juntos de vez. Caleb parecia mais velho enquanto ele olhava de volta para ela. Ela encarava fixamente seus olhos castanhos, e podia sentir o amor fluindo através dele. Ela sabia que ele estava pensando o mesmo que ela.

Enquanto ela olhava em seus olhos, todas as memórias vieram à tona. Ela pensou na última viagem deles, na Escócia. Tudo voltou depressa como se fosse um sonho ruim. No começo, tudo era tão belo. O castelo, o encontrar com todos seus amigos. O casamento. *Meu Deus, o casamento.* Foi a coisa mais linda, mais do que ela jamais sonhara. Ela olhou para baixo e fitou sua aliança. Ainda estava lá. O anel tinha voltado junto com ela. Este símbolo do amor deles havia sobrevivido. Ela mal podia acreditar. Ela estava realmente casada. E com ele. Tomou isso como um sinal: se a aliança era capaz de voltar no tempo e atravessar tudo, se a aliança poderia sobreviver, o amor deles também poderia.

A visão da aliança em seu dedo realmente a fez compreender. Caitlin pausou e sentiu o que era ser uma mulher casada. Era diferente. Mais sólido, mais permanente. Ela sempre amou Caleb e sentia que ele a amava também. Ela sempre teve a sensação de que a união

deles era eterna. Mas agora que ela era oficial, ela se sentia diferente. Sentia que os dois eram realmente apenas um.

Caitlin então pensou no passado e lembrou o que aconteceu após o casamento: eles tiveram que deixar Scarlet, Sam e Polly. Encontraram Scarlet no oceano, viram Aiden e ouviram as terríveis notícias. Polly, sua melhor amiga, estava morta. Sam, seu único irmão, havia se abandonado para sempre e partira para o lado das trevas. Seus companheiros, membros de seu clã, foram assassinados. Era quase demais para ela poder aguentar. Ela não conseguia imaginar o horror, como seria uma vida sem Sam com ela – ou sem Polly.

De sobressalto, seus pensamentos se viraram para Scarlet. Tomada repentinamente pelo pânico, ela se afastou de Caleb, procurou pela caverna, imaginando se ela também havia conseguido voltar.

Caleb devia estar pensando a mesma coisa, ao mesmo tempo, pois seus olhos se arregalaram.

“Onde está Scarlet?” ele indagou, lendo sua mente, como de costume.

Caitlin se virou e correu para cada canto da caverna, procurando em cada fresta escura, em busca de qualquer indício, qualquer forma, qualquer sinal de Scarlet. Mas não havia nenhum. Ela procurou freneticamente, cobrindo a caverna toda com Caleb, examinando cada centímetro do local.

Mas Scarlet não estava lá. Ela simplesmente não estava.

O coração de Caitlin apertou. Como poderia ser assim? Como era possível que ela e Caleb conseguiram fazer a viagem, mas Scarlet não? O destino poderia ser assim tão cruel?

Caitlin se virou e correu para a luz do sol, em direção à saída da caverna. Ela tinha que sair, ver o que havia lá fora, ver se havia

algum sinal de Scarlet. Caleb correu ao seu lado, os dois foram até a abertura da caverna, para o sol, e ficaram parados na entrada.

Caitlin parou de repente, ainda em tempo: uma pequena plataforma se projetava para fora da caverna e descia pela íngreme montanha. Caleb parou logo em seguida, ao seu lado. E lá estavam eles, em pé sobre uma estreita base, olhando para baixo. De alguma forma, Caitlin percebeu, eles haviam aterrissado dentro de uma montanha, a centenas de metros de altura. Não havia como subir mais nem como descer. E se eles dessem um passo a mais, iriam despencar daquela altura.

Espalhado abaixo deles, havia um enorme vale, que alcançava o horizonte até onde a vista alcançava. Era uma paisagem deserta e rural, pontilhada com afloramentos rochosos e algumas palmeiras. À distância, havia colinas espalhadas e, diretamente abaixo deles, havia um vilarejo constituído por casas de pedras e ruas de terra. Estava ainda mais abafado ali, sob o sol, insuportavelmente brilhante e quente. Caitlin estava começando a perceber que eles estavam em um clima bem diferente da Escócia. E, julgando pela aparência rudimentar do vilarejo, eles estavam em uma época diferente, também.

Intercalados entre toda a terra e areia e pedras, havia sinais de agricultura, algumas partes verdes. Algumas eram cobertas de vinhas, crescendo em fileiras organizadas pelas íngremes encostas, e entre elas, havia árvores que Caitlin não reconhecia: árvores pequenas, pareciam antigas, com ramos retorcidos e folhas prateadas que brilhavam a luz do sol.

“Oliveiras,” Caleb disse, lendo sua mente mais uma vez.

Oliveiras? Caitlin se perguntou. *Onde raios nós estamos?*

Ela olhou para Caleb, com a sensação de que talvez ele reconhecesse aquele local e tempo. Viu seus olhos arregalados e

sabia que sim – e também que ele estava surpreso. Ele admirou a vista como se ela fosse um amigo que ele não via há muito tempo.

“Onde nós estamos?” ela perguntou, quase com medo de descobrir.

Caleb examinou o vale ante eles e, então, finalmente, se virou e olhou para ela.

Gentilmente, ele disse:

“Nazaré.”

Ele fez uma pausa, absorvendo tudo.

“Ao julgar por este vilarejo, estamos no século primeiro,” ele disse, virou-se e olhou para ela, admirado, seus olhos brilhavam de emoção: “Na verdade, parece que estamos nos tempos de Cristo.”

CAPÍTULO DOIS

Scarlet sentiu uma língua lambendo seu rosto e abriu seus olhos para a ofuscante luz do sol. A língua não parava e, antes mesmo de ela olhar para cima, ela sabia que era Ruth. Ela abriu seus olhos apenas o suficiente para ver que era ela mesma: Ruth estava debruçada sobre ela, choramingando, e ficou ainda mais animada quando Scarlet abriu os olhos.

Scarlet sentiu uma pontada de dor quando ela tentou abrir um pouco mais seus olhos; atingida pela luz ofuscante do dia, seus olhos se encheram de lágrimas, mais sensíveis do que nunca. Ela estava com uma forte dor de cabeça e entreabriu seus olhos o

bastante para ver que ela estava deitada em uma rua de paralelepípedos em algum lugar. As pessoas caminhavam por ali, passando por ela e ela podia falar que estava no meio de uma cidade movimentada. As pessoas corriam para lá e para cá, em todas as direções, e ela conseguia ouvir o barulho da multidão ao meio-dia. Enquanto Ruth choramingava sem parar, ela sentou-se ali, tentando se lembrar, tentando entender onde ela estava. Mas não fazia ideia.

Antes que Scarlet conseguisse organizar seus pensamentos sobre o que havia acontecido, de repente, ela sentiu um pé cutucando suas costelas.

“Mexa-se!” veio uma voz grave. “Você não pode dormir aqui.”

Scarlet olhou para o lado e viu uma sandália romana próxima ao seu rosto. Ela olhou para cima e viu um soldado romano em pé em cima dela, vestido com uma túnica curta, com um cinto em volta de sua cintura, onde estava pendurada uma espada curta. Ele usava um pequeno capacete com penas. O soldado se curvou e a cutucou novamente com seu pé, machucando o estômago de Scarlet.

“Você me escutou? Mexa-se, ou eu irei prendê-la.”

Scarlet queria ouvi-lo, mas quando ela abriu mais seus olhos, o sol os machucava muito, e ela estava tão desorientada. Ela tentou se levantar, mas sentiu como se estivesse se movimentando em câmera lenta.

O soldado se inclinou para trás e a chutou nas costelas. Scarlet, percebeu esse movimento e se preparou para o impacto, incapaz de reagir rápido o suficiente.

Scarlet ouviu um rosnado e se virou para ver Ruth, com os pelos de suas costas todos arrepiados, atacando o soldado. Ruth pegou seu tornozelo em pleno ar, cravando suas presas afiadas nele com toda a sua força. O soldado gritou, e seus berros encheram o ar, ao mesmo

tempo em que sangue escorria de seu tornozelo. Ruth não o largava, sacudia com toda sua energia, e a expressão do soldado, outrora tão arrogante, tornou-se assustada.

Ele esticou sua mão até sua bainha e tirou sua espada. Ele a levantou no alto e se preparou para golpeá-la nas costas de Ruth. Foi então que Scarlet sentiu. Foi como se uma força tivesse tomado conta de seu corpo, como se outro poder, outra entidade, estivesse dentro dela. Sem perceber o que estava fazendo, ela de repente entrou em ação. Ela não podia controlar aquilo, tampouco entendia o que estava acontecendo.

Scarlet se levantou em um salto, seu coração batia forte pela adrenalina, e conseguiu agarrar o pulso do soldado em pleno ar, ao mesmo tempo em que ele golpeava a espada para baixo. Quando segurou o braço dele, ela sentia poder passando por ela, um poder que ela desconhecia. Mesmo com toda a sua força, o soldado, não conseguia ceder. Ela apertou seu pulso e conseguiu apertá-lo o suficiente, tanto que, quando ele olhou para ela, em choque, ele finalmente soltou sua espada. Ela caiu nos paralelepípedos com um som metálico.

“Está tudo bem, Ruth,” disse Scarlet gentilmente, e Ruth foi aos poucos largando seu tornozelo.

Scarlet ficou ali, segurando o soldado pelo pulso, imobilizando-o com seu amplexo mortal.

“Por favor, me solte,” ele implorou.

Scarlet sentiu o poder correndo pelo seu corpo, sentiu que, se ele a quisesse, ele poderia machucá-lo de verdade. Mas não é isso que ela queria. Ela só queria ser deixada em paz. Aos poucos, Scarlet afrouxou seu aperto e o deixou ir.

O soldado, com medo em seus olhos, parecia que tinha acabado de ver um demônio, se virou e foi embora, sem nem mesmo se

preocupar e recuperar sua espada.

“Vamos, Ruth,” Scarlet disse, sentindo que ele poderia voltar com mais soldados, e ela não queria estar por perto.

Um pouco depois, as duas entraram na densa multidão. Elas correram por vielas estreitas e tortuosas, até Scarlet encontrar um vão entre as sombras. Ela sabia que os soldados não as encontrariam ali, e ela queria um minuto para se recompor, para descobrir o que eles eram. Ruth estava ofegante ao seu lado, enquanto Scarlet recuperava seu fôlego naquele calor.

Scarlet estava assustada e espantada com seus próprios poderes, Ela sabia que algo estava diferente, mas ela não entendia bem o que estava acontecendo a ela; ela também não entendia onde os outros estavam. Estava tão quente ali, e ela estava em uma cidade lotada, a qual não reconhecia. Não parecia nada com a Londres em que ela havia crescido. Ela olhou a sua volta e viu todas aquelas pessoas passando por ali, usando túnicas, togas, sandálias, carregando grandes cestas com figos e tâmaras em suas cabeças e ombros, alguns usavam turbantes. Ela viu construções de pedra antigas, vias estreitas e tortuosas, ruas de paralelepípedos, e se perguntou onde raios ela estava.

Definitivamente, ali não era a Escócia. Tudo parecia tão primitivo, parecia que ela havia voltado centenas de anos no passado.

Scarlet olhava para todos os lados, com a esperança de ver algum sinal de seus pais. Ela examinou cada rosto que passava pela rua, esperando, desejando, que alguém iria parar e olhar para ela. Mas eles não estavam em lugar nenhum. E, a cada rosto que passava, ela se sentia mais e mais solitária.

Scarlet começou a ter uma sensação de pânico. Ela não entendia como ela podia ter voltado sozinha. Como eles podiam tê-la deixado assim? Onde eles poderiam estar? Eles haviam conseguido voltar, também? Eles se importavam o suficiente para procurar por ela?

Quanto mais ela ficava ali, observando, esperando, mais ela compreendia. Ela estava sozinha. Completamente sozinha, em um lugar e época desconhecidos. Mesmo que eles tivessem voltado para lá, ela não fazia ideia de onde procurá-los.

Scarlet olhou para seu pulso, para a velha pulseira com um pingente de cruz que lhe foi dada um pouco antes de partirem da Escócia. Quando eles estavam no pátio do castelo, um daqueles homens idosos, de vestes brancas, se aproximou e a colocou em seu pulso. Ela achou a pulseira muito bonita, mas não fazia ideia do que ela era nem o que representava. Tinha a sensação de que poderia ser alguma pista, mas não tinha ideia do que.

Ela sentiu Ruth se esfregando em sua perna e se ajoelhou, deu um beijo em sua testa e a abraçou. Ruth choramingou em sua orelha e depois a lambeu. Pelo menos, ela tinha Ruth. Ruth era como uma irmã para ela, Scarlet sentia-se muito grata por ela ter voltado com ela, grata por ela tê-la protegido daquele soldado. Não havia ninguém que ela amasse mais.

Quando Scarlet pensou naquele soldado, no seu encontro com ela, ela percebeu que seus poderes deviam estar mais fortes do que ela imaginava. Ela não conseguia entender como ela, uma pequena garota, o havia dominado. Sentia que, de alguma forma, ela estava se transformado, ou havia se transformado em alguma coisa que ela não era antes. Ela se lembrou de que, lá na Escócia, sua mãe havia explicado isso para ela. Mas ela ainda não entendia muito bem.

Ela gostaria que tudo simplesmente fosse embora. Ela só queria ser normal, queria que as coisas fossem normais, como elas eram antes. Ela só queria sua mãe e seu pai; queria fechar os olhos e voltar para a Escócia, para aquele castelo, com Sam, Polly e Aiden. Ela queria voltar para a cerimônia de casamento; ela queria que no mundo estivesse certo.

Mas, quando ela abriu seus olhos, ela ainda estava sozinha, com Ruth, naquela estranha cidade, naquela estranha época. Ela não conhecia uma alma sequer. Ninguém parecia amigável. Ela não sabia para onde ir.

Por sim, Scarlet não aguentava mais. Ela precisava seguir em frente. Não podia se esconder ali e esperar para sempre. Onde quer que sua mãe e pai estivessem, ela percebeu, era em algum outro lugar. Ela sentiu uma pontada de fome e ouviu Ruth choramingar, soube que ela também estava faminta. Ela precisava ser forte, disse a si mesma. Precisava sair e tentar encontrá-los – e achar comida para as duas.

Scarlet saiu para a rua movimentada, à procura dos soldados; ela viu alguns grupos ao longe, patrulhando as ruas, mas eles não pareciam estar procurando especificamente por ela.

Scarlet e Ruth se espremeram na massa de pessoas, acotovelando-se enquanto desciam as sinuosas ruas. Estava tão cheio ali, pessoas indo para todas as direções. Ela passou por vendedores com carrinhos de madeira, vendendo frutas e vegetais, pães, garrafas de azeite de oliva e vinho. Eles ficavam um ao lado do outro, amontoados em becos largos, gritando para a clientela. As pessoas argumentavam com eles à direita e à esquerda.

E, como se não estivesse cheio o suficiente, havia também animais enchendo as ruas – camelos e burros e ovelhas e todo tipo de animais – sendo guiados por seus donos. E, em meio a estes, corriam galinhas selvagens, galos e cães. Eles cheiravam mal, e faziam o mercado já barulhento ficar ainda mais barulhento com seus urros, balidos e latidos.

Scarlet podia sentir a fome de Ruth se intensificar com a visão destes animais, então se abaixou e a agarrou pela nuca, segurando-a.

“Não, Ruth!” Scarlet disse com firmeza.

Ruth, relutante, obedeceu. Scarlet se sentiu mal por isso, mas não queria que Ruth matasse aqueles animais e causasse uma grande comoção naquela multidão.

“Eu vou encontrar comida para você, Ruth,” Scarlet falou. “Eu prometo.”

Ruth respondeu com um gemido e Scarlet sentiu uma pontada de fome também.

Scarlet correu entre os animais, levando Ruth para alguns becos mais abaixo, virando entre os vendedores e descendo mais. Parecia um labirinto que nunca acabava, e Scarlet mal conseguia ver o céu.

Então, Scarlet encontrou um vendedor com um enorme pedaço de carne assada. Ela podia sentir o cheiro de longe, o cheiro entrava em cada poro seu; ela olhou para baixo e viu Ruth observando a carne, lambendo seus beiços. Ela parou diante do vendedor, boquiaberta.

“Quer comprar um pedaço?” o vendedor, um homem grande com um avental coberto de sangue, perguntou.

Scarlet queria um pedaço mais do que qualquer outra coisa. Mas ela colocou as mãos em seu bolso e não encontrou nenhum dinheiro. Ela tocou sua pulseira e, mais que tudo, ela queria tirá-la e vendê-la a esse homem para conseguir uma refeição.

Mas ela se forçou a não fazê-lo. Ela sentiu que a pulseira era importante, então utilizou toda a sua força de vontade para resistir. Em vez disso, triste, ela sacudiu sua cabeça lentamente e, resposta. Ela pegou Ruth e a guiou para longe do homem. Ela podia ouvir Ruth choramingando e protestando, mas elas não tinham outra escolha.

Elas continuaram andando e, finalmente, o labirinto terminou em uma praça aberta, brilhante e ensolarada. Scarlet foi pega de

surpresa pelo céu claro. Ter saído daquelas vielas e becos lhe dava a sensação de estar no lugar mais aberto que ela já havia visto, com milhares de pessoas dando voltas por lá. No centro, havia uma fonte e, contornando a praça, havia uma enorme parede de pedras, que subia vários metros no ar. Cada pedra era tão grossa que era dez vezes o seu tamanho. Em volta destas pedras, havia centenas de pessoas chorando e rezando. Scarlet não sabia por que, ou onde ela estava, mas sentiu que estava no meio da cidade e que aquele era um local sagrado.

“Ei, você!” veio uma voz desagradável.

Scarlet sentiu os pelos em sua nuca arrepiarem e se virou lentamente.

Ali estava um grupo de cinco meninos sentados em um pedaço de pedra, olhando para ela. Eles estavam imundos dos pés à cabeça, vestidos em trapos. Eram adolescentes, talvez de 15 anos, e ela podia ver maldade em seus rostos. Podia sentir que eles queriam encrenca e haviam acabado de encontrar a sua próxima vítima; ela pensou se estaria óbvio o quão sozinha ela se encontrava. Com eles, havia um cachorro selvagem, grande, parecia raivoso, tinha duas vezes o tamanho de Ruth.

“O que você está fazendo aqui sozinha?” o líder deles perguntou com tom de gozação, para os outros quatro rirem. Ele era musculoso e parecia estúpido, tinha lábios grossos e uma cicatriz na testa.

Quando ela olhou para eles, Scarlet sentiu uma nova sensação tomar conta dela, uma que ela nunca havia sentido antes: um senso de intuição aguçado. Ela não sabia o que estava acontecendo, mas, de repente, ela podia ler claramente o pensamento deles, sentir o que eles estavam sentindo, sabia quais eram suas ideias. Ela sentiu imediatamente, claro como o dia, que eles não tinham boas intenções. Ela sabia que eles queriam machucá-la.

Ruth rosou ao lado dela, Scarlet podia sentir um confronto maior prestes a acontecer – exatamente o que ela queria evitar. Ela se inclinou e começou a guiar Ruth para se afastar.

“Venha, Ruth,” Scarlet disse quando começou a fugir.

“Ei, menina, estou falando com você!” berrou o garoto.

Enquanto elas fugiam, Scarlet olhou por cima de seu ombro e viu que os cinco meninos desceram da pedra e começaram a correr atrás dela. Scarlet começou a acelerar o passo, voltando para as vielas e becos, querendo manter o máximo de distância entre ela e esses meninos. Ela pensou em seu confronto com o soldado romano e, por um momento, pensou se deveria parar e tentar se defender.

Mas ela não queria lutar. Ela não queria machucar ninguém. Nem se arriscar. Ela só queria encontrar seus pais.

Scarlet virou em um beco cheio de pessoas. Ela olhou para trás e, em momentos, podia ver o grupo de meninos indo atrás dela. Eles não estavam muito atrás e estavam ganhando velocidade. Bem rápido. O cachorro deles corria junto com eles e Scarlet sentiu que eles a alcançariam. Ela precisava fazer uma volta para que eles a perdessem de vista.

Scarlet virou outra esquina, esperando encontrar uma saída. Mas, quando o fez, seu coração parou.

Era uma rua sem saída.

Scarlet se virou lentamente, Ruth ao seu lado, e encarou os meninos. Eles estavam a uns três metros de distância. Foram parando à medida que se aproximavam dela, cada um em seu tempo, saboreando o momento. Eles ficaram ali, havia sorrisos maldosos em seus rostos.

“Parece que sua sorte se esgotou, garotinha,” o líder falou.

Scarlet estava pensando a mesma coisa.

CAPÍTULO TRÊS

Sam acordou com uma terrível dor de cabeça. Ele levantou suas mãos e segurou sua cabeça, tentando fazer a dor ir embora. Mas ela não foi. Parecia que o mundo inteiro havia entrado em seu crânio.

Sam abriu seus olhos para descobrir onde ele estava e, ao fazê-lo, a dor foi insuportável. A luz ofuscante do sol refletia nas rochas do deserto obrigando-o a proteger seus olhos e abaixar a cabeça.

Ele sentiu que estava deitado em um chão rochoso no deserto, sentia o calor seco, a poeira levantando em seu rosto. Encolheu-se em uma posição fetal e segurou sua cabeça com mais força, tentando fazer a dor ir embora.

As memórias voltaram à tona.

Primeiro, lá estava Polly.

Ele lembrou-se da noite do casamento de Caitlin. A noite em que ele pediu Polly em casamento.

Ela aceitando. A felicidade em seu rosto.

Ele lembrou-se do dia seguinte. Sua ida à caça. Sua ansiedade para a noite dos dois chegar.

Ele lembrou-se de encontrá-la. Na praia. À beira da morte. Ela lhe contando sobre o bebê.

Ondas de sofrimento voltaram com tudo. Era mais do que ele conseguia suportar. Era como se um pesadelo passasse de novo em sua cabeça, um do qual que não podia se desligar. Sentia que tudo que tinha para viver havia sido arrancando dele, tudo em um momento importante. Polly. O bebê. A vida como ele conhecia.

Ele queria ter morrido naquele momento.

Então se lembrou da sua vingança. De sua fúria. De matar Kyle. E o momento em que tudo mudou. Lembrou-se do espírito de Kyle infundindo nele. Lembrou-se do sentimento indescritível de raiva, do espírito, alma e energia de outra pessoa invadindo seu ser, possuindo-o por completo. Foi quando Sam parou de ser quem ele era. Quando ele passou a ser outra pessoa.

Sam abriu completamente seus olhos e ele sentiu, ele sabia, que eles estavam com um brilho avermelhado. Ele sabia que não eram seus olhos. Sabia que agora eram de Kyle. Ele sentiu o ódio de Kyle, o poder de Kyle, correndo por dentro dele, através de cada centímetro de seu corpo, vindo de seus dedos do pé, atravessar suas pernas e atingir seus braços até alcançar sua cabeça. Ele sentiu a necessidade que Kyle tinha de destruir tudo pulsando em cada parte de seu corpo, como se fosse algo vivo, como se algo estivesse preso em seu corpo e fosse incapaz de sair.

Ele sentia que não tinha mais o controle de seu corpo. Uma parte dele sentia falta de quem o Sam anterior era, como ele era. Mas outra parte dele sabia que ele jamais seria essa pessoa de novo.

Sam ouviu um sibilo, um barulho de chocalho, e abriu seus olhos. Seu rosto estava deitado nas pedras do chão deserto e, quando ele olhou para cima, viu uma cascavel, a apenas alguns centímetro dele, sibilando para ele. Os olhos da cobra olhavam diretamente nos olhos de Sam, como se estivesse se comunicando com um amigo, sentindo uma energia similar. Ele podia sentir que a fúria da raiva combinava com a dele – e que ela estava prestes a dar o bote.

Mas Sam não estava com medo. Pelo contrário – ele estava cheio de uma raiva não apenas igual a da cobra, mas ainda maior. E seus reflexos também eram comparáveis. Na fração de segundo em que a cobra se preparou para atacar, Sam a venceu: ele a pegou com sua própria mão, agarrou sua garganta no ar e a impediu de mordê-lo a apenas dois centímetros de seu rosto. Sam segurou a cascavel deixando os olhos dela na altura dos seus e os encarou tão de perto que ele podia sentir o cheiro de seu bafo, suas presas estavam a poucos centímetros dele, ansiosas para entrar em sua garganta.

Mas ele a dominara. Ele a apertou mais e mais forte e, aos poucos, foi tirando-lhe a vida. Ela ficou mole em sua mão, esmagada até a morte.

Ele se inclinou para trás e a arremessou no chão do deserto.

Sam se levantou e observou seus arredores. Tudo o que havia a sua volta eram pedras e poeira – um infundável trecho do deserto. Ele se virou e notou duas coisas: primeiro, um grupo de crianças pequenas vestidas em trapos, olhando com curiosidade para ele. Quando ele girou na direção deles, as crianças fugiram, correram de volta, como se estivessem assistindo um animal selvagem se levantar do caixão. Sam sentiu a fúria de Kyle dentro dele e teve vontade de mata-los.

Mas a segunda coisa que ele viu o fez mudar de foco. Uma muralha. Uma imensa muralha de pedras, se elevando centenas de metros no ar, sem fim. Foi quando Sam percebeu: ele havia despertado nos arredores de alguma cidade antiga. Diante dele, havia um enorme portão em forma de arco, dezenas de pessoas saíam e entravam por ele, vestidas em roupas primitivas. Pareciam dos tempos romanos, vestiam túnicas e vestes simples. Criações de gados também passavam por ali e Sam já podia sentir o calor e o barulho da população por trás daquela muralha.

Sam deu alguns passos em direção ao portão e, ao fazê-lo, as crianças se dispersaram, como se estivessem fugindo de um

monstro. Ele se perguntou o quão assustadora era sua aparência. Mas ele não se importava muito. Sentiu que precisava entrar na cidade, descobrir o que havia ali. Mas, ao contrário do antigo Sam, ele não sentia vontade de explorá-la: sentia vontade de destruí-la. De deixar a cidade em pedaços.

Uma parte dele tentou se livrar deste pensamento e trazer o antigo Sam de volta. Ele se forçou a pensar em outra coisa que o trouxesse de volta. Forçou-se a pensar em sua irmã, Caitlin. Mas era difícil; ele não conseguia visualizar mais o seu rosto, por mais que tentasse. Tentou invocar seus sentimentos por ela, a missão que eles tinham, seu pai. Ele sabia, no fundo, que ainda se importava com ela, que ainda queria ajuda-la. Mas essa pequena parte dele logo foi dominada pela nova e viciosa parte. Ela mal podia se reconhecer agora. E o novo Sam o obrigou a parar com estes pensamentos e a continuar andando em direção à cidade.

Sam atravessou os portões da cidade, acotovelando as pessoas que estavam no seu caminho enquanto andava. Uma senhora, que estava equilibrando uma cesta em sua cabeça, se aproximou demais e ele bateu com força em seu ombro, mandando-a pelos ares e derrubando sua cesta, frutas voaram para todos os lados.

“Ei!” gritou um homem. “Olha só o que você fez! Peça desculpa a ela!”

O homem se dirigiu a Sam e, estupidamente, estendeu a mão e agarrou seu casaco. O homem deveria ter percebido que aquele era um casaco o qual ele não reconhecia: preto, de couro, justo. O homem deveria ter percebido que a vestimenta de Sam era de outro século – e que Sam era o último homem com quem ele gostaria de arranjar encrenca.

Sam olhou para a mão do homem como se fosse um inseto, então alcançou seu pulso e o agarrou e, com a força de cem homens, ele o virou para trás. Os olhos do homem se arregalaram de medo e dor

enquanto Sam continuava torcendo seu pulso. O homem finalmente virou de lado e caiu de joelhos. Mas Sam continuou virando seu pulso até ele ouvir um estalo agonizante, e o homem gritou de dor, seu braço estava quebrado.

Sam se inclinou para trás e , para finalizar, chutou o rosto do homem com força, derrubando-o, inconsciente, no chão.

Um pequeno grupo de transeuntes assistia, e deram a Sam muito espaço para ele continuar andando. Ninguém parecia querer chegar perto dele.

Sam continuou andando, dirigindo-se para a multidão, e logo foi envolvido por uma nova multidão. Ele misturou-se no fluxo infindável de pessoas que enchiam a cidade. Não tinha certeza em que direção seguir, mas sentia novos desejos tomando conta dele. Sentia o desejo de se alimentar correndo pelo seu corpo. Ele queria sangue. Queria uma morte fresca.

Sam deixou seus sentidos dominarem e se sentiu conduzido para uma ruazinha em particular. Enquanto descia por este caminho, a via se tornava mais estreita, escura, coberta, desligada do resto da cidade. Era claramente uma parte decadente da cidade e, à medida que ele andava, a multidão ia dissipando.

Mendigos, bêbados e prostitutas tomavam conta das ruas, Sam se acotovelou com vários homens, gordos, malandros, com barba e sem dentes que tropeçavam por lá. Ele se certificou de ficar inclinado e bater seus ombros fortemente neles, jogando-os em todas as direções. Sabiamente, nenhum parou para desafiá-lo, apenas gritavam, indignados:

“Ei!”

Sam seguiu em frente e logo se viu em uma pequena praça. Estavam lá, no meio, de costas para ele, um círculo com uma dúzia

de homens aplaudindo. Sam se aproximou e abriu caminho para ver o que eles estavam assistindo.

No meio do círculo, havia dois galos, se rasgando, cobertos de sangue. Sam olhou e os viu fazendo apostas, trocando moedas antigas. Rinha de galos. O esporte mais velho do mundo. Tantos séculos se passaram e nada realmente mudou.

Sam já havia visto o suficiente. Ele estava ficando nervoso, sentia a necessidade de causar um pouco de caos. Entrou no meio do ringue, bem entre os dois pássaros. E, com isso, a plateia explodiu com um grito indignado. Sam os ignorou. Ele então estendeu a mão, pegou um dos galos pela garganta, levantou-o no alto e girou sua cabeça. Houve um barulho de estalo e ele sentiu o bicho ficar inerte em sua mão, com o pescoço quebrado.

Sam sentiu suas presas se sobressaírem e as afundou no corpo do galo. Ele ficou repleto de sangue, que se derramava e se espalhava pelos seus rostos, descendo pelas suas bochechas. Por fim, ele deixou o animal cair, insatisfeito. O galo saiu correndo o mais rápido que podia.

A multidão ficou encarando Sam, obviamente chocada. Mas eles eram do tipo cru, rude, do tipo que não iria embora facilmente. Eles fizeram caretas, prontos para lutar.

“Você acabou com nosso esporte!” um deles retrucou.

“Você irá pagar por isso!” outro gritou.

Vários homens corpulentos sacaram seus punhais e investiram contra Sam, golpeando em sua direção.

Sam quase não se encolheu. Ele viu aquilo acontecendo como se estivesse em câmera lenta. Seus reflexos eram milhões de vezes mais rápidos, ele simplesmente levantou a mão, pegou o pulso de um dos homens em pleno ar e o torceu com um único movimento,

quebrando seu braço. Então ele pegou impulso para trás e chutou o homem no peito, lançando-o de volta para o círculo.

Quando outro homem se aproximou, Sam pulou para frente, em sua direção, chocando-se com ele. Ele se aproximou e, antes que o homem pudesse reagir, ele afundou suas presas na garganta dele. Sam bebeu profundamente, sangue espirrava para todos os lados enquanto o homem gritava de dor. Em momentos, ele havia sugado sua vida e o homem caiu no chão, inconsciente.

Os outros ficaram olhando, com medo. Depois, eles devem ter percebido que estavam na presença de um monstro.

Sam deu um longo passo na direção deles, todos se viraram e começaram a correr. Desapareceram como moscas e, em um segundo, Sam era o único naquela praça.

Ele havia vencido todos. Mas não era o suficiente para Sam. Não havia fim para o sangue e a morte e a destruição que ele ansiava. Ele queria matar todos os homens naquela cidade. E, mesmo assim, não seria o suficiente. Sua não satisfação o frustrava demais.

Ele inclinou seu pescoço para trás, ficando de rosto para o céu e urrou. O grito era de um animal finalmente libertado. Seu grito de angústia reverberou no ar, nas paredes de pedra de Jerusalém, mais alto que os sinos, mais alto que o clamor das orações. Por um breve momento, seu grito sacudiu as paredes, dominou a cidade inteira – de um lado ao outro, seus habitantes pararam e ouviram e temeram.

Neste momento, eles sabiam, havia um monstro entre eles.

CAPÍTULO QUATRO

Caitlin e Caleb desciam pela parede da íngreme montanha, em direção ao vilarejo de Nazaré.

Havia muitas pedras e eles escorregavam mais do que andavam ali, levantando poeira. E, à medida que avançavam, o terreno começou a mudar, as rochas davam lugar a tufo de ervas daninha, então palmeiras ocasionais e então gramado de verdade. Enquanto caminhavam, eles finalmente se viram em um olival, caminhando entre filas de oliveiras, em direção à cidade.

Caitlin olhou com mais atenção aos galhos e viu milhares de pequenas azeitonas, brilhando ao sol, e ficou maravilhada de como elas eram bonitas. Quanto mais eles se aproximavam da cidade, mais férteis as plantas eram. Caitlin olhou para baixo e, daquele ponto de vista, ela tinha uma visão maravilhosa do vale e da cidade.

Um pequeno vilarejo descansava em meio a gigantes vales, Nazaré mal podia ser chamada de cidade. Parecia haver apenas algumas centenas de habitantes, algumas dúzias de construções, de um andar e feitas de pedras. Várias pareciam ter sido construídas de uma pedra de calcário branca e, à distância, Caitlin conseguia ver aldeões martelando enormes pedras de calcário ao redor da cidade.

Ela podia ouvir o suave barulho de seus martelos ecoando mesmo dali e podia ver a poeira fina do calcário se levantando no ar.

Nazaré era protegida por um muro sinuoso e baixo, de pedras, talvez tivesse uns 3 metros, e parecia bastante antigo, mesmo naquela época. No centro, havia um enorme portão arqueado. Ninguém estava de guarda no portão e Caitlin suspeitou que eles não tinham motivo para isso; afinal de contas, aquilo era uma pequena cidade no meio do nada.

Caitlin se pegou pensando no motivo de eles terem acordado naquele tempo e naquele local. Por que Nazaré? Ela forçou a memória tentando se lembrar o que ela sabia de Nazaré. Ela se lembrava vagamente de ter aprendido algo sobre esta cidade, mas não conseguia relembrar. E por que no século primeiro? Era uma mudança muito drástica da Escócia Medieval, ela sentia falta da Europa.

Esta paisagem nova, com suas palmeiras e calor do deserto eram tão desconhecidos para ela. E, mais que tudo, Caitlin se perguntava se Scarlet estava atrás daquele muro. Ela torcia – ela rezava – que sim. Precisava encontrá-la. Não iria descansar até achá-la.

Caitlin atravessou o portão com Caleb, entrou com grande ansiedade. Ela podia sentir seu coração batendo forte com a ideia de encontrar Scarlet – e entender o porquê de eles terem sido mandados para aquele lugar, para começo de conversa. Será que seu pai estava lá dentro, esperando?

Quando entraram na cidade, ela ficou impressionada com a vibração do local. As ruas estavam cheias de crianças correndo, brincando. Cachorros corriam soltos, assim como galinhas. Ovelhas e bois compartilhavam a rua, andando a passos lentos, e, fora de cada casa havia um burro ou um camelo preso a um poste.

Os aldeões andavam casualmente, usando vestes e túnicas antigas, carregando cestas de suprimentos em seus ombros. Caitlin sentiu que ela havia entrado em uma máquina do tempo.

Enquanto eles desciam as estreitas ruelas, passando por pequenas residências, passando por senhoras lavando roupa, as pessoas paravam e os encaravam. Caitlin percebeu que eles pareciam estar muito deslocados andando por aquelas ruas. Ela olhou para baixo e notou suas vestimentas modernas – sua justa roupa de batalha e de couro – e imaginou o que aquelas pessoas deviam pensar deles.

Deviam pensar que eles eram aliens que haviam caído do céu. Ela não os culpava.

Na frente de cada casa havia alguém preparando comida, vendendo mercadorias, trabalhando com artesanato. Eles passaram por várias famílias de carpinteiros, o homem ficava sentado for a de casa serrando, martelando, construindo desde camas e armários até eixos para guilhotina. Na frente de uma casa, havia uma enorme cruz, com vários centímetros de espessura e uns 3 metros de comprimento. Caitlin percebeu que era uma cruz para alguém ser crucificado. Ela estremeceu e desviou o olhar.

Quando entraram em outra rua, a quadra inteira estava cheia de ferreiros. De todos os lados voavam bigornas e martelos, barulhos metálicos ressoavam por toda a rua, cada ferreiro parecia ecoar o outro. Havia também cerâmicas com grandes chamas esquentando pedaços de metal em brasas, estavam forjando ferraduras, espadas, e todos os tipos de objeto de metal. Caitlin notou os rostos das crianças, pretos de fuligem, sentadas ao lado de seus pais, assistindo-os trabalhar. Ela se sentiu mal que as crianças trabalhavam com uma idade tão jovem.

Caitlin procurou em toda parte por um sinal de Scarlet, ou de seu pai, ou de qualquer sinal de que os dois estivessem ali – mas não encontrou nada.

Eles viraram em outra rua mais para baixo e esta estava cheio de pedreiros. Aqui, os homens moldavam enormes blocos de pedra calcária, faziam estátuas de artesanato, cerâmica e enormes, prensas planas. A princípio, Caitlin não entendeu para que estas últimas serviam. Caleb esticou o braço e apontou.

"São lagares de vinho", disse ele, lendo sua mente, como sempre. "E lagares para olivas. Eles usam para esmagar as uvas e azeitonas, para extrair o mosto e de azeite. Está vendo aquelas manivelas? "

Caitlin olhou com atenção e admirou o artesanato, as longas lajes de calcário, o trabalho intrincado das engrenagens de metal. Ela ficou surpresa ao ver as máquinas sofisticadas que eles tinham, mesmo naquele tempo e lugar. Também ficou surpresa ao notar que a manufatura de vinho era um ofício tão antigo. Ali estava ela, milhares de anos no passado, e as pessoas já faziam garrafas de vinho e de azeite, assim como eles no século 21. E quando ela olhou para as garrafas de vidro, sendo lentamente cheias com vinho e azeite, ela percebeu que elas eram exatamente como as garrafas que ela utilizava.

Um grupo de crianças passou correndo por ela, brincando de pega-pega, rindo e, quando eles o fizeram, nuvens de poeira levantaram e cobriram os pés de Caitlin. Ela olhou para baixo e percebeu que as estradas não eram pavimentadas nesta aldeia - provavelmente, ela pensou, era um lugar pequeno demais para ser capaz de sustentar estradas pavimentadas. E, no entanto, ela sabia que Nazaré era famosa por alguma coisa, estava ficando incomodada por não conseguir se lembrar do porquê. Mais uma vez, ela estava se arrependendo de não ter prestado mais atenção nas aulas de história.

“Esta é a cidade onde Jesus viveu,” Caleb disse, lendo sua mente.

Caitlin sentiu-se corar mais uma vez, ele sabia o que passava em sua mente com tanta facilidade. Não escondia nada de Caleb, mas, mesmo assim, ela não queria que ele lesse seus pensamentos quando o assunto era o quanto ela o amava. Ela ficaria envergonhada.

“Ele *vive* aqui?” ela perguntou.

Caleb assentiu.

“Se nós chegamos ao seu tempo,” Caleb falou. “Certamente, estamos no século primeiro. Eu posso ver pelas roupas, pela arquitetura. Eu estive aqui antes. É um lugar difícil de esquecer.”

Caitlin arregalou seus olhos com esta ideia.

"Você realmente acha que ele poderia estar aqui, agora? Jesus? Andando por aí? Nesta época, neste lugar? Nesta cidade?"

Caitlin mal conseguia compreender. Ela tentou se imaginar dobrando uma esquina e encontrando Jesus na rua, casualmente. A ideia parecia absurda.

Caleb franziu a testa.

"Eu não sei", disse ele. "Não estou sentindo que ele está aqui agora. Talvez nós não o encontremos".

Caitlin ficou boquiaberta com este pensamento. Ela olhou a sua volta com um novo sentimento de admiração.

Será que ele poderia estar aqui? ela se perguntava.

Ela ficou sem palavras e sentiu ainda mais a importância da sua missão.

"Ele pode estar aqui, neste período", Caleb falou. "Mas não necessariamente em Nazaré. Ele viajou muito. Belém. Nazaré. Cafarnaum - e Jerusalém, é claro. Eu nem sei ao certo se estamos em seu tempo exato ou não. Mas se nós estivermos, ele poderia estar em qualquer lugar. Israel é um lugar grande. Se ele estivesse aqui, nesta cidade, iríamos senti-lo. "

"O que você quer dizer?" Caitlin perguntou, curiosa. "Como a gente se sentiria?"

"Eu não sei explicar. Mas você saberia. É a energia dele. É diferente de tudo que você já conhece."

De repente, um pensamento ocorreu a Caitlin.

"Você o *conheceu* de verdade?" ela perguntou.

Caleb sacudiu sua cabeça lentamente.

"Não, não de perto. Uma vez, eu estava na mesma cidade, ao mesmo tempo em que ele. E a energia era impressionante. Diferente de tudo que eu já havia sentido antes."

Mais uma vez, Caitlin se surpreendeu com todas as coisas que Caleb havia visto, todas as épocas e locais que ele havia vivido.

"Só há uma maneira de descobrir." Caleb continuou. "Precisamos saber em que ano estamos. Mas, o problema é que, logicamente, ninguém começou a contar os anos como nós, até bem depois da morte de Cristo. Afinal, nosso calendário é baseado no ano do seu nascimento. E, quando ele viveu, ninguém contava os anos baseando-se no nascimento de Jesus – a maioria das pessoas sequer sabia quem ele era! Então, se perguntarmos alguém em que ano estamos, vão achar que somos loucos."

Caleb olhou a sua volta, atentamente, como se procurasse por pistas, e Caitlin fez o mesmo.

"Eu sinto que estamos na época dele," Caleb falou devagar. "Mas não é este o local."

Caitlin contemplou o vilarejo com um novo respeito.

"Mas esta vila," ela disse, "parece tão pequena, tão humilde. Mas não parece a grande cidade bíblica que eu imaginava. Parece uma cidade qualquer no deserto."

"Você está certa," Caleb respondeu, "mas é aqui onde ele morou. Não foi em um lugar grande. Foi aqui, entre estas pessoas."

Eles continuaram andando e, finalmente, dobraram uma esquina e chegaram a uma pequena praça no centro da cidade. Era uma pequena praça comum, em torno da qual havia pequenos edifícios e, no centro, havia um poço. Caitlin olhou a sua volta e viu alguns

homens idosos sentados à sombra, segurando bastões, olhando para a praça da cidade, vazia e empoeirada.

Eles se aproximaram do poço. Caleb tocou a manivela oxidada e começou a girá-la, lentamente, a corda desgastada puxou um balde de água.

Caitlin estendeu as mãos, segurou a água fria e jogou em seu rosto. Foi tão refrescante com aquele calor. Ela limpou seu rosto novamente, então molhou em seu longo cabelo, passando as mãos por ele. Suas madeixas estavam oleosas e com poeira, a água fria parecia o paraíso. Ela faria qualquer coisa por um chuveiro. Depois, se inclinou, segurou um pouco mais de água e bebeu. Sua garganta estava seca demais e a água ajudou. Caleb fez o mesmo.

Depois, os dois ficaram de costas para o poço e inspecionaram a praça. Não parecia haver nenhuma construção diferente, nenhum sinal especial, tampouco pistas de onde eles deveriam ir.

"Então, para onde agora?", perguntou ela, por fim.

Caleb olhou em volta e depois mirou o sol, erguendo as mãos na altura dos olhos. Ele parecia tão perdido quanto ela.

"Eu não sei", ele respondeu, sem rodeios. "Estou desnorteado."

"Em outros tempos e lugares", continuou ele, "parecia que igrejas e mosteiros sempre nos mostravam pistas. Mas nesta época, não há igreja. Não há cristianismo. Não há cristãos. Foi só depois que Jesus morreu que as pessoas começaram a criar uma religião. Neste tempo, só há uma religião. A religião de Jesus: o judaísmo. Afinal, Jesus era judeu."

Caitlin tentou processar tudo isso. Era tudo tão complexo. Se Jesus era judeu, ela pensou, isso significava que ele deve ter orado em uma sinagoga. De repente, ela teve uma ideia.

"Então, talvez o melhor lugar para procurarmos seja onde Jesus orou. Talvez devêssemos procurar de uma sinagoga".

"Acho que você está certa", concordou Caleb. "Afinal de contas, a única outra prática religiosa desta época, se é que podemos chamar assim, era o paganismo - a adoração de ídolos. E tenho certeza que Jesus não iria adorar em um templo pagão."

Caitlin olhou ao examinou a cidade novamente, apertando os olhos, à procura de qualquer edifício que se assemelhasse a uma sinagoga. Mas não o achou. Todas as construções eram simples.

"Eu não estou vendo nada", ela falou. "Todas as edificações aqui parecem iguais para mim. Todos são apenas pequenas casas. "

"Nem", Caleb respondeu.

Houve um longo silêncio, Caitlin estava tentando processar tudo aquilo. Sua mente acelerava com possibilidades.

"Você acha que meu pai e o Escudo estão, de alguma forma, ligados a tudo isso?", Perguntou Caitlin. "Você acha que irmos aos lugares onde Jesus esteve nos levará até meu pai?"

Caleb estreitou os olhos, ele parecia pensativo.

"Eu não sei", ele, disse, finalmente. "Mas, claramente, o seu pai está guardando um grande segredo. Um segredo não apenas para a raça dos vampiros, mas para toda a humanidade. Um Escudo, ou uma arma, que vai mudar a natureza de toda a raça humana, para sempre. Deve ser muito poderoso. E, eu acho, que se alguém foi concebido para nos ajudar a nos levar ao seu pai, esse alguém seria muito poderoso. Como Jesus. Faz sentido para mim. Talvez, para encontrarmos um, teremos de encontrar o outro. Afinal, sua cruz que destravou tantas chaves para podermos chegar aqui. E, quase todas as nossas pistas foram encontradas em igrejas e mosteiros ".

Caitlin tentou absorver tudo isto. Seria possível que seu pai conhecesse Jesus? Será que ele foi um dos seus discípulos? A ideia era surpreendente, e a sensação de mistério em torno dele se intensificou.

Ela se sentou no poço e olhou para aquela monótona vila, perplexa. Ela não tinha ideia por onde deveria começar a procurar. Em sua opinião, nada se destacava. E, para piorar, estava ficando mais e mais desesperada para encontrar Scarlet. Sim, ela queria encontrar seu pai mais do que nunca; estava sentindo as quatro chaves praticamente queimarem em seu bolso. Mas não enxergava nenhuma maneira óbvia de usá-las e era difícil manter foco nisso com tantos pensamentos sobre Scarlet em sua mente. A ideia de que ela estava sozinha em algum lugar partia seu coração. Quem sabe se ela estava realmente segura?

Mas, de novo, ela não fazia ideia de onde começar a procurar por Scarlet. Ela sentia se cada vez mais sem esperanças.

De repente, um pastor apareceu pelo portão, andando lentamente pela praça da cidade, seguido por seu rebanho de ovelhas. Ele vestia uma longa túnica branca com um capuz, que cobria sua cabeça do sol, e estava indo na direção deles, segurando um cajado. A princípio, Caitlin achou que ele estava andando diretamente em direção a eles. Mas, então, ela percebeu: o poço. Ele estava apenas indo pegar algo para beber, e eles estavam no meio do caminho.

À medida que ele se aproximava, suas ovelhas se espalhavam ao redor dele, enchendo a praça, todas caminhando para o poço. Elas deviam saber que era a hora de beber água. Dentro de instantes, Caitlin e Caleb se viram no meio do rebanho, os animais delicados cutucavam-nos para que eles saíssem do caminho e, assim, eles pudessem chegar à água. Seus balidos impacientes tomavam conta do ar enquanto esperavam o seu pastor cuidar deles.

Caitlin e Caleb foram para o lado, quando o pastor se aproximou do poço e girou a manivela enferrujada, elevando lentamente o balde. Quando ele foi levantá-lo, puxou o capuz para trás. Caitlin ficou surpresa ao ver que ele era jovem. Tinha uma grande mecha de cabelos loiros, uma barba loira e olhos azuis brilhantes. Ele sorriu, e ela podia ver as linhas de expressão no seu rosto, enrugando em torno de seus olhos, podia sentir o calor e bondade que irradiava dele.

Ele pegou o balde transbordando água, e, apesar de todo suor em sua testa, apesar do fato de aparentar ter sede, ele se virou e derramou o primeiro balde de água no cocho, na base do poço. As ovelhas encheram o seu entorno, balindo, empurrando umas às outras enquanto bebiam.

Caitlin foi tomada pela estranha sensação de que talvez este homem soubesse de algo, que, talvez, ele foi colocado em seu caminho por uma razão. Se Jesus viveu neste tempo, ela pensou, talvez este homem possa ter ouvido falar dele?

Caitlin sentiu uma pontada de nervosismo quando ela limpou sua garganta.

“Com licença?” ela disse.

O homem se virou e olhou para ela, ela podia sentir a intensidade daqueles olhos.

“Estamos procurando por uma pessoa. Talvez você saiba se esta pessoa vive por aqui.”

O homem apertou seus olhos e, com isto, Caitlin sentiu como se ele pudesse ver através dela. Muito misterioso.

“Ele vivia,” o homem respondeu, como se lesse sua mente. “Mas não se encontra mais neste local.”

Caitlin mal podia acreditar. Ela verdade.

“Para onde ele foi?” Caleb perguntou. Caitlin percebeu a intensidade em sua voz e podia sentir como ele estava desesperado para saber.

O homem direcionou seu olhar para Caleb.

“Para onde mais, para Galileia,” o homem respondeu, como se fosse óbvio. “Para o mar.”

Caleb estreitou seus olhos.

“Cafarnaum?” Caleb indagou, hesitante.

O homem assentiu com a cabeça.

Os olhos de Caleb se arregalaram em reconhecimento.

“Há muitos seguidores no caminho,” o homem disse, misteriosamente. “Procurem e irão encontrar.”

O pastor, de repente, abaixou a cabeça, virou-se e começou a se afastar, seguido por suas ovelhas. Logo, ele estava cruzando a praça. Caitlin não podia deixá-lo ir. Ainda não. Ela *precisava* que saber mais. E ela sentiu que ele estava escondendo alguma coisa.

“Espere!” ela gritou.

O pastor parou e se virou, encarando-a.

“Você conhece meu pai?” ela perguntou.

Para a surpresa de Caitlin, o homem lentamente acenou com a cabeça.

“Onde ele está?” Caitlin perguntou.

“Isto, é você que precisa descobrir,” ele disse. “É você quem carrega as chaves.”

“Quem é ele?” Caitlin indagou, desesperada para saber.

Devagar, o homem balançou a cabeça.

“Eu sou apenas um pastor no seu caminho.”

“Mas eu nem faço ideia de onde procurar!” Caitlin respondeu, aflita. “Por favor, eu *preciso* encontrá-lo.”

O pastor lentamente abriu um sorriso.

“O melhor lugar para procurar é sempre exatamente onde você está,” ele disse.

E, com isso, ele cobriu sua cabeça, se virou e cruzou a praça. Ele atravessou o arco do portão e, um segundo depois, havia sumido de vista, com suas ovelhas o seguindo.

O melhor lugar para procurar é sempre onde você está.

Suas palavras ecoaram pela mente de Caitlin. De alguma forma, ela sentiu que aquilo era mais do que apenas uma alegoria. Quanto mais ela refletia sobre aquela frase, mais ela sentia que ela era literal. Era como se estivesse dizendo que havia uma pista bem ali, onde ela estava.

Caitlin, de repente, se virou e procurou no poço, o lugar em que estava sentada. Agora, ela sentiu algo. *melhor lugar para procurar é sempre onde você está.*

Ela se ajoelhou e passou as mãos ao longo daquela antiga parede de pedras lisas. Tocou ao longo de toda sua extensão, sentindo cada vez mais a certeza de que algo estava lá, que ela estava perto de uma pista.

“O que você está fazendo?” Caleb perguntou.

Caitlin procurou freneticamente, olhando em todas as rachaduras de todas as pedras, sentindo que ela estava no caminho certo.

Finalmente, do outro lado do poço, ela parou. Havia encontrado uma rachadura que era levemente maior do que as outras. Grande o suficiente para caber seu dedo. A pedra em questão era um pouco mais lisa que as outras e a rachadura, um pouco maior também. Caitlin enfiou a mão e tentou abrir o buraco. Em seguida, a pedra começou a se mexer e, depois, a se mover. A pedra se soltou da base do poço. E, atrás dela, ela ficou espantada ao ver, havia um pequeno esconderijo.

Caleb se aproximou, ficando por cima de seu ombro e ela se abaixou na escuridão. Ela sentiu algo frio e de metal em sua mão e a puxou lentamente para fora.

Ela levou sua mão para a luz e abriu lentamente a palma de sua mão.

Ela não podia acreditar o que estava ali.

CAPÍTULO CINCO

Enquanto Scarlet estava com Ruth lá, no final de uma rua sem saída, de costas para a parede, ela assistia, com medo, o grupo de valentões soltarem seu cachorro para ataca-la. Momentos depois, o enorme e selvagem cão estava ameaçando, rosnando, mirando

para sua garganta. Tudo havia acontecido tão rápido, ela mal sabia o que fazer.

Antes que ela pudesse reagir, Ruth, repentinamente, rugiu e intimou o cachorro. Ela saltou e, ao encontrar o cão em pleno ar, afundou suas presas em seu pescoço. Ruth caiu em cima dele e o manteve no chão. O cão deveria ter duas vezes o tamanho de Ruth e, mesmo assim, ela impedia, esforçadamente, que ele se levantasse. Continuou cravando seus dentes com todas as suas forças e, logo, o cachorro parou de se debater, estava morto.

“Sua desgraçada!” gritou o líder deles, furioso.

Ele saiu disparando do seu grupo, e foi logo na direção de Ruth. Ele ergueu um bastão, que tinha, em uma de suas extremidades, uma ponta afiada e a lançou nas costas expostas de Ruth.

Os reflexos de Scarlet se manifestaram e ela entrou em ação. Sem pensar, ela correu na direção do garoto e alcançou o bastão no meio do ar, antes que ele atingisse Ruth. Depois, ela o puxou para perto de si, pegou impulso e lhe chutou nas costelas. O garoto se encolheu e ela o chutou novamente, desta vez, com um chute circular bem na cara. Ele deu um giro e caiu de cara no chão de pedras.

Ruth se virou e ameaçou o grupo de meninos. Ela pulou bem alto no ar e afundou suas presas na garganta de um dos garotos, derrubando-o no chão. Restaram só mais três.

Scarlet ficou ali parada, encarando-os e, de repente, um novo sentimento tomou conta dela. Ela não tinha mais medo; não queria mais fugir destes meninos; não queria mais se encolher e se esconder; tampouco queria a proteção de seus pais.

Algo despertou dentro dela, como se tivesse cruzado uma linha invisível, um ponto crítico. Ela sentiu, pela primeira vez em sua vida, que ela não precisava de mais ninguém. Tudo o que ela precisava

era ela mesma. Ao invés de ter medo do momento, ela estava o apreciava.

Scarlet se sentiu tomada por raiva, que vinha de seus pés, atravessava seu corpo e chegava até o topo de sua cabeça. Era uma emoção elétrica que ela não conhecia, que ela nunca havia sentido antes.

Ela não queria mais fugir dos garotos. Tampouco queria que eles fugissem. Agora, ela queria vingança.

Os garotos ficaram parados, olhando em choque. Scarlet atacou. Tudo aconteceu tão rápido que ela mal conseguiu processar. Seus reflexos eram muito mais rápidos que o deles, como se eles estivessem se movendo em câmera lenta.

Scarlet saltou no ar, mais alto que nunca, e chutou o garoto, que estava no meio, atingindo seu peito com seus dois pés. Ela o mandou pelos ares, como se fosse uma bala cruzando o beco, até ele se chocar contra uma parede e desabar.

Antes que os outros pudessem reagir, ela virou e deu cotovelada no rosto de um, depois girou e chutou e o outro no esterno. Ambos caíram, inconscientes. Scarlet ficou ali parada, com Ruth, recuperando o fôlego. Ela olhou a sua volta e viu os cinco garotos espalhados pelo chão a sua volta. E então, percebeu: ela havia ganhado.

Ela não era mais a Scarlet que ela conhecia.

* * *

Scarlet vagou, com Ruth ao seu lado, pelas ruas por horas, tentando permanecer o mais longe possível daqueles garotos. Ela virou esquina após esquina naquele calor, se perdendo naquele labirinto de vielas da antiga cidade de Jerusalém. O sol do meio dia judiava

dela e ela estava começando a delirar por causa disso; a falta de comida e água também não estava ajudando.

Enquanto serpenteavam pela multidão, ela via que Ruth estava ofegante ao seu lado, ela também estava sofrendo.

Uma criança passou por Ruth e tocou em suas costas, querendo brincar, mas fora com muita força. Ruth se virou e foi para cima dela, rosnando e exibindo seus dentes. A criança gritou, chorou, e então fugiu. Era estranho Ruth se comportar dessa maneira; normalmente, ela era muito tolerante. Mas parecia que o calor e a fome a estavam afetando demais. Ela também estava canalizando a raiva e frustração de Scarlet.

Por mais que tentasse, Scarlet não sabia como se livrar dos seus sentimentos residuais de raiva. Era como se algo dentro dela tivesse sido desencadeado, e ela não podia contê-lo de volta. Ela sentiu suas veias latejando, a raiva pulsando e, quando ela passou pelos vendedores, que exibiam todo o tipo de comida que ela e Ruth não podiam pagar, a raiva aumentava. Ela também estava começando a perceber que o que ela estava sentindo, aquelas dores intensas de fome, não era apenas uma fome típica. Era outra coisa, ela percebeu. Algo mais profundo, mais primitivo. Ela não quer apenas comida. Ela queria sangue. Ela precisava se alimentar.

Scarlet não sabia o que estava acontecendo com ela e ela não sabia como lidar com isto. Ela sentiu o cheiro de carne e abriu caminho na multidão, procurando por ela. Ruth a acompanhava, bem ao seu lado.

Scarlet acotovelava as pessoas enquanto seguia em frete e, ao fazê-lo, um homem na multidão se ressentiu e a empurrou:

“Ei, garota, olhe por onde anda!” ele retrucou.

Sem mesmo pensar, Scarlet se virou e empurrou o homem. Ele tinha mais que o dobro de seu tamanho mas, mesmo assim, foi atirado

para trás e acabou batendo em várias barracas de frutas quando caiu no chão.

Ele se levantou, chocado, olhou para Scarlet e se perguntou como uma menina tão pequena poderia subjuga-lo daquele jeito. Então, aterrorizado, ele sabiamente se virou e saiu correndo. O vendedor franziu o cenho para Scarlet, sentindo que ela causaria problemas.

“Você quer carne?” ele disse rispidamente. Você tem dinheiro para pagar?”

Mas Ruth não se conteve. Ela avançou e afundou suas presas no enorme pedaço de carne, arrancou uma mordida e engoliu tudo. Antes que alguém pudesse fazer alguma coisa, ela pulou de novo, visando agora outro pedaço. Desta vez, o fornecedor foi dar um golpe abaixando sua mão, com toda a força, com o objetivo de bater Ruth no nariz.

Mas Scarlet sentiu esse movimento. Na verdade, algo novo estava acontecendo com seu senso de velocidade, seu senso de tempo. Quando a mão do vendedor começou a descer, Scarlet viu sua própria mão se erguendo, sem seu controle, e agarrando o pulso do vendedor antes que ele tocasse em Ruth.

O vendedor olhou para Scarlet, seus olhos estavam arregalados, estava chocado que uma pequena garota poderia ter um aperto tão forte. Scarlet comprimiu o pulso do homem, e apertou ainda com mais força, até o braço dele começar a tremer. Ela se viu encarando-o de cara feia, incapaz de controlar sua raiva.

“Não se atreva a tocar no meu lobo,” Scarlet rosnou para o homem.

“Eu... sinto muito,” o homem disse, tremendo de dor, seus olhos estavam arregalados de medo.

Por fim, Scarlet soltou o aperto e correu para fora da barraca, Ruth ao seu lado. Enquanto ela se apressava para correr o mais rápido

que podia, ouviu um assobio atrás e, em seguida, gritos frenéticos dos guardas que estavam em seu encalço.

“Vamos, Ruth!” Scarlet disse, e as duas se apressaram para descer o corredor e se perder no meio da multidão. Pelo menos, Ruth havia comido algo.

Mas a fome de Scarlet era esmagadora e ela não sabia se poderia contê-la por mais tempo. Não sabia o que estava acontecendo com ela, mas enquanto caminhavam rua após rua, ela se viu olhando para a garganta das pessoas. Ela olhava atentamente para suas veias, via o sangue pulsando. E encontrou-se lambendo os lábios, querendo – precisando - cravar seus dentes neles. Ela ansiava pela ideia de beber sangue, e imaginou como seria a sensação de sangue descendo pela sua garganta. Ela não entendia. Ela não era mais humana? Estava se tornando um animal selvagem?

Scarlet não queria ferir ninguém. Racionalmente, ela tentou se conter. Mas, fisicamente, algo estava tomando conta dela. E ia subindo, desde seus dedos do pé, passando pelas pernas, pelo seu torso, até o topo de sua cabeça e pontas de seus dedos. Era um desejo. Um desejo insaciável. Seus pensamentos a atormentavam, eles lhe diziam o que pensar, como agir.

De repente, Scarlet detectou algo: ao longe, em algum lugar atrás dela, um grupo de soldados romanos corriam atrás dela. Sua nova audição, hipersensível a alertou com o som de suas sandálias batendo na pedra. Ela já sabia deles, mesmo eles estando a quarteirões de distância.

O som de suas sandálias batendo nas pedras só irritava a ainda mais; o ruído se misturava em sua cabeça com o som dos gritos dos vendedores, com as crianças rindo e os cães latindo... Tudo estava ficando demais para ela. Sua audição estava se tornando muito aguçada, e ela estava ficando muito irritada com a cacofonia de ruído. O sol também parecia mais forte, como se estivesse

atingindo apenas ela. Era demais. Ela sentia como se estivesse sob o microscópio do mundo e estava prestes a explodir.

De repente, Scarlet se inclinou para trás, transbordando de raiva, e teve uma sensação nova em seus dentes. Ela sentiu seus dois dentes incisivos expandirem, ficarem maiores, presas afiadas saindo, projetando de sua gengiva. Ela mal sabia o que era aquele sentimento, mas sabia que estava mudando, se transformando em algo que mal podia reconhecer nem controlar. Em seguida, ela viu um homem gordo, bêbado, tropeçando pelo beco. Scarlet sabia que ela ou precisava se alimentar ou iria morrer. E algo dentro dela queria sobreviver.

Scarlet se ouviu rosnando e ficou chocada. Era um som tão primitivo, que ela ficou surpresa. Ela sentia como se estivesse fora de seu corpo quando ela deu um salto no ar, em direção ao homem.

Ela assistiu em câmera lenta quando ele se virou para ela, os olhos arregalados de medo. Ela sentiu seus dois dentes da frente afundando em sua carne, nas veias em sua garganta. E, um momento depois, ela sentiu seu sangue quente descendo por sua garganta, enchendo suas veias.

Ela ouviu um grito, mas apenas por um momento. Porque, um segundo depois, o homem estava caído no chão, e ela, estava sem cima dele, sugando todo o seu sangue. Aos poucos, ela começou a sentir uma nova vida, uma nova energia vibrando em seu corpo.

Ela queria parar de se alimentar, deixar o homem ir. Mas não conseguia. Ela precisava disso. Ela precisava sobreviver.

Ela precisava se alimentar.

CAPÍTULO SEIS

Sam correu pelas ruas de Jerusalém, resmungando, vermelho de raiva. Ele queria destruir, acabar com tudo a sua frente. Quando passou correndo por uma fileira de vendedores, ele estendeu seu braço e passou por suas barracas empurrando-as como se fossem peças de dominó. Ele atingia as pessoas deliberadamente, o mais forte que podia, enviando-os pelos ares em todas as direções. Ele parecia uma bola de demolição, fora de controle, correndo para todos os lados, derrubando tudo em seu caminho.

O caos se instalou; gritos surgiram. As pessoas começaram a notá-lo e a fugir, saindo do seu caminho. Ele parecia um trem de destruição.

O sol estava deixando-o louco. Ele atingia sua cabeça como se fosse um ser vivo, deixando-o com mais e mais raiva. Ele nunca tinha conhecido como era a verdadeira fúria era até aquela hora. Nada parecia satisfazê-lo.

Ele viu um homem alto e magro e o atacou, afundando suas presas em seu pescoço. Ele o fez em uma fração de segundo, sugou o sangue e então se apressou para afundar seus dentes no pescoço de outra pessoa. E foi passando de pessoa para pessoa, penetrando suas presas e sugando o sangue de todos. Ele se movia tão velozmente que ninguém teve tempo de reagir. Todos caíram no chão, um após o outro, e ele foi deixando um rastro por onde passava. Estava em um frenesi, ele sentia seu corpo inchando com todo aquele sangue. E, ainda assim, não era o suficiente.

O sol estava deixando-o à beira da insanidade. Ele precisava de sombra, e precisava rápido. Então, viu um grande edifício ao longe, um imponente palácio sóbrio, feito de calcário, com pilares e

enormes portas em forma de arco. Sem pensar, ele disparou pela praça e o acertou, chutando as portas abertas.

Era mais fresco ali, e finalmente, Sam podia respirar de novo. Só de se livrar do sol em sua cabeça já fazia diferença. Ele podia abrir os olhos e, aos poucos, foi ajustando a vista.

Dezenas de pessoas com expressões assustadas estavam olhando para Sam. A maioria sentada dentro de pequenas piscinas, banheiras individuais, enquanto outros caminhavam ao redor, com os pés descalços naquele chão de pedra. Todos estavam todos nus. Foi quando Sam percebeu: ele estava dentro de uma casa de banhos. Um balneário romano.

O teto era alto e arqueado, deixando entrar luz e havia grandes colunas redondas por todos os lados. Os pisos eram de um mármore brilhante e pequenas piscinas enchiam a grande sala. Pessoas descansavam por lá, aparentemente, relaxando.

Isto é, até eles o verem. Todos se sentaram rapidamente, suas expressões transformaram em terror.

Sam odiava a visão daquelas pessoas - pessoas ricas, preguiçosas, descansando como se não se importassem com mais nada. Ele faria com que pagassem por isso. Jogou a cabeça para trás e rugiu.

A maioria do público teve o bom senso de fugir do local, se apressar para pegar as suas toalhas e roupões e tentar sair dali o mais rápido possível. Mas eles não tinham a menor chance. Sam se arremessou para frente, alcançou o mais próximo dele e afundou seus dentes naquele pescoço. Ele chupou o sangue e a vítima caiu no chão e rolou até uma das banheiras, manchando tudo de vermelho.

Ele fez isso de novo e de novo, pulando de uma vítima para outra, homens e mulheres tanto fazia. Logo, o balneário estava cheio de cadáveres, corpos flutuando em todos os lugares, todas as águas manchadas de vermelho.

Houve um estrondo repentino na porta e Sam se virou para ver o que era.

Ali, enchendo a porta, havia dezenas de soldados romanos. Eles usavam uniformes oficiais - túnicas curtas, sandálias romanas, capacetes com penas - e seguravam escudos e espadas curtas. Outros usavam arcos e flechas. Estes puxaram os outros para trás e miraram em Sam.

“Fique onde você está!” o líder gritou.

Sam rosnou ao se virar, elevou-se a sua máxima altura e começou a caminhar em direção a eles.

Os ataques vieram. Dezenas de flechas dispararam pelo ar, na direção dele. Sam podia vê-las em câmara lenta, reluzindo, suas setas prateadas apontadas para ele. Mas ele foi ainda mais rápido que aquelas flechas. Antes que pudessem alcançá-lo, ele já estava no alto, em um salto, dando cambalhotas sobre todos. Ele facilmente atravessou a extensão do local inteiro – cerca de 12 metros – antes mesmo que os arqueiros tivessem tempo de relaxar seus braços.

Sam aterrissou em pé e chutou aquele que estava no centro, bem no meio do seu peito, com tanta força, que o soldado rebateu no resto da multidão, como uma fileira de dominós. Uma dúzia de soldados caiu.

Antes que os outros pudessem reagir, Sam estendeu a mão e pegou duas espadas de dois soldados. Ele as girou e saiu golpeando em todas as direções. Sua mira era perfeita. Ele cortava cabeça após a cabeça e, em seguida, virou-se e atingiu os sobreviventes bem no coração. Ele cortava aquela multidão como se fosse manteiga. Em poucos segundos, dezenas de soldados desabaram no chão, sem vida.

Sam caiu de joelhos e começou a afundar suas presas no coração de cada um deles para beber mais e mais. Ele ficou abaixado ali, de quatro, curvado como um animal, empanturrando-se de sangue, ainda tentando suprir sua raiva, que parecia ilimitada.

Sam terminou, mas ainda não estava satisfeito. Ele sentiu como se precisasse lutar contra exércitos inteiros, matar massas da humanidade de uma vez. Precisava devorar por semanas. E, mesmo assim, não seria o suficiente.

"SANSÃO!", gritou uma estranha voz feminina.

Sam parou, congelado em seus pensamentos. Era uma voz que não ouvia há séculos. Uma voz que ele tinha quase esquecido, que ele nunca esperava ouvir de novo.

Apenas uma pessoa neste mundo o tinha chamado *Sansão*.

Era a voz de sua criadora.

Ali, de pé sobre ele, olhando para baixo, com um sorriso em seu lindo rosto, estava o primeiro amor verdadeiro de Sam.

Ali, estava Samantha.

CAPÍTULO SETE

Caitlin e Caleb voavam juntos através do céu azul claro do deserto, em direção ao norte, por cima da terra de Israel, indo para o mar. Abaixo deles, a terra ia se afastando e Caitlin assistia a paisagem pela qual eles passavam. Havia enormes trechos de deserto, grandes

extensões de terras ressecadas pelo sol, repletas de rochas, pedras, montanhas e cavernas. Praticamente não havia pessoas, exceto pelas pastores ocasionais, vestidos da cabeça aos pés de branco, com capuz sobre a cabeça para proteger do sol e os seus rebanhos atrás deles, não muito atrás.

Mas, à medida que eles voavam mais e mais ao norte, o terreno começava a mudar. O deserto deu lugar a colinas e a cor começou a mudar também, partindo de um marrom seco e poeirento para um verde vibrante. Oliveiras e vinhas pontilhavam a paisagem. Mas, ainda assim, havia poucas pessoas por ali.

Caitlin voltou a pensar em sua descoberta em Nazaré. Ela ficou chocada ao encontrar, dentro daquele poço, um objeto precioso, que agora segurava em sua mão: uma estrela dourada de Davi, do tamanho da sua palma da mão. Gravada nela, em uma pequena e antiga escrita, estava uma única palavra: Cafarnaum.

Estava claro para ambos que aquilo era uma mensagem dizendo-lhes para onde ir. Mas, por que *Cafarnaum*? Caitlin se perguntava.

Ela sabia de Caleb, que Jesus tinha passado um tempo lá. Isso significava que ele estava esperando por eles lá? E será que seu pai também estaria lá? E, ela se atreveu a ter esperança, quem sabe Scarlet?

Caitlin examinou a paisagem abaixo dela. Estava impressionada como Israel era a subpovoada naquela época. Ficou surpresa ao sobrevoar uma casa ocasional, uma vez que as habitações eram tão muito poucas e raras. Ainda era uma terra rural, vazia. As únicas cidades que tinha visto eram pequenas, e mesmo estas eram primitivas, com quase todos os prédios com um ou dois andares, feitos de pedra. Ela não havia visto ainda nenhuma estrada pavimentada.

Enquanto voavam, Caleb mergulhou ao lado dela e estendeu-lhe a mão. Foi bom sentir seu toque. Ela não conseguia evitar, mas

perguntou-se, pela milionésima vez, por que eles desembarcaram naquele tempo e lugar. Tão antigo. Tão distante. Tão diferente da Escócia, de tudo que ela conhecia.

Ela sentia que, no fundo, aquele seria o ponto final em sua jornada. Ali. Israel. Era um lugar e uma época tão poderosos, ela podia sentir a energia que irradiava de tudo. Tudo parecia espiritualmente carregado para ela, como se estivesse andando, vivendo e respirando dentro de um campo de energia gigantesco. Ela sabia que algo importante estava a sua espera. Mas ela não sabia o quê. Seu pai estaria realmente ali? Será que ela nunca iria encontrá-lo? Havia sido tão frustrante para ela. Ela tinha todas as quatro chaves. Ele deveria estar aqui, pensou, esperando por ela. Por que ela tinha que continuar procurando-o deste jeito?

Ainda mais esmagadores em sua mente, estavam os pensamentos sobre Scarlet. Ela olhava para baixo em cada lugar que passava, à procura de qualquer sinal dela ou de Ruth. Por um momento, ela se perguntava que talvez ela não tivesse resistido, mas rapidamente colocou isso para fora de sua mente, recusando-se a permitir um pensamento tão negativo. Ela não podia suportar a ideia de uma vida sem Scarlet. Se ela soubesse que Scarlet realmente se foi, ela não sabia se teria força para continuar.

Caitlin sentiu a Estrela de Davi queimando em sua mão e pensou novamente para onde que eles estavam indo. Ela queria ter aprendido mais sobre a vida de Jesus, queria ter lido a Bíblia com mais atenção quando era mais nova. Ela tentou se lembrar, mas ela só sabia o básico mesmo: Jesus tinha vivido em quatro lugares: Belém, Nazaré, Cafarnaum e Jerusalém. Eles haviam acabado de sair de Nazaré e estavam indo para Cafarnaum agora.

Ela não conseguia deixar de pensar que eles estavam em uma caça ao tesouro, seguindo seus passos, que talvez ele tivesse alguma pista, ou que um de seus discípulos soubesse de alguma coisa sobre onde seu pai estava ou onde o Escudo estava. Perguntou-se

novamente como eles poderiam estar relacionados. Pensou em todas as igrejas e mosteiros que havia visitado durante todos os séculos e sentia que havia uma conexão. Mas ela não tinha certeza como.

A única coisa que ela sabia sobre Cafarnaum era que deveria ser uma pequena vila humilde de pescadores na Galileia, ao longo da costa do noroeste de Israel. Mas eles não passavam por nenhuma cidade há horas - na verdade, não haviam sequer visto uma alma, nem nenhum sinal de água e muito menos de um mar.

Então, bem quando ela estava pensando sobre isso, eles sobrevoaram uma montanha, e ao cruzar seu pico, o outro lado do vale se estendeu a sua frente. Era de tirar o fôlego. Lá, se espalhando eternamente, estava um mar brilhante. Era o azul mais profundo que ela já tinha visto, e brilharam lindamente sob a luz do sol, parecia um tesouro. Em sua borda, havia uma magnífica praia de areia branca, onde as ondas se quebravam, tão longe quanto seus olhos podiam alcançar.

Caitlin sentiu um arrepio de excitação. Eles estavam indo na direção certa; se permanecessem ao longo da costa, seriam levados até Cafarnaum.

“Ali,” ouviu a voz de Caleb.

Ela seguiu seu dedo, apertando os olhos contra o horizonte, e mal podia enxergá-lo: ao longe, havia uma pequena aldeia. Não era uma cidade, nem sequer uma vila. Havia talvez duas dezenas de casas e uma grande construção, localizada longe do litoral. À medida que se aproximava, Caitlin apertou os olhos, examinando, mas não via quase ninguém: apenas alguns moradores andavam pelas ruas. Ela se perguntou se era por causa do sol do meio-dia, ou se o local era desabitado.

Caitlin olhou para baixo, à procura de qualquer sinal do próprio Jesus, mas não viu ninguém.

Mais importante que isso, ela não conseguia senti-lo. Se o que Caleb disse era verdade, ela sentiria sua energia mesmo de longe. Mas ela não sentiu nenhuma energia diferente. Mais uma vez, ela começou a se perguntar se eles estavam na hora e no lugar certo. Talvez aquele homem estivesse errado: talvez Jesus pudesse ter morrido anos antes. Ou talvez ele ainda sequer nasceu.

Caleb, de repente, mergulhou no ar, em direção à vila, Caitlin o seguiu. Eles encontraram um lugar discreto no terreno, fora da muralha da vila, em um bosque de oliveiras. Em seguida, eles atravessaram o portão da cidadela.

Atravessaram a pequena vila cheia de poeira, estava calor, abafado devido ao sol. Os poucos moradores que passeavam por ali mal pareciam notar suas presenças; eles aparentavam apenas estar buscando sombra, ou se abanando. Uma velha senhora foi até o poço local, levantou uma grande concha com sua mão e bebeu e, em seguida, estendeu a mão e enxugou o suor da testa.

Enquanto atravessavam as pequenas ruas, o lugar parecia totalmente deserto. Caitlin procurou por qualquer vestígio, qualquer coisa, que pudesse indicar uma pista ou sinal de Jesus, ou de seu pai, ou do Escudo, ou de Scarlet, mas não encontrou nada.

Ela se virou para Caleb.

“E agora?” pergunto.

Caleb a encarou fixamente. Ele parecia completamente perdido, assim como ela.

Caitlin se virou e examinou as muralhas da vila, sua arquitetura humilde e, quando ela olhou para a aldeia, ela notou um caminzinho bem gasto e estreito, que levava até o mar. Ela foi seguindo seu percurso, que cruzava um portão da cidade e, ao longe, ela viu o cintilante do oceano.

Ela cutucou Caleb, ele também viu e a seguiu quando ela saiu da vila, indo em direção ao litoral.

Quando se aproximaram da costa, Caitlin viu três pequenos barcos de pesca coloridos, gastos, próximos à costa, balançando com as ondas. Em um, estava sentado um pescador e, de pé ao lado de outros dois, com os tornozelos no mar, havia mais dois pescadores. Eles eram homens mais velhos, com cabelos e barbas de cor cinza, rostos envelhecidos assim como seus barcos, eram bronzeados e profundamente enrugados. Eles usavam túnicas brancas e capuzes brancos para se proteger do sol.

Enquanto Caitlin observava, dois deles içaram uma rede de pesca e arrastaram a lentamente pelas ondas. Eles a puxaram para eles, lutando contra as ondas e um pequeno menino saltou de um dos barcos e correu para a rede, ajudando-os a retirá-la. Quando chegaram à costa, Caitlin viu que tinham capturado dezenas de peixe, que se debatiam e pulavam. O menino gritou de alegria, enquanto que os velhos estavam com a cara fechada.

Caitlin e Caleb haviam passado despercebidos por eles, especialmente por causa do som das ondas quebrando – tanto que eles ainda não sabiam que estavam lá. Caitlin limpou a garganta, para não assustá-los.

Todos se viraram e olharam para ela, e ela pode ver a surpresa em seus olhos. Não os culpava: devia ter sido uma visão meio chocante, os dois ali, vestidos de preto da cabeça aos pés, com couro moderno e armas de batalha. Eles os olhavam como se tivessem caído direto do céu.

“Desculpe-nos pelo incômodo,” Caitlin começou, “mas aqui é Cafarnaum?” ela perguntou ao rapaz mais próximo.

Ele olhou para ela e depois para Caleb e novamente para ela. E, lentamente, acenou um sim com a cabeça.

“Estamos procurando por uma pessoa,” Caitlin continuou.

“E quem seria esta pessoa?” o outro pescador indagou.

Caitlin ia dizer “meu pai,” mas não se permitiu, percebendo que isso não ajudaria em nada. De qualquer forma, como ela iria descrevê-lo? Ela não sabia quem ele era nem como era sua aparência. Então, ao invés disso, ela disse o nome da única pessoa que lhe veio à cabeça, a única pessoa que eles talvez conhecessem: “Jesus.”

Ela meio que esperava que eles tirassem sarro dela, rissem dela, olhassem para ela como se ela fosse louca – ou que não fizessem nem ideia de quem Jesus era.

Mas, para sua surpresa, eles não pareciam chocados com sua pergunta; eles a levaram a sério.

“Ele foi embora duas semanas atrás,” um deles falou.

O coração de Caitlin parou por um segundo. Então ele estava mesmo vivo. Eles realmente estavam em sua época. E ele realmente havia estado ali, naquela vila.

“E todos os seus seguidores foram com ele,” o outro disse. “Apenas os velhos, como nós, e as crianças ficaram para trás.”

“Então ele existe?” Caitlin perguntou, em choque. Ela mal podia acreditar; era quase demais para ela processar.

O garoto deu um passo para frente, se aproximando de Caitlin.

“Ele curou a mão do meu avô,” o menino falou. “Olhe. Ele tinha lepra. Agora ele está bem. Mostre para ela, vovô,” o menino disse.

O velho lentamente se virou e levantou sua manga. Sua mão parecia perfeitamente normal. Inclusive, quando Caitlin olhou mais de perto, uma mão parecia muito mais jovem do que a outra. Era muito

misterioso. Ele tinha a mão de um rapaz e 18 anos. Rosa e saudável – como se ele tivesse ganhado uma nova mão.

Caitlin não conseguia acreditar. Jesus era real. Ele realmente curava pessoas.

Ver a mão daquele homem, um homem que havia tido lepra, completamente curado, lhe deu um arrepio na espinha. Era muito emocionante. Pela primeira vez, ela tinha esperança de que ela talvez o encontrasse, e talvez encontrasse seu pai, e o Escudo. E que talvez eles a levassem até Scarlet.

“Você sabe para onde eles foram?” Caleb perguntou.

“Jerusalém, pelo que ouvimos falar,” gritou um dos outros pescadores, por cima do barulho das ondas.

Jerusalém, Caitlin pensou. Parecia tão distante. Eles haviam voado todo aquele caminho até ali, Cafarnaum. E, agora, parecia uma caçada a gansos selvagens, eles teriam que retornar de mãos abanando.

Mas ela podia sentir a Estrela de David queimando em sua mão, ela sentia que havia uma razão para eles terem chegado a Cafarnaum. Sentia que havia algo mais, algo que eles precisavam encontrar.

“Um de seus discípulos ainda está aqui,” um pescador comentou. “Paulo. Você pode perguntar a ele. Talvez ele saiba para onde eles estavam indo.”

“Onde está ele?” Caitlin perguntou.

“Onde todos eles passam seu tempo. Na antiga sinagoga,” o homem respondeu. Ele se virou e apontou por cima de seu ombro.

Caitlin se virou e viu, por cima de seu ombro, ali, em uma colina, com vista para o oceano, um pequeno e belo templo de calcário.

Mesmo naquela época, ele já parecia antigo. Adornado com colunas intrincadas, estava virado para o mar, com uma vista direta para as ondas quebrando. Mesmo a dali, Caitlin podia sentir que este era um lugar sagrado.

“É a sinagoga de Jesus,” um dos homens disse. “É onde ele passava todo o seu tempo.”

“Obrigada,” Caitlin agradeceu, e começou a ir naquela direção.

Enquanto ela andava, o velho a alcançou e pegou seu braço com sua nova mão, curado. Caitlin parou e olhou para ele. Ela podia sentir a energia que pulsava pela mão dele, em seu braço. Ela diferente de tudo que ela já havia sentido. Parecia uma energia confortante, curadora.

“Você não é daqui, é?” o homem perguntou.

Caitlin sentiu que ele olhava em seus olhos e podia dizer que ele tinha algum pressentimento. Percebeu que não tinha motivo para mentir.

Devagar, ela sacudiu a cabeça.

“Não, não sou.”

Ele a encarou por um longo tempo e então lentamente assentiu, satisfeito.

“Você irá encontrá-lo,” ele disse a ela. “Posso sentir.”

* * *

Caitlin e Caleb caminharam até a costa, as ondas quebravam ao lado deles, o cheiro de sal no ar era pesado. As brisas frescas eram refrescantes, especialmente depois de tanto tempo no calor

do deserto. Eles se viraram e começaram a subir uma pequena colina, no topo da qual estava situada a antiga sinagoga.

Caitlin olhou para cima à medida que eles se aproximavam: era construído de calcário desgastado, parecia que estava lá há milhares de anos. Ela podia sentir a energia que saía daquele lugar; um lugar sagrado, ela sabia. A porta grande, arqueada, estava entreaberta e rangia conforme o vento, sacudida pela brisa do oceano.

Enquanto subiam o morro, eles passaram por blocos de flores silvestres, que cresciam, aparentemente, diretamente da rocha, em uma variedade de cores cintilantes. Eram as mais belas flores Caitlin já havia visto, tão inesperadas, tão improváveis naquele lugar desolado.

Eles chegaram ao topo da colina e caminharam até a porta. Caitlin sentiu a Estrela de Davi queimando dentro de seu bolso, sabia que era por causa do local.

Ela olhou para cima e viu, por trás da porta, embutido na pedra, uma grande estrela de Davi dourada, cercada por letras hebraicas. Era incrível pensar que ela estava prestes a entrar em um lugar onde Jesus havia passado tanto tempo. De alguma forma, ela esperava entrar numa igreja, mas, quando ela pensou sobre isso, ela percebeu que isto não fazia sentido, uma vez que as igrejas ainda não haviam sido construídas até depois que ele morreu. Parecia estranho imaginar Jesus naquela sinagoga, mas, novamente, afinal de contas, ela sabia que ele tinha sido judeu e um rabino e, por isso, tudo fazia sentido.

Mas qual a importância que tudo isso tinha para a sua busca por seu pai? Para o Escudo? Ela sentia cada vez mais que tudo aquilo estava ligado, todos os séculos e os tempos e os lugares, todas as buscas nos mosteiros e igrejas, todas as chaves, todas as cruzes. Ela sentiu que uma linha que ligava tudo estava ali, bem diante de seus olhos. No entanto, ela ainda não sabia ainda do que se tratava.

Claramente havia algum elemento sagrado, espiritual conectado ao que quer que ela precisava encontrar. O que também lhe parecia estranho pois, afinal de contas, aquele era um mundo de vampiros. Mas, novamente, enquanto pensava sobre isso, ela percebeu que era também uma guerra espiritual, entre as forças sobrenaturais do bem e do mal, entre aqueles que queriam proteger a raça humana e aqueles que queriam prejudicá-la. E, claramente, o que quer que ela descobrisse, teria enormes impactos não apenas para a raça dos vampiros, mas para a raça humana também.

Ela olhou para a porta entreaberta e se perguntou se eles deveriam apenas entrar.

"Olá?" Caitlin chamou.

Ela esperou alguns segundos, sua voz ecoando. Nenhuma resposta.

Ela olhou para Caleb. Ele acenou com a cabeça e podia dizer que ele também sentiu que estavam no lugar certo. Ela estendeu a mão, colocou sua palma sobre a antiga porta de madeira e a empurrou.

Ela rangeu ao se abrir e eles entraram no prédio às escuras.

Estava fresco ali, protegidos do sol, Caitlin precisou de um momento para que seus olhos se adaptassem. Lentamente, eles se ajustaram, e ela examinou o local diante dela.

Era magnífico, diferente de tudo que já tinha visto. Não era grande, assim como muitas igrejas que havia visitado; era, na verdade, uma edificação humilde, construída em mármore e calcário, adornada com colunas e com entalhes no teto. Não havia bancos, nem lugares para sentar – apenas um espaço amplo e aberto. Na outra extremidade, havia um altar simples, em vez de uma cruz por cima, lá estava uma grande estrela de David. Atrás, tinha um pequeno armário de ouro, com imagens de dois grandes pergaminhos esculpidos nele.

Apenas algumas pequenas janelas com forma de arco cobriam as paredes e, apesar de entrar luz solar por alguns lugares, lá estava meio escuro. O local estava tão silencioso, tão imóvel. Caitlin podia ouvir apenas as ondas se quebrando ao longe atrás dela.

Caitlin e Caleb trocaram olhares e, então, juntos caminharam lentamente pelo corredor, indo em direção ao altar. Enquanto caminhavam, seus passos reverberavam pelo mármore, Caitlin não conseguia afastar a sensação de que estavam sendo observados.

Alcançaram o fim do corredor e pararam diante do armário dourado. Caitlin examinou os diagramas gravadas no ouro: eles eram tão detalhados, tão complexos, que ela lembrou daquela igreja em Florença, da Duomo e de seus portas douradas. Era como se alguém tivesse passado a vida esculpindo aquilo. Além das imagens de pergaminhos, letras hebraicas foram incorporadas ao redor.

Caitlin perguntou o que estava lá dentro.

"A Torá", veio uma voz.

Caitlin se virou, chocada ao ouvir outra voz. Ela não entendia como alguém poderia ter se mantido tão quieto, como havia passado despercebido por ela – e como é que alguém poderia, acima de tudo, ler sua mente. Só uma pessoa muito especial poderia alcançar este feito. Ou um vampiro, ou uma pessoa santa, ou ambos.

Caminhando em direção a eles, veio um homem vestindo uma túnica branca com o capuz puxado para trás, ele tinha cabelos longos e desgrenhados marrom claro e uma barba por fazer. Ele tinha lindos olhos azuis e um rosto compassivo, que se iluminou com um sorriso. Parecia jovem, talvez em seus 40 anos, e andava em direção a eles com um ligeiro coxear, segurando uma bengala.

"Eles são os pergaminhos do Antigo Testamento. Os cinco livros de Moisés. Isso é o que está atrás destas portas douradas."

Ele continuou se aproximando até se encontrar a poucos metros de distância, e então parou diante de Caitlin e Caleb. Ele olhou diretamente para ela e Caitlin podia sentir a intensidade que emanava dele. Era evidente que ele não era uma pessoa comum.

"Eu sou Paulo", disse ele, sem estender sua mão, a qual ele repousava em sua bengala.

"Eu sou Caitlin e este é o meu marido, Caleb," ela apresentou.

Ele sorriu amplamente.

"Eu sei", respondeu ele.

Caitlin sentiu tola. Claramente, este homem, capaz de ler sua mente tão facilmente, sabia muito mais sobre ela do que ela sobre ele. Era uma sensação estranha, que todas aquelas pessoas, espalhadas por todos aqueles séculos e lugares, sabiam sobre ela, que estavam todos esperando por ela. Isso a fez sentir um senso de propósito, de missão, ainda maior. Mas também a deixou ainda mais frustrada por não sabia o que significava tudo aquilo nem para onde ir.

"Lamentamos nos intrometer", disse Caleb. "Mas fomos informados de que Jesus orou aqui. E que ele esteve aqui recentemente. Isso é verdade? "

O homem assentiu com a cabeça lentamente, mantendo os olhos fixos em Caitlin.

"Eles partiram para Jerusalém há algum tempo", disse ele. "Se vocês fossem algumas das pessoas que vêm para ser curadas, eu lhes diria que é tarde demais. Mas, novamente, eu sei que vocês não vieram para isso. Não. Vocês têm um propósito muito diferente, não é? ", Ele perguntou, ainda olhando para Caitlin.

Caitlin concordou, sentindo que o homem já sabia de tudo. E, pela primeira vez em sua vida, ela teve outro sentimento: que esse

homem era próximo de seu pai. Que ele sabia onde ele estava. A sensação lhe deu um arrepio em todo seu corpo. Ela nunca se sentira tão perto dele antes.

“Estou procurando pelo meu pai,” Caitlin disse, ela podia ouvir sua própria voz tremendo de ansiedade.

O homem sorriu de volta.

“E ele está procurando por você.”

Os olhos de Caitlin se arregalaram de surpresa.

“Você o conhece?” ela perguntou.

O homem assentiu.

“Onde ele está?” Caitlin indagou, impaciente.

Mas o homem simplesmente suspirou e caminhou até uma vidraça. Ele ficou lá por um longo tempo, contemplando o mar.

“Não sou eu quem devo contar.”

Todos aqueles enigmas estavam enlouquecendo Caitlin. Ela não aguentava mais. Ela *precisava* saber onde ele estava.

“Por que você não conta logo para mim?” Caitlin perguntou, ressentida.

O homem pausou.

“Eu poderia contar a você,” ele falou, “mas você não me escutaria.”

Isto apenas intensificou a confusão de Caitlin. Ela não fazia ideia do que ele queria.

"Você está no último período e local", continuou ele. "Você está mais perto de encontrar o seu pai que você imagina. Mas também há forças poderosas envolvidas. Forças sombrias. Há muito em jogo, e eles querem o Escudo. E farão de tudo para tê-lo. O momento está chegando, quando você terá que fazer uma escolha. Fazer um grande sacrifício. Lembre-se de que o seu pai e o Escudo devem vir antes de tudo. Antes de qualquer desejo pessoal. Antes mesmo de sua família. Você entende? Não vai ser fácil. Haverá escolhas difíceis que você deve tomar. Mas você tem que fazê-lo. Por todos nós. Você entende? ", Ele perguntou de novo.

Caitlin lentamente assentiu, mas ela não entendia muito bem. Quais as escolhas que ela teria que fazer? Este homem estava vendo seu futuro? Ela tinha uma sensação estranha de que sim.

"Estamos todos contando com você," ele adicionou. "Você precisa encontrar seu pai. Precisa pegar o Escudo antes que eles o façam. Se eles o pegarem antes, haverá um mal e uma crueldade inimaginável por toda a eternidade que está por vir."

Caitlin sentiu mais do que nunca a urgência em encontrar seu pai e o Escudo antes que os outros. Mas ela ainda não tinha ideia sobre por onde ela deveria começar.

"Você não pode encontrar conhecer seu pai até ser o momento certo. Nem um segundo antes, nem um segundo depois. Há um ciclo do destino do universo. As estrelas devem se alinhar perfeitamente. E somente então, será o momento."

O homem se virou e olhou para ela, Caitlin sentiu que ele sabia ainda mais – não só sobre seu pai, mas também sobre Scarlet.

"E quanto a minha filha?" ela perguntou. "Ela está aqui? Neste local e neste tempo?"

"Sim," o homem simplesmente respondeu.

Sua resposta direta surpreendeu Caitlin e a emocionou ao mesmo tempo. Scarlet estava lá. Estava viva. Ela sentiu-se muito aliviada – e também ansiosa. Ela *precisava* que encontrá-la.

“Onde ela está?” Caitlin exigiu.

O homem sacudiu a cabeça.

“Novamente, não sou que devo dizer. Mas vou dizer isto a você: até você encontrar seu pai, você não encontrará Scarlet. Procure por Scarlet e perderá os dois. Procure seu pai e encontrará ambos.”

“Mas eu não sei onde achá-lo,” Caitlin retrucou, frustrada.

“Ah, você sabe,” o homem respondeu. “Você já encontrou a primeira pista. Acreditou em sua intuição, e isso funcionou. Está agora na sua mão.”

Caitlin, de repente, se lembrou: a Estrela de Davi. Ela a levantou e a examinou, pensativa. O homem atravessou a sala lentamente, estendeu sua mão e tomou a estrela. Ele a ergueu, examinando-a. E então balançou a cabeça de satisfação.

“Vê?” ele disse. “Eu não teria encontrando isto. Era para você. Somente para você. Só você pode usá-la.”

Caitlin olhou para Caleb, confusa. Ele olhou para ela, sem entender. *Usar?* Ela se indagou.

“Como?” ela perguntou.

Ele olhou para o pedestal de ouro diante do gabinete e Caitlin acompanhou seu olhar. Ali, no centro do pedestal, havia uma forma oca. Quando ela olhou mais de perto, ficou chocada ao perceber que a forma tinha o tamanho exato da Estrela de Davi. Ela olhou para o homem para a confirmação, ele entregou a estrela de volta para ela e assentiu.

Ela se virou e caminhou até lá. Segurou suavemente a estrela e a colocou dentro do pedestal. Era uma combinação perfeita, encaixou-se perfeitamente no pequeno espaço.

De repente, houve um ruído, bem acima de sua cabeça. Caitlin olhou para cima e viu uma pequena parte do teto se retrair com som de pedras se raspando. Em seguida, um raio de sol entrou em um ângulo agudo, iluminando um pequeno pedaço de parede, de cerca de um metro de largura.

Caitlin ficou espantada. Ela correu para a parede com Caleb e, quando olhou de perto, percebeu que aquela região era diferente do resto da parede. Onde o sol batia, ela mal podia distinguir as letras esculpidas na pedra. Era uma mensagem. Gravada em letras antigas, em hebraico, que iam da direita para a esquerda. Ela não fazia ideia do que aquilo significava. Ela olhou para Caleb, esperando que ele soubesse.

“Você consegue ler?” ela perguntou.

Ele acenou com a cabeça, seus olhos estavam arregalados de surpresa. Parecia que ele havia acabado de ver um fantasma.

“É uma mensagem,” ele disse, e se virou para olhar para ela. “E é do seu pai.”

CAPÍTULO OITO

Scarlet percorria as estreitas ruas de Jerusalém junto com Ruth, sentindo-se diferente de tudo que ela já havia sentido. Tinha a

sensação de que algo dentro dela havia sido desencadeado, algo que ela não conhecia e que não conseguia conter. Sentia-se mais animal do que humana. Estava andando sem rumo, à procura de sua próxima vítima, ela nem mesmo confiar em si mesma.

O gosto e o cheiro de sangue estavam em todos os poros de Scarlet. Sua primeira morte havia sido indescritível, algo além do que ela poderia ter imaginado. A sensação do sangue do homem enchendo suas veias fez alguma coisa com ela, algo que ela não conseguia explicar: ela se sentiu sendo preenchida com poder e força ao mesmo tempo. Era como renascer.

Mas aquilo também havia aguçado seu apetite. Um interruptor havia sido ativado em seu interior, a fez perceber o quão bom ela poderia se sentir – e ela exigia mais. Agora, ela percorria as ruas descontroladamente, observando as gargantas das pessoas mais de perto, vendo o pulsar do seu batimento cardíaco. Ela sentia um incômodo dentro de suas veias, uma sede de mais vítimas.

Sentia também um novo sentimento de raiva, de direito, que ela nunca tinha sentido antes. E de destemor. Ela virou em outra travessa, lotada de gente e, desta vez, ela deixou de se disfarçar, de se esconder. Ao invés disso, ela caminhou orgulhosamente diretamente para o centro. E, quando as pessoas ficavam perto demais dela, ela simplesmente usava seus ombros para empurrá-los e tirá-los do seu caminho.

“Ei menina, cuidado!” um homem gritou.

Scarlet se virou e sorriu para ele, sentindo suas presas crescendo, os olhos vermelhos e brilhantes e ouviu o som gutural que ela mesma fez. Viu horror e medo no rosto do homem e o assistiu quando ele, rapidamente, se virou e saiu correndo. Ela sabia que, agora, ela era uma coisa a temer.

Scarlet ouviu Ruth rosnar ao lado dela, ela sentia um parentesco com Ruth mais do que nunca. Podia sentir Ruth pegando sua raiva,

compartilhando-a. As duas eram como uma bomba-relógio, prestes a explodir.

Scarlet avistou o vendedor, que ela tinha visto antes, aquele com uma enorme prateleira de carne. Desta vez, ela estava determinada a arranjar comida para Ruth. O vendedor a viu chegando e foi para frente de seu estande. Ele estendeu as mãos e começou a assobiar como um louco. Era um assobio agudo e alto, cortando o som da multidão.

"Guardas! GUARDAS! ", Ele gritou.

Mas Scarlet não se deteve. Ela caminhou até ele.

"Você vai para a prisão desta vez, senhorita", ele repreendeu. "Você acha que pode roubar comida de outra pessoa? Agora você vai pagar por isso. Pare bem aí! "

O homem, grande e corpulento, se abaixou para pegar Scarlet, ela sentiu suas mãos em seu braço. Ele era forte, mais forte do que ela tinha imaginado, a antiga Scarlet teria fugido de medo. Mas, agora, ela não sentia medo. Pelo contrário, ela queria isso mesmo, estava se divertindo.

Com uma incrível facilidade que ele jamais poderia ter imaginado, ela torceu o seu grande braço, dobrou seu cotovelo e o levou até suas costas, quebrando seu braço pela metade. O homem urrou de dor. Ela então o segurou pela parte de trás de sua camisa e o arremessou no meio da multidão. O homem era enorme, pesava bem mais de 300 quilos, mas saiu voando pelo ar como se fosse um brinquedo de criança e foi quicando nas barracas, derrubando dezenas de carroças. As pessoas gritavam de medo e confusão e a multidão recuou, bem longe de Scarlet. Eles mantiveram um perímetro seguro e a observavam perplexos.

Scarlet, de repente, ouviu um assobio agudo e, ao se virar, viu dezenas de soldados romanos marchando em direção a ela vindo de

um lado. Ela ouviu outro assobio e, do outro lado, mais dezenas de outros soldados também vinham marchando em sua direção.

Mas, novamente, Scarlet não estava medo. Pelo contrário, ela estava ansiosa para uma batalha, de ter uma válvula de escape para desaguar todo o seu desejo insaciável por violência. Ela não quis esperar pela abordagem dele, ao invés disso, ela foi atacá-los. Eles trotavam em direção a ela, empunhando suas espadas e segurando seus Escudos, mas ela corria até eles na velocidade da luz.

Scarlet saltou no ar e plantaram seus dois pés no peito do líder dos soldados, chutando-o com tanta força que ele saiu voando para trás, derrubando uma dúzia de outros soldados como se fosse dominó.

Os outros soldados saltaram sobre Scarlet por trás, derrubando-a no chão. Mas, sem qualquer esforço, ela apenas deu um pulo e jogou seus braços para trás, mandando-os todos pelos ares. Eles se chocaram contra as paredes e desabaram no chão.

Os soldados restantes a olharam, imóveis, e ela podia ver o terror em seus olhos. Três deles sacaram suas espadas e foram atacá-la. Mas, do ponto de vista de Scarlet, era como se eles estivessem se movendo em câmera lenta. Ela se abaixou e se esquivou, suas espadas balançavam inofensivamente. Ela pegou um de seus escudos e, em seguida, virou-se para bateu na cabeça de um e, depois, pegou impulso e o jogou como se ele fosse um Frisbee, batendo outro no peito e mandando o para o chão.

Ruth veio, pronta para atacar junto com ela, ela saltou no ar e se lançou sobre o peito do terceiro soldado, derrubando-o antes que ele pudesse manejar a espada. Scarlet olhou para baixo e viu as dezenas de soldados esparramados a sua volta, ela se sentiu mais invencível do que nunca.

Foi ai que ela sentiu. De repente, por trás dela, ela sentiu uma rede ser arremessada, envolvendo ela e Ruth. Ela tentou arrancá-la, mas, quando encostou na rede, sentiu-se inexplicavelmente fraca.

O material era tão frio, tinha uma sensação estranha ao toque. E era tão pesado.

Foi quando ela percebeu: a rede era de prata. E, quando ela tocou seu corpo, sugou sua força e seu poder. Isso a deixou fraca, impotente, como qualquer outro ser humano.

Ela sentiu os corpos dos soldados restantes atacando-a, prendendo-a no chão. E, a última coisa que viu, quando ela virou seu pescoço, era o rosto furioso de um soldado romano, pronto para lhe dar um soco, bem na sua bochecha.

CAPÍTULO NOVE

À medida que o sol se punha, Sam andava com Samantha por uma parte desolada das ruas de Jerusalém, longe de todos. Eles estavam caminhando havia horas, Samantha silenciosamente o conduzia e ele a seguia sem dizer uma palavra. Havia algo nela, sempre houve algo nela, que fazia Sam quer estar com ela, querer segui-la, mesmo sem saber o motivo.

Sam pensou na vez quando eles se conheceram, no Vale do Hudson, quando ela estava morando sozinha naquela casa. Foi a primeira vez que ele já tinha se machucado e também a primeira vez que ele tinha se apaixonado.

Enquanto caminhavam, Samantha o levou para partes obscuras da cidade e lembranças de seu relacionamento vieram à tona. Sam lembrou do dia de sua viagem para o Vale do Hudson, de ir para aquele parque de caravanas, de descobrir que o homem que

fingia ser seu pai era apenas um impostor, um verme. Sam se lembrou de quando ele viu Samantha matá-lo – a primeira vez que ele havia visto um vampiro matar alguém. Lembrou-se de que estava hipnotizado por ela.

Lembrou-se de quando eles foram para Boston, para a Igreja do Rei e de perder a espada para Kyle. Lembrou-se de ser capturado, preso, em Nova York. E, acima de tudo, ele se lembrou daquela noite fatídica, de quando ela o transformou. Quando ela virou sua criadora. Naquele momento, a relação entre eles mudou de mero amor para algo interminável, eterno.

Sam pensou que ele havia tirado ela de sua mente há muito tempo, mas a verdade é que, no fundo, sabia que ele nunca tinha se esquecido completamente. Memórias dela sempre se esconderam em algum lugar, no fundo de sua consciência. Ele sentia-se atraído por ela algumas vezes, como um ímã, como um servo que pretende regressar ao seu mestre. E, agora, com ela ao seu lado, ele se sentia, de alguma forma, como se tivesse encontrado o caminho de volta para casa.

Mas agora, aqui, nesta época e neste local, tão aleatórios, ele ficou surpreso ao se ver feliz por estar em sua presença. Afinal, ele havia mudado: não era mais a mesma pessoa que costumava ser.

Tudo que ela tinha feito no passado, toda a sua violência e ambição, a raiva, a malandragem, tudo que uma vez o incomodava – agora, o agradava. Ele admirava isso. As mesmas qualidades que antes desprezava, agora, ele apreciava. Agora, ele se viu desejando sua companhia.

No entanto, enquanto caminhavam em silêncio, Sam não deixava de se perguntar se todas essas lembranças de Samantha tinham vindo a sua mente naturalmente ou se Samantha tinha jogado um de seus truques, se ela tinha implantado todos aqueles sentimentos em seu cérebro. Ela ainda estava o manipulando, mesmo agora?

Mas o engraçado mesmo era que Sam não se importava. Ele queria estar com ela. Ela estava tão cheia de vingança e maldade que ele se viu refletido nela, já não se preocupava com qualquer lugar sombrio que ela o levasse.

Samantha se aproximou, pegou sua mão e a apertou com força. Ela olhou para ele e, quando ele olhou nos olhos azul-claros dela, ele podia sentir a ligação deles crescer ainda mais forte. Antes, quando estava sozinho perambulando pelas ruas de Jerusalém, ele não sentia nenhum senso de propósito. Agora, com ela ao seu lado, ele sentia que estava sendo conduzido na direção que estava destinado a ir.

Eles continuaram descendo por uma rua estreita, em uma colina íngreme e, enquanto andavam, Sam olhou para cima e viu a enorme estrutura que os esperava: um antigo Templo pagão. Tinha forma de um octógono, era cercado por colunas romanas e coberto por uma brilhante cúpula circular. Havia oito colunas, cada um tinha a forma de um deus pagão diferente. Havia Gárgulas grudadas em todos os cantos e, mesmo visto dali, enquanto estavam a caminho dele, a caminho do sol vermelho-sangue, Sam podia sentir uma energia sombria saindo deste lugar.

Sam mal podia acreditar que eles tinham voltado para uma época quando as pessoas ainda adoravam deuses pagãos. O velho Sam teria recuado a partir deste ponto; mas o novo Sam olhou para frente. Sentia que, por trás daquelas paredes, havia gente como ele. Ele mal podia esperar para conhecê-los.

"Você está prestes a conhecer o nosso líder", disse Samantha com uma voz fria e rouca. "Eu fui enviada para trazê-lo de volta para casa. Nossa casa. Onde você pertence. Este será um ótimo lugar de hospitalidade e honra para você. O lugar onde você poderá cumprir o seu destino. Você é um de nós agora, Sam. Seu tempo de buscas acabou."

"Eu sei", respondeu ele, e ficou surpreso ao perceber o quão grave sua própria voz tinha se tornado.

Eles chegaram ao topo da colina, atravessando uma ampla praça de mármore e uma longa escadaria de mármore que levavam à entrada do templo. De guarda permanente sob o pórtico, estava uma dúzia de vampiros enormes, vestidos de preto. Eles usavam elaborados mantos de veludo, apesar do calor, com uma faixa vermelha larga cruzando seu corpo. Eles sussurraram de volta, saudando-os, e Sam podia ver as suas longas presas salientes. Ele olhou para baixo e viu suas mãos eram irregulares: cada um tinha apenas dois dedos e um polegar, longos e pontiagudos, com unhas que se estendiam alguns centímetros e foram afiadas em forma de ponta. Suas peles eram intensamente brancas e cobertas de bolhas. Estes não eram vampiros normais, ele percebeu. Ele havia chegado ao seu Capitólio: a capital da escuridão.

Eles chegaram ao templo, seguraram o grande batedor e escancararam as enormes portas de bronze em arco. Elas abriram com um rangido e Samantha entrou direto, sem nem sequer hesitar. Sam a seguiu. E, quando o fez, ele sentiu um vento atrás deles e ouviu a porta bater, apenas alguns centímetros atrás, trancando-os.

Sam se viu em uma sala octogonal, emoldurada por colunas, cheia de estátuas de deuses pagãos. Era um espaço vasto e aberto, que lhe lembrava o Panteão de Roma, mas em uma escala menor. Andando por ali, estavam centenas de vampiros, todos vestiam preto, alguns deles voavam pela sala, pairavam no ar, mas a maioria estava chão, se contorcendo. Entre eles, havia seres humanos do sexo feminino, despídos, esparramados pelo chão. Os vampiros, Sam podia ver, estavam ocupados se alimentando.

A sala estava cheia de gritos e gemidos de seres humanos, sofrendo, tentando fugir. Mas não havia saída para eles. Foi um banho de sangue: centenas de vampiros alimentando-se de centenas de seres

humanos inocentes. O piso parecia vivo com as vítimas e seus algozes se contorcendo.

Do outro lado da sala, ao longo das paredes, havia mais humanos, agora acorrentados às paredes, alguns deles crucificados, outros presos nas colunas. E mais vampiros estavam sobre eles, outros atrás deles, chicoteando-os, espancando-os com flagelos e torturando-os de todas as maneiras possíveis. Seus gritos pairavam no ar, ainda mais altos que os berros dos vampiros no chão. Sorrisos sádicos iluminavam os rostos de todos seus semelhantes, torturar seres humanos era um esporte para eles. Enquanto no passado Sam teria temido tal visão, agora ele se divertia. Ele entendia. Até simpatizava. Esses vampiros precisavam de uma válvula de escape para a sua fúria e luxúria sem limites.

No centro da sala, em um trono, no alto de uma plataforma elevada construída de ouro maciço, estava sentado um único vampiro, que tomava conta de tudo, e estava de costas para eles. Em torno dele havia uma dúzia de servos esperando qualquer ordem dele.

Sam e Samantha subiram vários degraus e, com isso, o vampiro sentado girou em sua cadeira e se virou para eles.

Sam o reconheceu. Ele havia visto este vampiro antes, séculos atrás, em Nova York. Debaixo da City Hall. Era seu grande líder. O idoso, que viveu há milhares de anos. Rexius.

Era um homem velho e bem enrugado, com o rosto coberto de linhas de expressão sem fim, quase calvo, tinha cabelos brancos e olhos caídos. Rexius se sentava curvado em seu trono e olhava ao seu redor com satisfação. Sam podia ver que ele estava vivendo vicariamente através de tudo aquilo.

Rexius fixou seus velhos olhos azul-claros sobre Sam, e Sam podia sentir o mal que emanava através deles, diretamente apontados em sua direção. Rexius estendeu a mão com seu enorme bastão de ouro, e o bateu várias vezes, lentamente, todo o movimento da sala

parou. A sala acalmou o máximo possível, em meio aos gritos e gemidos.

Samantha pegou a mão dele e eles andaram pela sala, em meio à multidão de corpos que estavam no caminho, até o estrado. Os dois olharam para Rexius, que os encarava de volta. Ele era velho, inescrutável, e Sam não sabia dizer se ele estava olhando para eles com censura ou aprovação – ou ambos.

O ambiente silenciou, centenas de olhos se voltaram para assistir ao encontro.

"Então ..." Rexius começou devagar, com sua voz grave, rouca, "... o galo volta para casa, para o poleiro." Ele respirou fundo. "Eu estive esperando por esse momento há séculos. Eu deveria matá-lo agora, apenas por ter me feito esperar tanto tempo."

Sam não se intimidou; ao invés disso, ele sentiu uma nova dose de raiva crescer em seu interior. Ele poderia rasgar este o homem no meio. Como ele se atrevia – ou qualquer outro homem – a falar com ele daquele jeito.

"E eu deveria matar *você* por estar falando comigo dessa maneira", respondeu Sam, rosnando, começando a andar para frente.

Mas ele sentiu a mão reconfortante de Samantha detê-lo, apoiada sobre seu ombro e ele hesitou. Os olhos de Rexius se arregalaram, e um suspiro de surpresa se espalhou por toda a sala. Era evidente que ninguém falava com Rexius desta forma.

Durante o tenso silêncio, Sam preparou-se para atacar. Mas, de repente, Rexius jogou a cabeça para trás e caiu na gargalhada.

"Isso é o que eu gosto de ouvir", disse Rexius. "Bom. Muito bom. Eu gosto do seu ódio. Ele me rejuvenesce. "

Rexius examinou Sam, balançando a cabeça.

"Sim, sim", disse ele lentamente. "Você é realmente um de nós agora, não é? Sim, muito bom. Você vai nos servir bem. Você vai servir a nossa causa muito bem."

Ele suspirou.

"Você não chegou nem um segundo atrasado", continuou Rexius, sua voz cada vez mais alta, ecoando nas paredes. "Agora é um momento de grande urgência. Outras forças estão perto do Escudo. Devemos detê-los. Você é a chave final para chegarmos ao Escudo."

Sam olhou para trás, pensando com esforço, tentando lembrar. *O Escudo*. Ele se lembrava vagamente ... algo sobre esse pai ... Mas tudo parecia tão nebuloso agora, tão distante. E, com o espírito de Kyle sobrecarregando-o, mais os pensamentos de Samantha passando por sua cabeça, era difícil raciocinar com clareza.

"Nós estamos no precipício da história", disse Rexius. "Agora é o nosso momento. Se encontrarmos o Escudo antes deles, podemos dominar toda a humanidade, todos os vampiros, para sempre. Não haverá nada a não ser guerras e derramamento de sangue e caos e destruição o tempo todo. É o momento com o qual sonhamos há tanto tempo. Há milhares de vidas. Estamos mais perto que nunca. E, com você aqui, não há nada que nos impeça."

Ele tomou fôlego.

"Mas, infelizmente, a sua irmã também está na busca. E ela está muito próxima. Assim como o marido dela. Sua irmã é a que eu mais temo, no entanto. Ela está alinhando-se com pessoas poderosas. Enquanto conversamos, ela está à procura. E ela está perto. Muito perto. Precisamos encontrá-lo antes que ela o faça!" Rexius gritou de repente, batendo seu bastão contra o chão, as veias pulsavam em seu rosto.

A sala inteira ficou em silêncio.

Sam tentou se concentrar, se lembrar de todos os detalhes. Sua irmã. Seu pai. O Escudo. Em algum lugar, lá no fundo, ele achava que havia detectado alguns vestígios de sentimentos. O amor fraternal. Um desejo de protegê-la.

Mas estes pensamentos eram confusos, perturbados por outros novos sentimentos. As palavras de Rexius ecoavam em seus ouvidos, o espírito de Kyle corria em suas veias e Samantha apertou sua mão e ele se viu incapaz de se concentrar, incapaz de pensar em qualquer coisa, a não ser destruição.

"Há mais uma coisa," Rexius continuou lentamente. "Igualmente ameaçador, é esse malandro, esse rebelde chamado Jesus. Ele peregrina enquanto conversamos, pregando seus sermões idiotas. Devemos matá-lo antes que ele inflija um dano maior. É ele que sua irmã procura. E, se nós não o alcançarmos a tempo, eles vão unir forças e encontrar o Escudo. Não podemos deixar que isso aconteça."

Rexius se virou e acenou com a cabeça e, de repente, apenas um único vampiro deu um passo à frente, o único vestido de branco. Ele tinha cabelo preto, uma longa barba negra e grandes olhos negros. Estes estavam arregalados, brilhando com intensidade quando este vampiro olhou diretamente para Sam.

"O Judas aqui vai se infiltrar no círculo de Jesus, ele vai nos ajudar a desbancá-lo. E, então, vamos pegar sua irmã."

Rexius se virou para Sam.

"Mas, sem você, não podemos encontrá-la. Sem você, não podemos acabar com ela."

Rexius levantou de seu trono, olhando para Sam.

"Sam do Clã da Maré Negra, você está preparado para ajudar a nossa causa? Você está preparado para nos ajudar a encontrar o

Escudo, para nos ajudar a matar Jesus e para nos ajudar a matar a sua irmã?"

Sam ficou ali parado, sentindo seu corpo tremer, tendo pensamentos de violência e destruição. Ele tentou pensar com clareza, mas tudo o que podia ver a sua frente eram chamas, cada vez mais altas. Era uma visão da qual ele não conseguia se livrar, por mais que tentasse.

"Eu vou matar tudo e todos que ficarem no meu caminho," Sam respondeu. E olhou para Rexius. "Eu poderia até matá-lo."

Rexius o encarou de volta, e, lentamente, seu olhar surpreso se transformou em um sorriso.

"Exatamente as palavras que eu desejava ouvir."

CAPÍTULO DEZ

Enquanto Caitlin e Caleb sobrevoavam a zona rural de Israel, o sol começava a se pôr e, finalmente, a temperatura caiu, Caitlin lembrou em sua cabeça a inscrição na parede.

Ela havia lido: *Onde os túmulos se elevam, a oliveira tem muitos ramos.*

Ela não fazia ideia do que isso significava. Caleb explicou que ele achava que era uma referência, um indício de que eles precisavam ir para o Monte das Oliveiras, a lendária montanha situada nos arredores de Jerusalém. Era um lugar místico, ele disse, parte cemitério e parte olival, e tinha sido um dos lugares mais

importantes do poder vampiro por milênios. Diziam, segundo ele, que era o lar do mais poderoso clã de vampiros de todos os tempos.

Eles não tinham parado de voar desde então, correndo em direção ao Monte, em direção a Jerusalém. O tempo todo, Caitlin não conseguia parar de se perguntando se lá ela encontraria seu pai.

Ou o Escudo. Ou, ela se atreveu a ter esperança, quem sabe Scarlet. Ela não via a hora de chegar neste local.

A zona rural de Israel, abaixo deles, era de tirar o fôlego. À medida que eles se dirigiram ao sul, chegando cada vez mais perto de Jerusalém, o terreno era constantemente alterado, de desertos para montanhas, ou montes, com vales esverdeados. Eles passaram por rios, vilas rurais, fazendas e plantações de palmeiras. Os locais eram pouco povoados, parecia uma enorme extensão rural das terras agrícolas, com apenas uma pequena aldeia ocasional aqui e ali.

Quando fizeram uma curva, viram o céu estava iluminado com tons de rosa, e Caleb, de repente, apontou.

"Ali!", ele disse. "Está vendo aquele pico distante? É ali."

Caitlin apertou os olhos e, ao longe, ela mal conseguia diferenciar o que via. Parecia como qualquer outro pico da montanha, exceto que ela podia ver, mesmo daquela distância, que a superfície era completamente coberta de pequenas oliveiras, os ramos de prata brilhavam sob a última luz do sol.

"O Monte das Oliveiras é conhecido não somente por se erguer sobre Jerusalém", disse Caleb, enquanto eles se aproximavam, "mas também porque é o lugar onde Jesus deu seus sermões. No futuro, séculos a partir de agora, será o lar de uma das igrejas mais importantes de toda a cristandade e, também, por milhares de anos, foi o local do mais famoso cemitério do mundo. Todos querem ser enterrados ali porque a Bíblia diz que, no fim dos tempos, quando o Messias vier, este é o lugar em que ele aparece primeiro e

aqueles que ali estão enterrados serão os primeiros a ressuscitarem".

"Mas eu ainda não entendi: por que nossa pista nos traz até aqui?" Caitlin perguntou. "Como que isso se relaciona com a nossa busca?"

Caleb sacudiu sua cabeça.

"Eu não faço ideia," ela respondeu.

Eles mergulharam no ar, circulando o Monte. De perto, ele era ainda mais bonito. Caitlin podia ver milhares de pequenas azeitonas enchendo os ramos, belas encostas subindo e descendo e pequenas árvores de troncos retorcidos. E, ao longo da encosta da montanha, no horizonte, ela podia começar a ver a antiga cidade de Jerusalém, situada no vale, como uma joia que brilha ao sol. Ela podia sentir sua energia, mesmo a partir dali. Era inacreditável.

Caleb voou para o topo da montanha e Caitlin o seguiu. Eles aterrissaram no alto, em um platô, no meio das árvores.

Ficaram ali, tentando se orientar, absorvendo aquela vista incrível, do pôr do sol arrebatador todos os aspectos. Caitlin sentiu como se estivesse no topo do mundo.

Mas mesmo tudo sendo assim, tão belo, Caitlin ainda não tinha ideia do que eles estavam fazendo lá. Ela não sabia o que procurar, tampouco viu qualquer sinal de seu pai, ou de Scarlet, ou de qualquer outra pessoa.

Ela viu, ao longe, um cemitério em uma das colinas e uma fileira de pequenas lápides de mármore e sentiu-se atraída para ir lá. Ela caminhou por entre pedras, examinando-as. Pareciam antigas.

Ela viu que algumas rochas pareciam maiores do que outras e se ajoelhou ao lado de uma, estendeu sua mão e limpou a sujeira que a cobria, sentindo que aquela era especial. Quando ela o fez, um

nome apareceu. Caitlin ficou como se tivesse sido atingida por um raio. Ela não podia acreditar. Era um nome que ela conhecia.

Caitlin Paine.

Ela ficou ali, chocada, se perguntando o que aquilo significava. Caleb parecia igualmente surpreso, ele se ajoelhou ao lado de outra pedra e a limpou, também. Caitlin estava ainda mais surpresa: estava gravado o nome de Caleb.

“O que isto significa?” Caitlin perguntou.

“Eu não sei,” Caleb respondeu, sombriamente.

Os dois ficaram ali, paralisados, quase com medo de verificar a terceira pedra. Finalmente, Caitlin se ajoelhou e a esfregou.

Ela não podia acreditar.

Aiden.

Ela se virou para Caleb.

“Era possível? *Nosso* Aiden?”

Quando Caitlin viu aquele nome, lembranças lhe vieram à tona. Ela se lembrou da última vez que o tinha visto, em pé, diante do castelo, lhe informando sobre toda tragédia que se abateu sobre seu clã. Dizendo que ela era sua última esperança, que ela tinha que cumprir a missão. Pensou em todas as vezes que ela o tinha visto, todos os lugares, voltando para a Ilha de Pollepel, ela estava dominada pela emoção.

“Sim, sou eu,” veio uma voz.

Caitlin se virou e ficou chocada ao vê-lo ali, apenas a alguns metros de distância, o próprio.

Aiden.

Ele vestia um longo manto branco com capuz, com sua cabeleira e barba grisalhos, e olhou para ela com seus grandes olhos azuis, como se eles tivessem se encontrado ontem.

Lentamente, ele abriu um sorriso.

“Achei que você fosse chegar aqui antes.”

CAPÍTULO ONZE

Scarlet sentiu que estava sendo empurrada e cutucada pelo escuro corredor de pedras da prisão, enquanto descia cada vez mais para baixo na terra. Suas mãos estavam firmemente atrás de suas costas, presas com algemas de prata, enquanto Ruth era levada ao seu lado, uma focinheira cobria sua boca. Scarlet estava apavorada, enquanto andavam, ela ouvia os gritos distantes dos prisioneiros, cada vez mais próximos. Pareciam pessoas cruéis, ela sentia como se estivesse sendo levada para as profundezas do inferno, em direção a um asilo de loucos.

Quando ela foi empurrada de novo, com força em suas costas, Scarlet teve um vislumbre de sua guarda: ele era um homem grande, com uma barriga larga e gorda e barba por fazer, faltavam-lhe alguns dentes. Ela podia sentir seu hálito horrível mesmo longe.

"Continue andando, menina!", ele mandou.

Ele, então, se preparou e chutou Ruth em suas costas, fazendo-a cair para frente e bater a cabeça em uma parede de pedra. Ruth

gritou. Mas não havia nada que ela pudesse fazer com aquela mordaca em seu rosto.

Seu guarda riu. Scarlet sentiu sua raiva aumentar, mas ela não podia fazer nada: tentou novamente torcer seus braços, pulsos e mãos. Mas ela não conseguia se soltar. Eles estavam bem amarrados por trás dela, e a prata fez impotente.

Scarlet pensou sobre o que havia acontecido anteriormente, sua fúria, sua primeira alimentação, sua luta contra todos aqueles soldados... Ela lamentou ter ferido alguém. Ela realmente não queria ter feito isso. Mas a necessidade por comida, por sangue, a tinha consumido completamente, ela não estava em seu juízo perfeito. Ninguém nunca havia lhe ensinado como se alimentar. O que fazer. Ela teve que cuidar de si mesma, e ela fez o melhor que podia.

Mas ela não se arrependia de ter machucado aqueles soldados mesquinhos, e ela ainda estava furiosa por ter sido pega com uma rede de prata. Ela não sentia que merecia ser jogada naquele calabouço, sentia-se mais sozinha que nunca. Ela só podia imaginar que horrores a esperavam lá embaixo, enquanto era levada mais fundo na escuridão, os corredores iluminados apenas por tochas piscando.

"Você é um mal-humorada, não?", Veio a voz gutural atrás dela. "Disseram-me para levá-la para a câmara menor, a sala de prata. Para trancá-la atrás das grades de prata. Mas eu não vejo como você precisa disso. É apenas uma menina frágil, não é? Não fez nenhum dano a ninguém, não é? "

Scarlet sentiu a palma de sua mão gorda, de repente, pegar a parte de trás do seu pescoço e depois passar na parte de trás de sua cabeça, em seu cabelo. Podia ouvi-lo lambendo os lábios, engolindo.

"Antes de eu levá-la lá para baixo, acho que eu poderia ensinar-lhe uma coisa ou duas. Amansá-la. Dar-me bem com você, se é que você me entende? ", Ele disse com uma risada.

Scarlet sentiu os pelos em seu braço levantarem; desprezava o som de sua voz. Ao seu lado, Ruth rosnou.

Mas ela estava impotente. Ela tentou de novo e de novo, mas não conseguiu se libertar.

De repente, o homem a agarrou e a jogou dentro de uma câmara lateral. Scarlet sentiu que ele estava desafiando ordens e que ele estava tirando proveito dela, para seu próprio benefício. Ela olhou para cima e viu o olhar de malícia em seu rosto, enquanto ele olhava para baixo, lambendo os lábios, ela sabia que isso seria ruim.

De repente, ele a agarrou pela camisa e estourou seus botões. Scarlet se contorceu, virando-lhe as costas. Ela podia sentir seu corpo tremendo, estava com mais medo do que nunca.

"Não encoste em mim!" ela gritou. Mas sabia que era inútil.

O homem bateu com força na parte de trás de sua cabeça e ela se encolheu de dor. Ela, então, o sentiu destrancando os fechos de prata das algemas de seus pulsos.

"Você não precisa disto aqui afinal de contas, né?", Perguntou ele. "Não. Sem isto, meu tempo com você será mais divertido".

Scarlet sentiu as algemas escorregando de seus pulsos e caírem no chão. Elas bateram no chão de pedra com um tilintar.

Ela mal podia acreditar em sua sorte. Quando a prata caiu dela, um novo poder tomou conta de seu corpo: era como se uma corrente pesada tivesse sido retirada dela. Agora, ela se sentia completamente rejuvenescida, com todo o seu poder de volta, infundindo-lhe da cabeça aos pés.

O homem chegou ao redor dela e a agarrou por trás. Ele era forte e suas mãos musculosas a apertaram. Ele estendeu a mão e começou a apertar sua garganta. Esse foi seu último erro.

Agora, Scarlet tinha força para revidar. Ela pegou seu enorme pulso, girou no ar e facilmente o imobilizou.

O homem olhou para baixo, seus olhos estavam arregalados de choque, sem compreender.

Scarlet segurou o pulso dele por vários segundos, aproveitando o momento, sentindo-se muito mais forte do que ele. Agora o jogo havia virado. A mão dele tremia, tentando se libertar. Mas ele não conseguia. Seu espanto se intensificou.

Scarlet lentamente virou-lhe o pulso, deixando-o quase de cabeça para baixo, até que o homem finalmente caiu de joelhos diante dela, gritando de dor. Ela continuou virando seu braço, cada vez mais devagar, saboreando o momento.

Logo, o homem estava tremendo, sacudindo.

"Você bruxinha!", Ele gritou. "Eu vou matar você!"

Crack.

O homem gritou de dor quando Scarlet quebrou seu pulso. Agora, ela queria vingança. Não apenas para ela, mas para todas as meninas que este homem possa ter encostado. E, claro, para Ruth. Ninguém tratava Ruth dessa forma. Scarlet, para encerrar, chutou o homem com força no rosto, estalando seu pescoço e ele caiu como uma pilha no chão, sem se mover.

Scarlet correu para Ruth e arrancou sua focinheira. Ruth rosnou e, sem perder o ritmo, saltou para cima do homem, afundando seus dentes em sua garganta.

O homem se contorcia no chão, agonizando e, em seguida, se colocou sobre suas mãos e joelhos e se arrastou para o canto, cobrindo sua cabeça, tentando fugir. Mas Ruth continuou mordendo-o, deixando marcas nele inteiro, mesmo encolhido no canto.

E repente, Scarlet sentiu uma rede de prata cair sobre ela. Ela caiu no chão de uma vez, enfraquecida, enquanto vários guardas corriam e ficavam em torno dela e outros atiravam outra rede em Ruth.

Scarlet se repreendeu. Ela deveria ter sido mais cuidadosa, ter fugido imediatamente. Momentos depois, o guarda estava de novo em pé, sangrando, e de cara feia para elas. Ele olhou para Scarlet com um ódio que ela nunca tinha visto.

"Agora, você vai sofrer", disse ele. "Antes, eu estava indo para colocá-lo em isolamento, na câmara de prata. Agora, eu vou colocar você junto com os assassinos. Você só cavou sua própria sepultura. Espero que goste."

O carcereiro saiu, gemendo de dor e, em seguida, os guardas pegaram Scarlet e a arrastaram para fora, de volta pelo corredor.

Scarlet, na rede, se contorcia e tentava se libertar, mas era inútil. Ela foi levada para o fundo dos corredores e depois de várias voltas, chegaram a outro nível abaixo do solo.

Ela olhou para fora e viu uma fila interminável de bares, por trás da qual foi uma cacofonia de ruídos. Centenas de vozes gritaram na escuridão. Eles foram iluminado apenas pela luz de tochas, e como eles empurrou seus rostos contra as grades, que os fez parecer ainda mais assustador. Ela podia ver as caras feias e perigosas de dezenas de tipos traiçoeiros, furando suas cabeças através das grades, gritando para ela.

Ela engoliu em seco. Com as algemas de prata, ela estava fraca e indefesa novamente.

Certamente, esses prisioneiros iriam matá-la.

As grades se abriram e os guardas levantaram a rede e a jogaram na cela. Ela caiu dura no chão de pedra, Ruth foi jogada ao seu lado e, em seguida, todas as portas foram totalmente fechadas.

Ela ficou de pé e se balançou para sair rede, mas ela ainda estava acorrentada com as algemas de prata. Lá estava ela, no meio da cela, olhando para os rostos de dezenas de assassinos. Eles olharam para ela lambendo os beiços, como se um cordeiro tivesse acabado de ser lançado na cova dos leões.

Ruth se contorcia ao seu lado, mas com a focinheira, era inútil.

"Bem, bem, bem!" Disse um deles, um condenado particularmente grande e de aparência desagradável,. "Olha o que temos aqui!"

"Não é que o cordeiro veio para o abate!", disse outro.

"Eu não tive meu café da manhã ainda!" Outro acrescentou.

"Isso significa anos de diversão para mim. Você sabe o que é gostar de sofrer lentamente, menina?", perguntou um.

Scarlet se debatia contra seus grilhões, mas não importava o quanto tentasse, não conseguia se libertar. O grupo de condenados aproximava-se lentamente. Ela recuou, até ser encurralada contra a parede de pedra.

Logo, ela chegou à parede, e não havia outro lugar para ir. Lá fora, ela podia ver os guardas vigiando, os sorrisos sádicos em seus rostos. Claramente, eles se deleitavam com isso, com seu sofrimento.

A multidão fechava ao seu redor, agora apenas metros de distância.

Scarlet só desejava não morrer daquela maneira.

CAPÍTULO DOZE

Caitlin e Caleb seguiram Aiden enquanto desciam a íngreme encosta do Monte das Oliveiras, passando em trilhas ocultas entre as árvores. Eles caminhavam em silêncio, Aiden vários metros à frente.

Caitlin estava queimando de ansiedade, com tantas perguntas para ele, como sempre. Quanto tempo ele tinha estado ali? Como ele sabia que ela estava vinda? E, acima de tudo, por que todas as pistas levavam a ele? Seria ele seu pai?

Eles continuaram em silêncio, seguindo-o atrás, até que chegaram a um platô na base da montanha, bem escondido pelas árvores. Ela viu quando Aiden se dirigiu para a direita, para o que parecia ser um bosque de árvores. Ele desapareceu em meio à folhagem. Depois de trocarem um olhar, Caitlin e Caleb foram atrás.

E, quando eles o fizeram, se surpreenderam com o que estava um pouco além: situado no meio de um bosque espesso de oliveiras, havia uma casa grande, alta e larga. Era cercada por colunas em todos os lados, com arcos abertos, parecia um antigo mosteiro, suas linhas eram limpas e simples e sua aparência, bem sóbria. Dentro, havia um amplo interior de calcário, com um pátio simples e fontes romanas. Eles se lembraram de todos os mosteiros que tinham visitado ao longo dos séculos.

Andando silenciosamente por ali, estavam dezenas de pessoas do povo de Aiden, vestidas com túnicas brancas, longas, com as mãos enfiadas dentro dos bolsos e com as cabeças baixas, enquanto caminhavam, como se estivessem em momento de meditação ou oração. Caitlin ficou surpresa que eles não estavam lutando, treinando, como o clã de Aiden sempre esteve. Aqui, eles pareciam mais calmos, sossegados. No entanto, ao mesmo tempo, ela podia sentir o poder que emanava deles. Ela se perguntou se esse silêncio, essa meditação, era uma forma de treinamento.

Caitlin não podia acreditar. Justamente quando ela pensou que eles estavam sozinhos, tinham encontrado Aiden e seu clã, ali, naquele momento e lugar. Ali, na base do Monte das Oliveiras. Será que era esse o objetivo de todas as pistas? Levá-la para junto dele? Era hora de ela usar as quatro chaves que levavam a seu pai?

Caitlin olhou a sua volta, à procura de qualquer sinal, qualquer indício, quanto ao local onde as quatro chaves poderiam ser utilizadas. Mas não havia nada. Sentia-se mais confusa do que nunca e esperava que Aiden tivesse respostas.

Finalmente, ele parou e olhou para eles.

"Sim, você está certa", Aiden começou. "Eles estão treinando."

Caitlin corou, envergonhada que ele tivesse lido sua mente.

"Você simplesmente não enxerga, como fez em outros tempos e lugares. Em outras ocasiões, era um treinamento do corpo, um treinamento de espadas e escudos e lanças e flechas. Aqui, é a formação do espírito. Da mente. É um treinamento formação muito mais profundo e mais interno. O treinamento final, o último nível para se tornar um guerreiro. Aqui, nossas almas estão em jogo."

Caitlin inspecionou o prédio com um novo respeito pelos membros do clã, muitos dos quais simplesmente estavam lá, olhando para o horizonte, as mãos guardadas, de olhos fechados. Ela perguntou o que implicava aquele treinamento, e como isso fazia deles melhores guerreiros. Ela lembrou-se de algumas de suas sessões de treinamento anteriores com Aiden, quando ele a fez olhar para dentro. Parar de lutar. Foi um dos treinos mais intensos que ela se lembrava.

Ela se voltou para Aiden. Estava queimando com tantas perguntas, mal sabia por onde começar.

"Você é meu pai?", Ela perguntou.

Suas palavras chocaram até a si mesma. Ela não tinha a intenção de ser tão brusca, tão direta, mas as palavras simplesmente saíram de sua boca. Ela não conseguia se conter – *precisava* saber. Era ele, todo esse tempo? Uma parte dela sentiu que era. Mas outra parte não tinha certeza. Sua resposta a surpreendeu ainda mais.

"Essa é uma distinção da qual eu me sentiria muito orgulhoso", disse ele, sorrindo lentamente. "Mas, infelizmente, não é o caso. Não. Eu não sou ele. Mas eu o conheço muito bem."

Caitlin sentiu seu coração batendo rápido. Pelo menos, podia desistir desta ideia. Mas ela continuou igualmente animada com a ideia de que Aiden o conhecia. E isso a fez se perguntar: será que ele estava ali? Naquele lugar? Ela estava prestes a encontrá-lo agora?

"Não, ele não está aqui", Aiden respondeu. "Também não posso me encontrar com ele. Se fosse assim tão fácil, não precisaríamos tanto de você, não é? " Ele sorriu e perguntou: " Você tem as quatro chaves?"

Ela assentiu com a cabeça.

"Ótimo. Você vai precisar delas."

"Mas eu ainda não entendo", disse Caitlin. "Onde ele está? Quando vou vê-lo? "Seu coração estava batendo forte de ansiedade.

"Há uma última relíquia esperando por você", disse Aiden. "Uma última, a última pista, que vai levá-lo para ele. Temos mantido você por aqui, por segurança. É claro, eu não posso abrir nada. Só você tem a chave."

Caitlin olhou para ele, intrigada. *A chave?*

Ele olhou para o colar dela e Caitlin, de repente, se lembrou. Ela estendeu a mão e o tocou, seu coração disparou.

"Onde está?" Perguntou Caitlin, esperando que ele talvez fosse lhe mostrar um baú trancado ou algo assim.

Aiden sacudiu a cabeça.

"Antes de eu levá-la até lá, primeiro você deve completar o seu treinamento. Hoje, à noite, você e Caleb devem ficar conosco, e descansar para a sua última noite antes de vê-lo. Na parte da manhã, subiremos ao Monte e você vai completar a sua formação. E, depois, você vai conhecer seu pai. "

Caitlin engoliu em seco com esta ideia.

"Grandes forças estão se alinhando contra nós", continuou ele. "Mesmo agora, eles estão colocando em ação planos para nos destruir. Não temos tempo a perder. Na primeira luz da aurora, devemos subir ao topo da montanha. E então você deve encontrar o seu pai e obter o Escudo – o mais rápido possível. "

"E quanto a Scarlet?" Caitlin fez a pergunta que mais queimava dentro dela.

Aiden balançou lentamente a cabeça e o coração de Caitlin afundou.

"É claro que você deseja ardentemente encontrá-la. Mas você precisa encontrar o seu pai pela primeira vez. Só depois de encontrá-lo que você vai encontrá-la. Mas devo avisá-la: é preciso não perder de vista o que é importante. O Escudo. A humanidade. O bem maior. Salvar a todos nós. Um dia, você terá que escolher. Entre a família e a humanidade. Entre o seu legado e seu destino. Não será fácil; na verdade, esta será a escolha mais difícil de toda a sua vida. Eu não posso explicar mais: tudo isto deve permanecer oculto por enquanto. E será revelado quando for a hora de ser revelado ".

Caitlin processou tudo em seu cérebro, tentando entender o que ele quis dizer. Mas ela não fazia ideia. Era tudo muito misterioso.

"Eu não entendo", disse Caitlin. "Scarlet está em perigo? Agora mesmo? "

"Sim", Aiden respondeu sem rodeios. "Ela está em grave perigo. E só você poderá salvá-la."

A boca de Caitlin ficou seca e seu coração disparou; ela foi tomada pelo desejo de sair e encontrá-la naquele exato momento.

"Então, eu preciso ir", disse Caitlin, virando-se para sair. "Sinto muito."

"E para onde você vai?" Aiden chamou.

Caitlin parou em seu caminho.

"Você não sabe onde ela está", continuou Aiden. "E você não pode. Não até que você encontre o seu pai. "

Aiden se adiantou e colocou a mão em seu ombro. Lentamente, ela se virou.

"Você tem que confiar em mim. Uma vez que você encontrar o seu pai, tudo ficará claro."

Caitlin olhou para o céu vermelho-sangue, o pôr do sol iluminando as pistas de oliveiras, e ficou pensando.

"Meu irmão está aqui?", ela perguntou, em voz baixa, quase com medo de saber a resposta.

Ela olhou para Aiden e viu a preocupação em seus olhos. Isso lhe disse tudo.

"Sam ...", ele começou, e afastou-se, enquanto seus olhos se encheram de lágrimas. "Eu temo...que nós o perdemos. Ele está vivo. Mas não é mais um de nós."

"Não diga isso", Caitlin retrucou, ouviu a raiva em sua própria voz. "Ele é meu irmão!"

Aiden sacudiu a cabeça.

"Ele *era* seu irmão. Agora... ele tem um destino diferente. Temo que foi perdido para o lado negro."

Caitlin lutou contra as lágrimas, não querendo acreditar.

"Eu sinto muito", disse Aiden. "Vocês dois são da mesma linhagem, mas vocês têm destinos muito diferentes. É seu destino – e somente seu – encontrar o seu pai."

Aiden colocou a mão em seu ombro.

"Eu sei que isso é difícil de ouvir. Mas você está sozinha agora. Caleb e eu estamos aqui com você, mas é você, e somente você que pode encontrar seu pai. A etapa final da viagem deve ser sua e somente sua. Caitlin ", disse ele, com seriedade, e acrescentou," depois de todos estes séculos e todos esses lugares e todas essas relíquias, a hora chegou. Este é o seu momento, agora. Use-o com sabedoria e você vai salvar a humanidade. Mas, se você usá-lo apenas para seus próprios interesses... Então não há esperança para qualquer um de nós. Não nos decepcione. Faça o que fizer, não nos decepcione."

* * *

Caitlin sentou-se em um nicho em seu quarto, com vista para o Monte das Oliveiras. Ela assistiu a última luz do dia, o crepúsculo iluminando os ramos de prata enquanto eles brilhavam sob a luz da lua crescente. Ao longe, ela mal podia ver as tochas tremeluzentes

de Jerusalém, começando a se acenderem contra a noite. Era tão bonito, tão quieto, parecia algo saído de um quadro.

Caleb estava sentado na extremidade oposta do quarto, deitado na espreguiçadeira. Ela sentiu que ele estava dormindo. Tinha sido um longo dia e noite para os dois e, quando Aiden tinha sugerido que descansassem em seu quarto, eles aceitaram de bom grado. Aiden tinha dito a ela que treinamento final não poderia começar até o amanhecer, mas mesmo que pudesse começar naquele momento, ela não conseguiria. Ela nunca tinha estado tão exausta. Em outros lugares e épocas, ela havia estado fisicamente cansada; mas, ali, era um tipo diferente de cansaço: era um esgotamento psíquico e espiritual.

Caitlin se sentia tão perto de encontrar seu pai, ela mal podia esperar. Sentia como se pudesse encontrá-lo a qualquer momento e este sentimento a esgotava. Ela também se sentia consumida por uma necessidade persistente de encontrar Scarlet, salvá-la de qualquer perigo que ela pudesse estar correndo, e este pensamento a deixava no seu limite.

Pelo menos, ela tinha encontrado Aiden. Caitlin se sentiu tão grata por tê-lo encontrado, por estar de volta no tempo com ele, uma última vez, com o povo dele, no local dele. Foi a primeira vez que ela realmente se sentiu ligada com aquele tempo e lugar, sentiu uma verdadeira sensação de santuário. Ela foi tranquilizada pela sua presença, como sempre, mas, ao mesmo tempo, nunca o tinha visto assim antes. Ela podia sentir seu nervosismo, como se ele tivesse visto alguma desgraça iminente. E ele não estava cercado por todas as pessoas que ela conhecia e amava de anos anteriores.

Polly, Blake, todos os outros... Parecia que todos tinham ido embora, como se, um por um, todos eles tivessem morrido com o passar dos séculos. Caitlin sentiu um profundo sentimento de perda. Sentia-se, em alguns aspectos, como se ela fosse à única sobrevivente.

Como era estranho, ela pensou, o quanto as coisas tinham mudado. No início, ela tinha se sentido como uma recém-chegada, uma estrangeira. A novata. E, agora, ali estava ela, a última em atividade, a veterana mais velha do grupo. A vida, ela percebeu, estava sempre mudando, e nunca era o que parecia ser.

Caitlin ficou ali sentada, observando o crepúsculo se transformar em noite e, finalmente, puxou a vela acesa para mais perto dela. Ela descansou na pequena pedra que sobressaía da parede, na qual ela apoiou seu diário. Quando o posicionou ali, ficou chocada ao ver como ele estava desgastado e usado. Agora, parecia que uma relíquia de museu. Ela virou as páginas lentamente e elas crepitavam com a idade. Cada anotação trouxe de volta memórias frescas, e ela teve que lutar para conter suas emoções.

Caitlin virou as páginas até que finalmente chegar à última página em branco. Era a última página do diário. Ela não podia acreditar. Quando ela terminasse seu registro, o diário estaria acabado. Para sempre.

Ela engoliu em seco, de ansiedade. Isso significava que sua jornada estava acabada? Para sempre? De certa forma, parecia que sim. O que o próximo passo seria? Haveria um próximo passo? Quando tudo acabasse, todos eles iriam simplesmente morrer? Ou será que viverão de alguma forma? E o que aconteceria com todas as pessoas que ela amava?

Caitlin respirou fundo e, com a cabeça apoiada em uma das mãos, pegou a pena e, lentamente, começou a escrever. O som dela arranhando o pergaminho preencheu lentamente a sala.

Meu ultimo registro. Meu ultimo tempo e local. Sinto tanto a falta de todos. Sam, meu irmão. Polly, minha melhor amiga. Sim, preciso admitir, até mesmo Blake, um pouco. Na verdade, sinto falta de qualquer rosto familiar. Se Cain estivesse aqui, eu provavelmente também teria saudades dele.

Sinto falta de outras épocas, outros lugares. Quando todos estavam juntos e felizes. Aqui, neste local, tudo é tão sério, tão urgente, tão sombrio. Há tanta coisa em jogo. Não há celebrações. Nem cortes luxuosas, nem castelos. Não há bailes, nem danças. Ao invés disso, visitamos locais sagrados. E o próximo, parece, será Jerusalém. Jamais imaginei que eu visitaria este lugar.

Mas também é uma época muito emocionante. Agora, eu posso sentir meu pai tão perto, e é este sentimento que me mantém seguindo em frente. As quatro chaves estão queimando em meu bolso e, amanhã de manhã, finalizarei meu treino com Aiden. É tão louco pensar nisso: minha última sessão de treino. E, depois?

Estou muito feliz que Caleb está aqui comigo. Finalmente, estamos juntos. Mas também tenho medo de nosso futuro. Tenho a sensação de que seremos separados. Que eu terei que encontrar meu pai sozinha. Espero que não.

Sinto desesperadamente a falta de Scarlet, e sofro muito por ela não estar aqui comigo.

Falaram-me que preciso encontrar meu pai primeiro. Então farei tudo que estiver ao meu alcance. Mas e daí? Isto irá trazer de volta todos aqueles que eu amo? De certa forma, eu acho que não. Não consigo deixar de sentir que tudo que eu amei será perdido para sempre.

E, após todas essas épocas, todos estes lugares, todas as pistas e as chaves, eu ainda não sei quem é meu pai. Eu tinha certeza que era Aiden. Mas, fiquei sabendo hoje que eu estava errada.

Agora, eu não faço ideia de quem ele pode ser. Mais que tudo, eu quero vê-lo. Quero ter certeza.

De onde eu vim. Quem é ele. O porquê destes segredos. O que é o Escudo.

Eu sinto o peso do mundo sobre meus ombros. Eu daria qualquer coisa para que isto acabasse.

Não vejo a hora de chegar amanhã.

Depois de Caitlin escrever a última frase, preenchendo a última página, ela lentamente fechou seu diário. Estava acabado. Ela mal podia acreditar.

Ela o segurou, sentindo seu peso. Uma lágrima rolou pelo seu rosto quando ela pensou em todos os locais e datas que ela escrito nele, todos os momentos difíceis que ela havia passado. De algum jeito, ela havia sobrevivido. E aquele era seu testamento. Seu diário de vampiro.

Caitlin fechou seus olhos e descansou sua cabeça sobre ele e, sem saber o motivo, ela começou a chorar. Seu choro baixinho preencheu o ar, misturado com o som do cantar de um pássaro noturno, e ela se pôs a dormir.

CAPÍTULO TREZE

Os presos se amontoavam em torno de Scarlet e um deles deu um passo adiante, o maior do grupo. Ele elevou-se sobre os outros e, quando olhou para Scarlet, parecia tinha uns dois metros de altura. Ele era careca, com uma enorme cicatriz em seu nariz e cheio de músculos. Claramente, era o líder aqui.

Ele se virou e olhou para os outros.

"Ela é minha", anunciou. "Meu brinquedo. Minha para torturar como eu quiser. Alguém tem algum problema com isso?"

As dezenas de rostos paralisaram, Scarlet podia ver o medo neles. Ninguém estava disposto a desafiá-lo. Com certeza, aquele maluco era o rei do pedaço ali. Os outros lentamente foram se afastando, desapontados.

O líder se virou, se abaixou e pegou Scarlet com uma mão pela parte de trás de sua camiseta. Ele a pegou no ar com uma única mão e a inspecionou como se ela fosse um inseto. Ele era tão poderoso, ele a segurava como se ela fosse uma mosca morta.

Scarlet se mexia e se contorcia, lutando para se libertar quando foi erguida no ar e foi sendo levada por ele para um canto escuro. Ela ouviu Ruth rosnar baixo e, em seguida, viu o deformado se inclinar e chutá-la com força. Ruth saiu voando pela sala, gritando e bateu em uma parede.

Scarlet ficou enfurecida e tentou mais ainda se libertar. Mas o aperto do homem era muito forte. Ela estava sem forças.

"Vai ser muito divertido torturá-la", ele disse.

Sua voz era tão grossa, que soava como se ele tivesse vindo das entranhas da terra. Enquanto ele a levava mais e mais fundo no canto mais escuro da cela, Scarlet pensava: é assim que o inferno deve ser. Eles finalmente chegaram a um canto sombrio, e o homem a colocou no chão. Ele estendeu sua mão e começou a tatear as costas dela, os braços e, em seguida, parou nas algemas em seus pulsos.

"Esta coisa vai atrapalhar, não vai?", ele falou . "Tira metade da diversão."

E este foi seu último erro.

Scarlet foi, subitamente, tomada por uma nova energia, que pairava sobre ela. Ela se sentiu oprimida por uma força e uma raiva tão primordial, maior de qualquer coisa que ela já tinha experimentado, ela mal sabia o que fazer. Quando o deformado foi alcançá-la, desta vez, ela levantou sua perna e chutou com força seu plexo solar. Foi um golpe perfeito.

O homem saiu voando para trás, com tanta força, que ele cortou o ar como um míssil, passando por toda a extensão da cela de 9 metros, chocando-se contra as grades de metal. Foi um barulho tão alto que ele estremeceu o cárcere todo.

Todos os prisioneiros pararam e olharam, sem acreditarem.

Scarlet não hesitou: ela correu pela sala, se preparando atacar. Quando o líder estava começando a se levantar, ela o chutou com força no rosto. Ele desabou no chão, de costas para o solo.

Mas este, era um homem era forte. O pontapé teria deixado qualquer um inconsciente, mas ele começou a se levantar de novo.

Agora, Scarlet estava furiosa. Ela o pegou, o segurou pela roupa e, para a incredulidade de todos os outros presos, o levantou acima de sua cabeça. Ela girou o homem três vezes e, em seguida, o jogou no meio da multidão.

Quando ele caiu na multidão, derrubou dezenas de presos junto, caindo como dominós. O restante dos prisioneiros se levantaram e a encararam, olhando para Scarlet com medo, como se um demônio do inferno tivesse acabado de pousar dentro daquela cela.

Fora das grades, os guardas perceberam o erro. Eles correram para abrir o cárcere.

"Eu lhe disse para colocá-la atrás das barras de prata!", Um guarda gritou para o outro.

Scarlet estava possessa e, desta vez, nada poderia saciá-la. Ela começou a atacar o resto dos prisioneiros. Um por um, ela dava socos, e cotoveladas e chutes em cada um, espalhando uma onda de destruição por toda a cela. Em poucos segundos, dezenas de corpos jaziam no chão. Eles engatinhavam, sobre suas mãos e joelhos, para fugir dela, correndo uns sobre os outros. Mas ela não tinha terminado: agarrou-os por trás de suas camisetas e os jogou contra as paredes, contra as grades. Ela era uma máquina de demolição em pessoa.

Ela tirou a focinheira de Ruth e Ruth se lançou contra a multidão, sem perder um segundo. Ela afundou seus dentes nas gargantas de vários deles e, Scarlet, oprimida com a necessidade de se alimentar, seguiu o exemplo: ela passou de corpo a corpo, afundando suas presas em suas gargantas e bebendo tudo o que podia. Ela sentiu aquele sangue vertendo em seu corpo, ela se sentia viva novamente.

Mas, de repente, antes que ela pudesse reagir, Scarlet sentiu-se coberta por uma rede de prata, mais uma vez. Seu poder foi esvaziado completamente.

Ela olhou para cima e viu mais alguns guardas. Ela se repreendeu: foi estúpido de sua parte. Ela olhou por cima, e viu Ruth amordaçada novamente, também.

Desta vez, os guardas mantiveram distância e, em vez de apenas alguns guardas, havia dezenas deles. Todos eles empunhavam lanças de prata diante dela e permaneciam longe. Um guarda se aproximou com cautela e prendeu algemas de prata novamente em volta de seus pulsos, duas vezes mais grossas. Em seguida, todos eles a ergueram e a carregaram para fora da cela.

Scarlet foi levada descuidadamente pelo grande grupo de guardas e, desta vez, eles desceram lances de degraus intermináveis. Foram anda mais fundo do que ela tinha imaginado, para as entranhas da masmorra.

Finalmente, chegaram ao destino. Havia uma pequena sala, mal iluminada, com apenas uma única cela. Ela podia sentir as barras de prata, a energia que irradia dali, mesmo de onde ela estava.

Momentos depois, houve um tilintar de chaves, e o cárcere foi aberto. Ela sentiu-se levantada e depois jogada ali. Ela voou pelo ar, bateu com a cabeça contra a parede e caiu no chão. Desta vez, ela estava sozinha, apenas com Ruth, que foi jogada logo em seguida, e a porta da cela de prata fechou-se atrás delas.

Desta vez, por trás das grades de prata, presa com correntes de prata, ela estava completamente desamparada. Sabia que não havia mais nada a fazer, a não ser aguardar seu destino.

CAPÍTULO QUATORZE

Sam marchou ao lado Rexius, Samantha e Judas, descendo até o caminho da via de paralelepípedos que levava ao palácio de Pôncio Pilatos. Seguidos por uma dúzia de membros do clã de Rexius, eles marchavam como um pequeno exército, todos vestiam preto, e foram atravessando o centro da praça. Estava escuro lá fora, era tarde da noite, a passarela estava iluminada por tochas de fogo de ambos os lados. Chegaram a um grande portão arqueado, em frente do qual estava uma dúzia de soldados romanos.

Para a surpresa de Sam, vários destes soldados tiveram a ousadia de avançar e formar uma parede para bloquear sua abordagem.

Mas os vampiros continuaram marchando, sem para e, ao fazerem, Rexius apenas sorriu e levantou uma mão antes de sua face. Sam

observou como os soldados, de repente, desmaiaram, caindo no chão.

Sam marchou com os outros diretamente sobre seus corpos, ele podia sentir seus cadáveres macios sob seus pés. Continuaram a marchar até o outro lado da grande praça circular de pedra, passaram pelas fontes romanas e pelos ciprestes perfeitamente aparados. Passaram por enormes colunas, fileiras de arcos abertos e viram os rostos preocupados dos aristocratas romanos olhando para baixo. Seus passos ecoavam enquanto cruzavam diretamente a entrada principal, entrando no palácio.

Assim que eles entraram, mais uma dúzia de soldados romanos se aproximou. Outro confronto estava prestes a acontecer até que, de repente, Pôncio Pilatos, o governador romano, apareceu. Ele deu um passo para frente e ficou no centro, para conversar com Rexus.

"Relaxem a guarda!" Pôncio ordenou a seus homens.

Foi uma medida sábia. Seus soldados deram passagem, apressando-se para o lado, deixando Pôncio sozinho para enfrentar Rexus.

Pôncio ficou ali parado, ele vestia uma toga romana real, com guarnição do ouro e uma faixa vermelha, havia um olhar de grande preocupação em seu semblante. Rexus parou a alguns metros de distância dele, assim como Sam, Samantha, Judas e os outros. A tensão era tão intensa, que podia ser sentida no ar.

"Qual é o significado disso?" Pôncio exigiu Rexus. "Eu não fui informado que você estava a caminho."

Rexus sorriu de volta, mas parecia mais um rosnado. Ele tomou seu tempo.

"Eu só iria informá-lo se me fosse útil", ele respondeu devagar, com sua voz grave. "Você é meu servo. Clamo a você a qualquer momento que eu desejar".

O rosto de Pôncio corou e ele franziu a testa.

"Você não pode falar comigo desse jeito! Eu sou governador deste distrito. Só vou tolerar você com respeito mútuo. Se você não me mostrar respeito, eu vou ter que dar ordens aos meus para que sejam expulsos. Temos armas de prata, você sabe."

Rexius riu.

"E eu tenho armas muito mais poderosas que as suas."

Pôncio, farto, fez um gesto para seus soldados e ele saiu do caminho. De repente, uma dúzia de arqueiros se aproximou, puxando para trás os seus arcos e flecha e mirando para Rexius e seus homens.

Foi um grande erro.

Sam explodiu em ação, junto com o resto dos homens de Rexius. E, dentro de um piscar de olhos, antes que os arqueiros pudessem soltar suas flechas, os vampiros se atiraram em cima deles, afundando suas presas em suas gargantas e derrubando-os no chão. Em segundos, os pisos de mármore estavam pintados de vermelho, molhados de sangue, todos os soldados abatidos.

Pôncio ficou ali, olhando para seus guardas, aterrorizado. Seu rosto estava pálido, os olhos arregalados de medo. Seu corpo começou a tremer.

Os homens de Rexius se levantaram, de pé ao lado dele novamente e Rexius sorriu de volta.

"Há algum outro que você gostaria que eu matasse?", perguntou Rexius. "Ou você está pronto agora para me deixar falar?"

"O que... o que... o que... quer?" Pôncio gaguejou, sua voz tremendo de medo.

"*Mestre*", corrigiu Rexius. "O que você deseja, *meu mestre*."

Pôncio engoliu em seco.

"O que ... o que você deseja... *meu mestre*", repetiu Pôncio.

Rexius se adiantou, estendeu a sua mão caquética e enrugada no ombro Pôncio e apertou. O rosto de Pôncio se contorceu de dor quando ele caiu de joelhos, gemendo.

"Você vai me fazer um grande favor", disse Rexius. "Há uma pessoa a qual eu desprezo. Esse rebelde, Jesus. Ele atrapalha o caminho para meu plano final. Meu soldado Judas vai infiltrar entre seus homens e, quando for a hora certa, ele vai traí-lo. E então você vai colocá-lo em julgamento para que todos o vejam, e ele deve ser crucificado. Você entende? "

"Eu não posso fazer isso!", Disse Pôncio com os dentes cerrados, contorcendo-se de dor. "Ele tem muitos seguidores!"

Rexius apertou mais forte, e Pôncio gemeu.

"Você entende?", Perguntou Rexius novamente.

Finalmente, Pôncio grunhiu, abaixando a cabeça.

"Sim", disse ele, por fim. "Como quiser."

"Ótimo. Após sua última ceia, você irá prendê-lo, no jardim do Getsêmani. Então você irá crucifica-lo. Entendeu? "

"Sim", Pôncio murmurou.

"Sim, o quê?" Rexius o pressionou, apertando com mais força.

"Sim ... *meu mestre*."

Rexius o soltou e Pôncio suspirou de alívio.

"Há outro assunto", continuou Rexius.

Pôncio olhou para cima, suando, havia medo em seus olhos.

"Seus homens capturaram um garota...."

"Meus homens capturaram sim uma jovem garota. Ela estava causando problemas no mercado esta manhã. Levaram-na para as masmorras reais. Ela está por trás de grades de prata. Eles ainda não estão certos sobre a origem de seus poderes. Ela nos causou grandes problemas. Ela é uma de vocês?"

Rexius o ignorou, virando-se para Sam e sorrindo em reconhecimento.

"Você tem nos servido bem", disse ele a Sam.

Rexius se voltou para Pôncio.

"Você vai nos levar até ela", disse Rexius. "Agora".

"Ela é um perigo para a cidade", Pôncio implorou. "Eu não posso soltá-la."

Rexius levantou uma mão e apenas a manteve diante do rosto de Pôncio. Desta vez, seu rosto de retorceu de dor. Pôncio estendeu a mão e agarrou as orelhas, segurando sua cabeça, como se estivesse sofrendo dores insuportáveis. Ele começou a gritar.

"PAREM!" ele berrou.

"Você irá nos levar a ela," Rexius repetiu calmamente.

"TUDO BEM! TUDO BEM!" Pôncio gritou.

Lentamente, Rexius abaixou sua mão.

Pôncio relaxou seu aperto em seus ouvidos e, lentamente, seu rosto voltou ao normal, embora ainda respirasse com dificuldade.

Rexius assentiu e vários de seus homens correram para frente, agarraram Pôncio e o empurraram para que liderasse o caminho.

Pôncio tropeçou pelos corredores, na escuridão da noite e ao atravessar o pátio, se dirigindo para fora dos portões do palácio. Vários soldados romanos começaram a vir em seu auxílio, mas Pôncio fez um gesto para que eles permanecessem longe. Claramente, ele não queria ver mais nenhum de seus homens morrerem.

Rexius e seus homens seguiram-no através de vários pátios adjacentes ao palácio, então, finalmente, se viram frente a um grande edifício, sobre o qual estavam gravadas as palavras "Masmorras Reais".

Os guardas abaixaram suas armas ao verem Pôncio e, quando ele se aproximou, todos correram para abrir as portas com uma pequena reverência. Em seguida, eles atravessaram portões.

Marcharam por corredor atrás de corredor, descendo escada após escada, indo cada vez mais baixo, mais profundo nas entranhas da masmorra. A escada se tornou tão estreita que tinham de andar em fila única e, finalmente, chegaram ao nível mais escuro e mais baixo, mal iluminado por uma única tocha flamejante.

A multidão parou diante das barras de prata. Pôncio acenou para um guarda e ele correu para cima e abriu a cela.

Lentamente, uma única face emergiu da escuridão. O rosto de uma criança.

Sam olhou para baixo e reconheceu instantaneamente. Era filha de sua irmã.

Era Scarlet.

CAPÍTULO QUINZE

Caitlin corria. Ela cortou caminho por um campo inesgotável de trigo, os talos chegavam até seu peito e ela corria em direção a um enorme sol, que parecia uma bola no horizonte. O sol estava começando a nascer, a luz da madrugada ainda cobria o céu e, ao longe, ela podia ver a silhueta de seu pai. Ele estava lá com as mãos estendidas ao seu lado, como se estivesse esperando para abraçá-la. Em cada um dos seus dedos balançavam as quatro chaves, brilhando ao sol.

Caitlin correu com tudo o que tinha, tentando se aproximar, porém, quanto mais corria, mais longe ele parecia ficar.

A próxima coisa que ela sabia é que ela estava em um deserto. Estava correndo por uma colina rochosa, havia poeira e sujeira em seu rosto, o sol batia em sua cabeça. Ela olhou para cima e viu que estava indo em direção a um enorme crucifixo, construído no topo. Na cruz, Jesus estava sendo crucificado, olhando para ela.

Caitlin correu em direção a ele, querendo, mais do que qualquer coisa, ajudá-lo, tirá-lo da cruz.

Mas não importava o quão rápido ela corresse, ela sempre escorregava nas rochas e voltava para baixo do morro.

Ela sentiu um forte vento, e olhou por cima de seu ombro e, de repente, viu uma enorme tempestade de areia vindo em sua direção.

Ela virou a cabeça e cobriu os olhos com o antebraço, bem na hora certa. Momentos depois, ela foi envolvida pelo tornado de areia, a areia chicoteava seu rosto e pele e braços, raspando sua pele, o barulho batia em seus ouvidos. Ela mal podia respirar.

Era como se um milhão de marimbondos estivessem picando seu corpo.

De repente, o mundo ficou em silêncio. Caitlin piscou os olhos e se viu no topo de uma solitária colina gramada. A sua frente, estava Aiden. Ele ficou ali parado, imóvel, tão calmo, olhando para o horizonte, com seu longo cajado na mão e a barba ao vento. Ele se virou e olhou diretamente para ela, seus olhos azuis brilhavam.

"Sou eu, Caitlin", ele falou. "Eu sou o seu pai." Ele deu três passos em direção a ela, agarrou-a pelos ombros e olhou bem nos olhos. "Você não percebe? Eu sou o seu pai."

Caitlin acordou com um susto.

Ela se sentou ali, respirando com dificuldade e olhou para o quarto, na escuridão da madrugada.

Caleb estava deitado na cama ao lado dela, ainda dormindo. Enquanto recuperava o fôlego, ela se virou e olhou a sua volta, perguntando se ela estava realmente acordada.

Caitlin olhou toda a sala e através, pela janela, ela podia ver a primeira luz do céu aparecendo.

Ela ficou ali sentada, respirando com dificuldade, tentando organizar seus pensamentos. Tudo havia parecido tão real, tão vívido. Era uma mensagem? Aiden era realmente seu pai? Se fosse, ele a enganou todo esse tempo? Ele estava esperando a hora certa para revelar que era seu pai? Será que ele iria revelar hoje, nesta manhã, durante seu último treino?

De muitas maneiras, parecia certo para Caitlin que Aiden era o pai dela. E, mesmo assim, de alguma forma, ela não tinha certeza. Uma parte dela ainda sentia que ele era mais como um mentor.

Ela não sabia o que pensar.

Caitlin mal podia conter sua excitação para o dia seguinte. Poderia ser o dia mais importante de sua vida, ela percebeu.

Ela se levantou e se vestiu rapidamente. Este seria seu grande dia. O dia em que ela iria concluir seu treinamento. O dia em que ela iria encontrar seu pai. O dia em que ela iria completar sua missão.

Ela estava emocionada e nervosa ao mesmo tempo.

Inteiramente vestida, Caitlin andou de fininho através do quarto, não querendo acordar Caleb; mas assim que ela alcançou a porta e girou a maçaneta, ele se sentou.

"Caitlin?", Ele perguntou baixinho na escuridão.

Ela parou e se virou.

"Eu tenho que sair agora", disse ela, não querendo se atrasar.

"Eu sei", disse Caleb. "Eu só quero te dizer que eu amo você."

Caleb mandou-lhe um beijo e ela devolveu outro e, depois, correu para fora da porta, fechando-a atrás de si. Ela queria ficar e conversar com Caleb – sobre tudo. Mas não havia tempo para isso agora. Ela ficou triste que os dois não haviam tido mais tempo para apenas sentar e conversar, desde que haviam chegado ali. Mas tudo havia sido tão rápido, acelerado, tantas buscas. Ela prometeu a si mesma que, quando voltasse, ela dedicaria mais tempo ao relacionamento dos dois. E esperava que, assim que a missão terminasse, ela e Caleb teriam todo o tempo do mundo para ficarem juntos.

Caitlin disparou para fora da vila e se viu correndo, depois acelerando, em direção ao topo do Monte das Oliveiras. O dia estava nascendo, ela tinha que encontrar Aiden no topo da montanha, e não podia se atrasar. Chegou a pensar em voar, mas achou melhor aquecer seus músculos antes, indo a pé. Ela correu por antigas lápides, passou por fileiras de árvores, cujos ramos de prata brilhavam à luz do amanhecer. Parecia que toda a montanha estava viva, cintilante. Era surreal, como se estivesse subindo até o pico do céu.

Assim que Caitlin chegou ao topo, ela viu duas coisas que lhe tiraram o fôlego: um era o amanhecer, surgindo ao longo do horizonte, enchendo todo o universo, iluminando os vales abaixo, os picos das montanhas ao longe e até mesmo a extensa cidade de Jerusalém. Foi mágico.

A outra era Aiden. Ele estava ali, esperando por ela em um pequeno platô, de costas para ela, vestindo sua longa túnica branca e segurando um bastão longo, dourado. Ele ficou ali, olhando para o horizonte. Ele não se virou, mas ela tinha certeza que havia sentido sua presença.

Ela ficou ali, esperando, por alguns minutos, ouvindo apenas o som do vento na luz do amanhecer. Ela sabia que era melhor esperar até que ele estivesse pronto.

"Você está pronta para completar o seu treinamento?", ele finalmente perguntou, ainda olhando para o horizonte, de costas para ela.

Caitlin engoliu em seco, nervosa, sem saber como responder.

"Sim", ela disse, por fim.

"Tem certeza?", veio uma voz atrás dela.

Caitlin se virou e ficou chocada ao ver, em pé, a poucos metros atrás dela, estava Aiden, olhando para ela com seus intensos olhos azuis, iluminados pelo sol da manhã.

Como ele havia feito isso?

"Neste lugar e tempo", começou ele, "existem energias espirituais mais fortes disponíveis para nós. Estamos em um mundo menos material agora e mais espiritual. Em gerações futuras, as lutas ocorrerão principalmente no mundo externo, com pessoas físicas e armas e objetos. Mas agora, aqui, as maiores batalhas são invisíveis e desconhecidas para nós. Elas acontecem na dimensão espiritual. Os anjos bons contra os maus. As forças da luz contra as forças das trevas. Eles estão lutando ao nosso redor: nós simplesmente não podemos vê-los. Isto é o que lhe resta para aprender".

Ele respirou fundo.

"Feche os olhos", disse ele, ao mesmo tempo em que levantou sua mão.

Caitlin fechou os olhos e, momentos depois, sentiu as pontas dos dedos dele em suas pálpebras.

"O que você vê?", Perguntou.

Ela tentou limpar sua mente, para ver algo. Mas nada veio a ela. Ela deveria ver algo especial? Sentia-se envergonhada.

"Eu sinto muito", disse ela finalmente. "Eu não vejo nada."

"Seu problema", começou ele, "é que você ainda está presa ao mundo físico. Você ainda vê batalha entre pessoa e pessoa, objeto e objeto. Você está perdendo o desconhecido. O invisível."

Ele respirou fundo.

"De onde é que as pessoas vêm? De onde é que a nossa espécie vem? Como é que tudo começou? Há um nível mais profundo. É isto o que está faltando. Você não está neste nível ainda."

Depois de vários momentos de silêncio, Caitlin finalmente abriu os olhos. Ela não viu nada. E Aiden havia ido embora.

Caitlin girava em todas as direções, à procura de qualquer sinal dele. Mas não havia nenhum vestígio. Por um momento, ela não podia deixar de perguntar se ela tinha imaginado tudo aquilo, se ele nunca tinha estado lá.

"Você ainda não pode me ver, não é?", veio a voz.

Caitlin girou em outra direção, mas ela ainda não podia vê-lo.

"Encontre-me", veio a voz novamente.

Caitlin rompeu em uma corrida no meio das árvores, olhando por todos os lados do planalto, olhando para cada encosta da montanha. Ela até olhou para cima. Mas, mesmo assim, ela não viu nenhum sinal dele.

"Esse é o seu problema", disse a voz.

Caitlin girou, mas a voz não estava atrás dela.

"Você ainda está procurando com os olhos."

Caitlin girou novamente, mas a voz também não estava lá.

"Você deve fechar os olhos", disse a voz. "E olhar para dentro."

Finalmente, Caitlin fechou os olhos. Ela tentou, mais uma vez, se concentrar.

"Não se concentrar com a sua mente", disse a voz. "Concentre-se com o seu espírito. Sua alma. Sua natureza."

Caitlin fechou os olhos com força, tentando entender.

"Você está se esforçando demais", disse a voz. "Se você tentar, não vai encontrar. Deixe de tentar. Deixe de lado tudo. Apenas deixe o universo agir."

Caitlin ficou lá, de olhos fechados, por vários minutos. Ela foi finalmente começando a entender. Ela desacelerou, se acalmou, se forçou respirar profundamente. Deixou de se esforçar tanto. Ela deixou o universo ser exatamente o que era. Decidiu que, seja lá o que fosse que ela estava procurando, ela não poderia encontrá-lo: ele teria que encontrá-la.

Lentamente, Caitlin começou a ver alguma coisa. No início, era apenas um vislumbre. Ela sentiu todo seu corpo relaxar e, assim, a imagem foi se tornando cada vez mais clara.

Logo, ficou mais viva, como se ela tivesse aberto os olhos. Tudo em volta dela era o Monte das Oliveiras. Mas, agora, no ar, ela viu legiões de anjos e demônios, lutando uns com os outros. Era incrível, como se a dimensão espiritual tivesse sido revelada. Como se uma janela tivesse sido aberta para o universo.

"Sim... muito bom", veio a voz de Aiden, no fundo de sua mente. "Agora você está vendo. Este é o mundo real. Este é o mundo que está acontecendo ao nosso redor, o tempo todo, mas que nunca vemos. O nosso mundo físico é apenas uma manifestação de outro mundo. Nós somos fantoches, todos nós, no mundo físico."

Caitlin tentou se concentrar ainda mais profundamente. Pairando sobre ela, ela viu vários anjos da guarda. Um deles tinha o rosto de Polly. Outro tinha o rosto de Aiden.

"Sim... muito bom", veio a voz de Aiden. "Agora me diga: onde estou?"

"Você está aqui", respondeu Caitlin. "Você está em toda parte, e em nenhum lugar ao mesmo tempo. Se eu olhar para você no mundo físico, eu não vou encontra-lo. E, se eu não procura-lo, então eu irei vê-lo."

"Sim... excelente", disse a voz. "Agora, abra os olhos."

Lentamente, Caitlin abriu os olhos. Ela viu Aiden de pé diante dela, a poucos metros de distância, segurando seu cajado.

Na outra mão, ele segurava outro cajado, um de bronze. Ele o jogou para ela.

Caitlin o pegou bem na hora.

De repente, ele foi ataca-la, mirando seu cajado na cabeça dela.

Sua disputa final havia começado.

Caitlin bloqueou o golpe, bem a tempo. O choque fez um barulho metálico sob o céu, o ouro contra o bronze.

Aiden girou seu cajado de novo e de novo, em todas as direções. Todas as vezes, ela bloqueou.

Ela estava começando a sentir um novo poder, um novo sentido tomar conta dela. No passado, ela via as batalhas como uma luta. Agora, ela estava se concentrando em tornar-se uma só, com tudo a sua volta.

Aiden girava cada vez mais rápido, mas ela conseguia evitá-lo, saltando, esquivando-se, desviando.

Ele a empurrou para trás até que ela ficar na borda do planalto, mais um passo para trás e ela cairia da montanha. No último segundo, quando ela estava prestes a dar um último passo final

para trás, de repente ela se virou no ar, acima da cabeça e pousou do outro lado.

Quando saltou, ela derrubou seu cajado e, para sua surpresa, ela conseguiu atingir Aiden com força, nos ombros. Ele estendeu a mão para bloqueá-la, mas foi uma fração de segundo mais lento do que ela. Caitlin ficou espantada: isso nunca havia acontecido antes, em nenhum dos anos, séculos, ou lugares em que eles se encontraram. Ela nunca tinha visto ninguém acertar um golpe em Aiden.

Seu golpe foi pesado, e Aiden caiu de joelhos. E, com isso, deixou seu cajado cair montanha abaixo. Ele desceu, batendo nas tochas, ricocheteando de um lugar para o outro, tilintando. E, ao atingir o fundo, um barulho metálico alto e surreal fez o vale inteiro tremer.

Aiden lentamente se virou e olhou para Caitlin. Ela nunca o tinha visto tão espantado.

Ela mesma estava estupefata, sem entender o que ela havia acabado de fazer. E então, ela se sentiu com remorso. Ela tinha batido em seu professor.

"Eu sinto muito", disse ela, estendendo a mão para ajudá-lo.

Ele balançou a cabeça e, lentamente, ficou em pé. Em seguida, seus olhos se encheram de lágrimas. Caitlin podia ver que estas não eram lágrimas de dor: eram lágrimas de orgulho.

"O dia chegou", disse ele. "Agora, finalmente, você entende. Agora, não há mais nada que eu possa ensiná-la".

Aiden deu dois passos para se aproximar, estendeu as palmas das mãos e, gentilmente, as pousou na testa dela. Ele fechou os olhos e, imediatamente, ela podia sentir a energia incrível correndo através deles, indo para dentro dela. Ela sentiu uma transmissão de energia, uma nova energia, algo que nunca havia sentido antes. Ela não sabia o que estava acontecendo com ela.

"Caitlin, do clã Pollepel", ele anunciou lentamente. "Tenho a honra de dotá-la com todo o poder que você nunca conheceu."

Caitlin fechou os olhos, sentindo a energia fluindo através dela como um maremoto. E, quando o fez, foi subitamente tomada por uma série de visões.

Ela teve uma visão de guerra. Ela viu os céus escurecerem, viu um exército de vampiros do mal enchendo o ar, correndo em direção ao Monte das Oliveiras. Ela viu Rexius em sua cabeça e, para sua descrença, Sam, seu irmão, estava ao seu lado. Ela mal podia acreditar.

Ela os viu infligir onda após onda de terror e destruição. Viu Caleb combatê-los, e Aiden também.

Mas eles estavam perdendo. E então, para seu horror, ela viu Caleb ser apunhalado no coração.

Morrendo.

Caitlin abriu os olhos com um grito.

Ela olhou para Aiden, que a encarava de volta, sombriamente.

"O que você vê?", ele perguntou, sua voz era séria.

"Eu vejo uma guerra que esta por vir", ela respondeu. "Aqui. Nesta montanha. Eu vejo o meu irmão. Atacando. Vejo... morte. A morte de Caleb. "

Aiden acenou de volta gravemente.

"Você vê muita coisa", disse ele.

"É verdade?", Perguntou ela, com medo de saber a resposta.

Aiden se virou e olhou para o além, sem palavras.

"Eu não vou permitir que isso aconteça!" Caitlin insistiu. "Eu vou ficar aqui. Vou defender a montanha, com todos vocês!"

"Não é aqui que você é necessária. Você e Caleb e eu, cada um tem seu próprio destino. Você é necessária para encontrar o seu pai. O Escudo. Essa é a única coisa que pode nos salvar agora. Você é a nossa última esperança. Se você ficar aqui e lutar conosco, vamos todos, certamente, morrer. Isso é certo. Se você for, então, há uma chance, uma pequena chance, que podemos sobreviver".

Caitlin se sentia despedaçada por dentro, agitada com tantas emoções conflitantes. Ela não sabia o que dizer. Sentia-se mais impotente do que nunca, como um fantoche nas mãos do destino. Por um lado, ela sabia que tinha o poder de fazer escolhas, de determinar o seu destino; por outro lado, viu claramente que certas coisas estavam fadadas. Mas o quanto era real, ela se perguntou? O quanto tudo estava predestinado? O quanto da vida era destino? Pode-se alterar o destino? Ou ela estava sozinha nessa e todos eram impotentes, apenas esperando o destino de desenrolar?, Esses pensamentos a partiam por dentro.

"Você receberá duas novas habilidades poderosas hoje", continuou Aiden. "Suas habilidades finais. A primeira é a habilidade de alterar as propriedades: agora, você pode transformar prata em um metal comum. O que significa que você nunca poderá ser detida por prata. Nenhum outro vampiro tem essa habilidade. Só você."

Caitlin sentiu uma nova energia de formigamento nos braços e se sentiu mais invencível do que nunca.

"E a sua habilidade final é a mais poderosa de todos." Aiden fez uma pausa. "É a capacidade de escolher o seu lugar e tempo futuro."

Caitlin o encarou de volta, pensativa.

"O que você quer dizer?" Ela perguntou, perplexa.

"Até agora, você só era capaz de viajar de volta no tempo. Vampiros nunca podem viajar para frente. Mas hoje, com a conclusão de seu treinamento, uma exceção será feita, apenas uma vez. Se você sobreviver, se você encontrar o seu pai, então, você terá uma chance de escolher. Um tempo e lugar. Em toda a história. Você será capaz de escolher o seu destino."

Caitlin franziu as sobrancelhas, tentando processar tudo.

"Você quer dizer que eu posso viajar para frente, para o futuro?", ela questionou.

Ele balançou a cabeça.

"Não sem o Escudo."

"Mas, e com o Escudo?"

Ele olhou para ela, evasivo.

"Quando você tiver o Escudo, você vai entender."

Caitlin tentou compreender, mas tudo parecia muito enigmático para ela. Ela queria perguntar mais, mas sentiu que ele já havia dito tudo o que tinha para dizer.

"Mas eu ainda não sei para onde ir", ela implorou, "onde encontrar o meu pai."

"Você não sabe por que você não está enxergando", ele falou. "Agora me diga: o que mais você vê?"

Caitlin fechou os olhos novamente. Desta vez, ela foi inundada com uma visão de um magnífico templo, que se estendia centenas de metros em todas as direções, no centro de Jerusalém. Ela viu uma praça no meio de outra praça, e uma câmara em seu pátio central.

Ela percebeu que este era o lugar mais sagrado na terra e seu destino final. Ela se viu entrar, carregando um cajado de marfim.

"Eu vejo um vasto templo sagrado", disse ela, com os olhos fechados, lutando para enxergar os detalhes. "Vejo-me entrando nele. E carregando um cajado. Um de marfim. E eu ouço uma voz. Ela diz: *Um quadrado dentro de outro quadrado*".

Lentamente, Caitlin abriu seus olhos e, logo em seguida, ela viu Aiden segurando um bastão. Ela não podia acreditar: era o mesmo de sua visão. Era uma arma que Caitlin reconhecia, mas não via em anos: o cajado de marfim de quatro pés, esculpido, com uma cabeça circular rodada e gravuras misteriosas sobre ele. A última vez que o tinha visto foi nos Claustros, em Nova York. O báculo que Caleb tinha usado uma vez, uma das maiores armas de seu clã. Ele brilhava como se fosse mágico, quando Aiden o estendeu para ela.

Devagar, com as mãos trêmulas, ela estendeu os braços e o agarrou. Ela podia sentir sua energia antiga correndo por ela.

"Esta arma tem estado sob custódia há milhares de anos, reservada para o momento de maior conflito", disse Aiden. "Mas também é uma pista, a relíquia final sobre a busca de seu pai."

Caitlin a examinou, admirada.

"Eu devo leva-la para o templo?", perguntou ela. "Aquele na minha visão? O de Jerusalém?" Aiden acenou de volta.

"Eu só digo o que você sabe que é a verdade. Às vezes, o nosso futuro é revelado para nós, e devemos aceita-lo. Sinto muito, mas o seu destino com Caleb deve chegar a um fim."

CAPÍTULO DEZESSEIS

Scarlet estava em sua cela, Ruth ao seu lado, ela olhou para o grupo de pessoas à sua frente.

Devia haver uma dúzia deles e ela podia sentir de imediato que eles eram diferentes, assim como ela. Vampiros. Exceto que, eles não eram exatamente como ela. Eles tinham uma energia diferente – uma energia sombria. Ela percebeu que eles tinham intenções muito cruéis.

O guarda abriu as grades de prata para sua cela e, agora, eles estavam a apenas alguns metros de distância, olhando para ela. O guarda deu um passo adiante e soltou suas algemas de prata, e ela esfregou os pulsos, feliz por estar livre. Ela estava pensando em tentar sair correndo, passar por eles, se arremessar entre suas pernas e chegar até a escada de pedra. Mas ela sabia que não iria conseguir.

Ruth também não. Então, ela olhou para eles com cautela, esperando para ver quem era, e por que estavam ali.

Quando ela olhou para eles, de repente, pensou ter reconhecido um deles. Ela olhou para ele de novo: poderia ser ele?

Scarlet não podia acreditar. Parecia com ele, apesar de seu semblante, sua expressão, ele parecia diferente. Como se estivesse sob algum tipo de feitiço. Seus olhos – pareciam mais velhos, fracos, sem vida. Mas, por outro lado, tinha certeza de que era ele.

Sam. Seu tio. O marido de Polly. O homem que ela conheceu na Escócia e tinha aprendido a amá-lo. O homem que já tinha cuidado

dela e a protegido. O que ele estava fazendo com essas pessoas medonhas?

Ao vê-lo, Scarlet pôde até ver um pouco de sua mãe nele. Ele fez seu coração disparar, queria sua mãe mais do que nunca. Ao vê-lo, ela sabia que ela deveria sentir alívio que alguém de sua família estava ali, que ela tinha disso encontrada. Racionalmente, ela sabia que deveria.

Mas, emocionalmente, quando ela olhou para Sam, ela não sentiu alívio nenhum. Muito pelo contrário, teve medo. Ela não conseguia entender o motivo, mas a maneira com que ele olhou para ela, era como se ele não a reconhecesse, como se ele nem sequer se importasse com ela. Como se ele não tivesse vindo aqui para ajudá-la, mas sim para ajudar este grupo de pessoas do mal. Ela não conseguia entender.

"Sam?", ela perguntou, olhando em seus olhos.

O resto do grupo se virou e olhou para ele. Por um momento, apenas uma fração de segundo, ela pensou ter visto seu rosto corar com algo como surpresa. Ou, talvez, reconhecimento.

"Sam, você não me reconhece?" Scarlet persistiu. "Sou eu. Scarlet. A filha de sua irmã."

Sam a encarou de volta por alguns segundos, sem piscar. Ele olhou como se ele estivesse tentando descobrir quem ela era, se lembrar.

Mas, finalmente, seus olhos não demonstraram reconhecimento. Pelo contrário, eles continuaram a olhar friamente para baixo.

"Eu não conheço você", rosnou sua voz gutural.

Scarlet estremeceu ao som daquela voz. Era uma voz que ela não reconhecia. Não era a voz de um ser humano, mas de uma criatura – uma criatura sem alma, fria, do inferno. O tom de sua voz, ainda

mais do que suas palavras, lhe disse tudo: este não era o Sam que ela conheceu.

O coração dela partiu. Ela sabia que, naquele momento, não foi sua mãe que o tinha enviado. Que ele não estava ali para ajudar. E que ela ainda estava sozinha no mundo.

Ao lado de Sam, estava uma mulher de seios fartos e cabelo vermelho longo, vestida com uma roupa de couro preta apertada, de cara mal humorada. Scarlet podia ver a maldade em seus olhos e ela também conseguia ver a influência que ela tinha sobre Sam, como se ela tivesse jogado um feitiço nele. Ela se perguntava quem era ela.

Do outro lado do Sam, estava um homem mal-encarado que parecia ter milhares de anos de idade. Do jeito que ele estava de pé, no centro do grupo, ela sentia que ele era o líder. Seus olhos azuis olharam para ela como se estivesse vendo através dela, e ela sentiu um calafrio correr pela sua espinha. Ela sentiu que ele tinha ido ali só para ela.

Ruth começou a rosnar.

Scarlet se perguntou por que eles tinham vindo. Claramente, não era para libertá-la. E, no entanto, ela sentiu que eles não estavam dispostos a machucá-la também. Ainda não, pelo menos. Ela percebeu que eles queriam alguma coisa dela.

O homem velho e feio sorriu para ela, seu rosto se contorceu em um milhão de rugas. Foi o sorriso mais feio que ela já havia visto. Ela podia sentir o mal emanando dele; mais do que nunca, ela ansiava por sua mãe, por qualquer rosto familiar.

"Você é uma menina precoce", disse o velho. "Assim como sua mãe. Você sabe que eu tentei matá-la uma vez? Séculos atrás? Ou devo dizer, séculos que ainda estão por vir. Em Nova York. Eu a

encharquei em um banho de ácido. Mas não funcionou. Porque, na época, ela era uma mestiça. "

O homem deu um passo adiante e apertou os olhos para Scarlet.

"Mas você não é só metade da raça, não é? Não. Você é a real. A união de dois vampiros. Uma coisa muito rara e especial. Vampiros não podem procriar, você sabe. Você é a exceção. A pergunta que não quer calar. A única exceção no universo."

Ele fez uma pausa, examinando-a.

"Mas por que você é tão especial?"

Ele pausou de novo e, assim que o fez, Scarlet começou a se perguntar. Será que tudo o que ele estava dizendo é verdade? Será que ele realmente tentou matar sua mãe? Será que ele tentaria matá-la? Por quê?

"Sim, eu iria matar sua mãe agora, se eu pudesse," disse o velho, lendo sua mente, com um sorriso. "Mas o problema é que eu não sei onde ela está. Ainda não, de qualquer maneira. Você vai nos levar a ela. E então, eu posso matá-la junto com ela, de uma só vez."

Seu sorriso se alargou, Scarlet sentiu seu coração parar com a crueldade de suas palavras. Ele era o homem mais malvado que já conhecera. E ela podia dizer pelo seu tom de voz que ele realmente disse tudo aquilo de verdade.

"Eu nunca vou te dizer onde minha mãe está," Scarlet respondeu desafiadoramente.

O velho riu.

"Isso é porque você não conhece a si mesmo", respondeu ele. "Mas você vai nos levar a ela, no entanto. Você vê, existe uma arma muito importante no mundo dos vampiros. É o chamado Escudo dos

Vampiros. E só há uma pessoa no mundo que sabe onde ela está. E isso, minha querida, é você."

Scarlet estreitou os olhos para ele, furiosa.

"Eu não sei nada sobre nenhum Escudo", ela respondeu com sinceridade.

"Eu sei que você não sabe. Não é algo que lhe explicaram. É algo que lhe foi confiado."

Ele deu um passo mais perto.

"Você vê, o esconderijo só pode ser revelado por sua linhagem. E eles não arriscariam confiar tudo a sua mãe. Então, eles separaram as pistas. Metade com ela e metade com você."

De repente, seus olhos focaram o pulso de Scarlet.

"Eles não falaram nada para você, é claro. Por que o fariam? Eles não podiam confiar em você. Não. Eles implantaram em você. É sua pulseira. A pista final".

Scarlet olhou para o seu pulso, para o bracelete que aquele homem havia colocado em seu pulso na Escócia, ela tinha quase esquecido. Naquele momento, quando ela olhou para ele, ela sabia que tudo o que este homem havia dito era verdade. Ela poderia, de repente, sentir a energia que irradiava da pulseira, seu poder era intenso, praticamente queimava seu pulso. Ela podia sentir que ele estava certo, que aquilo era algum tipo de pista. E estava decepcionada com ela mesma por não ter pensado nisso antes, nunca tinha olhado para seu pulso dessa forma. Mas agora, de repente, ela sabia que era a chave para encontrar o Escudo. E, mais importante ainda, a chave para encontrar sua mãe.

E, em seguida, ao mesmo tempo, ela percebeu que aquela pista não poderia cair nas mãos deste homem.

Scarlet, de repente, se abaixou, pegou sua pulseira e a tirou do pulso, depois, a levou até sua boca, preparando-se para engoli-la, para mantê-la longe deles. Mas, para sua surpresa, os reflexos do velho foram mais rápidos do que a dela. Com a velocidade da luz, enquanto seu pulso ainda estava se movendo em direção a sua boca, ele estendeu a mão e o agarrou no ar. Seu aperto era tão frio que parecia que um bloco de gelo tinha envolvido garras ao redor de sua pele. Ele a segurou com tanta força, que parecia um rapaz de 18 anos de idade. Scarlet era forte como um vampiro, mais forte do que ela poderia imaginar-então, ainda assim, ela não era páreo para este homem.

Quando ele apertou o pulso dela com mais força, ela se viu gritando de dor e, então, involuntariamente, abriu sua mão. A pulseira caiu, e o homem a pegou no ar com a palma de sua mão aberta.

Ruth, de repente, pulou para frente e tentou morder o homem através de sua focinheira. Mas ele se virou e chutou Ruth com tal força que ela saiu voando pela sala e chocou-se contra a parede de pedra, ganindo.

Scarlet havia visto o suficiente. Ela estendeu a mão e se lançou para cima o velho e, de alguma forma, ela se moveu rápido o suficiente para colocar as mãos em torno de sua garganta. Ela apertou e apertou aquela pele enrugada, se contentando em ver os olhos arregalados de surpresa dele. Ela estava realmente sufocando-o. Ele era forte, mais forte do que qualquer homem que ela já tinha encontrado – mas, ela foi percebendo, ela também era.

Um momento depois, ela sentiu corpos caindo em cima dela, pontapés e cotoveladas e agressões em todas as direções. Eles a atingiram por cima, fazendo a cair no chão.

Então, ela sentiu as algemas de prata, mais uma vez prenderem seus pulsos atrás das costas, enquanto ela estava de cara para o chão de pedra. Eles a agarraram e a colocaram em pé. Scarlet

estava ali, com o rosto coberto de terra, olhando mal humorada para o velho, que agora fazia uma careta para ela. Ela podia ver que ela o tinha abalado.

"Você é uma criança insolente", ele retrucou.

Ele levantou a pulseira diante dela, balançando-a a luz das tochas, zombando dela.

"Você acaba de me dar a chave do reino, a chave para tudo que eu preciso na vida. Agora vou encontrar o Escudo e vou levá-lo comigo. Farei você ver como eu posso invocar o maior mal que o universo já presenciou. E então", ele abriu um largo sorriso:" Eu vou matar você e sua mãe com grande prazer."

* * *

Scarlet foi cutucada por trás e, depois de um empurrão forte, ela tropeçou vários metros. Ruth rosou, protegendo-a, ela se virou e tentou morder um guarda; mas ela ainda estava amordaçada, e havia pouco que pudesse fazer.

Scarlet sentiu sua raiva aumentando quando ela foi conduzida pelo grupo de vampiros de volta para as vielas de Jerusalém. Em todos os lugares que iam, multidões abriam espaço, lutando para ficar o mais longe possível deles. Eles devem ter sentido a energia negra daquele grupo, marchando em uma missão.

Scarlet queria desesperadamente se libertar, lutar, tentar fugir – mas ela não podia. Ela lutou contra as algemas de prata que prendiam seus pulsos, e percebeu que estava indefesa. Ela estava à sua mercê deles.

Sam, sua namorada e o líder iam à frente, andando e virando pelas vielas, marchando sobre as antigas ruas de pedra, indo em direção a um lugar que Scarlet nem fazia ideia. Eles levavam Scarlet junto e, apesar de ela estar grata por estar livre daquela prisão escura, ela

quase não se sentia à vontade com esta multidão. Ela sabia que, quando eles descobrissem o que quer que fosse que eles precisavam, eles iriam matá-la. Ou pior, usá-la para atrair sua mãe e depois matar as duas.

Scarlet sentiu outra pontada de medo, mas havia pouco que pudesse fazer. Pela milionésima vez, lamentou ter deixado que pegassem sua pulseira. Ela deveria ter pensado nisso antes, deveria ter descoberto que a pulseira levava a algo importante, talvez até mesmo para sua mãe. Se ela soubesse disso, ela não teria usado daquele jeito. Ela teria tirado de seu pulso e deixando-a no bolso.

Mas ninguém havia lhe tinha dito nada. Antes de ela ser enviada de volta no tempo, quando estava naquele castelo na Escócia, onde o velho a tinha colocado em seu pulso, logo depois de ter lhe dado algo para beber. Mas ele não disse nada, explicou nada. Ela realmente não tinha pensado nisso, e não tinha ideia do quão especial ela era.

Agora, ela se sentia péssima. Ela se sentia responsável, como se fosse tudo culpa dela, como se ela fosse a única responsável por liderar este grupo para o que quer que fosse que eles queriam encontrar. Esse Escudo estúpido do qual eles continuaram falando. Enquanto eles se apressavam pelas ruas de Jerusalém, marchando como um pequeno exército, ela podia ver a determinação em seus rostos. Ela tinha um sentimento péssimo de que eles estavam indo para um lugar de grande crueldade. E que ela, sem querer, estava liderando o caminho.

Eles finalmente saíram das vielas e marcharam através de uma grande praça de pedras. O grupo de vampiros abria caminho à força entre a multidão de humanos e seus corpos saíam voando em todas as direções. Ninguém se atreveu a tentar empurrá-los de volta. Era como um enxame de vespas que cortavam a cidade.

Eles atravessaram a praça e passaram sob um arco de pedra antigo. Eles continuaram a descer por outro corredor, desceram vários lances de degraus de pedra, as ruelas iam se estreitando. Enquanto eles passavam, até os ratos corriam para sair do seu caminho, as senhoras de idade, no alto, batiam as janelas e fechavam as persianas, com medo.

O corredor parecia terminar em uma parede de pedra. Quando Scarlet olhou mais de perto, conseguiu ver que, na verdade, havia uma porta ali, escondida na pedra. Acima da porta, em letras antigas, estava gravado: "Aqueduto de Ezequias."

O velho acenou com a cabeça e Sam se adiantou e chutou a porta. A pedra rachou, revelando uma passagem em arco, que levava ainda mais para baixo, para baixo outro lance de degraus, para dentro da escuridão.

Scarlet se sentiu cutucada por trás e quase tropeçou ao descer as escadas enquanto o grupo seguia pela estreita escada. À medida que desciam, ficava cada vez mais escuro, um deles acendeu uma tocha e a segurou no alto, mal iluminando o caminho. Raios da luz do sol entravam pelas janelas pequenas no topo, e Scarlet ouviu o som distante de água corrente. Pareciam pequenos riachos subterrâneos, que ecoavam na escuridão. Parecia que eles estavam entrando em um túnel subterrâneo ou algo do tipo.

Finalmente, os degraus acabaram e Scarlet foi levada para baixo, através de uma passagem alta e estreita, com largura o suficiente para caber duas pessoas lado a lado. Ela se sentia claustrofóbica enquanto o grupo caminhava pelos túneis, em direção ao fundo. Enquanto marchavam, havia ocasionais pequenas aberturas na parede e Scarlet podia ver correntes de água correndo através delas.

Ela se perguntou para onde aquele caminho os levava. Este foi o lugar mais apavorante que ela já tinha estado. Ela se perguntou se eles estavam descendo apenas para matá-la e deixá-la ali.

Eles continuaram descendo por outra passagem e, finalmente, pararam.

Scarlet olhou para cima e ficou espantada ao ver, diante dela, uma porta brilhante de ouro.

Os vampiros se separaram, e ela observou o velho vampiro dar passo em frente e subir os quatro degraus até a porta. Ele parou diante dela e sorriu ao estender a mão, levantou a pulseira de Scarlet, pegou a pequena chave de ouro pendurada nela e a inseriu na fechadura.

Ela foi inserida com um reverberante clique. Um encaixe perfeito.

O velho virou a chave e, em seguida, o chão debaixo Scarlet tremeu. Ele deu um passo para trás e a porta de ouro abriu por conta própria.

A visão tirou o fôlego de Scarlet. Raios de luzes, dourados, brilhantes irradiavam para fora da câmara, enchendo os túneis. Era tão ofuscante que os vampiros tinham de virar e olhar para longe. Só o velho continuou observando tudo com seus grandes olhos azuis pálidos, estava hipnotizado, e deu um passo a frente. Ele estendeu as mãos e agarrou aquele objeto.

Ele se virou e o ergueu, acima de sua cabeça, enquanto encarava os outros.

Com isso, todos se inclinaram para baixo, no chão.

Era um Escudo. Um grande Escudo, dourado e brilhante, uma luz irradiava dele. Ele pulsava e vibrava e mudava de cores, como se estivesse voltando à vida.

O velho o segurou triunfante sobre sua cabeça e, ao fazê-lo, todas as linhas de idade em seu rosto começaram a desaparecer. Scarlet não podia acreditar. Enquanto ela o observava, ele se tornava cada

vez mais novo, bem antes de seus olhos. Em poucos momentos, ele parecia um rapaz de uns 18 anos de idade.

Ele jogou a cabeça para trás e, com um grunhido vitorioso, ele gritou:

"Meus companheiros vampiros! Depois de três mil milênios, eu apresento a vocês o Escudo dos Vampiros!"

CAPÍTULO DEZESSETE

Caitlin ficou ao lado de Caleb, na base do Monte das Oliveiras, seu coração completamente partido por dentro. Ela tinha acabado de completar seu treinamento e sabia que era hora de dizer adeus a Caleb.

Eles tinham que se separar; não havia nenhuma maneira de contornar isso. Aiden tinha deixado claro que ela era necessária lá fora, para procurar seu pai e que Caleb era necessário ali, para ficar e defender o clã, com Aiden. Não havia nada que Caitlin quisesse menos do que eles tomarem caminhos diferentes. Ela queria que ele fosse junto com ela, especialmente agora, na etapa final de sua busca por seu pai, por sua filha. Ela odiava seu destino. Por que não podiam ficar juntos, viverem suas vidas juntos em paz? Por que eles estavam sempre destinados a se distanciarem?

Enquanto lá parada, olhando nos olhos de Caleb, ela podia ver que não havia nada que ele desejasse menos, também. Mas ambos eram guerreiros obedientes. Ambos eram leais a uma causa e ambos sabiam onde eles eram necessários. Eles não iriam decepcioná-los. E

ambos sabiam que, se Caleb saísse agora, com Caitlin, deixaria seu clã indefeso. Especialmente depois do massacre na Escócia, nenhum deles gostava da ideia de deixar o povo de Aiden vulnerável novamente.

Mas, ainda assim, o coração de Caitlin se partia com a ideia de se separar dele. Especialmente naquele momento, na reta final, com tanta coisa em jogo. E, especialmente, por causa das palavras de Aiden, sua terrível profecia. Ela odiava Aiden por ter dito aquilo, que ela e Caleb tinham diferentes destinos, ela queria que suas palavras a desaparecessem de sua mente. Mas, no fundo, ela sentia que elas eram verdadeiras.

Ela se recusava a pensar sobre isso. Caitlin disse a si mesma que ela se apressaria, encontraria seu pai, encontraria Scarlet, encontraria o Escudo e correria de volta para ajudar Caleb e todos eles, bem a tempo.

Mas ela tinha um sentimento de vazio. Quando ela olhou para cima e viu os grandes olhos de Caleb, marrons , brilhando com luz da manhã, ela teve uma horrível sensação que ela nunca mais o veria. E ela podia sentir que ele também pensou isso. Isto aumentou a sua sensação de medo.

Caitlin ficou ali, tentando encontrar as palavras certas, mas sem sucesso. Depois de vários momentos, sem querer, de repente, ela começou a chorar, e abraçou-o.

Caleb a abraçou com força e ela sentiu seus músculos contraindo em sua costas. Ela o abraçou por muito tempo, chorando, não querendo deixá-lo ir. Não querendo dizer o que poderia ser o último adeus.

Finalmente, ele se afastou. Seus olhos estavam levemente marejados, mas ele apertava sua mandíbula para não chorar, e ela podia ver que ele estava tentando ser forte para os dois.

"Tudo vai ficar bem", disse ele.

Mas ela sabia que, mesmo ele falando isso, ele não acreditava realmente.

"Você é necessários lá fora", disse ele. "E eu sou necessário aqui. Encontre o seu pai. Encontre nossa filha. E a traga de volta. "

Ele estendeu a mão e afastou o cabelo do rosto dela.

"Não se preocupe", ele falou. "Eu vou ficar bem aqui. Lutámos tantas batalhas juntos, ao longo dos séculos. Eu sempre fui muito bem, não é? "

Ela olhou para trás e acenou com a cabeça. Isso era verdade, ele sempre tinha sido bom. Mas ela sentiu que desta vez algo estava diferente. Ela sentiu algo, ela não sabia o que-alguma perturbação no universo, alguns tempestade horrível no horizonte.

"Não se preocupe", disse ele. "Eu vou ficar bem aqui. Lutamos tantas batalhas juntos, ao longo dos séculos. Eu sempre me dei muito bem, não é?"

Ela pensou sobre isso e acenou com a cabeça. Isso era verdade, ele sempre tinha sido bom. Mas ela sentiu que, desta vez, algo estava diferente. Ela sentiu algo, mas não sabia o que – alguma perturbação no universo, alguma tempestade horrível no horizonte.

"Eu só queria que pudéssemos ficar juntos", disse Caitlin. "Eu queria que Scarlet estivesse aqui, com a gente. Eu abriria mão de tudo só para que a gente ficasse junto. Em algum local seguro e tranquilo, longe deste mundo. Longe de tudo isso."

"Eu sei", disse ele em voz baixa.

Caitlin se sentia confusa por dentro. Por um lado, ela não queria nada mais do que ficar aqui. No entanto, ela sabia que tinha que fazer seu dever, para a segurança de todos. Odiava ter que escolher

deste jeito. Ela odiava que o universo sempre a forçou a escolher, ela nunca poderia ficar em paz.

Caleb sorriu para ela suavemente, e tirou o cabelo de seus olhos.

"Lembra-se daquele dia que passamos juntos?", ele perguntou, havia nostalgia em sua voz. "Na praia? Os cavalos?"

Caitlin sorriu, pensando nisso. É claro que ela se lembrava. Ela pensava sobre isso o tempo todo.

"Sim", ela respondeu.

"Estivemos juntos em tantos lugares, tantas vezes, por tantos séculos. Isso é o que importa. Nossas memórias juntos. As vezes que nós compartilhamos. Não importa o que aconteça, nós sempre estaremos juntos. "

Caitlin queria responder, dizer: *Sim. Você está certo. Estaremos sempre juntos.* Mas, ao invés disso, ela foi dominada pela emoção. Começou a chorar novamente e o abraçou com força. Foi a pior sensação de sua vida. No fundo, ela sabia que era a última vez que ela iria tê-lo em seus braços novamente. Ela sentia isso em cada poro do seu corpo.

Ela não sabia como lidar com isso, como dizer adeus, como deixá-lo ir. Então, sem dizer uma palavra, sem sequer olhar para o rosto dele de novo, de repente, ela se afastou.

Ela virou as costas, deu dois passos para fora do lado do penhasco e saltou para o ar. Suas asas se expandiram e ela disparou, mais e mais alto no céu.

Ela podia sentir Caleb atrás dela, olhando para ela o tempo todo.

E ela não se atreveu, nem por um segundo, olhar para trás.

CAPÍTULO DEZOITO

Scarlet ficou ali parada, sem acreditar, observando como o velho homem segurava o Escudo de vampiros bem acima da cabeça, o chão debaixo dela tremia. Ela viu quando ele se transformou, ficou mais jovem, mais forte. Raios de luz continuaram a sair do Escudo, preenchendo completamente o local, os outros vampiros continuavam a se curvar para baixo, no solo, protegendo seus olhos da luz intensa. Ela também teve que se virar, de tanta luz que encheu a sala. Ao lado dela, Ruth gemia.

Ela conseguiu espreitar um olhar e, ao fazê-lo, ficou confusa com o que via: sombras, depois formas, pareciam sair do Escudo. No início, ela pensou que talvez seus olhos estivessem pregando uma peça nela, mas, quando ela olhou de perto, percebeu que não estavam. Parecia que os espíritos estavam voando para fora do Escudo, formando-se na luz. No início, eles tomaram a forma nebulosa de sombras; mas, em seguida, eles solidificaram, se transformaram em formas. E, dentro de momentos, estas formas viraram em pessoas.

Vampiros.

Scarlet ficou ainda mais surpresa ao ver que se tratava de vampiros que ela reconhecia de outras épocas. Um deles tinha um rosto que ela jamais esqueceria: era enorme e careca, com um olho e uma grande cicatriz em seu rosto. Kyle. Ela pensou que ele estava morto de verdade e ficou apavorada ao vê-lo sair da luz.

Dentro de instantes, ele estava ali, de volta, vivo. Parecia mais feroz que nunca, mais cheio de raiva do que Scarlet já o tinha visto, como

se ele tivesse acabado de ser solto de uma gaiola.

Atrás dele, mais sombras surgiram. Havia outro vampiro que ela reconheceu, formando-se das sombras: era o homem que ela tinha visto na Escócia, o que eles tinham chamado Rynd. Aquele que tinha matado Polly.

Dezenas e dezenas vampiros malignos e de criaturas iam surgindo, cada um mais hediondo que o outro. Parecia que o Escudo era um portal, desencadeando um exército de demônios.

Logo, os túneis estreitos do aqueduto foram se enchendo de criaturas, gritando, berrando. A cena tornou-se caótica, Scarlet temia por sua vida. Ela sabia que, agora que ela havia guiado todos eles para lá, eles não teriam mais utilidade para ela, e iriam matá-la. Ela sabia que tinha que fazer algo rapidamente ou, em alguns momentos, ela estaria morta. Agora era sua chance.

Scarlet procurou pelos túneis, frenética por qualquer meio de escape. Ela percebeu que, com todo o caos, os vampiros estavam distraídos. Ela ainda estava algemada, mas, pelo menos, os guardas tinham parado de prestar atenção a ela – por enquanto.

Scarlet viu sua chance. Ela virou-se e cutucou Ruth com o pé; Ruth, ainda sentada lealmente ao seu lado, parecia entender, pegou seu sinal.

Scarlet balançou a cabeça e, ao mesmo tempo, as duas se viraram e saíram correndo, fugindo da multidão, de volta a subir os degraus, de volta até a rua estreita. Elas correram de volta lance após lance de escadas, Scarlet disparava desajeitadamente com seus pulsos acorrentados em frente a ela.

Ela olhou por cima do ombro, mas não viu ninguém vindo em sua direção. Eles estavam todos ainda olhando para o Escudo, ainda hipnotizados.

Não foi até que ela tivesse se aproximado da primeira divisão de etapas, até ela ver a porta a sua frente, que Scarlet ouviu gritos. Ela se virou e viu os vampiros apontando em sua direção, em seguida, viu todos eles, de repente, decolarem, prontos para ataca-la.

Scarlet duplicou sua velocidade, assim como Ruth e elas dispararam para fora do aqueduto. Ela estava tão grata por estar ao ar fresco, fora do subsolo e ela correia o mais rápido que ela conseguia, esperando que poder despista-los. Ela sabia que não estava muito na frente, mas, mesmo assim, ela correu, virando cada viela que lhe aparecia, rezando para que ela não encontrasse beco sem saída.

Ruth corria ao seu lado, seguindo-a de perto. Scarlet dobrou uma rua e, ao fazê-lo, seu coração parou. Um beco sem saída.

Scarlet já podia ouvir os estrondos e sabia que, não muito atrás, os vampiros a perseguiam. Ela sabia que, em alguns momentos, ela estaria morta. Ela não se importava mais com ela mesma, mas se importava loucamente com sua mãe. Ela só queria vê-la uma última vez. Avisá-la. Explicar que não era culpa dela. E pedir perdão.

Quando Scarlet viu uma figura voar baixo do céu, à direita, em direção a ela, ela sabia que o fim havia chegado. Ela se preparou, e apenas desejava que ela não tivesse que morrer dessa maneira.

CAPÍTULO DEZENOVE

Caitlin voou tão rápido quanto suas asas permitiam, acelerando, em direção a Jerusalém. Ela manteve em sua mente o pensamento de que ainda era possível encontrar seu pai, encontrar Scarlet e o

Escudo e ainda voltar a tempo de ajudar Caleb, Aiden e os outros. Ela enxugou as lágrimas e tentou se livrar dos pensamentos negativos de sua mente. Ela insistiu em deixar em sua mente que tudo ficaria bem. Ela voava ainda mais rápido, determinada a desafiar o destino, determinada a fazer tudo ficar bem.

Caitlin voava com tanta velocidade, que quase não percebeu a terra de Israel abaixo dela, as colinas, lindas sob a luz da manhã, quase não percebeu a topografia mudando de montanhas para vales e para cidade. Na verdade, não foi até ela estar voando diretamente sobre Jerusalém que ela foi tirada de seu devaneio. Ela olhou para baixo e foi pega de surpresa pelo lugar.

A cidade de Jerusalém, se espalhava embaixo dela, era a vista mais magnífica que Caitlin já tinha contemplado. Ela havia visitado cidades e países extraordinários em sua vida, ao longo de vários séculos, e havia visto algumas coisas incríveis – mas nada se comparava a Jerusalém. A arquitetura era impressionante; ainda era simples, sendo o primeiro século, com uma grande parede de pedra demarcando os limites da cidade, na qual havia várias portas em forma de arco. Dentro da cidade, ela podia ver uma rede intrincada de becos e ruas laterais, abrindo-se em pequenos largos e praças.

Mas o que dominava a cidade era o maciço Templo Sagrado de Salomão. Era exatamente como ela havia enxergado em sua visão: enorme, com paredes de pedra que se erguiam por centenas de metros no ar, se estendendo em todas as direções, enchendo a cidade. Ela podia sentir em cada fibra do seu corpo que era ali que ela estava destinada a ir. Ela sentia que, de alguma forma, seu pai estava além daquelas paredes.

Mas era apenas a arquitetura de Jerusalém que chamou tanto a atenção de Caitlin: era a sua energia. Mesmo dali de cima, voando sobrevoando a cidade em círculos, ela podia sentir uma intensa energia espiritual que irradiava dela. Ela sentia que era o lugar mais

sagrado, mais cheio de energia que ela já tinha sido. Era como um campo elétrico enorme.

Quanto mais perto ela voava, mais ela sentia essa energia. Os pelos de seus braços e de sua nuca estavam eriçados. Este lugar estava formigando positivamente com eletricidade, ela podia senti-la da ponta de seus dedos dos pés até a cabeça. Percebeu que havia forças invisíveis incrivelmente poderosas no ar dali, tanto boas quanto ruins. Era o maior campo de batalha espiritual do mundo.

Caitlin circulou a cidade de novo e de novo, tentando absorver tudo aquilo e, à medida que ela o fazia, tinha um sentimento sinistro: ela sentiu Scarlet ali, em algum lugar, e sentiu que ela estava em perigo. Ela circulou mais vezes, procurando por ela, mas não conseguiu encontrá-la. Ela tentou se livrar desta sensação, se perguntando se não era apenas sua mente pregando peças. Mas, no fundo, ela teve um pressentimento ainda maior de urgência.

Caitlin se focou no Templo, percebendo que ela tinha que chegar nele o mais rápido possível, e encontrar seu pai. Essa foi a única maneira que ela conhecia para depois Scarlet.

Quando ela mergulhou, voando cada vez mais perto, começou a sentir mais alguma coisa: uma grande perturbação. Era como se uma energia negra tivesse sido desencadeada na cidade. Ela não entendia: ao olhar para baixo, ela não conseguia ver nenhuma evidência de qualquer coisa errada.

Mas ela não gostava daquela sensação de mau agouro.

Caitlin aterrissou bem diante do imenso portão em arco que levava ao Templo. Ela descobriu que a melhor maneira de entrar, para encontrar o que ela precisava, era entrar pelo caminho correto, pelo portão principal e ver onde sua intuição a levaria.

Caitlin pousou atrás de uma parede, para não atrair atenção e, em seguida, saiu misturando-se à multidão e caminhando direto através

da imensa entrada do Templo sagrado. Ela apertou-se entre centenas de pessoas, todos correndo para entrar, ela podia dizer que aquele lugar sempre fora cheia, as pessoas se acotovelando para entrar e orar. Centenas de pessoas também estavam alinhadas ao longo de suas paredes externas, orando, enquanto outras centenas iam fluindo para fora.

Quando Caitlin atravessou o portão e entrou no terreno do templo, ela olhou para cima, admirada: espalhava-se, diante dela, uma enorme praça de pedra, que se estendia por centenas de metros.

Pessoas passavam por ali, rezando, correndo para lá e para cá. No centro, estava o templo sagrado.

Era enorme, uma estrutura perfeitamente quadrada, feito do melhor mármore, que se desenrolava por centenas de metros em todas as direções. Pessoas entravam e saíam, muitos deles levando ovelhas e bois. Ele era exatamente como o templo em sua visão, Caitlin percebeu imediatamente que era para onde ela precisava ir.

Um quadrado dentro de outro quadrado.

Tudo começava a fazer sentido. Caitlin poderia sentir o cajado de marfim em suas mãos latejando, aquecendo as palmas de sua mão. Ela sabia disso. Este era o lugar para onde ela deveria ir.

Caitlin atravessou o largo, a praça de pedra do Monte do Templo, sentindo o cajado ficar cada vez mais quente, seu corpo formigava à medida que ela se aproximava. Depois de conseguir abrir caminho entre a multidão e conseguir uma boa vista da estrutura, ela ficou boquiaberta. Querubins dourados cravados olhavam para ela na entrada do templo, que estendia seus pavilhões para o lado de fora. As colunas diante dele e todas as suas cornijas eram feitos de ouro. Dezenas de soldados romanos estavam perto da entrada, observando a multidão com cautela.

Caitlin cruzou suas portas e entrou na enorme sala principal do templo.

O interior era impressionante, lotado de pessoas e animais e barulhos e cheiros, podia-se ouvir o som de ovelhas balindo, misturado com os ruídos de pessoas chorando em oração. Era um caos organizado. Diante dela, havia um grande lavatório de cobre e, perto, havia um altar, no qual as pessoas levavam seus animais. Havia uma longa fila, que se espichava ao redor da sala.

Caitlin assistiu a pessoa que liderava a fila, dar um passo para frente com suas ovelhas. Ao chegar ao altar, o sacerdote fez uma oração e, em seguida, a ovelha era abatida com uma lâmina afiada. A ovelha entrou em colapso e seu sangue escorria em uma grande bacia sob o altar. Dois atendentes correram para frente e levaram o animal morto para o outro lado da sala, onde havia uma fogueira. Quando outro sumo sacerdote fez uma oração, o animal morto foi jogado nas chamas.

Caitlin ficou surpresa ao ver uma enorme nuvem de fumaça surgir e consumir o animal inteiro.

Era como se a mão de Deus estivesse descendo e aceitando o sacrifício.

Aquele era o lugar mais intenso que Caitlin já tinha visitado. Ela examinou o lugar, à procura de qualquer sinal de onde seu pai poderia estar. Seria ele foi um dos sumos sacerdotes?

Um quadrado dentro de outro quadrado.

Caitlin observava e, do outro lado da sala, viu uma seção fechada por cortinas de veludo, longas e brancas nas hastes douradas. Havia uma estreita fenda nas cortinas, e ela podia ver através, apenas o suficiente para ter um vislumbre do que havia ali: uma pequena estrutura, perfeitamente quadrada, talvez com vinte metros de altura e largura, feita de mármore sólido. Tinha colunas elaboradas

na sua frente, enfeitadas com ouro. Mais querubins de ouro foram montados acima da construção.

Caitlin podia sentir a energia que irradiava dali. Ela sabia que, por trás daquelas paredes, estava escondido a Arca Sagrada da Aliança, que continha as tábuas dos mandamentos de Deus. O Santo dos Santos.

Um quadrado dentro de outro quadrado.

Caitlin, de repente, sentiu o cajado de marfim queimar sua mão. Era isso. O mais santo dos lugares sagrados em Jerusalém. Poderia seu pai estar lá?

Em pé, diante daquele local, havia dezenas de rabinos, trajando vestes brancas e longas com capuzes, orando. Entre eles, estavam dezenas de soldados romanos, montando guarda caso alguém tentasse se aproximar. O Santo dos Santos estava claramente fora dos limites. Caitlin já sabia que não seria fácil.

Ela deu um passo para frente, se aproximando, e com isso, de repente, um soldado romano bloqueou seu caminho, de cara feia, olhando para baixo.

"Ninguém está autorizado além deste ponto", ele retrucou.

Caitlin olhou ao redor, e pôde ver dezenas de soldados encarando-a, prontos para entrar em ação.

Ela sabia que não tinha muito tempo. Era agora ou nunca.

Ela entrou em ação: saltou para o alto, acima da cabeça do soldado e correu para a entrada.

Felizmente, ela era muito mais rápida do que qualquer outro ali e, antes que ele pudesse reagir, ela já estava na entrada. Um enorme clamor se levantou em toda a sala quando as pessoas a viram

indo atrás do Santo dos Santos. Ela correu para atravessar a cortina, abriu a porta de mármore e, assim que os soldados estavam se aproximando, ela bateu a porta atrás dela.

Caitlin imediatamente escutou dezenas de punhos batendo na porta, tentando entrar. Ela encontrou uma lança para barrar a entrada, na esperança de que iria aguentar. Ela só precisava de alguns minutos para conseguir este feito.

Caitlin podia sentir a intensa energia espiritual dali. Era quase sufocante, a coisa mais forte que ela já sentiu. Sabia que não podia ficar muito tempo ali. Ela precisava conseguir tudo o que podia, e sair. Caso contrário, a energia deste lugar iria consumi-la.

Do outro lado da sala, havia mais cortinas e uma luz brilhante surreal por trás delas. Ela percebeu que, ali atrás, estava a Arca de Deus. E ela conhecia o suficiente para saber que ela jamais deveria ousar chegar perto dela – e que ela morreria na hora se tentasse.

Mas ela sentia que ela não precisava fazer isso: tudo o que ela precisava estava ali mesmo, naquela sala. Ela olhou em volta, procurando, tentando abafar o barulho na porta. Deu alguns passos para frente, examinando o chão de mármore e as paredes, à procura de alguma pista.

E então ela o viu.

Estava bem ali, diante dela, no centro da sala: um pequeno pedestal dourado, talvez um pé de altura. Perfeitamente quadrado. No centro, havia um buraco redondo. Apenas o tamanho da largura de seu cajado.

Um quadrado dentro de outro quadrado.

Ela se aproximou lentamente, seu coração batia forte, o cajado ardia em sua mão. Ela estendeu a mão e se abaixou, já sabendo que seria um encaixe perfeito.

E Era. O Cajado deslizou para dentro do buraco, e ela o soltou. Ele foi descendo um pouco mais, por conta própria, afundando na terra. E foi então que Caitlin ouviu.

Ela se virou, seus olhos se arregalaram: ela não acreditava no que seus olhos viam.

CAPÍTULO VINTE

Scarlet estava com Ruth no final do beco sem saída, preparando-se para a morte instantânea. Ela olhou para a figura escura voando em direção a ela, a viu levantar uma arma e atirá-la para baixo, em sua direção. Parecia uma longa lança. Ela se abaixou, se preparando, percebendo que era isso o que se sentia ao morrer.

Scarlet ouviu um barulho metálico e se preparou para a dor.

Mas, quando ela abriu os olhos, ela não estava ferida. Ela percebeu que o barulho que ouvira era o som de suas algemas de prata quebrando. Ela percebeu que a arma tinha sido atirada para libertá-la. E, quando o vampiro pousou diante dela, ela percebeu que ele não era um adversário. Ele era um amigo. Alguém que ela reconhecia. Alguém que se lembrava de seu tempo na Escócia. Alguém que tinha salvado sua vida uma vez antes.

Era o homem que sua mãe havia amado uma vez.

Blake.

* * *

Blake se abaixou e se desfez das correntes de Scarlet sem hesitar. Ele tirou a focinheira de Ruth e ela pulou em cima dele, lambendo-o, também se lembrava.

"Não há tempo", ele falou com urgência, havia medo em seus olhos. "Eles estão vindo. Suba, vamos."

Scarlet se agarrou às costas dele com suas pequenas mãos, apertando bem forte, enquanto Blake se abaixou e pegou Ruth. Um momento depois, ele saltou no ar, abriu e bateu suas asas, subindo.

Eles sobrevoaram a cidade, por cima da antiga Jerusalém e, ao fazerem, Scarlet foi capaz de olhar para baixo e ver tudo, o labirinto intrincado de becos e ruas laterais embaixo dela. Ela ficou espantada que ela tivesse corrido lá embaixo, naquela rede de ruas e tinha sido capaz de se locomover por ali.

Ela olhou por cima do ombro, ainda com medo de as hordas estarem atrás dela e, ao longe, podia ver uma grande massa negra aumentando no horizonte. Ela viu sombra após sombra, vampiro após vampiro, fluindo para fora do Aqueduto, no lado mais distante de Jerusalém. Parecia um bando de morcegos surgindo das entranhas da terra, espalhando-se por toda parte. O coração de Scarlet estava preso na garganta, teve medo de eles a perseguirem.

Mas, em seguida, seu estômago afundou, quando ela olhou para baixo e percebeu que eles estavam descendo, em um mergulho, em linha reta em direção à Terra. Ela se agarrou com tudo o que tinha, gritando.

"SEGURE FIRME!" Blake gritou.

Eles mergulhavam diretamente para baixo, caindo atrás de uma grande parede em outro bairro de Jerusalém. Logo, eles estavam de volta no chão, em um beco remoto, isolado. Blake os levou para um canto distante, escondendo-se, de modo a não serem vistos por cima.

Os três ficaram agachados ali, aguardando, olhando o céu. Scarlet ouviu um grande zumbido, um chiado e, em seguida, uma grande comoção, como um bater de asas. Ela olhou para cima e viu centenas, depois milhares, de asas negras que cobriam o céu. Parecia um enorme bando de pássaros.

Quando era mais nova, ela tinha uma vez assistido um enorme bando de aves cobrirem o céu, migrando de uma extremidade da terra até a outra. Lembrou-se de ficar olhando por horas, enquanto o mundo parecia ficar negro. Ela tinha pensado que aquilo nunca iria acabar. A situação presente a lembrar disto.

Eles ficaram ali abaixados, em silêncio, esperando. Scarlet prendeu a respiração durante todo o tempo, ela podia sentir o quão tenso Blake e Ruth também estavam. Ela rezou para que eles permanecessem indetectáveis.

Finalmente, os vampiros passaram. Tudo estava quieto. Eles não foram encontrados. Blake a salvara. Mais uma vez.

Blake ficou de pé e Scarlet fez o mesmo. Ela olhou para ele, mais grata do que nunca. Também estava feliz em vê-lo. Um rosto amigável. Alguém que ela realmente conhecia e que estava, de verdade, do seu lado. Alguém que era amigo de sua mãe e pai. Ela se perguntou se ele poderia ajudá-la a encontrá-los.

"Você viu a minha mãe?" Scarlet perguntou sem hesitar.

Lentamente, Blake sacudiu a cabeça.

"Eu ia lhe perguntar a mesma coisa", ele falou.

"Eu estive procurando por ela em todos os lugares", ela disse.

"Eu também", ele respondeu.

Os olhos de Scarlet se arregalaram quando ela percebeu. Ela realmente não tinha considerado isso antes, mas ela podia ver agora o quanto este homem amava sua mãe. Isso a fez se sentir desconfortável, quando ela pensou em seu pai e, de repente, sentiu que precisava protegê-lo.

"Ela é *casada*, você sabe," Scarlet disse, com um toque de desafio.

Blake pareceu surpreso.

"Eu ... eu ... sei", ele gaguejou.

"Então, por que você quer vê-la?" Scarlet pressionou.

Ela sabia que não era da sua conta e que ela deveria lhe agradecer e não a interrogá-lo – mas, mesmo assim, ela queria saber.

"Eu ..." Blake começou. "Eu sei que ela é casada", ele disse. "Mas..."

Ele se virou e Scarlet achou que tinha visto lágrimas em seus olhos.

"Eu só quero vê-la", disse ele finalmente. "Eu procurei por ela em todos os lugares. Eu estive circulando Jerusalém por dias. Senti uma grande perturbação neste tempo e lugar. Senti que ela precisava de mim. E os outros também. E, então, hoje, senti sua presença."

"Eu nem sei onde procurar por ela", disse Scarlet. "Eu acho que fiz uma coisa terrível."

Blake estreitou os olhos.

"O quê?", Perguntou.

"Todos aqueles que vampiros ruins... Eu acho que eu os levei a algo. O velho, ele pegou minha pulseira. Eu acho que eu os ajudei. Eu não queria. Você precisa entender. Eu não quis fazer isso. Agora eles dizem que vão machucar a minha mãe. Isso é verdade?"

Blake estreitou os olhos ainda mais.

"Onde é que você foi com eles?", Perguntou.

"Eu não sei", disse ela. "Eles me levaram para baixo, por um longo corredor, no subsolo. E então eles acharam essa porta dourada. E, quando abriram, eles tiraram essa coisa... Que parecia um Escudo. "

Blake abriu os olhos arregalados em choque.

"Um *Escudo*?", Perguntou. Ele parecia com medo até de pronunciar a palavra.

"Foi horrível", disse Scarlet, sacudindo a cabeça. "Todos esses vampiros maus voltaram à vida. Até aquele que chamaram Kyle".

"Kyle?", indagou Blake, atônito.

"É verdade? Será que eles vão ferir a minha mãe? "

Blake olhou para longe. Ele olhou como se tivesse visto um fantasma.

"Não há tempo a perder", disse ele, gravemente. "Nós temos que encontrá-la. Nós temos que encontrá-la imediatamente."

"Mas eu não sei onde ela está," Scarlet suplicou, sentindo-se pior do que nunca.

De repente, Ruth se virou e desceu à travessa. Scarlet não conseguia entender o porquê; ela nunca tinha a visto agir assim.

"Ruth!", ela gritou. Ela e Blake viraram e correram atrás dela.

Enquanto eles a perseguiam, rua abaixo, Ruth acabou chegando à praça aberta diante do Templo sagrado. Ruth ficou ali, latindo e latindo até Scarlet e Blake finalmente a apanharem. Scarlet a acariciou, tentando descobrir o que tinha acontecido com ela.

"O que foi isso, Ruth?"

Scarlet seguiu o olhar de Ruth até o outro lado da praça. Enquanto ela observava, de repente, uma enorme multidão começou a se formar, reunindo-se diante um portão de ouro na parede do templo. A comoção aumentou à medida que a porta se abria.

Uma única pessoa apareceu, junto de seus seguidores.

Scarlet e Blake ficaram ali, atônitos. Ela não podia acreditar quem era.

CAPÍTULO VINTE E UM

Caitlin ficou ali, no interior da câmara sagrada do Templo sagrado, olhando para o chão. Ela não podia acreditar no que tinha acontecido. Quando ela inseriu o cajado de ouro, uma abertura secreta no chão deslizou lentamente para baixo, revelando uma escada, que descia até o subsolo. Uma luz dourada irradiava embaixo, iluminando os degraus, parecia como se fosse a própria escada para o céu.

As batidas na porta continuaram, dezenas de soldados tentando derrubá-la e Caitlin sabia que não tinha tempo a perder. Ela se apressou e entrou pela abertura estreita, descendo os degraus, em direção à luz. Em seguida, sentiu as quatro chaves queimando em seu bolso, e tinha certeza de que isso a levaria para seu pai.

Caitlin correu pelos sinuosos lances de escada dourados, indo para as profundezas do Templo sagrado, e então se viu dentro de um

sistema de túneis, que brilhavam com a luz. Ela mal podia acreditar: as paredes e os pisos eram completamente forrados com ouro. Era o lugar mais opulento que já tinha visto; ela se sentia como se estivesse andando dentro de um baú do tesouro. Enquanto caminhava pelo corredor, luz era irradiada de tudo, perfeitamente limpa e brilhante.

Os corredores se torciam e curvavam infinitamente, em um labirinto sem fim de passagens, como toda uma cidade subterrânea. Ela virava e dava voltas, sentindo que estava sendo levada cada vez mais fundo, na direção de um objeto especial – ou talvez até mesmo na direção de seu próprio pai.

Pensou em todas as igrejas e conventos e abadias e palácios que ela tinha visitado ao longo dos séculos e ela mal podia acreditar que esta era sua última parada. Seu coração disparava em seu peito quando ela se perguntava se seu pai estaria esperando por ela no final de um desses corredores. Ou talvez o próprio Escudo. Ela não podia imaginar o que mais poderia estar aqui.

O que quer que fosse, ela sabia que deveria ser muito, muito especial. Para estar escondido dentro do mais sagrado templo no mundo e dentro de sua santíssima câmara debaixo de uma porta escondida, que só ela poderia abrir ... ela só podia imaginar o que a esperava.

Caitlin brevemente se perguntou como ela iria sair dali, mas tentou não se preocupar com isso agora. Agora, ela tentava se concentrar apenas em seu pai. Ela mal podia acreditar que estava a ponto de realmente conhecê-lo. O que ela diria a ele? Será que ele estaria orgulhoso dela? Quem era ele? Será que ele se parecia com ela? E por que sua linhagem era tão especial?

O coração de Caitlin batia mais forte à medida que as paredes brilhavam cada vez mais e ela fazia as curvas cada vez mais rápido. Por fim, ela começou a correr, incapaz de suportar a ansiedade.

Ela deu uma volta final, por um corredor curto e, no final do mesmo, uma luz brilhante, quase como um clarão, iluminou tudo com um brilho intenso.

No final do beco sem saída, havia um pequeno altar, feito de ouro maciço. Em cima dele, jazia um travesseiro de veludo vermelho. E, sobre ele, um único objeto pequeno. Caitlin caminhou lentamente em direção a ele, respirando com dificuldade a cada passo, imaginando o que poderia ser.

Assim que lá chegou, ela olhou para baixo e viu que era uma pequena caixa, dourada. Tinha uma fenda para chave, apenas grande o suficiente para caber uma chave pequena.

Caitlin a examinou, perguntando-se como ela iria abri-la e, em seguida, lembrou-se: seu colar. Ela sentia que vibrava em torno de seu pescoço, então se abaixou e tirou. Ela estendeu a mão e inseriu a chave, rezando para que entrasse.

Para seu alívio, ela o fez. Ela girou a chave com um pequeno clique e o chão debaixo dela começou a tremer assim que a pequena caixa abriu.

Dentro, havia um pequeno pergaminho enrolado, do tamanho do seu dedo. Ela o alcançou, com o coração acelerado e o tirou dali. Era tão delicado, tão frágil, parecia que tinha sido colocado ali há milhares de anos, sentia que poderia desmanchar em seus dedos.

Ela lentamente o desenrolou e olhou para a escrita. Era uma escrita antiga e, no início, ela mal conseguia entender. Mas, quando forçou seus olhos, aos poucos, a mensagem apareceu: *Seu guia irá aparecer no portão Oriental.*

Ela segurou o pergaminho, leu mais uma e outra vez, tentando descobrir o que significava, quando, de repente, uma câmara lateral se abriu na parede, revelando um conjunto de escadas.

Caitlin foi inundada com alívio: agora, ela tinha um jeito de sair dali, uma maneira de escapar sem ter que voltar e passar pelo Templo, por meio da multidão enfurecida que a aguardava.

Ao mesmo tempo, de repente, ela ouviu um estrondoso ruído de demolição: ela olhou por cima do ombro e ficou surpresa ao ver os tetos e paredes desmoronando. Pedacos enormes caíam no chão.

Agora que ela tinha encontrado a pista, toda essa câmara subterrânea entrou em colapso, ela percebeu, escondendo todos os vestígios do mesmo. A destruição vinha em sua direção, então ela se virou e correu para as escadas, fugindo um pouco antes de o teto desabar sobre ela.

Caitlin alcançou as escadas, subindo os degraus, seguindo as curvas e voltas, em uma espiral para cima, seus pés ecoavam sobre o ouro. Ela subia, mais e mais, até que finalmente chegou a uma pequena porta em forma de arco. Ela a abriu e, para seu espanto, ela encontrou-se do lado de fora, de volta a Jerusalém, fora do Templo sagrado, do outro lado dos muros.

Quando ela saiu, ela ouviu um barulho atrás dela, se virou e viu o fechamento da porta e, em seguida, ela desapareceu, camuflando-se à parede. Dentro de instantes, ela ficou espantada ao ver que a porta se misturava perfeitamente com a parede de pedra, sem deixar vestígios de um dia ter havido uma porta lá. Era como se o Templo tivesse a ejetado para fora de seus muros e selado a passagem.

Caitlin ficou ali, nos arredores do Templo sagrado, nas ruas de Jerusalém, tentando processar tudo.

Seu guia irá aparecer no portão Oriental.

Ela olhou ao seu redor, examinando a ampla praça de pedra diante do Templo sagrado. Centenas de pessoas circulavam em todas as direções, fluindo para o Templo e, ao longe, viu os soldados ainda

tentando invadir a câmara sagrada, onde eles achavam que ela estava. Ninguém suspeitava que ela estivesse ali, longe de seus olhos.

Mas e agora?

Seu guia irá aparecer no portão Oriental.

Assim, como estava extasiada por encontrar esta pista final, ela também estava decepcionada.

Tinha a esperança de encontrar seu pai ali, ou teve, pelo menos, a esperança de encontrar algum tipo de relíquia magnífica. Talvez até mesmo o Escudo.

Mas era apenas mais uma pista. Sentia que esta era a última. Mas ela ainda não sabia o que ela significava.

Seu guia irá aparecer no portão Oriental.

Ela decidiu que precisava se elevar no ar para olhar para a cidade, obter uma visão de águia.

Talvez isso iria ajudá-la a entender.

Ela saltou no ar e, em momentos, foi para o alto, dando em círculos, olhando para Jerusalém. Ela tinha certeza de que a pista tinha algo a ver com seu pai e com Jerusalém. *O Portão Oriental.*

Ela circulou Jerusalém e viu que ela se parecia muito com uma cidade medieval murada: havia uma grande parede de pedra rodeando tudo em torno com grandes portas em arco através das quais as pessoas entravam e saíam da cidade.

O Portão Oriental.

Caitlin deu voltas e, quanto mais ela pensava, mais ela tinha certeza que a pista final era uma referência ao portão oriental de Jerusalém.

Ela deu mais uma volta, tentando raciocinar e se dirigiu para o lado oriental da cidade.

Quando voou mais perto, lá em baixo, ela sentiu uma grande comoção. Milhares de pessoas estavam ao redor do lado oriental de Jerusalém, todos pareciam estar reunindo em torno de uma entrada. O portão oriental.

Quando Caitlin olhou para baixo, viu o portão oriental: enorme – de trinta metros de altura, com forma de arco e ouro puro, com entalhes por todo ele. Acima dele, no alto, nas muralhas, havia dezenas de soldados romanos, patrulhando, vigiando a cidade.

Caitlin mergulhou e pousou fora da vista, em seguida, correu para a densa multidão, misturando-se com as pessoas. Ela abriu caminho em direção ao portão, tentando ver o motivo daquela comoção toda. Ela tinha certeza de que tudo o que estava acontecendo era, de alguma forma, relacionado a ela.

Finalmente, ela atravessou as fileiras de pessoas e ficou ali, olhando para o portão. Havia milhares de rostos excitados e ansiosos, a multidão agitava-se, frenética. Ela estava morrendo de vontade de saber o que eles estavam olhando. Quando chegou à frente, ela finalmente viu por si mesma.

Uma única pessoa estava entrando pelo portão, em direção à multidão.

Seu guia irá aparecer no portão Oriental.

Ela não creditava em quem era. Ela descobriu, ela sabia, que aquele homem a levaria até seu pai.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Caleb estava ali, na base do Monte das Oliveiras, olhando para o céu. Ele tinha sido incapaz de desviar o olhar desde Caitlin havia deixado. Secretamente, ele esperava que ela voltasse. Mas ele sabia que ela não iria.

Ele sentiu um aperto no peito, uma agonia, parecia difícil respirar. Ele não sabia por que, mas ele não conseguia parar de pensar nela, não podia deixar de sentir que aquela era a última vez que eles se veriam. Lembrou-se de todas as vezes em que estiveram juntos, em todos os séculos, seu pedido de casamento, a cerimônia. Ela era sua vida. Ela significava mais para ele do que qualquer coisa neste mundo. E, vê-la partir, voar para longe daquele jeito, partiu seu coração. Ele sabia que, racionalmente, ela deveria retornar. Mas, no fundo, de alguma forma, ele sentiu que ela nunca faria isso.

Então Caleb ficou ali, observando, esperando – e , ao fazê-lo, ele começou a sentir algo mais: começou a sentir uma grande perturbação no universo. Ele já havia sentido distúrbios anteriormente, em outros séculos, em suas batalhas com Kyle, contra o Clã da Maré Negra, e contra uma multidão de criaturas do mal. Mas ele nunca tinha sentido uma perturbação como a do presente. Era uma perturbação que abalou a própria superfície da terra. Ele sentiu o ar tremendo, os céus rasgando.

Sentiu que algo de muito mal – e poderoso – tinha sido desencadeado. Algo tão poderoso que não pode ser contido. Algo que poderia até mesmo trazer um fim ao mundo.

Caleb sentiu uma presença e se virou para ver Aiden parado lá. De alguma forma, ele apareceu ao seu lado.

"Você observa os céus por causa dela", Aiden comentou baixinho.

Caleb viu Aiden examinando os céus, também e podia ouvir em sua voz que ele, também, sentia a falta dela. Havia uma expressão de grave preocupação em seu rosto.

"Sim, por ela", respondeu Caleb.

"Você e Caitlin, vocês têm uma sorte muito profunda. Um destino. Vocês dois foram feitos um para o outro. Nada pode acabar com isso. "

Aiden observava em silêncio.

"Às vezes", continuou ele, depois de um longo intervalo, "o mundo intervém e uma pessoa morre antes da outra. Isso não significa, porém, que elas não estejam juntas."

Ele se virou e olhou com intensidade para Caleb.

Caleb sentiu seu coração disparar com suas palavras. Seu pressentimento sinistro piorou. Aiden tinha confirmado seus piores medos. Será que ele morreria antes de Caitlin? Ou pior ainda: será que ela morreria antes dele?

Antes que Caleb pudesse perguntar, de repente, ele ouviu um estrondo, o som de dezenas de pessoas, ele se virou e viu, para sua surpresa, dezenas de membros do clã de Aiden. De alguma forma, todos tinham conseguido chegar, silenciosamente, atrás dele. Todos eles estavam lá, com suas vestes brancas, observando os céus. Caleb viu suas expressões preocupadas, e perceberam que eles também estavam sentindo. Todo o clã estava preparado, à espera. Como se eles já soubessem. Como se preparassem para uma guerra.

Caleb ficou ali parado, sentia orgulho de estar entre eles, orgulhava-se de estar com Aiden. Ele sabia que, se algum terrível perigo estava

por vir, não importava qual seria o resultado, ele se sentia honrado de poder lutar esta última vez com eles. Se esse fosse o seu último lugar na terra, a última batalha que ele lutaria, ele orgulhosamente a faria ali, combatendo com aqueles homens. E ele lutaria até seu último suspiro.

Ele sentiu uma sombra e voltou a olhar para o céu: enquanto observava, lentamente, imperceptivelmente, começou a escurecer. A princípio, Caleb achou que talvez fosse uma nuvem de tempestade de passagem – ou talvez até um eclipse do sol.

Mas quando ele olhou com mais atenção, quando ele começou a ouvir um grande barulho de tremor, a sentir uma vibração fortíssima, ele sabia que não era uma nuvem. Não era nenhum bando de pássaros. Era uma legião de vampiros. Centenas deles.

Não. *Milhares deles.*

Eles invadiram os céus como gafanhotos, movendo-se em um enorme bando, bem em sua direção, na direção do Monte das Oliveiras. Caleb sentiu imediatamente que eles eram o objeto do ataque.

E que eles estavam vindo para aniquilá-los.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Caitlin ficou no meio da espessa multidão, olhando para o portão Oriental, o sol brilhava por trás dele. Ela teve que apertar os olhos e, por um momento, ela se perguntou se seus olhos estavam

Ihe pregando uma peça. Havia também uma luz que irradiava do homem que se aproximava que era difícil para Caitlin distinguir onde a luz do sol terminava e começava a do homem.

Caitlin ficou observando aquele homem, montado em um jumento, passar pelo portão Oriental. O animal caminhava entre as pessoas aglomeradas, havia dezenas de seguidores ao seu redor, todos vestiam longas túnicas brancas. O próprio homem usava uma longa túnica branca e um capuz, que estava pendurado, expondo seu rosto para a multidão. Ele tinha cabelo castanho claro que descia pelas maçãs de seu rosto e uma barba curta marrom. Seus olhos eram grandes e cor de avelã, e irradiavam luz, como duas bolinhas de gude brilhantes. Na verdade, não era essa luz que irradiava dele que Caitlin teve que apertar os olhos para enxergar. Ele tinha uma aura de paz, ela podia sentir imediatamente que ele era diferente. Não era uma pessoa comum.

Caitlin mal podia acreditar que aquilo era real. Ela sentia como se estivesse em um sonho, como se estivesse observando-se pela parte de fora. E, no entanto, pelo empurra-empurra da multidão, a rua barulhenta, o cheiro, o zurrar de burros e o balido das ovelhas, o calor e o caos, ela sabia que era real. Muito, muito real.

Para seu espanto, Caitlin percebeu que o homem diante dela, o homem que estava em um burro e atravessava o portão Oriental de Jerusalém, não era ninguém mais, ninguém menos que Jesus.

Seu guia irá aparecer no portão Oriental.

Ela não podia acreditar. Ela estava ali, prestes a entrar para a história. Na história, na verdade.

Vendo-a acontecer.

Seu coração começou a disparar, quando ela percebeu que todas as pistas, de todos os lugares, a levaram a este ponto. Para este momento no tempo. Era isso. Jesus era seu guia. Ele iria levá-la a

seu pai. Quando Caitlin o viu entrar, ela percebeu que tudo era verdadeiro. Parecia a coisa certa. Cada osso, cada vibração de seu corpo lhe disse que era ele, que ele era seu guia. Que ele seria o único a levá-la para a etapa final de sua jornada, para encontrar seu pai, para encontrar o Escudo.

Ela viu quando ele se aproximou, andando lentamente por entre a multidão. Ele levantou uma única mão, com a palma estendida, os olhos semicerrados. Enquanto ele andava, ela assistia, incrédula, vários membros da multidão, antes curvados e mancando, de repente, se endireitaram. Curados. Foi incrível.

Para Jerusalém, aquela era uma cena caótica e movimentada. Passando pelo portão, atrás dele, havia dezenas de seguidores e, atrás destes, apareceram dezenas de soldados romanos, marchando, tentando abrir caminho para recuperar a ordem e controle. Eles tinham expressões mal humoradas em seus rostos e olhavam com profundo desgosto para Jesus, que tinha chegado, e reunido aquela multidão. As pessoas se acotovelavam para chegar mais perto dele, empurrando uns aos outros para fora do caminho. Muitas gritavam o nome de Jesus por todos os lados, querendo sua atenção, querendo ser curado. Outros gritavam palavrões para ele, jogavam pedras, chamando-o de falso Messias.

No entanto, as pedras voavam pelo ar, mas caíam no solo, sem causar danos, quando se aproximavam dele.

Parecia que todos naquela multidão tinham uma opinião diferente, um tempo diferente, uma perspectiva diferente em relação a ele. Caitlin podia ver os rostos raivosos dos guardas, os romanos se sentiam ameaçados por ele e o queriam sob vigilância apertada. Em meio aos romanos, via-se de pé um único homem, claramente o seu governador. Ela reconheceu seu rosto dos livros de história: Pôncio Pilatos. O prefeito de Roma. Aquele que tinha matado Jesus.

Caitlin lembrou se da história, ela sabia o que iria acontecer. Jesus, que montava agora tão inofensivamente em seu jumento, logo seria capturado. Preso. Levado a julgamento. E então, crucificado.

O pensamento fez Caitlin se encolher. Ela olhou para ele agora, tão sereno, tão calmo, parecia difícil acreditar que alguma coisa lhe aconteceria. Só de estar ali, na periferia da multidão, ela já podia sentir uma sensação de paz. Na verdade, foi a primeira vez que ela sentiu uma sensação real de paz desde que havia chegado naquele lugar. Ela não sabia por que, mas sentia uma grande sensação de conforto ao redor dele.

Ela também se sentiu animada. Todas as pistas que ela já tinha encontrado apontavam para aquele momento. Ela sentia que, em pouco tempo, ele iria levá-la a seu pai.

Enquanto Jesus abria caminho através da multidão, montado em seu animal, devagar, as pessoas abriam espaço. Caitlin tentou passar entre de uma fila de pessoas, tentando se aproximar. Ela tinha que vê-lo de perto. Ela se perguntou se ele iria mesmo reconhecê-la, ou se ela estava apenas imaginando tudo isso. Será que a pista significava algo totalmente diferente?

Ela sentiu a urgência do tempo agora, mais do que nunca. Ela não tinha tempo a perder.

Caitlin conseguiu se aproximar mais, seu coração batia loucamente. Enquanto ela se aproximava dele, sentiu um calor se espalhando por todo o corpo, uma sensação indescritível de paz. Jesus estava sentado ereto, olhos semicerrados, olhando para tudo e nada ao mesmo tempo. Caitlin esperava, rezava, que, de alguma forma, ele poderia reconhecê-la. Que ele poderia levá-la a seu pai.

Quando ela se aproximou, de repente, ele se virou e olhou diretamente para ela. Em seguida, abaixou sua mão e a estendeu para ela.

Caitlin mal conseguia respirar, de tão nervosa que estava. Ele estava estendendo as pontas de seus dedos, como se para ela tocá-los. Ela estendeu a mão e, lentamente, com sua mão tremendo, as pontas de seus dedos tocaram as dele.

Quando isso aconteceu, todo o seu corpo foi eletrificado. O choque percorreu a ponta dos dedos, desceu pelo seu braço e se espalhou por todo o seu corpo. A quantidade de energia que derramou através dela era muito maior do que ela poderia imaginar: parecia um tsunami. A energia a deixou rejuvenescida e curada, tudo ao mesmo tempo. Isso a fez consciente de seu próprio poder. Pela primeira vez, em muito tempo, desde que ela se lembrava, ela se sentiu viva de verdade.

Jesus a encarou, sem expressão, os olhos brilhando, olhando para os dela.

“Eu estive esperando por você,” ele falou, baixinho.

Caitlin sentiu seus olhos se encherem de lágrimas. Esperando por ela? Jesus? Ela não podia sequer imaginar. Sentia-se tão importante. Como se toda a sua vida tivesse um significado maior do que ela imaginava. Ela não tinha ideia de como responder.

“Siga-me,” ele disse.

A multidão avançou e seu jumento seguiu andando, absorvido pela multidão. Ainda tremendo, ela olhou para suas costas enquanto ele continuou. A experiência a deixou sem palavras. Sentia que tinha um maior propósito do que nunca. Ela tinha absolutamente certeza que, se ela o seguisse, ele iria levá-la diretamente ao seu pai. Ao Escudo. Estava tão animado que mal conseguia respirar.

Mas, assim como Caitlin deu o primeiro passo para segui-lo, ela parou de repente. Porque ali, de pé, no meio da multidão, olhando para ela, estava um homem com intensos, olhos tristes, um homem

que ela tinha certeza de que nunca mais veria novamente. Ela olhou de novo, incapaz de compreender se era verdade.

Depois de vários segundos, ela percebeu quem era.

Era mesmo ele.

Blake.

Caitlin, já sobrecarregado de emoções, tentou processar esta nova reviravolta, e então, ela foi subitamente tomada por outro choque: ali, ao seu lado, olhando-a com amor e alegria, estava sua filha.

Ao lado dele, estava Scarlet.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Caitlin ficou ali parada, olhando para Blake e Scarlet, sem palavras. O coração dela explodiu com a visão dos dois. Seus olhos estavam fixos em Scarlet e, ao mesmo tempo, eles desviavam de um para o outro. O rosto de Scarlet se iluminou de alegria e, ao lado dela, Ruth, exaltada, correu para ela, também.

Caitlin pegou Scarlet em seus braços e a abraçou o mais forte que podia. Ela podia sentir as mãos pequenas de Scarlet apertando suas costas com força. Caitlin sentiu lágrimas quentes escorrendo pelo seu rosto, sentiu as lágrimas de Scarlet em seu próprio pescoço. Sentia-se inteira novamente. Como se um pedaço dela tivesse sido devolvido. Sua filha estava viva. E ela estava aqui, com ela, de volta neste tempo e lugar. A salvo.

“Mãe, mãe! Eu senti tanto a sua falta,” Scarlet disse, entre lágrimas. Caitlin a abraçou, nunca mais queria soltá-la.

“Eu sei, queria. Eu também senti muito a sua falta”

Ruth latiu e gemia, pulando sobre Caitlin; Caitlin se ajoelhou e ela lambeu freneticamente todo o seu rosto.

Scarlet observava e ria histericamente. Caitlin estava tão feliz em ouvir aquela risada novamente.

Sua vida parecia completa de novo.

Então Caitlin, de repente, se lembrou.

Blake.

Ele estava ali, parado, olhando para ela com seus grandes olhos azuis. Eles estavam marejados quando ele sorriu. Claramente, ele ficou muito feliz ao ver esta reunião e mais do que isso, ele tinha sido uma parte dela.

“Mãe, o Blake me salvou! E também salvou Ruth,” Scarlet gritou.

Mais uma vez, Blake havia salvado Scarlet. Sua filha. Devia a ele uma dívida muito maior, a qual ela jamais poderia pagar.

Caitlin deu um passo adiante e, sem palavras, abraçou Blake, apertando-o com força. A princípio, ele hesitou, e então ele a abraçou também. Seu abraço se tornou mais e mais apertado, ela sentia seus músculos contraírem. Ela sentiu o amor dele sendo transmitido e ela podia sentir o quão triste ele estava por eles não estarem mais juntos.

Depois de muito tempo, demasiado longo para apenas um amigo casual, Blake finalmente, lentamente, a soltou. Ele ficou ali, com os olhos cheios de lágrimas, olhando para Caitlin. Ela podia ver saudade

e tristeza neles. Ela podia ver neles o quanto ele queria que as coisas tivessem sido diferentes.

Caitlin sentia-se em dívida com ele. Mas ela era fiel a Caleb. Caleb era o seu marido e Scarlet era sua filha. Então Caitlin fez o certo e se obrigou a desviar o olhar. Ela respirou fundo e se afastou, não querendo olhar em seus olhos, não mais, não querendo pensar nele. Ela devia isso a Caleb.

Ela esperava que ele não se ofendesse. Mas precisava ser forte. Para os dois.

Caitlin podia sentir Scarlet olhando para cima, para um e depois para o outro, tentando entender.

"Eu não posso agradecer o suficiente", disse Caitlin. Mas ela não estava olhando em seus olhos quando disse isso. Ela estava olhando para longe, recusando-se a devolver aquele olhar.

"Eu estava procurando por você e me deparei com ela", disse Blake. "Voltei neste tempo procurando por você. Não há nada para me agradecer. Foi um grande privilégio."

Caitlin manteve distância. Ela se virou e olhou para as ruas, tentando se distrair, olhar para qualquer outra coisa. Ao longe, viu Jesus, andando lentamente pelas vielas. Alguns espectadores estavam comemorando sua presença. Outros o desprezavam. Ela viu quando ele se afastando cada vez mais.

Siga-me.

Ela sentiu que precisava ir atrás dele, que ela não podia deixá-lo desaparecer. Ela tinha que segui-lo. Onde quer que fosse, ela precisava ir, onde quer que ele a levasse, a hora era agora. Ela sentiu uma pontada de ansiedade com a ideia de perdê-lo.

"Você está certa," Blake falou, lendo sua mente. "Você não pode perdê-lo."

Caitlin corou por ter sua mente lida.

"Você deve segui-lo. Agora. Leve Scarlet. Não o perca de vista. Ele irá conduzi-la até o Escudo."

Caitlin se sentia envergonhada por sua mente parecer um livro aberto.

"E quanto a você?" Caitlin perguntou. "Para onde você vai?"

"Eu gostaria muito de ficar aqui com vocês," ele disse, "mas há assuntos esperando por mim em outro lugar. Assuntos urgentes. Há uma grande perturbação no universo."

Caitlin olhou para ele, nervosa por ouvir mais um falando sobre isso.

"Eu também posso sentir," ele falou.

"É Rexius. E seus homens. E, eu sinto muito contar isso a você, mas, seu irmão, Sam. Ele está com eles agora."

Caitlin assentiu, sentia isso também. Ela sentiu o coração carregado de vergonha e remorso com o pensamento de Sam ajudando o outro lado. Mas ela não sabia o que fazer.

"Eles estão atacando Aiden", disse Blake. "Cada momento é importante."

Quando Blake disse isso, ela pôde sentir o poder dessas forças. Ela percebeu que eles tinham desencadeado algo muito poderoso, mas ela não sabia o quê. Ela sentiu que isso estava direcionado para Caleb.

"Caleb está com ele", disse Caitlin, sentindo um terror repentino. "Eu tenho que acompanhá-lo", disse Caitlin. "Posso ajudar você. E eu

posso ajudar Caleb."

Blake sacudiu a cabeça.

"Não. Você deve encontrar o seu pai. Se você vier com a gente, você vai ser apenas mais um soldado. Isso não vai nos ajudar em nada."

Quando ele disse isso, Caitlin sentiu que suas palavras eram verdadeiras. Mas ainda doía ouvi-las. Mais do que tudo, ela só queria estar ao lado de Caleb.

"Eu tenho que ir", disse Blake, tristemente.

Em seguida, Caitlin teve a súbita sensação de que aquela seria a última vez que ela veria Blake vivo também. O sentimento causou dor em seu coração. Ela tentou fingir que estava imaginando isso, mas, no fundo, ela sabia que era verdade.

Ela olhou para ele uma última vez. Ela viu que ele estava olhando para ela, e isso doía mais do que ela conseguia expressar.

"Eu não sei o que dizer", disse Caitlin.

Blake deu um passo adiante, ficando apenas alguns centímetros de distância. Ele estendeu a mão e segurou seu rosto em sua mão, sorrindo.

"Não precisa falar nada," ele disse. "Eu sei que você ama o Caleb. Eu estou feliz por você. Feliz por vocês dois. Só me faça um pequeno favor," ele falou, olhando para ela. "Diga-me uma coisa...No passado, há muito tempo... diga-me que, uma vez, você me amou."

Caitlin sentiu seus olhos se encherem de lágrimas e dor. Ela queria mais do que tudo empurrar os pensamentos sobre Blake completamente de sua mente. Mas, ela tinha que admitir, houve um tempo. Uma vez. Que ela, de fato, o amava. Ela se lembrou de Veneza, daquele tempo mágico juntos. O baile à fantasia. Ele

morrendo por ela no Coliseu de Roma. Lentamente, com a voz trêmula, Caitlin começou a falar. Era difícil respirar.

“Eu...houve...uma vez...um tempo... Sim, eu já amei você.”

Blake olhou para ela por alguns segundos e, em seguida, finalmente assentiu. Satisfeito.

Ele tirou as mãos de seu rosto. Então se inclinou e beijou sua testa. Em seguida, ele se abaixou e colocou algo na palma da mão e a fechou.

Então, sem dizer uma palavra, ele saltou para o céu.

Caitlin ficou ali, em estado de choque, seu coração em um milhão de pedaços, enquanto observava Blake voar para longe, sobrevoando as ruas de Jerusalém, até mais e mais além, para o Monte das Oliveiras, suas largas asas negras batendo. Ela sabia, ela simplesmente *sabia*, que ela nunca mais o veria novamente. Ela o viu desaparecer ao longe, se perguntando por que eles se encontrariam, em primeiro lugar.

Ela olhou para baixo e abriu lentamente a palma da mão, com medo de ver o que ele tinha colocado no seu interior. Seu coração parou quando viu um pequeno pedaço de vidro de praia mar desgastado.

E, mesmo sem querer, ela caiu em prantos.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Agora Caleb compreendia. Enquanto ele estava ali, olhando para o céu escurecendo, agora ele entendia porque ele e Caitlin teriam que se separar. Ela não estava destinada a estar ali. Ela não estava destinada a testemunhar aquela carnificina, morrer com todos eles, ali, naquela montanha. Ela tinha um destino diferente.

Ele, Caleb, era o destinado a morrer hoje. Em seu lugar.

Caleb sentiu o velho guerreiro dentro de si acordar. Ele levantou o queixo com orgulho, estufou seu peito e respirou, projetando sua mandíbula e se mantendo sua posição. Assim era a postura de um guerreiro preparado para sua morte – e partir com honra.

Caleb abaixou sua mão e, instintivamente, extraiu sua espada da bainha. Ele a deslizou para fora com um ruído metálico que ecoou pelas colinas.

Ao redor dele, os membros do clã de Aiden fizeram o mesmo.

Exceto Aiden. Ele apenas ficou ali, observando tua calmamente, como sempre fazia quando fechava os olhos e simplesmente ergueu seu cajado diante dele. Caleb podia sentir a energia que irradiava fora dela. Ele nunca tinha lutado com Aiden antes, não ombro a ombro deste jeito e ele se perguntou como seria.

O coração de Caleb começou a bater mais rápido à medida com que a nuvem negra ficava cada vez mais densa. O som ficou mais alto, incrivelmente alto, um milhão de vampiro batiam suas asas.

E, enquanto desciam, Caleb podia vê-los o tendo como alvo, bem na sua direção.

Quando ele levantou sua espada, preparando-se para o ataque, ele podia sentir o exército que se aproximava, antes mesmo do choque, vindo em sua direção como a força de um vendaval. O som ficou mais alto e mais alto e os céus enegreceram quando toda a horda desceu.

Caleb olhou para a esquerda e para a direita e viu os homens de Aiden segurando firme, guerreiros veteranos, todos segurando sua posição. Nenhum deles sequer se encolheu.

O exército se aproximou. 100 metros ... 50 ... 20 ... e Caleb poderia começar a ver seus rostos. Quando chegaram perto o suficiente, ele ficou chocado ao ver quem estava na frente, liderando o ataque.

Ali, bem no centro, era Kyle.

Caleb não podia acreditar. Ele tinha certeza de que Kyle estava morto, que havia partido para sempre. Ele não conseguia entender como ele poderia estar aqui.

E, ali, ao lado dele, ele viu Rynd, outra criatura que ele tinha certeza de que tinha morrido. Caleb não conseguia entender como eles poderiam ter voltado à vida.

Ao lado deles, ele reconheceu os vampiros de seus dias em Nova York, quando ele havia se infiltrando no clã da Maré Negra. Vampiros que ele sabia que tinham ido embora para sempre. Ele não conseguia entender como eles poderiam estar aqui.

E então, de repente, ele compreendeu. E isso o feriu mais profundamente do que qualquer outra espada.

Naquele momento, ele percebeu que todas essas criaturas tinham sido trazidas de volta do outro lado. Ressuscitado. E só havia uma arma no universo que tinha o poder de fazer isso.

O Escudo.

O Escudo dos Vampiros.

O coração de Caleb apertou, ele perdeu a respiração. Eles tinham encontrado o Escudo primeiro.

Eles haviam ganhado deles nisso, e já o tinham usado. Essas criaturas, estes milhares de demônios, tudo havia sido ressuscitado com o Escudo, arrastados das profundezas do inferno. O Escudo tinha caído em mãos erradas.

Isso significava que eles não tinham chance. Nenhuma chance de sobreviver.

Quando eles chegaram mais perto, Caleb olhou para cima e viu Sam e, ao lado dele, Samantha, um rosto que não via há anos. Quando Sam se aproximou, ele pôde ver o rosto de Caitlin nele. Era difícil ver seu cunhado daquele jeito, tão diferente, lutando para o outro lado. Mas não havia nada que pudesse fazer. Ele teria que enfrentá-lo.

Um momento depois, houve o impacto. Lá veio o som horrível de um milhão de espadas e asas se chocando, quando Sam mergulhou, havia uma careta horrível em seu rosto. Ele levantou a espada e a apontou na direção de Caleb.

Caleb continuou ali, orgulhoso, colidiu sua espada com a dele, bloqueando-o. Houve um choque forte e, um instante depois, dezenas de vampiros desembarcou ao seu redor.

Os guerreiros de Aiden lutavam bravamente, defendendo e esquivando, abaixando e cortando.

Ouvia-se o som estridente de metal contra metal, arma contra arma, enquanto todos eles lutavam habilmente. Caleb pegou um vislumbre de Aiden: surpreendentemente, ele não se moveu. Ele ficou muito quieto, com seu cajado diante dele, de olhos fechados. Era como se houvesse uma bolha invisível em torno dele, um escudo e todos aqueles que voavam em direção a ele, era jogados para trás quando chegavam perto. Ele estava intacto, ali, de pé, dentro de sua bolha.

Mas Caleb não tinha esse poder. Ele podia sentir a força emanada através da espada de Sam quando ele a bloqueou, a vibração do metal balançava todo o seu corpo. Ele golpeou de volta, mas Sam

era muito rápido: ele defendeu cada ataque de Caleb e, imediatamente, contra atacava. Era a batalha mais difícil da vida de Caleb, e ele estava sendo empurrado para trás, sem ter para onde ir.

Para piorar as coisas, dezenas de outros vampiros estavam pousando ao redor dele, o tempo todo, circundando-o de todos os lados. Ele logo estava completamente em desvantagem numérica.

Caleb lutou furiosamente, atacando em todas as direções. O caos ajudou um pouco, com a confusão, alguns vampiros acabaram lutando uns contra os outros.

Ele rolou para longe de Sam, não querendo machucá-lo e se concentrou em outros vampiros. Movendo-se com velocidade e destreza, ele conseguiu matar vários. E foi ganhando força, quando, de repente, sentiu uma cotovelada forte na parte de trás, bem nos rins.

Ele virou e se viu cara a cara com uma criatura hedionda e sorrateira.

Ali, de cara amarrada, sem um olho, estava Kyle.

Antes que Caleb pudesse reagir, Kyle ergueu o machado de batalha no alto e o desceu sobre a cabeça de Caleb.

Caleb desviou no último segundo e, em seguida, girou para trás, para alcançar o braço de Kyle. Mas Kyle bloqueou o golpe com um escudo e então se inclinou para trás e chutou Caleb no intestino, derrubando-o.

Kyle veio para mais um golpe com o machado, mas Caleb o antecipou; ele pulou sobre a arma, no ar, e chutou Kyle no peito, fazendo-o cair. Agora, Caleb estava com a vantagem.

Mas dezenas e mais dezenas de vampiros continuavam vindo para a terra, descendo de todos os lados. Caleb já estava ficando cansado, já está começando a ver que aquilo era uma batalha perdida.

Ele perguntou o que Aiden estava pensando, tentando enfrentar um exército com apenas algumas dezenas de homens.

Bem quando Caleb pensava que as coisas não poderiam ficar piores, de repente, a terra em torno dele tremeu. E ele ficou atônito ao ver milhares de túmulos no Monte das Oliveiras começarem a se mover; a terra se elevou e os corpos começaram a surgir a partir de cada túmulo – almas sombrias e demoníacas, sombras de aparência hedionda com dentes afiados e longos. Como se o exército no céu não fosse ruim o suficiente, agora Caleb estava sendo cercado por milhares de criaturas malignas.

E foi então que ele percebeu que, nos próximos minutos, sua vida estaria acabada.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Caitlin ficou ali, olhando para o céu, enxugando suas lágrimas e acabou se deixando levar pelo sofrimento. Ela foi empurrada no meio da multidão, então sentiu um pequeno aperto em sua mão e voltou para a realidade.

Scarlet olhou para ela com seus alegres e inocentes olhos.

"Mamãe?", ela perguntou.

Caitlin sorriu ao olhar para ela, esquecendo toda a sua tristeza. Ela se abaixou e abraçou Scarlet, segurando-a firme, sorridente, radiante. E então ela se lembrou: Jesus.

Caitlin pegou a mão de Scarlet, verificou se Ruth estava lá e então se apressou através da multidão, indo atrás dele. Eles eram empurrados enquanto, era difícil mantê-los juntos. As pessoas se reuniam em torno de Jesus, que estava bem mais longe agora, a multidão foi ficando mais e mais densa. Ele era uma figura tão polarizada, Caitlin podia sentir a tensão no ar, tão pesada que era palpável. Brigas estouraram, algumas pessoas choravam abertamente, enquanto outras discutiam.

Parecia que Jerusalém estava à beira de uma revolução.

Os soldados romanos ficavam atrás, observando cuidadosamente, Pôncio Pilatos os supervisionava. Caitlin viu mais e mais soldados chegando e aumentando as fileiras de guardas enquanto elas seguiam Jesus.

Caitlin precisava chegar mais perto; ela abriu caminho através da multidão e diminuiu a distância. Ao longe, ele virou por uma rua lateral e ela o perdeu de vista. Ela deu cotoveladas com mais força, mas a multidão era espessa – e só aumentava a cada segundo.

De repente, Pôncio Pilatos fez um sinal para seus soldados e eles correram para a multidão, isolando a rua onde Jesus tinha ido. A multidão vaiou e gritou, tentando segui-lo, mas os soldados não iriam permitir. A multidão ficou agressiva, então os soldados começaram a levantar suas armas para contê-los.

Um tumulto se seguiu. As pessoas começaram a brigar e então debandaram na direção de Caitlin para fugir da brutalidade dos soldados. Caitlin podia dizer a situação estava prestes a piorar e percebeu que, se ela não fizesse algo rápido, todos seriam pisoteados até a morte.

Caitlin levantou Scarlet em suas costas, agarrou Ruth com sua mão livre e saltou no ar. Bateu suas asas e, logo, ela estava voando, acima da multidão. Ela fez bem a tempo, logo antes da debandada. Ela não gostava de voar tão conspicuamente na frente de seres humanos que poderiam vê-la. Mas ela não tinha escolha.

Eles a avistaram, de fato, e o efeito foi eletrizante. Caitlin ouviu os gritos contidos e, ao olhar para baixo, viu centenas de membros da multidão parando e girando, apontando para ela.

"Bruxa!"

"Herege!"

"Demônio!"

Várias pessoas pegaram pedras e atiraram na direção Caitlin.

Mas Caitlin voou ainda mais alto na hora certa, e as rochas caíram, sem acertar nada. Em instantes, ela foi mais e mais alto, longe deles, sobrevoando Jerusalém. Ela continuou a voar e, em pouco tempo, estava sobre a barricada definida pelos soldados romanos.

Ela ganhou velocidade e, dentro de instantes, conseguiu detectar Jesus e seus apóstolos, lá embaixo, em uma rua tranquila. Eles tinham acabado de subir uma pequena colina e estavam entrando em uma casa grande e Romana.

Caitlin mergulhou em direção ao solo e pousou fora da vista, em seguida, correu para alcançar o último dos apóstolos, pouco antes de ele entrar na casa.

Quando ela correu até ele, ele se virou e olhou para ela. Caitlin preparou-se, supondo que ele diria a ela para ir embora; mas, para sua surpresa, ele sorriu.

"Nós estávamos esperando que você viesse", disse ele, olhando para Caitlin e, em seguida, para baixo, para Scarlet e Ruth. "Vocês vão se juntar a nós?"

Caitlin assentiu, aliviada.

"É a refeição da Páscoa", ele disse. "É a nossa última ceia antes de o feriado começar."

Ele deu um passo para o lado e fez sinal para Caitlin entrar.

A Última Ceia. As palavras soaram na cabeça de Caitlin. Ela mal podia acreditar. Ali estava ela, com Jesus e seus apóstolos, na noite de Páscoa, durante a Última Ceia, uma noite antes de ele ser crucificado. Na noite em que foi traído por Judas. Ela mal podia acreditar. Ela estava bem no meio da história. Será que ela, de alguma forma, poderia mudar isso?

Caitlin entrou na pequena casa, segurando a mão de Scarlet, Ruth estava ao lado dela, e seguiu o apóstolo por um corredor. Eles passaram por um pequeno pátio ao ar livre no meio da casa, enquadrado por colunas e arcos, com jardins imaculados e oliveiras. Eles continuaram por outro corredor e subiram um lance de escadas, e ela viu os apóstolos se reunindo em torno de uma porta.

A energia era palpável. Havia emoção na preparação para o feriado e na refeição. Eles entraram a sala, um por um, e ela os seguiu.

Quando Caitlin entrou no aposento, perdeu o fôlego. Lá, disposta diante dela, estava uma mesa ampla de comprimento. Os apóstolos estavam tomando seus lugares, sentando ao lado da mesa. E ali, sentado no centro, estava Jesus. Ele estava sentado com os olhos fechados, com as palmas para fora, como se estivesse meditando.

Quando ela entrou naquele lugar, ele abriu os olhos e olhou diretamente para ela. Ela podia sentir a energia intensa que irradiava

dele; Era diferente de tudo que ela já tinha experimentado. Ele era como o sol, preso em uma sala.

"Estou feliz por você ter vindo", ele disse a ela.

Mais uma vez, Caitlin se viu incapaz de responder. Ela se sentia oprimida em sua presença.

O apóstolo fez um gesto em direção a lugares vazios não muito longe de Jesus e Caitlin e Scarlet tomaram seus assentos. Caitlin podia ver a incredulidade no rosto de Scarlet e queria explicar-lhe tudo. Mas ela não sabia o que dizer.

Caitlin viu um homem sentado ao lado de Jesus e o reconheceu de algumas pinturas. Judas. Aquele que iria traí-lo.

Caitlin sentiu uma vontade de dar um salto para avisar Jesus, para lhe dizer que o seu tempo era limitado, que esta seria a sua última ceia; que eles estavam vindo para pegá-lo; que amanhã eles iriam crucificá-lo; e que ele deveria tomar cuidado com Judas.

Mas ela não queria passar dos limites e ela não sabia se era o seu lugar fazê-lo. Ela sentia que estava presa nas mãos da história e que não era o seu papel tentar modifica-la. E ela não sabia se ela poderia alterá-la se tentasse. Afinal de contas, poderia Jesus realmente não ser crucificado? Como isso afetaria a história?

Então, ao invés disso, Caitlin sentou-se ali, tentando aproveitar o momento, apreciar aquela experiência. Por alguma razão, ela tinha sido levado até lá e ela tentava entender o porquê. Ela só queria ver seu pai e ela tentou imaginar como e quando Jesus iria levá-la para ele.

Pequenos alimentos e iguarias foram passados ao longo da mesa e alguns foram colocados diante de Caitlin e Scarlet. Em seu prato, colocaram um pão grande e redondo. O pão ázimo.

Cada pessoa recebeu, então, um grande cálice, coberto de joias. Caitlin pegou o dela e Scarlet a imitou, feito de ouro maciço.

Assim que ela o segurou, Caitlin podia sentir o que havia dentro. Cada poro do seu corpo gritava por isso. Era sangue. O melhor, mais puro o sangue que ela já tinha visto.

Cada apóstolo levantou seu copo. Eles mantiveram seus cálices no ar durante alguns segundos, como se orando silenciosamente. Caitlin seguiu o exemplo. E, em seguida, cada um deles bebeu.

Caitlin bebeu e, quando o fez, ela imediatamente sentiu o sangue em suas veias, se sentiu imediatamente restaurada, rejuvenescida. Foi o melhor sangue que ela já bebera. Ela olhou e viu Scarlet beber, também e ficou aliviada ao ver a cor voltando para suas bochechas.

Um dos apóstolos deu a Ruth um grande pedaço de carne crua e Caitlin ficou aliviada ao ver Ruth comer, também. Finalmente, ela se sentia à vontade. Ela desejou que Caleb pudesse estar aqui para compartilhar isso com elas.

Todos colocaram as taças de volta à mesa quando Jesus limpou a garganta. Ficou claro que todos os discípulos estavam esperando pacientemente seus ensinamentos.

Mas, quando ele falou, foi para Caitlin que ele se virou. Ela se sentia nervosa.

"Quando você é levado perante governadores e autoridades", disse ele, "não se preocupe sobre como você vai se defender ou o que você vai dizer."

Caitlin corou, envergonhada; era como se ele tivesse lido sua mente. No entanto, ao mesmo tempo, ela encontrou paz em suas palavras. Ele estava conversando com todos os seus discípulos, mas ela se sentia como se estivesse falando diretamente com ela. Ela olhou ao

redor da sala e viu os seus discípulos, atentos a cada palavra, ansiosos para ouvir mais.

Ele semicerrou os olhos e parecia entrar em um estado meditativo. Caitlin se sentia tão calma em torno dele; mas, por outro lado, ela não podia parar de se preocupar. Ela se preocupava em encontrar seu pai a tempo; se preocupava com o que seria de Caleb, e Blake, e Aiden; ela se preocupava em não voltar rápido o suficiente. Ela tentou encontrar a paz, assim como todos os outros apóstolos, mas ela não conseguia impedir aqueles pensamentos em sua mente.

Jesus falou de novo:

"Quem de vocês, se preocupando, pode acrescentar, assim, uma hora que seja a sua vida?"

Seus olhos estavam fechados quando ele disse isso, mas, ainda assim, Caitlin sentia como se estivesse falando diretamente com ela. Suas palavras lhe trouxeram uma sensação de paz: ele estava certo. Preocupar-se não mudaria nada.

Um silêncio pesado invadiu o quarto e Caitlin se sentou, querendo saber o que tudo aquilo significava. Quando ele iria levá-la a seu pai? Ela sentiu como se estivesse mais perto de seu pai agora que nunca, não havia mais chaves para encontrar nem mais pistas para descobrir. Tudo o que tinha que fazer era seguir Jesus. Parecia fácil. No entanto, ao mesmo tempo, ele também parecia tão vago. Ela desejava que houvesse algo mais concreto que pudesse fazer.

Ela olhou ao redor da sala, pensando se talvez um desses apóstolos pudesse ser seu pai.

Ela estava queimando com o desejo de falar, de fazer perguntas a Jesus sobre ele, sobre o que ela estava fazendo aqui, sobre o que ela deveria fazer em seguida. Sentia-se tão oprimida, ela mal conseguia se conter. Mas ela sentiu que seria desrespeitoso, de alguma forma, para falar a esta mesa.

De repente, Judas se inclinou e sussurrou algo no ouvido de Jesus. Jesus lentamente levantou-se e todos os outros apóstolos ficaram em pé, também, por respeito. Caitlin os imitou.

Jesus saiu lentamente da mesa, seguido de perto por Judas.

Enquanto Caitlin os viu saírem, se perguntou o que Judas havia sussurrado em seu ouvido. Este seu pensamento enviou um calafrio pela sua espinha: ela sabia que Judas o trairia de alguma forma. E ela queria detê-lo.

Caitlin sabia que não era o seu papel se meter no caminho da história, mas, mesmo assim, ela estava queimando por dentro. Ela não podia apenas sentar lá e assistir isso acontecer.

Assim, apesar de tudo, ela pulou, correu em volta da mesa e se colocou diante de Jesus e Judas, logo depois de eles saírem da sala. Ela bloqueou o caminho deles e eles olharam para ela.

"Eu... uh..." Caitlin começou, sem saber o que falar. "Por Favor. Por favor, não vá", ela falou.

Ela sentia que devia protegê-lo. Ela não poderia deixar que nada lhe acontecesse. Jesus estendeu a mão e colocou sua palma da mão em seu ombro. Em seguida, ela sentiu uma onda de calor tremendo através do seu ombro e corpo. Era um poder de cura, eletrizante.

"Perdoa-lhes," ele disse suavemente, "porque eles não sabem o que fazem."

Caitlin sentiu lágrimas brotando. Era demais para ela suportar. Ali estava ela, tão perto de encontrar seu pai, se cumprir a sua missão, encontrar tudo o que ela precisava para ajudar seu marido. E Aiden.

E, no entanto, ela estava indefesa. Tudo o que ela precisava fazer era seguir Jesus e, no entanto, ela sabia que Judas o trairia. E que ela não nunca mais o veria novamente.

Ela queria acabar com tudo isso. Impedi-los de sair. Para ficar ao lado de Jesus. Para protegê-lo.

E, no entanto, ela sabia, a partir de suas palavras, que não era isso que estava destinado a acontecer. O que ela deveria fazer era se afastar e deixá-los passar.

E foi isso que ela fez.

Caitlin deu um passo para o lado e Jesus passou por ela, seguido de Judas, que fez uma careta para ela.

E, momentos depois, eles foram embora.

Caitlin voltou-se para os outros e fez o que deveria fazer, tomar seu lugar novamente à mesa.

"Mamãe?", Perguntou Scarlet. "Está tudo bem?"

Caitlin enxugou suas lágrimas quando ela se sentou lá, seu coração batia forte, esperando que eles voltassem. Ela tentou deixar isso fora de sua mente. Tentou ser paciente. Ela tentou ter fé de que tudo ficaria bem.

Mas, depois de vários minutos de espera, de saber que seu destino podia estar escorregando de suas mãos, de saber que seu marido estava lá fora, em perigo, ela não aguentava mais. Ela não se importava se ela ficaria no caminho do destino. Ela sentiu que tinha de tomar uma atitude.

Caitlin saltou da mesa, agarrou a mão de Scarlet, e saiu correndo da sala – determinada a salvá-lo.

* * *

Caitlin saiu correndo do quarto, deixando a última ceia, correu pelo corredor, apertando a mão de Scarlet, Ruth seguiam as duas e

desceu o lance de escadas. Ela passou correndo pelo pátio, passou por outro corredor e, então, finalmente explodiu pela porta traseira. Ela sabia da história que Jesus tinha sido traído no Jardim do Getsêmani e ela sabia que o jardim era contíguo à casa da última ceia. Enquanto ela saiu pela parte de trás da casa, ela rezou que aquele fosse o lugar certo.

E era. Ali estava Jesus, de pé, sozinho com Judas, em um pequeno jardim antigo, na parte traseira da casa, repleto de oliveiras. Atrás deles, o céu estava coberto com o mais dramático pôr do sol vermelho-sangue que Caitlin já tinha visto.

Caitlin ficou ali, recuperando seu fôlego e os dois se viraram e olharam para ela.

O rosto de Judas se encheu de apreensão com a visão dela e ele rapidamente se virou e saiu correndo pelo jardim, deslizando através da entrada lateral.

Agora Jesus estava ali, sozinho. Caitlin podia sentir que o seu tempo era limitado e, mesmo sem querer, ela começou a chorar.

"Mãe, o que há de errado?" Scarlet perguntou, também sem fôlego. Ao lado dela, Ruth choramingava.

Mas Caitlin não podia responder. Ela não sabia o que dizer. Ela não sabia se já era tarde demais. Jesus se virou para ela. Ela tinha tantas dúvidas que estava em chamas para perguntar. Mas ela se viu com a língua completamente amarrada.

Jesus deu um passo mais perto dela, e falou:

"Apenas seja cuidadosa e tome conta de si mesma para que você não se esqueça das coisas que seus olhos viram nem as deixe escapar de seu coração, enquanto você viver. Ensine isso a seus filhos e aos filhos deles. "

Caitlin tentava entender o que ele quis dizer. Ele se referia a Scarlet? O que ela precisava ensiná-la? E como isso se relacionava com o seu pai?

Jesus estava prestes a falar novamente e Caitlin sentiu que ele estava à beira de revelar-lhe algo importante. Algo que faria toda a sua vida fazer sentido. Algo sobre seu pai.

Mas, antes que ele pudesse falar, o mundo inteiro se transformou.

Scarlet virou e apontou para o céu.

"Mãe, olha!"

Caitlin olhou para cima e viu o céu escurecer. Milhares de vampiros, de repente, desceram, voando na direção a eles.

No mesmo momento, as portas para o jardim se abriram e, Judas seguido por dezenas de soldados romanos, invadiram. Eles atacaram Jesus, assim como os vampiros que mergulhavam.

Tudo aconteceu tão rápido, quase não havia tempo para reagir.

Agarraram Jesus, que não resistiu então Caitlin começou a correr para ajudá-lo.

Mas, antes que pudesse alcançá-lo, naquele momento, um vampiro solitário que ela não havia visto, de repente, mergulhou na direção dela. Ela se virou no último segundo e se preparou para se defender.

Ela levantou os punhos, pronto para derrubá-lo.

Mas, então, no último segundo, ela viu seu rosto. Era um rosto que ela conhecia. Alguém que ela amava.

E ela baixou as defesas.

Lá, voando diretamente para ela, estava seu irmão. Sam.

Caitlin ficou ali, chocada, horrorizada.

"Sam?", ela perguntou.

Ela ficou ali, de guarda baixa, esperando que ele fosse abraçá-la, resgatá-la.

Mas, para seu espanto, a última coisa que viu, antes de seu mundo ficar preto foi Sam erguendo o punho para golpeá-la bem no rosto.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Caleb não podia acreditar no que estava vendo: ao seu redor, os mortos estavam se levantando no Monte das Oliveiras. Lembrou-se da profecia para o fim dos dias – que os primeiros a ressuscitar seriam aqueles enterrados no Monte das Oliveiras e sabia que a profecia estava se tornando realidade.

Isso significava que o fim do dia estava acontecendo. Bem ali. Naquele momento.

Este pensamento o atingiu como um raio. O apocalipse. Ele estava realmente acontecendo. Algo terrível havia sido desencadeado e o lado escuro havia conseguido colocar as mãos nele primeiro.

Sua sensação de pavor aprofundou: agora, a sua morte parecia inevitável.

Caleb voltou para a batalha corporal e lutou furiosamente, bloqueando os machados de batalha de Kyle na hora certa. Ele se inclinou para trás e chutou Kyle bem forte, bem no peito, fazendo-o voar para trás.

Outra espada veio cortando para baixo, para a sua cabeça e Caleb se defendeu com sua espada, em seguida, virou e chutou seu agressor no intestino, derrubando-o. Era Rynd. Um velho cúmplice de Kyle.

Caleb estava no auge de sua força, lutando bem, mais rápido do que nunca. Mas ele também sabia que estava em menor número e só poderia adiar sua morte por um certo tempo. Ele esperava que Caitlin voltasse trazendo seu pai.

De repente, Caleb notou uma figura solitária, mergulhando para baixo, no céu, direto para ele. No começo, preparou-se para um ataque, mas, em seguida, sentiu uma energia amigável. Seu coração disparou quando ele pensou que poderia ser Caitlin.

A figura pousou bem na frente de Caleb, empunhando uma espada e bloqueou o golpe que estava prestes a atingi-lo.

Caleb não podia acreditar. Era o seu antigo rival pelo amor de Caitlin: Blake.

Blake tinha acabado de salvar Caleb de um golpe fatal, e Caleb estava mais grato do que conseguia expressar. Ele se sentiu reenergizado com sua presença e ele usou esta oportunidade para saltar sobre a cabeça de Blake e chutar outro vampiro com força, no peito, com ambos os pés, pouco antes de o vampiro atingir Blake. Blake defendia Caleb e vice-versa.

Mas as sepulturas ainda estavam ressuscitando e a primeira das criaturas das trevas atacou na direção de Caleb. Uma dessas sombras o agarrou por trás e seu toque conduziu um calafrio

através de Caleb, que aprofundou sua sensação de medo. A sombra era fria e viscosa, como um demônio do inferno.

Caleb jogou os braços para trás e conseguiu se livrar dele, enviando-o pelos ares e atingindo várias outras criaturas. Mas ainda vinham outros.

Aiden girou seu cajado e Caleb ficou chocado ao ver aquele bastão crescer diante de seus olhos.

Ele chegou a 15 metros e, depois cresceu até trinta metros. Em seguida, Aiden o girou ao seu redor, fazendo um grande círculo.

Isso teve um efeito tremendo. Aiden conseguia derrubar toda criatura que chegasse dentro de um raio de trinta metros dele, estabelecendo um amplo perímetro. Ele matou uma centena de seres das trevas com um único golpe.

Com Blake aqui e equipe de Aiden, o jogo estava começando a virar. Caleb sentiu que eles poderiam ter uma chance, especialmente quando observou os membros do clã de Aiden: aqueles soldados, vestidos com suas túnicas brancas, cada um empunhava uma espada e um cajado próprio e movimentavam suas armas em ritmos lentos, mas deliberados. Eles estavam canalizando algum tipo de energia o qual Caleb desconhecia e, quando eles giravam seus bastões, cada um conseguia nocautear vinte vampiros em um único golpe. Claramente, os homens de Aiden foram treinados com um poder especial, um estado elevado de treinamento que Caleb nunca tinha visto.

Caleb pulou para frente, alterado pela fúria e por uma nova confiança, e matou uma dúzia de vampiros em poucos segundos. Blake fez o mesmo. Dentro de instantes, Caleb e Blake estavam lutando em consonância, cada um defendendo as costas do outro. E eles estavam se dando bem. A maré estava mudando.

"Caleb," veio uma voz.

Caleb imediatamente virou. Era uma voz que ele reconheceria em qualquer lugar, havia sentido um choque elétrico através de seu corpo. Mas não poderia ser. Como ela poderia estar aqui?

"Ajude-me, por favor!"

Quando ele se virou, Caleb ficou surpreso ao ver quem estava ali. A poucos metros de distância, bem diante dele, estava Caitlin. Ela ficou ali, parada, lutando contra hordas de vampiros e eles a atacavam. Ele não conseguia entender como ela poderia estar ali, como ela poderia ter aparecido tão rapidamente; talvez ela estivesse voando e, em meio ao caos, ele não havia notado sua presença.

Ele não tinha tempo para pensar sobre isso. Seu primeiro impulso foi era deixa-la a salvo, então ele entrou em ação, revidando os vampiros que a atacavam. Em momentos, ele conseguiu matar uma dúzia deles, os outros mantinham uma distância cautelosa.

Caleb rapidamente se virou e olhou para ela. Ela ficou lá, parecia tão indefesa, tão medrosa, e tão bela. Era a Caitlin que ele conhecia. E sentia-se muito feliz ao vê-la.

Mas, ao mesmo tempo, algo estava inquieto dentro dele; algo, no fundo, disse-lhe que alguma coisa não estava certa, mas ele não tinha certeza o que era.

Ele estava tão feliz de vê-la que ele deixou todas as suas premonições de lado e se aproximou para abraçá-la. Ela tinha sido fiel a sua palavra. Ela havia voltado.

"Eu voltei por você", disse Caitlin. "Eu não poderia ficar de fora. Eu tinha que vir e ajudá-lo."

Ela deu um passo para frente, abaixando sua espada na sua lateral.

"Você não vai dar um abraço na sua esposa?", ela perguntou.

Caleb deu três grandes passos para frente e abriu os braços, pronto para abraçá-la. Mas, quando ele chegou perto dela, seu corpo tornou-se frio, algo dentro dele gritava que tinha alguma coisa errada ali. Ele não estava entendendo. E, quando ele percebeu, já era tarde demais.

Caleb deu mais um passo fatal em direção a Caitlin. No último momento, o rosto de Caitlin se fechou em uma carranca, e ela puxou de volta a sua espada de prata curta e a enfiou diretamente no coração de Caleb. Ela o abraçou com um braço, enquanto segurava a espada com a outra, atravessando-o.

Caleb perdeu o fôlego. A dor era tão intensa, tão surpreendente, seus olhos se arregalaram e ele mal conseguia respirar.

Ainda mais dolorida, era a traição. Ele havia sido esfaqueado no coração por aquela que ele mais amava, pela pessoa que ele amava mais do que tudo no mundo.

Caleb olhou para cima, para os olhos de Caitlin, perguntando como ela poderia fazer uma coisa dessas.

"Eu disse que eu teria a vingança", disse ela, olhando para ele.

Caleb não sabia do que ela estava falando. A sua visão do mundo estava ficando pálida, embaçada, à medida que ele sentia que estava deixando seu corpo. Ele sentia-se cada vez mais leve, fora de si mesmo, enquanto observava seu próprio corpo caído no chão.

Em seus segundos finais, deitado no chão, Caleb olhou para o campo de batalha diante dele. Ele assistia tudo em flashes. Ele viu Blake ali de pé, olhando para ele, espantado, e então viu Rynd agarrar Blake por trás, depois Kyle avançou e desceu seu machado, matando-o.

Ele viu Kyle pegar uma longa lança de prata, que ele nunca tinha visto antes, e atacar Aiden. De alguma forma, a lança penetrou o

escudo e atingiu Aiden, bem no seu coração. Ele observou Aiden cair no chão, sem vida.

Ele viu mais e mais sepulturas se erguerem, os guerreiros restantes de Aiden eram inundados por vampiros e criaturas das sombras em todas as direções, eram mortos de todos os lados. E então, finalmente, ele olhou para cima, uma última vez, para Caitlin.

Naquele momento, seu rosto mudou: transformou-se no rosto de sua ex-esposa, Sera, que o encarava, triunfante.

"Eu aprendi o truque de mudar de forma com o Sam", disse ela com um sorriso de escárnio.

Mas Caleb já estava delirante. Ele não viu o rosto dela mudar, não ouviu suas últimas palavras. Em seus últimos momentos, ele deixou a terra ainda está pensando que ela era Caitlin, sua esposa, seu primeiro e único amor e que ela o havia traído.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Caitlin abriu seus olhos lentamente, com uma dor excruciante. A sensação da luz atingindo seus olhos parecia com facas entrando em sua na testa. Ela precisou apertar os olhos – mesmo meio escuro ali, com iluminação por tochas.

Ela sentiu inflamações e dores por todo o corpo e, quando ela tentou se mover, percebeu que estava acorrentada. Ela olhou a sua volta e viu correntes prendendo suas mãos e pés a uma parede.

Ela estava de pé, com os braços e as pernas estendidas, acorrentada, com as costas contra a parede de pedra fria, o metal frio feria seus pulsos e tornozelos. Ela lutou contra os grilhões, até perceber que eram de prata.

Ela sentiu um enorme galo formado em seu rosto, percebeu que era o local onde Sam deve ter batido nela. Pensar sobre isso era mais doloroso do que o ferimento em si. Sam. Seu próprio irmão.

Ela mal podia acreditar. Ele havia mudado tão completamente que atacaria até ela?

Aparentemente, sim. E isso a machucava mais do que ela mal conseguia expressar. Sam, ela percebeu, já não era mais seu irmão. O relacionamento deles havia terminado. Ele era um estranho para ela agora. Pior: ele era um adversário. Esse pensamento a fez se sentir mais sozinha no universo do que nunca.

Ela pensou no passado, tentou lembrar a cadeia de eventos. Lembrou-se da última ceia. Judas, de sair para o jardim... Jesus... O céu escurecendo... Sam. Imediatamente, ela pensou em Scarlet. Obrigou-se a abrir completamente seus olhos e procurar pela sala.

Era uma enorme sala cavernosa, todas de pedra, escura, iluminada apenas por tochas. Não havia ventilação ali e o único ruído eram os gemidos baixinhos de outros prisioneiros. Ela examinou as paredes e viu vários outros, vampiros e humanos, acorrentados, também. Eles estavam gritando de dor, puxando seus grilhões. Caitlin sabia como se sentiam: o puxão de suas correntes era insuportável e ela se perguntou há quanto tempo ela estava acorrentada ali, daquele jeito.

Ela continuou examinando o local, com o coração acelerado, desesperado por qualquer vislumbre de Scarlet. E então, para seu grande alívio, ela a encontrou. Ela estava acorrentada à parede, do outro lado da sala. Seu coração inundou de alívio e de pânico. Ver

Scarlet assim, presa, a machucava mais do que seu próprio cativo. Caitlin puxou novamente seus grilhões, tentando libertar-se para ajudá-la, mas sem sucesso. Ao seu lado, amordaçada e acorrentada ao chão, estava Ruth.

Pelo menos, Scarlet estava ali. Com ela. Viva.

"Scarlet", Caitlin sussurrou, ansiosa.

Scarlet não abriu os olhos e o coração de Caitlin apertou. Ela estava morta? Caitlin se perguntou com um pânico súbito.

"Scarlet!", Caitlin chamou, com mais força.

Lentamente, os olhos de Scarlet se agitaram e, em seguida, começaram a abrir. Ela parecia drogado. Ou esgotada. Ou doente. Caitlin se perguntou há quanto tempo elas estavam lá. O primeiro impulso de Caitlin, como mãe, foi correr até Scarlet e lhe dar um abraço, ajudá-la, libertá-la. Mas ela puxou novamente suas correntes e amaldiçoou o fato de elas serem de prata e que sua força era inútil contra elas.

Caitlin podia sentir que algo terrível havia acontecido com o universo para permitir que os eventos chegassem aquele ponto. Permitir que Jesus fosse capturado. Permitir que Sam a localizasse e a machucasse daquela maneira. Ela tinha uma sensação de que tal caos só poderia significar uma coisa: Aiden e seus homens tinham sido derrotados. E o lado escuro agora tinha total liberdade.

E a única maneira que isso poderia ter acontecido era se tivessem encontrado algum tipo de arma secreta.

O coração de Caitlin parou no próximo pensamento: se tivessem encontrado o Escudo antes dela?

Caitlin sabia que elas precisavam sair de lá o mais rápido possível. Ela precisava encontrar Caleb, ver se ele ainda estava vivo. Ela

precisava avaliar o quão ruim a situação era. E ela precisava encontrar Jesus, antes de ele ser morto. Afinal, ele era o seu guia, a única pessoa que poderia levá-la a seu pai. E, em horas, ele estaria morto. Crucificado.

Esta era sua última chance.

Quando Caitlin puxou as correntes novamente, sem sucesso, ela, de repente, ouviu um barulho, no alto do teto. Olhou para cima e, enquanto ela observava, um barril foi colocado sobre a cabeça de uma das vampiras em cativeiro do outro lado da sala. Ela viu quando o barril foi virado lentamente, derramando um líquido.

Caitlin assistiu, horrorizada, o líquido cair no ar e atingir a cabeça da vampira acorrentada. E, assim que encostou, ela gritou, em terrível agonia. Seus gritos encheram a sala.

Uma fumaça se elevou sobre seu corpo e havia um chiado horrível. Caitlin percebeu imediatamente o que havia no barril: ácido. Ela não via isto desde o seu tempo em Nova York. Este, ela tinha certeza, era um trabalho Rexus: seu dispositivo favorito de tortura.

"Não olhe!" Caitlin gritou para Scarlet.

Mas Scarlet estava assistindo, horrorizada, de olhos bem abertos e não havia nada Caitlin pudesse fazer sobre isso.

Caitlin viu como o ácido destruiu a vampira. Ela gritou e gritou e, depois de uma longa e agonizante tortura, metade de seu rosto e corpo estava corroído. Mas, de alguma forma, ela ainda estava viva, presa em um estado vegetativo, em agonia indescritível.

De repente, houve um outro ruído, e outro barril foi lentamente baixada do teto. Este estava se dirigindo para o vampiro ao lado dela.

Caitlin podia ver que, um a um, cada preso nesta sala ia ser torturado pelo ácido. E, quando o barril seguinte foi derramado e os gritos de outro vampiro ecoaram, Caitlin se deu conta de que ela era a próxima. E, depois, Scarlet.

"Mamãe! Ajude-nos! Por Favor! Faça alguma coisa!" Scarlet gritou.

Caitlin estava frenética. Ela não sabia o que fazer.

E então ela se lembrou: seu treinamento final, com Aiden. Ela fechou os olhos, forçando-se a se concentrar. Ela focou em sua nova habilidade, a habilidade final que Aiden havia ensinado. A capacidade de alterar qualquer elemento. Para transformar prata em metal.

Caitlin se obrigou a relaxar. Para concentrar em si mesma. Para invocar seu poder. Lentamente, ela sentiu uma energia se elevando, sentiu seu corpo se aquecer, desde os dedos dos pés, passando pelas suas pernas, seu torso, até alcançar suas mãos. Ela centrou-se na forma das correntes de prata, focando em sua composição. E, lentamente, ela desejou que aquele se transformasse.

De repente, Caitlin sentiu as algemas em seus pulsos começarem a mudar. Elas ainda estavam lá, mas, diante de seus olhos, ela viu a mudança da cor prateada para um ferro escuro. E, assim que um novo barril estava sendo abaixado e dirigido para sua cabeça, Caitlin percebeu que ela tinha conseguido: ela tinha transformado prata em metal. Agora, eram correntes comuns. Agora, ela poderia se libertar.

Sem um segundo a perder, Caitlin quebrou seus grilhões de ferro. Ela os quebrou um de cada vez, primeiro cada pulso, então cada tornozelo. Finalmente livre, ela se jogou para frente.

Bem a tempo. Uma fração de segundo depois, o ácido foi derramado para baixo, caindo no local que ela tinha acabado de sair.

Caitlin correu pela sala cavernosa para chegar a Scarlet. Enquanto ela corria, se concentrou nas algemas de prata de Scarlet e desejou que sua forma mudasse. Até o momento de ela alcançar sua filha, ela sentia que as correntes já haviam virado metal comum e então quebrou suas algemas sem hesitar. Ela, então, estendeu a mão e arrancou as correntes e a focinheira de Ruth.

Caitlin pegou a mão de Scarlet e a puxou para que ela saísse de seu lugar, um segundo antes de o ácido cair.

Os três correram pelo local, Caitlin viu a porta de prata à frente e mudou sua forma, sem sequer desacelerar. Quando chegaram nela, Caitlin apenas a chutou para derrubá-la e as três dispararam para fora da cela. Eles saíram em plena luz do dia, em um campo remoto, no topo de uma montanha.

"Segure em mim!" Caitlin gritou.

Scarlet pulou em suas costas e Caitlin agarrou Ruth e então saltou no ar. Um momento depois, elas estavam voando, subindo, se afastando cada vez mais daquele lugar.

Caitlin olhou por cima do ombro e viu que eles tinham acabado de voar para fora de um antigo templo pagão. Parecia o Parthenon de Roma, mas menor, esculpido com figuras demoníacas e estátuas em todas as direções.

Caitlin podia ver que sua fuga tinha causado um rebuliço: dezenas de vampiros, vestidos todos de preto – pessoal do Rexus – se remexendo na encosta. Eles estavam tocando trombetas, havia alarmes soando e, momentos depois, dezenas deles foram para o ar, voando atrás de Caitlin. Ela sabia que Rexus iria convocar todo o seu povo para segui-la.

Mas ela não se importava. Elas haviam escapado. Elas estavam livres.

Caitlin sabia que ela deveria procurar Jesus agora, continuar a busca por seu pai. Mas ela não conseguia ficar longe de Caleb nem mais um segundo. Ela tinha que vê-lo primeiro. Nada no mundo poderia impedi-la de encontrar seu marido e de fazer tudo em seu poder para se certificar de que eles nunca mais estariam separados novamente.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Caitlin cortava o ar em direção ao Monte das Oliveiras. Ela conseguiu colocar uma boa distância entre ela e seus perseguidores e não estava preocupado com eles.

Ela estava preocupada com o que foi que ela poderia encontrar. Havia um aperto em seu peito, uma profunda sensação de medo que ela não conseguia abalar, sensação de que algo terrível tinha acontecido, de que todas as pessoas que ela amava no mundo tinham partido. Ela sentiu como se já fosse uma órfã no universo.

Ela lembrou-se das palavras de Jesus, e desejou ter calma.

Quem de vocês, se preocupando, pode acrescentar, assim, uma hora que seja a sua vida?

Caitlin voou pela paisagem árida de Israel, observando Jerusalém e as palmeiras intermináveis embaixo dela. Ela se sentia atraída por esta cidade, mas também se via odiando-a, ao mesmo tempo.

O local era muito intenso para ela e ela a associava com tudo o que tinha dado errado em sua vida.

Ela só queria ficar longe – longe, muito longe, com Caleb e Scarlet. Sozinhos. Apenas os três. Para um lugar onde eles poderiam viver suas vidas em paz. Onde batalhas e pistas e as relíquias eram uma coisa do passado.

Mas ela estava com medo de que não seria assim. Ela tinha uma missão, um destino e ela ainda não o havia cumprido – e ainda nem sabia o que era. Ela sabia que tinha de encontrar seu pai e sabia que, de alguma forma, Jesus iria levá-la até ele. Ela sabia que, em seu coração, ela deveria descer e procurar Jesus agora. Imediatamente. Que ele era sua última salvação, sua última esperança para salvar os outros.

Mas ela simplesmente não conseguia. Todos os ossos do seu corpo a levavam para Caleb. Ela tinha que vê-lo primeiro. Ela precisava ver se ele estava em perigo e precisava fazer tudo o que podia para salvá-lo.

Quando ela rodeou um pico, o Monte das Oliveiras se espalhou diante dela. Ela viu as intermináveis filas de oliveiras, para cima e para baixo da montanha e, na encosta distante, as fileiras de túmulos.

Só que agora, havia algo diferente: os túmulos estavam abertos. Ela viu milhares de manchas de terra recém-mexida e ela podia sentir, mesmo a partir dali, que algo estava terrivelmente errado. Parecia que a terra tinha se aberto e cuspidos para fora milhares de cadáveres.

Mesmo dali, ela sentiu uma profunda mudança no universo. Ela sentiu uma terrível tristeza e sentiu que, abaixo dela, havia um campo de batalha, uma batalha épica que tinha sido travada ali, e que milhares de pessoas haviam morrido. Ela já podia sentir a tragédia. E ela já podia sentir seu remorso por não ter ficado ali. Ela havia abandonado seus entes queridos enquanto eles tinham lutado;

ela havia passado todo esse tempo procurando seu pai, enquanto ela poderia ter ficado ali, ajudando-os.

Caitlin mergulhou mais baixo, quase com medo de olhar; ela sentiu pequenas mãos segurando-a com força e sentiu que Scarlet estava tensa também. Ela assumiu que, Scarlet, tão sensível como era, podia sentir, também. Afinal, seu pai estava lá embaixo.

Caitlin mergulhou acentuadamente, entre as fileiras de oliveiras, em direção à casa de campo de Aiden. Quando ela se aproximou, viu centenas de cadáveres espalhados, sem vida nas colinas abaixo. Vampiros. Homens de Rexus. Abatidos.

Mas, quando ela se aproximou mais, ela também pode ver outra coisa: cadáveres com capuzes brancos e roupões. O povo de Aiden. Antes mesmo de desembarcar, Caitlin já sentiu que o pior resultado possível tivesse ocorrido: o clã de Aiden tinha sido dizimado.

Ela pousou e, em seguida, se virou, observando a montanha, ela mal podia acreditar no que estava vendo. A visão daquela devastação lhe tirou o fôlego.

E então ela viu algo mais, algo que a deixou sem palavras.

Lá, deitado de costas no chão, com seu cajado ao seu lado, estava Aiden, coberto de sangue, manchando o manto escarlate. Seus olhos estavam abertos, olhando para o céu.

Caitlin caminhou lentamente, sem compreender o que estava vendo. Como era possível? Aiden? Seu mentor? Seu guia? O homem que ela pensava ser seu pai? O homem que acreditava ser invencível? Morto?

Mas lá estava ele. Imóvel. Sem vida.

Caitlin foi atingida por um pensamento terrível: se Aiden estava morto, que esperança restava para o resto deles?

Ela estava com medo de procurar em outro lugar, não querendo ver quem mais poderia estar deitado ali. Então, ao invés disso, ela caminhou para o lado de Aiden. Ela ajoelhou-se e podia ver que ele não estava respirando. Ele estava duro, era evidente que ele estava assim há algum tempo.

Ao lado dela, Scarlet estava chorando e Ruth, choramingando.

"Não olhe", ela disse baixinho para Scarlet.

Caitlin estendeu a mão e suavemente colocou os dedos sobre as pálpebras de Aiden. Fechou-os e pousou sua mão ali, descansando em sua testa. Ela estava enviando-lhe todo o amor que ela podia, não importava em qual forma ele estivesse.

Ela piscou de volta e lembrou-se da primeira vez que ela o conhecera, em Pollepel. Quer ele fosse seu pai verdadeiro ou não, ele tinha sido um pai para ela. A coisa mais próxima de um pai que ela já teve. Ela sentiu indescritível gratidão por isso. E, vê-lo ali, daquele jeito, partiu seu coração em dois.

Caitlin rapidamente levantou-se e fez Scarlet se afastar dali.

"Não olhe, querida", disse ela novamente.

Ruth subiu nele e lambeu seu rosto várias vezes, Caitlin se obrigou a se virar.

Caitlin examinou os cadáveres – milhares deles – e não compreendia a dimensão do desastre que deve ter ocorrido. Deve ter havido, ela percebeu, uma arma poderosa, algo que ela não conhecia, para capacitá-los a fazer esse tipo de dano. Mas o quê?

Caitlin lentamente esquadrinhou os corpos, caminhando para frente; ela estava procurando qualquer sinal de Caleb, mas, ao mesmo tempo, rezou para que não visse nenhum. Talvez ele tivesse escapado? Ela esperava. Mas, no fundo, uma parte dela

sentiu que não era o caso. Ela já podia sentir seu coração começa a apertar.

Caitlin virou uma esquina e, em seguida, parou.

Lá, encontrava-se sem vida, de costas para ela, um corpo que ela sentiu que ela conhecia. Ele estava deitado de lado, e ela não poderia dizer quem era. Lentamente, ela caminhou em direção a ele.

"Olhe para longe, querida", disse Caitlin e Scarlet virou.

Caitlin deu alguns passos finais, ajoelhou-se, agarrou seu ombro e puxou para trás.

Lá, estava, sem vida e de olhos bem abertos para o céu, Blake.

Caitlin sentiu como se um pequeno punhal tinha sido empurrado empara o seu coração. Blake.

Morto. E, ela podia ver que, desta vez, era de verdade, foi atingido por um machado de prata. Caitlin já sentia de quem era esse trabalho.

Kyle.

Mas como isso era possível? Kyle havia ressuscitado? Como?

Caitlin imediatamente levantou-se, obrigando-se a desviar o olhar. Ela não podia aguentar isso; era muito doloroso. Aiden morto. Blake morto...

Restava apenas uma pessoa.

Caitlin correu pelo campo de batalha, tropeçando em corpos, examinando o lugar desesperadamente, à procura de qualquer sinal de seu marido. Seu amado. Seu único e verdadeiro amor na vida. Ela inspecionou cada cadáver, frenética.

“Caleb!” ela gritou.

Enquanto corria, ela já sentia as lágrimas escorrendo pelo seu rosto. De alguma forma, ela sabia. Ela simplesmente sabia.

“CALEB!” ela berrou para os céus.

No alto, um abutre a imitou.

Ela nem sequer o via, mas já sabia que ela iria. Era demais para ela suportar. Ainda assim, ela precisava saber. Ela tinha que ver. Talvez, uma pequena parte dela ainda torcia, talvez, apenas talvez, ele ainda estava vivo. Talvez, de alguma forma, ele tenha sobrevivido. Ou fugido. Ou talvez ela fosse para um canto e o encontraria vivo, e ela poderia levá-lo, e eles poderiam rir embora, ir para longe, muito longe dali. Desistir de procurar seu pai. Recomeçar a vida, em algum lugar longe de tudo isso. Talvez eles possam fechar os olhos e tudo terá sido só um sonho a muito, horrível.

Mas, quando Caitlin dobrou uma esquina, ela viu que simplesmente não era para ser.

Ali, deixado no campo de cadáveres, deitado de costas, com os olhos bem abertos e olhando para o céu, estava seu marido.

Caleb.

Morto.

Caitlin sentiu todo ar ser retirado dela. Ela caiu de joelhos, em estado de choque.

Naquele momento, tudo o que ela sempre quis, tudo o que ela já tinha sonhado no mundo desapareceu. Ela caiu de joelhos, no chão, longe dele, já sofrendo, segurando sua cabeça entre as mãos. Ela não podia suportar chegar mais perto.

Ela inclinou-se para fora e deixou escapar um gemido terrível.

Finalmente, Caitlin forçou a ficar em pé. Ela caminhou para mais perto e mais perto do corpo, a cada passo, ela senta o peso do mundo, sentia como se estivesse andando em areia movediça.

Ela chegou ao lado dele e caiu em cima de seu corpo, segurando-o, abraçando-o. Ela chorou e chorou e soluçou e gritos acumularam em seu corpo, enquanto seus lamentos chegavam aos céus. Era tão injusto. Depois de tudo o que tiveram que passar, todos os séculos, todas às vezes, todos os lugares. Após o profundo amor que sentiam um pelo outro. Seu pedido de casamento. O casamento. Sua filha. Depois de sua viagem no tempo, só por ele. Depois de tudo, *tudo* o que passaram. Agora. De todos os tempos. Para que isso acontecesse. Quando eles estavam tão perto. Quando ela estava apenas a um fio de cabelo de encontrar seu pai. De encontrar o escudo. De ter tudo isso encerrado, para sempre.

Caleb morto. E ela e Scarlet completamente sozinha no mundo.

Caitlin se ajoelhou ali, balançando-o, segurando-o ternamente, desejando que sua vida estivesse terminada.

"Papai?", Veio uma voz hesitante.

Ao som daquela voz, a dor de Caitlin se aprofundou.

Scarlet apareceu, chorando, e se ajoelhou ao lado de Caleb e o abraçou também. Ouvir os gritos dela foi ainda mais doloroso para Caitlin que qualquer outra coisa. Ela desejou que ela pudesse protegê-la daquela situação.

"Papai!" Scarlet gritou de novo e de novo, sacudindo-o.

Caitlin queria confortá-la. Mas não sabia como. Ela mesma estava muito angustiada para saber como agir.

"Faça alguma coisa, mamãe!" Scarlet gritou. "Faça alguma coisa! Traga-o de volta. Você tem que fazer isso! Você tem! "

Mas Caitlin apenas balançou a cabeça. Ela não sabia o que fazer. Caleb, seu marido, estava morto. Realmente morto. Ela sentiu que sua alma tinha deixado seu corpo, ele já não estava mais na terra. E não havia Aiden desta vez, pairando sobre seu ombro, dizendo-lhe o que fazer. Não havia sobrado mais ninguém.

"Você pode ir para o inferno", continuou Kyle, com um largo sorriso. "Com o seu marido. E eu posso enviá-la para lá."

Caitlin viu Kyle ali e Rynd ao lado dele e, atrás deles, o exército de Rexius. Estavam todos de frente para ela.

Desta vez, Caitlin estava pronta. Seu tempo de fugir havia terminado. Agora, ela não tinha mais motivo para viver.

Agora, ela queria vingança.

CAPÍTULO TRINTA

Caitlin enfrentou Kyle, Rynd, Rexius e sua legião de vampiros. Enquanto estava lá, ela podia sentir a raiva lentamente tomar conta de seu corpo. Ela não sentia raiva daquele jeito não e lembrava há quanto tempo. Era uma profunda fúria primitiva, e a dominou como uma tempestade. Era a raiva de uma criatura sem mais nada para viver. Era a coisa mais poderosa que ela já sentiu.

Caitlin queria vingança. Ela *precisava* de vingança. Para Caleb. Para Aiden. Para Blake. Para si mesma. Cada pedacinho de seu corpo

estava preparado para lutar contra este exército. Seu mundo inteiro ficou vermelho e ela sabia que ela precisava matar cada um deles, até o último.

Caitlin se inclinou para trás e rugiu, o rugido de mil dragões. O chão tremeu embaixo dela, seu grito de batalha chegou até os próprios céus.

Quando a terra tremeu, ela viu medo nos rostos de Kyle e Rynd. Eles devem ter percebido que eles estavam lutando contra uma pessoa transformada, contra alguém diferente de todos que já haviam enfrentado. Esta era a nova Caitlin. A Caitlin que completara o seu treinamento. A Caitlin que teve tudo o que lhe era importante ser tirado dela, e não tinha nada a perder.

Caitlin explodiu em ação. Com a velocidade de um raio, ela pulou 6 metros no ar e chutou Kyle com os dois pés no peito, tão rápido e tão forte, que ele sequer teve tempo para reagir. Ele saiu voando, como uma bala de canhão, direto no exército de vampiros atrás dele, derrubando dezenas deles.

Antes mesmo de seus pés tocarem o chão, Caitlin já estava em ação, girando e dando cotoveladas em Rynd bem na cara. Ela ouviu o estalo de sua mandíbula quebrando quando ele girou e caiu no chão. Caitlin pegou impulso e o chutou. O chute foi tão forte, que o mandou voando pelo ar, para a legião de vampiros e derrubou dezenas de outros, como uma bola de boliche atropelando pinos.

Caitlin se virou e pulou em Rexus. Ele foi mais rápido do que os outros e, quando ela ia golpear com seu punho em seu rosto, ele estendeu a mão e a agarrou. Mas ela imediatamente trouxe seu outro punho para frente, socando-o, e então se inclinou para trás e chutou com muita força no intestino dele, ele saiu voando para as linhas de vampiros, derrubando dezenas de outros.

Caitlin sentiu uma presença sinistra por trás dela e se virou. Ali, olhando para ela desafiadoramente, estava Samantha. Ela ficou

chocada ao vê-la, essa garota tinha arruinado seu irmão. E ela ficou ainda mais surpresa ao ver Samantha segurando Scarlet em um estrangulamento.

"Faça um movimento e eu mato a menina," Samantha ameaçou.

Caitlin olhou para baixo e viu como o rosto de Scarlet contorcido de raiva. Pela primeira vez, ela viu o instinto vampiro assumir sua filha, a viu se tornar uma criatura, como ela, uma guerreira destemida.

Antes que Samantha pudesse reagir, Scarlet estendeu a mão, agarrou o pulso de Samantha e o pressionou para trás. Para a surpresa de Caitlin, Scarlet exibia a força de um vampiro completo. Com apenas um movimento rápido do pulso, Scarlet torceu o braço de Samantha inteiro pelas suas costas, deixando-a de joelhos e quebrando seu braço. Samantha gritou de dor, mas Scarlet não hesitou. Ela pegou e a arremessou diretamente no exército de vampiros, derrubando vários deles.

Um vampiro pulou para fora da multidão por trás de Scarlet, mirando nela, mas, antes que ele pudesse alcançá-la, Ruth saltou no ar e afundou seus dentes em sua garganta, derrubando-o no chão, morto.

Dezenas de vampiros foram atacar Caitlin. Ela, instintivamente, se posicionou entre Scarlet e o exército e, a medida com que os vampiros a atacavam, ela lutava contra todos eles. Ela chutava e socava e dava cotoveladas e saltos com giro – ela era uma máquina de demolição em uma só pessoa.

Ela abateu dezenas de cada vez, chocando-os entre si, incapacitando cada um com movimentos mortais e precisos. Todos caíam a sua volta, como se fossem moscas mortas. E, mesmo assim, eles continuaram vindo.

Caitlin pegou um bastão longo do chão – o que tinha pertencido a Aiden e soltou um grito sobrenatural enquanto o empunhava. Ela o

girou em grandes círculos e, dentro de instantes, derrubou dezenas de outros. Logo, o perímetro aumentava à medida com que ela derrubava as fileiras de vampiros. Dezenas caíam com um único golpe e ela continuou golpeando até centenas serem eliminadas em minutos.

Caitlin conseguiu estabelecer um amplo perímetro em torno dela de pelo menos trinta metros em volta dele, nenhum outro vampiro pareciam querer entrar. Eles estavam com medo. Ela podia vê-los ali de pé, respirando com dificuldade, rosnando, presas se estenderam – com medo de se aproximarem. Mesmo Kyle, Rynd e Rexus ficaram fora do perímetro, com medo de chegarem perto.

Ela era um exército de um homem só – e ela estava ganhando.

De repente, um vampiro solitário desceu do céu e mergulhou em, direção a ela, aterrissando bem diante de Caitlin. A princípio, Caitlin ficou surpreso ao ver um único vampiro corajoso o suficiente para se aproximar dela em um combate mano-a-mano.

E então, ela viu quem era. E ficou perplexa.

Era seu irmão.

Sam.

Ele rosnou para ela e, desta vez, ela rosnou de volta. Ela não tinha nenhum amor fraterno restante por ele. Não depois de tudo o que ele tinha feito. Eles eram adversários agora. Dois filhos do mesmo pai, um contra o outro. Caitlin não tinha mais amor por ele e, claramente, ele também não tinha nenhum sentimento por ela. Ela ainda podia sentir o galo em seu rosto, onde ele a tinha golpeado.

Finalmente, ela estava pronta para lutar com ele.

Sam subitamente a atacou. Ele saltou para o ar para chutá-la no peito. No último segundo, Caitlin se defendeu e, ao mesmo tempo,

conseguiu dar uma cotovelada na cara de Sam.

Sam caiu de costas no chão – com impacto. Ele parecia atordoado. É evidente que não esperava isso.

Ele ficou de pé, virou-se e foi atacar novamente, queria feri-la. Mas Caitlin foi mais rápida: ela o evitou novamente, o agarrou pelas costas e o atirou, deixando seu impulso o levar. Ele saiu voando pelo ar e, de cara, caiu no chão.

Sam levantou-se e virou, olhando para ela com surpresa. Ele havia sido humilhado, estava enfurecido. Em um movimento rápido, ele se aproximou de novo, pegou a espada de uma bainha que estava em suas costas e a atirou.

A espada voou girando pelo ar, direcionada para o peito de Caitlin. No último segundo, ela se esquivou. A espada voou inofensivamente mas passou tão perto que Caitlin pode sentir o vento dela passando perto de seu rosto.

Sam olhou para ela com um olhar de choque. Claramente, ele não esperava que ela fosse tão boa.

Agora, era a vez de Caitlin. Ela o atacou, empunhando o cajado de Aiden. Ele sacou a espada longa e eles se encontraram no meio.

Eles desferiam, golpe após golpe, irmão e irmã, em perfeita harmonia um com o outro. Era quase como se fossem uma só pessoa; nenhum tinha vantagem. Sua espada ressoava contra o cajado enquanto eles passavam por todo o campo de batalha, empurrando um ao outro, para trás e para frente. O exército estava ao lado, observando, ficou claro que este combate a solo poderia determinar o vencedor da guerra.

Mas nenhum deles parecia capaz de obter uma vantagem. Ambos foram trancados em um cabo de guerra mortal, com movimentos à velocidade da luz, uma destreza de tirar o fôlego e muito

poder. Qualquer um de seus golpes teriam acabado com qualquer outro vampiro na hora.

Sam desceu com um golpe especialmente difícil de sua espada, mas Caitlin o bloqueou no alto, por cima da cabeça. A espada dele estava encadeada com o cajado e os dois ficaram parados lá em um momento crucial, grunhindo com o esforço, presos em um aperto mortal a apenas alguns centímetros de distância um do outro.

Naquele momento, o mundo de Caitlin ficou abrandou. Ela podia sentir sua energia na balança, o bem contra o mal. Ela podia sentir que aquele era um momento crucial na vida para qualquer um deles. Sua raiva era esmagadora. Mas a dele também o era. Cada um deles carregava uma força além da compreensão e cada um deles a direcionada para o outro. Ambos estavam com suas vidas em jogo.

Finalmente, Caitlin foi jogada para trás. A balança se desequilibrou, mas não em seu favor: o poder de Sam era maior. Sua força era maior do que a dela; sempre tinha sido. Nem mesmo sua raiva suprema era capaz de superar isso. Ela era a escolhida, mas ele era o mais forte. Este foi sempre o seu destino. Sam olhou para baixo, a viu no chão e percebeu o mesmo. Sem hesitar, ele pegou impulso para matá-la.

Caitlin conseguiu se levantar e, quando ele fez o corte, ela se defendeu, golpe por golpe. Mas agora, ele tinha a vantagem: seus golpes eram mais fortes que os dela. A cada corte, ele chegava mais e mais perto. Ela estava ficando mais fraca e ele, mais forte.

Quando Sam se virou para outro golpe, desta vez, ele fora uma fração de segundo mais rápido e cortou o bíceps dela, tirando sangue. Caitlin gritou de dor.

Ela cortou de volta, mas ele bloqueou. Ele era muito rápido para ela. Muito forte. Caitlin percebeu que ele estava prestes a vencer.

Sam atacou novamente e, com um golpe de poder supremo, ele conseguiu bater no cajado e retirá-lo de suas mãos. Caitlin ficou chocada ao ver o bastão de Aiden voando pelos ares e cair no chão com um som estridente, a vários metros dela. E então, antes que ela pudesse reagir, com mesmo movimento, ele a chutou, derrubando-a no chão.

Caitlin ficou lá no chão, atordoada, sem defesa.

Sam levantou sua espada, fazendo uma careta e apontou para seu crânio, para um último golpe, mortal.

Nesse momento, Caitlin viu sua vida passar diante dos seus olhos e tinha certeza de que aquele era o momento em que ela ia morrer.

CAPÍTULO TRINTA E UM

"Sam!", gritou uma voz.

Sam parou de repente, hipnotizado pela voz, sua espada congelou em pleno ar.

"SAM!", gritou a voz novamente.

Sam se virou para olhar, e Caitlin viu quem era.

Scarlet estava ali, com as mãos nos quadris, com o rosto vermelho, gritando com Sam.

"Você não machucá-la! Essa é a minha mãe! Que tipo de irmão você é?"

Scarlet deu um passo para frente, sem medo, e se posicionou entre Sam e Caitlin.

Sam a encarou de volta, perplexo. Ele ainda segurava a espada, como se estivesse paralisado.

"É seu trabalho protegê-la. Não se lembra? É seu trabalho!"

Sam piscou várias vezes.

"Você prometeu protegê-la. E me proteger. Que tipo de irmão você é?" Scarlet gritou, castigando-o.

Havia algo no tom de voz de Scarlet – algo honesto e real – que parecia romper uma barreira invisível e chegar até Sam. Ela parecia atingir seu interior, parecia tirá-lo de um transe para que alcançasse todo o caminho para ser o Sam de novo, para voltar a ser o homem que foi uma vez um irmão, que foi uma vez um tio.

Lentamente, o rosto de Sam começou a entrar em colapso; aos poucos, sua carranca desapareceu; lentamente, seus músculos ficaram flácidos e ele baixou a espada.

"Caitlin?", Perguntou Sam, parecendo confuso, quando ele olhou para ela.

Era a sua voz – sua *verdadeira* voz, de volta. Aquela voz que ela conhecia. Caitlin se levantou, abraçando Scarlet apertado e olhou para ele cautelosamente.

"Caitlin?", ele perguntou de novo.

"Sou eu", disse Caitlin.

O rosto de Sam, em seguida, foi lentamente se transformando em um de vergonha, de tristeza. De auto ódio. Ele olhou para a espada em sua mão, com desgosto e confusão. Ele a jogou para baixo e, em

seguida, estendeu a mão e agarrou sua testa, como se estivesse tentando arrancar os espíritos de sua cabeça.

"O que foi que eu fiz?" Sam implorou. "O que eu fiz!?"

"Mate-a!", ordenou uma voz sombria.

Caitlin olhou e viu Rexius ali de pé com seu exército atrás dele.

"Você ouviu o que eu disse?", perguntou Rexius. "Eu lhe dei um comando. Eu pedi para que você a mate!"

Enquanto Caitlin o observava, ela viu o rosto de Sam se transformar mais uma vez. Mais uma vez, cheio de raiva. Mas, desta vez, não era raiva direcionada a ela. Era uma raiva, ela podia ver, dirigida a Rexius. E seus homens. E tudo o que haviam feito com ele.

O rosto de Sam estava contorcido com ódio quando ele pegou sua espada. Ele a puxou para fora da grama.

"Vá", disse Sam baixinho para Caitlin. "Leve sua filha. Eu vou protegê-las. Juro. Se eu tiver que morrer aqui, vou protegê-las. E, por favor", acrescentou ele, "me perdoe".

Caitlin sentiu seu coração partir. Sam estava de volta e ela queria ficar com ele, abraçá-lo.

Queria que ele fosse junto com ela, que ele saísse dali. Ou queria poder lutar ao seu lado. Ou, pelo menos, dizer adeus. E, também, dizer que ela o perdoava.

Mas seu rosto estava fechado e ela podia ver que ele havia decidido, que ele não iria deixar aquele lugar, que ele estava determinado a lutar contra Rexius. E não havia tempo de sobra. Ela tinha que proteger Scarlet. Tinha que encontrar seu pai. Era agora ou nunca.

"VÁ!" Sam ordenou.

E com isso, Sam se virou, soltou um grito de batalha feroz e foi atacar Rexius e seus homens. Ele foi com toda a força que tinha, assim como os homens Rexius foram atacá-lo. Sam levantou a espada e a desferiu loucamente, Caitlin já podia ver os corpos começando a cair.

Não havia mais tempo restante. Caitlin colocou Scarlet em suas costas, agarrou Ruth e saltou no ar, voando sobre o campo de batalha, enquanto Sam lutava contra o exército de vampiros. Ela precisava ir muito, muito longe daquele lugar.

E ela sabia exatamente onde ela precisava ir.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Enquanto Caitlin voava para longe do Monte das Oliveiras, com Scarlet de costas, segurando Ruth, seu coração estava quebrando em mil pedaços. Ela estava tão sobrecarregada, mal sabia o que pensar. Lá em baixo, ela estava deixando Caleb, seu marido, morto. Blake, morto. Aiden, morto. E seu irmão, Sam, sozinho para lutar contra aquele exército. Ele tinha finalmente voltado para ela, se tornado o irmão que ela conhecia. Como seu coração tinha disparado ao vê-lo voltar a si mesmo. E abandoná-lo agora, daquele jeito – depois que ela havia jurado nunca mais abandonar ninguém de novo, foi o mais doloroso de todos.

Mas, ao mesmo tempo, a permanência dele lá, lutando contra o exército, lhe permitiu fugir, para procurar seu pai, quem, Aiden tinha dito o tempo todo, era a sua última esperança de salvação. Ainda assim, apesar de tudo, ela queria que Sam, o último rosto familiar

no mundo, pudesse se juntar a ela, pudesse ir com ela para encontrar seu pai juntos.

Caitlin recordou as palavras de Aiden, séculos atrás: ela era a escolhida. Encontrar seu pai era o seu destino e apenas seu destino. Sam tinha um destino diferente. Ele era mais forte, mas ele não era a pessoa especial. Seu destino era protegê-la.

Foi difícil para Caitlin aceitar. Ele era seu irmão e ela o amava, apesar de tudo o que tinha acontecido entre eles. Foi difícil para ela aceitar que ela era mais especial do que ele. Mas ela sabia que não era para ser assim. Pela milionésima vez, perguntou-se como o destino trabalhava, se perguntou por que o destino tinha de tomar as voltas e reviravoltas que ele tomou.

Ela também perguntou por que ele tinha que tomar seu marido. Seu coração ainda estava quebrado e uma parte dela queria voar para lá, para verificar mais uma vez o pulso de Caleb, para ver se, talvez, por algum acaso, ele ainda estava vivo.

Mas ela sabia que não. Ela o tinha segurado, tinha olhado nos seus olhos. Ela chorou enquanto voava, sabendo que ele estava morto mesmo e que ele nunca voltaria para ela. Atrás dela, segurando em suas costas, ela podia sentir Scarlet chorando também.

Desde que elas haviam deixado o Monte das Oliveiras, Caitlin sabia que havia apenas um lugar para onde ir. Com Aiden morto, seu clã morto, Caleb morto, Blake, morto – até mesmo sem Sam – só havia uma coisa que podia fazer: encontrar seu pai. Talvez, apenas talvez, se ela o encontrasse, se ela encontrasse o escudo, ela poderia, de alguma forma ajudar os outros. Talvez salvar Sam. Talvez, até mesmo trazer de volta Caleb.

E a única pessoa que sabia que poderia levar a seu pai, a pista que tinha, era Jesus.

Seu guia irá aparecer no portão Oriental.

Ela voou para longe do Monte das Oliveiras, determinada a encontrar Jesus, onde quer que ele estivesse. Para libertá-lo dos romanos. Para perguntar-lhe onde seu pai estava. Onde o escudo estava. E talvez, até mesmo, pedir-lhe para trazer todos de volta.

De repente, o céu acima dela escureceu, ficou cheio de nuvens negras, de tempestade, como se para combinar com seu estado de espírito. Foi surreal: apenas momentos antes, estava um dia claro, não havia uma nuvem sequer no céu e agora, no horizonte, apareceram as mais grossas, mais negras nuvens que Caitlin já tinha visto. Pareciam divinas. Parecia que o fim do mundo havia chegado.

Um único raio de luz irrompeu através de um buraco nas nuvens e ele brilhou para baixo, para um lugar singular. O raio de luz pousou sobre uma pequena colina, com vista para Jerusalém, não muito longe da cidade. E iluminou uma pessoa – e apenas uma pessoa.

Caitlin não precisava olhar. Ela sabia quem era. Um choque elétrico percorreu seu sistema, levando-a até lá como um ímã.

Lá, sozinho, no topo da colina, estava Jesus.

Era como se uma lanterna do céu estivesse brilhando sobre ele. E, para o horror de Caitlin, ela viu que ele estava crucificado. Ele estava sozinho no topo da colina, crucificado em uma cruz enorme. Cavilhas atravessavam suas mãos e tornozelos e ele estava pendurado na cruz, torto, sob o raio de luz.

Caitlin sentiu seu coração apertar. Ela tinha estava atrasada demais. Ele já estava morto?

Ela desceu, voando até o topo da colina. Ele era o único ali, as multidões se dissiparam há muito tempo. Ela caiu bem diante dele, descendo Scarlet e Ruth, bem na frente de sua enorme cruz, e olhou para ele.

Havia uma energia tão intensa que emanava dele, quando ela olhava para ele, era como olhar para a luz do sol. Momentaneamente, a cegava e ela precisou proteger os olhos. Mas, depois, seus olhos se adaptaram e ela olhava para ele de perto, pensando, torcendo, para que ele estivesse vivo.

Ela viu um pequeno lampejo de seus olhos, então o viu levantar a cabeça. Ele olhou para ela, e, apesar da agonia horrível que ele devia estar sentindo, ela viu um olhar sereno em seu rosto.

Caitlin, de repente, sentiu se encher com um calor e uma paz diferente de qualquer outra que ela já havia conhecido. Ela preenchia todo seu corpo e ela sentiu um formigamento. Não entendia o que estava acontecendo com ela; era como se um interruptor tivesse sido ligado, um que nunca poderia ser desligado. Sentia um sentimento de pertencer a algo. De estar em casa.

E foi então que aconteceu.

Quando ela olhou para ele, para os quatro cantos da cruz, de repente, ela ficou surpresa com a revelação: quando olhou de perto, percebeu quatro grandes cadeados. Um em cada canto. Cada um segurando as cavilhas de Jesus no lugar. Ela examinou cada fechadura, e viu que cada uma continha um buraco de fechadura.

No mesmo momento, as quatro chaves em seu bolso vibraram, praticamente queimando um buraco nele. Uma emoção elétrica a percorreu e, de repente, tudo ficou claro. Todos os enigmas, todas as pistas, todos os sonhos, todas as chaves. Todas as igrejas, todas as abadias, todos os mosteiros.

As quatro chaves. Os quatro cadeados.

Ela ficou sem palavras. Ela mal tinha forças para respirar.

E, antes que Jesus dissesse as próximas palavras, ela já sabia o que ele ia dizer:

“Minha filha.”

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Caitlin olhou para Jesus, sem saber o que falar, sem poder respirar. Estava além do que ela podia processar. Mas, ainda assim, naquele momento, ela sabia que era verdade.

Jesus era seu pai.

Todo este tempo, era ele quem ela estava procurando.

Seu guia irá aparecer no portão Oriental.

Era Jesus. Ele era seu guia. E também era seu pai.

Um sentimento correu por Caitlin, um sentimento diferente de qualquer outro que ela jamais tivera. Era um sentimento de ser especial. Um sentimento de pertencer. Um sentimento de orgulho. de seu pai, de si mesma. Ela era especial. Sua linhagem era especial. Mais que especial.

Caitlin mal podia entender o que tudo aquilo significava.

Ela entrou em ação. Afinal, aquele era seu pai, ali, pregado numa cruz e ela não suportava vê-lo sofrer. Ela se levantou e tirou as quatro chaves, já sabendo que iriam se encaixar perfeitamente.

Quando ela inseriu cada chave, a terra tremeu e os céus trovejaram. Ele sentiu um terremoto, relâmpagos caíram em toda Jerusalém. Foi surreal. Parecia que o apocalipse tinha chegado. Cada chave foi um

ajuste perfeito e, à medida que ela inseria cada chave, cada cadeado derretia.

Ela inseriu a última e Jesus caiu da cruz. Ele caiu, mancando, em seus braços. Ela o pegou na queda caiu e segurou seu corpo. Ajoelhou-se, segurando-o em seus braços.

Seu pai, em seus braços.

Seu corpo inteiro se iluminou com uma sensação elétrica. Era como se segurasse o sol. E, no entanto, ela também foi preenchida com uma profunda tristeza. Ele estava morrendo.

Lágrimas derramaram por suas bochechas e ela não tentou contê-las.

Ele olhou para ela, mal abrindo os olhos com a pouca força que lhe restava. Ela podia sentir que estes eram seus últimos momentos na Terra.

Jesus olhou para cima, para seus olhos e, quando ela olhou para seus brilhantes olhos verde, que pareciam duas bolas de gude brilhando, ela podia sentir o amor que irradiava dele. Ela podia sentir que ele era seu pai. Que ele sempre tinha sido seu pai. Ela podia sentir o quanto ele a amava. E como estava orgulhoso dela.

Quando ela olhou para ele, ela se deu conta: este era o homem em seus sonhos. Este era o rosto elusivo, a silhueta contra o sol. Este era o homem que ela nunca tinha conseguido ver. O homem que estava sempre fora do seu alcance, no horizonte.

E agora ali estava ele. Não apenas em seus sonhos. Mas real. Ele estava realmente ali. Ela o segurava em seus braços, era tão bom saber que ele era real.

Aquele momento, aquele único momento, fez tudo – todos os séculos, todas as batalhas, todo o conflito – valerem a pena. Por fim,

ela o encontrou. Seu pai.

"Eu estou com você", disse ele, com a voz fraca. "Eu sempre estive com você. E eu estou mais orgulhoso de você do que qualquer pai poderia estar."

Ele sorriu fracamente, seus olhos fechando novamente, e Caitlin sentiu brotando o orgulho. Estas foram as palavras que ela sempre desejava ouvir de seu pai. Por muito tempo, ela tinha tantas coisas que ela queria perguntar a seu pai quando ela o encontrasse, tantas coisas que ela queria dizer.

Mas agora que ela estava aqui, ela estava sem palavras. Ela nunca esperava que fosse assim. Ela nem sabia por onde começar. Ela se esforçou para as palavras certas, mas nenhuma veio. Não era justo. Ela desejava aquele momento há tanto tempo e, agora, finalmente, quando o encontrou, ele estava morrendo. Ele estava a deixando. Ela queria desesperadamente saborear cada último momento.

Ele abriu os olhos e Caitlin podia sentir que era pela última vez.

"Eu concedo-lhe o poder e autoridade sobre todos os demônios. O poder e autoridade sobre todas as doenças".

Seus olhos, em seguida, fecharam. Antes de ele dar seu último suspiro, ele disse uma última coisa:

"Eu sempre estarei com você, minha filha. Mesmo em seus sonhos."

E, em seguida, ele fechou os olhos e Caitlin podia sentir que era a última vez. De repente, houve um grande estrondo do trovão, e seu corpo ficou mole.

Ruth latia como louca e Scarlet chorava atrás dela.

Caitlin soltou um grande grito de dor, levantando-se, misturando-se com o som do trovão. Ela sentia que tinha perdido a maior coisa que

ela já tinha encontrado. Ela nem sabia o que dizer. Como poderia superar isso?

Caitlin queria abraçar seu pai, para nunca mais deixá-lo ir. Mas, enquanto ela o embalou em seus braços, de repente, ela sentiu seu corpo se elevar. Para seu espanto, bem diante de seus olhos, o corpo de Jesus, de repente, ficou mais leve, translúcido. Ele se elevou, enquanto observava, ascendeu, mais e mais no ar. Tornou-se uma esfera de luz e foi direto para cima, para o céu, à direita das próprias nuvens. Houve outro grande estrondo de trovão e de um relâmpago e então ele desapareceu.

"Caitlin", veio uma voz suave e feminina.

Caitlin se virou, no limite, sem saber o que estava por vir.

Estando lá, vestido uma túnica branca, com cabelos castanhos longos e olhos castanhos, olhando para baixo docemente, estava uma mulher que ela reconhecia. Era uma mulher que ela tinha visto as fotos toda a sua vida. Ela forçou seu cérebro, tentando lembrar.

De repente, ela se lembrou. Maria. Maria Madalena. Discípula de Jesus.

Caitlin mal podia acreditar.

Maria estendeu a mão. Caitlin a pegou e, lentamente, se levantou.

"Caitlin", disse ela suavemente. "Eu sou sua mãe."

O coração de Caitlin parou. Era demais para absorver de uma só vez. Jesus, o pai dela. Maria Madalena, sua mãe. Ela mal sabia o que dizer, o que pensar.

Maria colocou a mão no ombro de Caitlin e olhou para ela com doçura. Naqueles olhos, Caitlin podia sentir todo o amor de uma mãe, todo o amor da mãe que ela nunca teve. Ela se

sentiu sobrecarregada por isso, tamanha era a energia que irradiava fora dela, assim como Jesus.

"Estamos muito orgulhosos de você", disse Maria. "Você desbloqueou as quatro chaves. E agora, o escudo é seu. "

Caitlin olhou para ela, perplexa.

"O escudo?", Perguntou ela. "Mas eu pensei que nós o havíamos perdido."

Lentamente, Maria balançou a cabeça.

"Há um segundo escudo. O primeiro é apenas uma arma. É muito poderoso. Mas é o menor dos dois. Um chamariz.

"O segundo, o mais poderoso, é o que guardamos. O que só você poderia encontrar. É o divino. O destinado somente para o escolhido. Para você."

O coração de Caitlin bateu em seu peito. Um escudo divino? Ela mal podia imaginar o que era.

"Você tem a chave?", Perguntou Maria. "A chave final?"

Por um momento, Caitlin ficou intrigada. E, em seguida, viu Maria olhando para baixo, em sua garganta. E ela percebeu: seu colar.

Caitlin removeu lentamente seu colar e estendeu a mão para entregá-lo à sua mãe.

Maria balançou a cabeça.

"Não. É para você abrir. "

Maria se virou e olhou para a cruz, o enorme crucifixo em que Jesus foi crucificado.

Caitlin seguiu seu olhar e o examinou. Em seu centro, onde as quatro vigas se encontraram, ela viu um pequeno buraco da fechadura. Ela ficou espantada. A chave final?

Caitlin se aproximou, estendeu a mão e inserido a chave dela. Para sua surpresa, foi um encaixe perfeito.

De repente, seu colar se dissolveu diante de seus olhos e, com isso, um pequeno compartimento se abriu dentro do meio da cruz.

Maria se aproximou, estendeu a mão e extraiu um objeto. Caitlin a assistia com admiração quando Maria tirou um cálice adornado, brilhando a luz do sol.

Dentro dele, havia um líquido branco.

"Eu apresento a vocês, o escudo."

Caitlin olhou, confuso.

"O escudo é o Santo Graal", explicou Maria. "E o Santo Graal é o antídoto."

"Antídoto?", Caitlin perguntou.

"Você se lembra das palavras finais de seu pai? Ele te deu poder e autoridade sobre todas as doenças. E isso inclui a doença da vida".

Caitlin forçou seu cérebro, tentando entender.

"O escudo, a arma mais poderosa do planeta, é um antídoto. Um antídoto para a doença de vampirismo. Quando você beber isso, se você escolher fazê-lo, você vai desencadear o antídoto. Você vai curar a doença. A partir do momento em que tocar seus lábios, os vampiros não mais existirão. Incluindo você. "

Caitlin tentou processar tudo, boquiaberta.

"Usando o seu poder afinal, você vai ser capaz de fazer uma última escolha. Você vai escolher onde você quer viver, como um ser humano. Você vai viver em um mundo em que não existem vampiros. Você vai escolher seus entes queridos, escolha quem você gostaria de cercá-la. Escolha o seu lugar e tempo. Escolha a sua idade. E você viverá como qualquer outro mero mortal. Mas é uma única escolha para todo o sempre. E bebendo deste Santo Graal, abrindo este escudo antigo, você vai ter salvado a humanidade. Vampiros não mais existirão. O mundo vai ser curado de novo."

Caitlin estendeu a mão e pegou a taça pesada com as duas mãos. Ela olhou para o líquido branco e ficou atônita, trovões estouravam ao seu redor.

As ramificações de sua escolha eram assustadoras. Onde ela moraria? Quando? Em que século? Que lugar? Quem será que ela queria ao seu redor? Quem seria ela? Quantos anos ela teria? Ela teria que viver uma vida normal, mortal. Assim como qualquer outro humano. O que significava que ela iria morrer. E o que significava que não haveria mais vampiros restando no mundo. Nunca mais.

Este era o escudo. O escudo antigo. Ela tinha encontrado. Ela mal podia acreditar que ela o estava segurando. E, quando ela tomou um gole, isso mudaria o curso da história. Para sempre.

Caitlin lentamente levantou-o aos lábios, sentindo as lágrimas correrem pelo seu rosto enquanto ela o fazia. Seria a maior decisão de sua vida. Ela estava com medo. Ela mal podia imaginar o que aconteceria depois que ela bebeu. Ela sabia que este seria o seu último momento como um vampiro.

Ela voltaria em algum lugar, em algum momento, como um mero humano. E tudo isso, sua vida vampiro, seria uma memória. Ou talvez, nem mesmo uma memória. Caitlin fechou os olhos e respirou fundo, com as mãos tremendo. Ela levantou lentamente o cálice e,

em seguida, sentiu o frio de o líquido branco tocar seus lábios. Ela o sentiu tocar sua língua, e então o sentiu lentamente escorrer pela sua garganta.

Maria tomou gentilmente o cálice dela, sorrindo e, em seguida, Caitlin começou a sentir todo o seu mundo girar. Caitlin estendeu a mão e segurou a pequena mão de Scarlet, quando se sentiu ficar mais e mais leve. Scarlet apertava a mão dela de volta.

De repente, a mente de Caitlin ficou cheia de memórias, toda a sua vida passou diante de seus olhos. Viu-se, em Nova York, em Pollepel, em Edgartown, em Salem; ela se viu em Boston, Veneza, Florença, Roma; em Paris, Londres e na Escócia. Viu-se em castelos, palácios, mosteiros e igrejas.

Ela se viu com Caleb, viu-se encontrando-o pela primeira vez, se apaixonar, se casar. Ela viu o filho de Caleb, Jade. Ela viu Scarlet. Ela viu Aiden, Polly e toda e qualquer pessoa que nunca significou nada para ela.

Tudo voltou correndo, tão rápido. Ela tentou agarrar as memórias, congelá-los. Mas ela não podia. Era como tentar agarrar areia. Sua vida já estava mudando. E nada jamais seria o mesmo.

Quando Caitlin se sentiu ficar ainda mais leve, perder o contato com seu corpo, ela sabia que tinha chegado a hora. A hora de dizer adeus, deixar tudo ir. Ela sabia que tinha sucedido. Ela tinha encontrado as chaves, tinha encontrado seu pai, tinha encontrado o escudo. Ela tinha encontrado o antídoto, a cura para o vampirismo de todos os tempos.

Mas isso não parecia sucesso. Ela só queria estar ali, viva, com todos que amava. Com seu pai.

Ela tentou se agarrar a algo que pudesse lhe dar apoio, mantê-la aqui. Algo tangível.

Mas ela descobriu que a única coisa que ela podia se agarrar, a única coisa que era mais real, era o amor. O amor por Caleb. O amor por Blake. O amor por Aiden. O amor por Polly. O amor a Scarlet. E o amor por seu pai.

Ela tentou desesperadamente se agarrar a isto; mas mesmo isto, lentamente saiu de seu alcance.

Seu mundo foi ficando branco, muito rápido, e ela sabia, antes de tudo terminou, houve apenas tempo para um último pensamento. E, quando ela fechou os olhos, um último pensamento veio a ela: *Eu só quero ver Caleb novamente.*

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Rhinebeck, Nova York (Vale do Hudson) - Presente

Caitlin Paine correu através de sua casa quando a noite começou a cair, tentando deixar tudo pronto a tempo. Eram quase seis horas e, em alguns momentos, todos estariam aqui. Ela correu através da antiga e enorme casa vitoriana, as tábuas rangiam enquanto ela passava de sala em sala, arrumando. Ela queria que tudo estivesse perfeito para a noite.

Caitlin correu até a cozinha, pegou o prato de bolo que ela estava escondendo e o carregou através das portas duplas. Ruth, sua grande Husky, seguia seus calcanhares, farejando o bolo e abanando o rabo. Caitlin colocou o bolo no centro da mesa de jantar,

esperando que sua filha, Scarlet, não o tivesse visto ainda. Afinal de contas, esta noite era o aniversário de 16 anos de Scarlet e, apesar um dia de semana, Caitlin teria uma surpresa especial aguardando por ela.

Caitlin estava ansiosa para isso a semana toda. Ela enganou Scarlet para ela pensar que eles não iriam comemorar até o fim de semana e tinha secretamente convidado todo o pessoal para surpreendê-la quando ela chegasse em casa da escola. Ela certificou de que seu marido, Caleb, chegasse em casa mais cedo do trabalho, assim como seu irmão, Sam, deveria sair do trabalho mais cedo e trazer sua esposa (e melhor amiga de Caitlin), Polly. Os quatro eram tão próximos quanto dois casais poderiam ser semelhantes a uma família – e o aniversário de Scarlet não seria a mesma sem todos aqui.

A campainha tocou e ela pulou. Ruth latiu e Caitlin correu pela casa, rezando para Scarlet não ter chegado mais cedo em casa. Ela abriu a porta com um enorme alívio ao ver seu irmão mais novo, Sam, sorrindo, Polly abraçada a ele, radiante como sempre.

"Será que chegamos a tempo?", Ele perguntou animadamente quando entrou na casa e deu um abraço em Caitlin.

"Quase", respondeu Caitlin.

"Desculpe", disse Sam. "Fiquei preso no trabalho."

Caitlin estava orgulhosa de seu irmão mais novo. Apenas dois anos mais jovem que ela, era difícil para ela acreditar que ele já tinha 31 anos. E ainda mais difícil para Caitlin acreditar que ela mesma tinha 33. E Polly, 32. E Scarlet estava fazendo 16. Para onde o tempo foi? Tudo tinha voado tão rápido. Parecia que ontem mesmo era ela que tinha apenas 16 anos.

Caitlin sentia tão feliz por ter tantas pessoas em sua vida que ela amava. A vida tinha sido boa para ela. Ou, pelo menos,

ultimamente. Os primeiros anos de Sam e dela haviam sido difíceis, criados apenas por sua mãe, em um apartamento sujo em um bairro ruim de Nova York, com um pai ausente que nunca conheceu. Sua mãe morreu logo após seu ensino médio e Caitlin e Sam tinham sido basicamente criados por conta própria. O que era, na verdade, uma melhoria do cuidado de sua mãe sem amor.

Sam, naturalmente, tinha entrado em várias encrencas em sua juventude. Ele até chegou a ser preso umas duas vezes por comportamentos. Mas após a sua mãe morrer, finalmente, e com a ajuda de Caitlin, ele voltou à sua vida. Entrou na faculdade, se formou, tinha sido um cidadão modelo desde então. Agora, ele realizava um trabalho como mentor, ajudando jovens problemáticos na escola local. Era o trabalho perfeito para ele e Caitlin estava muito orgulhosa. De certa forma, ela sentiu como se o tivesse criado.

Polly se aproximou e deu um abraço em Caitlin. Ruth latia e choramingava e Polly e Sam ajoelharam para acaricia-la também. Caitlin sentiu tanta sorte de ter Polly em sua vida. Em alguns aspectos, a vida tinha sido um sonho, tudo havia corrido perfeitamente, sua melhor amiga se casou com seu irmão. O casamento deles tinha ajudado Sam, lhe deu a estabilidade que ele precisava. A única coisa que falta a vida de seu irmão e Polly era uma criança; eles estavam tentando engravidar há anos, mas até agora, sem sorte. Ainda assim, Polly estava radiante. Toda a sua vida, desde que Caitlin a conheceu ela, desde o colégio, ela tinha sido radiante.

"Estou tão animada!" Polly gritou, irrompendo na sala, correndo para a mesa, colocando uma braçada de presentes em cima. "Eu encontrei aquelas velas que ela ama!", Acrescentou ela, esvaziando um saco de papel e inserindo velas decorativas em todo o bolo.

"Será que ela já sabe?", Continuou Polly. "Será que ela tem ideia? Oh meu Deus, você acha que ela vai gostar deste vestido que eu

comprei para ela? Eu estava olhando para ele durante todo o dia.

Você não acha que ele vai ser muito pequeno, não é? Será que ela vai gostar da cor? "

Caitlin sorriu. Assim era Polly, sempre perguntando dez questões de cada vez e sempre em uma pressa animada.

"Eu tenho certeza que ele será perfeito", disse Caitlin com um sorriso. "Obrigada por tudo."

Caleb entrou pelas portas duplas na sala, carregando um prato de peru.

"Cuidado, está quente", avisou, quando o deixou na mesa. Os músculos de Caleb apareciam sob sua camiseta, produto de anos de academia.

Toda vez que Caitlin olhava para Caleb, seu coração disparava. Ela se casou com o homem dos seus sonhos. Ali estava ele, o modelo de um marido, alto, forte, com ombros largos, uma mandíbula proeminente e belos olhos castanhos. E cada vez que ele olhava para ela, seus olhos se enchiam de amor. Não havia ninguém que ela amasse mais, mesmo depois de todos esses anos. Ele ainda era o único e verdadeiro amor de sua vida.

Eles se conheceram no dia em que Caitlin se formou no colegial e ela tinha se apaixonado instantaneamente. Foi a coisa mais estranha, mas ela sentiu, desde o momento em que ela o conheceu, como se ela o tivesse conhecido toda a sua vida. Ela tinha ficado grávida por acidente aos 17 anos, antes de se casarem e, naquela época, Caitlin tinha ficado tão preocupada com isso. A mãe dela, é claro, não ajudou, só tinha coisas negativas a dizer.

Mas Caleb era sempre calmo, nunca se preocupou. Ele disse a ela que ele já tinha decidido que queria estar com ela e estava agradecido que eles teriam um filho tão cedo. Ela foi consolada por

seu apoio e, depois de tudo, amava-o tanto quanto ele a amava. Nove meses depois, ela deu à luz estranhamente, no mesmo dia em que sua mãe morreu de um ataque cardíaco. Pouco tempo depois, Caitlin e Caleb se casaram.

Depois de casados, Caleb entrou na Força Aérea. Era piloto de caça para o Corpo de Fuzileiros Navais, um dos melhores, Caitlin ia assisti-lo com admiração quando ele pilotava jatos em sua base militar. Era incrível para ela vê-lo voando pelo ar em tal velocidade, com tal poder. Às vezes, ela sentiu que despertava alguma memória dentro dela – mas ela não tinha certeza do que. Era como se, de alguma forma, ela tivesse a impressão de que ele estivesse voando pelo ar. Ela sabia que não tinha nenhum sentido e tentava tirar esses pensamentos de sua mente. Mas, de alguma forma, isso demorou.

Quando eles estavam em seus 20 e poucos anos, Caleb se aposentou da força e tornou-se um piloto nacional. Viajou muito, embora, ultimamente, ele ficasse em casa com mais frequência, o que deixava Caitlin feliz. Às vezes, nos fins de semana, ele fazia apresentações, voava em aviões pequenos, locais, para o deleite dos milhares de espectadores. Ele fazia grandes círculos no céu, mergulhava e, em seguida, subia no último segundo. As crianças adoravam observá-lo, embora o coração de Caitlin afundasse cada vez que ele entrasse em uma cabine de voo. Ela só queria que ele estivesse seguro.

Às vezes, porém, ela o acompanhava na cabine de um pequeno avião de dois lugares, apenas os dois, em um voo local, juntos. Para seu último aniversário, ele a levou durante o verão, em uma noite de lua cheia. Quando os dois planaram durante a noite, ela sentiu como se tivesse todo o mundo para si mesmos. Ela adorou. Isso a fez ter uma sensação de nostalgia, de pertencer a algo, embora ela não soubesse o motivo.

Caitlin estava bem com o fato de que Caleb viajava muito, que ele estava sempre ocupado. Ela gostava de ter seu espaço, também era

ocupada, também. Afinal, ela tinha construído uma carreira incrível . Sua educação disfuncional em casa a forçou a usar seus estudos como uma forma de fuga.

Quanto mais sua mãe e seu bairro ruim a arrastavam para baixo, mais ela estudava, mais ela se aplicava. Através de pura força de vontade ela ficou sempre em primeiro lugar e conseguiu obter uma bolsa de estudos para a Universidade de Columbia. Ironicamente, a escola ficava apenas 15 quadras do bairro em que ela foi criada – e , no entanto, era um universo completamente à parte.

Em Columbia, Caitlin aplicou-se ainda mais, e depois de quatro anos se graduou com notas quase perfeitas, obtendo uma bolsa de estudos para pós-graduação. Ela se esforçou o máximo que podia e, aos 26 anos, se formou com um duplo Ph.D. em História e Antiguidades. Caleb sempre brincou com ela, gostava de perguntar com um sorriso: *Quantos Ph.D.s mais você quer?* Ele estava tão orgulhoso dela; ela podia ver isso em seus olhos.

O que ela deveria fazer com todo o seu conhecimento era uma pergunta que ela se fez muitas vezes, também. Ela ainda não sabia o que ela queria fazer, mesmo depois de todos os estudos, mesmo depois de todos os certificados. Ela sabia que, por algum motivo, ela estava interessada na história, nas antiguidades, na arqueologia – e , acima de tudo, objetos raros e livros. Com toda a sua experiência, ela poderia ter tido um emprego em qualquer lugar que ela quisesse. Mas, ao invés disso, ela escolheu perseguir uma grande paixão: livros raros.

Caitlin não sabia por que se sentia tão atraído por livros raros; não fazia sentido para ela. Desde que ela conseguia se lembrar, ela sempre os amou. Ainda sentia uma emoção a cada vez que ela pegava algum livro antigo e empoeirado, tentando decodificá-lo, para descobrir de onde ele era, quantos anos tinha, quem o escreveu. Em qual é língua se encontrava, o quão raro era. Ela examinou livros que estavam no valor de dezenas de milhões de

dólares, únicos exemplares, livros antigos que tinham sido visto e detidos por algumas pessoas ao longo da história. Ela viu volumes de Shakespeare em primeira edição original, antigos pergaminhos gregos. Ela sentia uma conexão com a história e isso a fazia se sentir viva.

Ela também não podia deixar de sentir, cada vez que ela pegava um livro, com um enigma, um mistério a ser resolvido – uma emoção que a animava. Por alguma razão, ela sempre sentiu que havia um mistério persistente em sua consciência, algo que ela precisava resolver. Ela não sabia o quê.

Não fazia sentido e isso a incomodava. Quando ela trabalhava em um livro raro, pelo menos, ela poderia resolver pistas que não existiam na vida real.

De todos os lugares, Caitlin havia escolhido para trabalhar ali, na universidade local. Eles tinham uma vasta biblioteca, uma coleção interminável de livros raros que precisavam ser classificados. Diziam-lhe frequentemente a sorte que tinham em tê-la, e era verdade: com uma mente como a dela, Caitlin poderia ter trabalhado em qualquer lugar do mundo. Mas ela estava feliz por estar ali, a nível local, naquela cidade tranquila, ser capaz de criar Scarlet em um lugar seguro, lhe dar a infância que ela nunca teve.

Olhando para trás, ter Scarlet tinha sido a melhor decisão da vida de Caitlin. Ela era a alegria de sua vida e de Caleb, até demais. Caitlin acreditava que, mesmo sem uma criança, ela teria se casado de qualquer maneira. Eles haviam tentado ao longo dos anos terem mais filhos, mas, por algum motivo, eles nunca tinham conseguido. Por isso, acabou sendo apenas ela e Caleb e Scarlet, apenas três deles nesta grande casa. Às vezes desejava que eles tivessem tido mais filhos para encher a casa.

Mas ela era grata e feliz com o que tinha.

Os dois queriam morar longe de Nova York, queriam uma vida saudável para Scarlet, de modo que eles se dirigiram duas horas ao norte e se estabeleceram em uma pequena cidade, um local idílico, no Vale do Hudson, um lugar onde pudessem viver em paz e tranquilidade. Caitlin ficou emocionado quando Sam os seguiu e, eventualmente, quando Polly também o fez. A vida estava finalmente ficando perfeita para ela. Sentia-se tão abençoada por poder viver tranquilamente em uma pequena cidade, ter sua família por perto, um adorável marido, uma melhor amiga, um irmão incrível, e uma criança que ela amava mais do que qualquer coisa.

Às vezes, quando ela refletia sobre sua infância, ela sentia dores de ansiedade e depressão.

Olhando para trás, ela se perguntava sobre seu pai, quem ele era, por que ele os havia abandonado, por que sua mãe sempre foi tão má com ela. Por que ela não poderia ter tido uma educação mais normal, uma família menos disfuncional.

Mas sempre que estes pensamentos tomavam conta dela, Caitlin se forçava a apenas empurrar tudo para o fundo de sua mente, se concentrar no que ela tinha, em tudo de bom em sua vida. Ela não queria ficar na tristeza, culpa e depressão. Afinal de contas, isso não fazia nenhum bem. Ela poderia facilmente optar por se concentrar em todas as bênçãos que ela tinha e ser grata.

Quando era mais nova, tudo parecia tão importante. Seus amigos, seus namorados, seus pais, sua escola ... Ele sentiu como se tudo fosse permanente, duraria para sempre. Ela tinha sido incapaz de imaginar uma vida além disso. Mas agora, olhando para trás, aos 33 anos, ela percebeu o quão insignificante todo esse material era. Tudo parecia tão distante, tão longe. Em retrospecto, nada disso importava mais.

"Caitlin?", Veio uma voz.

Caitlin piscou, voltando a si. Ela se virou e viu todo mundo olhando para ela.

"Olá, Terra para Caitlin?", Disse Polly, e todos eles caíram na gargalhada.

Caitlin corou. Ela deve ter se distraído demais.

"Desculpe", disse ela.

Caleb veio e beijou sua testa.

"Você está bem, amor?", Perguntou. "Você anda muito pensativa ultimamente."

Antes que Caitlin pudesse responder, Polly gritou:

"Eu estou vendo! Scarlet! Ela está lá fora. Depressa! "

Quando todo mundo correu para a porta da frente, ela rapidamente acendeu as 16 velas no bolo, então correu para a sala de estar para se juntar a eles.

Caitlin se posicionou de modo que Scarlet não visse o bolo bem na frente da porta, com o coração disparado. Enquanto esperava, ela ouviu passos no antigo alpendre e ficou surpreso ao ouvir dois conjuntos de pés. Ela achou que Scarlet estaria voltando para casa sozinha, e não sabia quem poderia estar com ela. Ruth latia como um louca.

Scarlet abriu a porta e, com isso, todos eles gritaram: "SURPRESA!"

Scarlet olhou para eles, de olhos arregalados, parecendo completamente chocada. Caitlin se sentiu vitoriosa que ela realmente conseguiu surpreendê-la – Scarlet, entre todas as pessoas – a mais esperta que ela conhecia a mais difícil de se surpreender. Scarlet era também a mais bonita.

Enquanto ela estava ali parada, com o rosto pálido perfeitamente esculpido, seus grandes olhos azuis cristalinos, seu cabelo longo e vermelho, ela era de tirar o fôlego. De certa forma, ela lembrava Caitlin de Caleb.

Ruth latia e latia e Scarlet inclinou-se e a abraçou. O rosto de Scarlet estava iluminado com entusiasmo quando ela ficou ali em sua frente e abriu um enorme sorriso, revelando dentes brancos e perfeitos.

"É por isso que não me ligou hoje!", Ela disse.

Caitlin a abraçou, sorrindo por cima do ombro.

"Eu queria que você se surpreendesse! Feliz aniversário, querida. Nós te amamos!"

Scarlet, em seguida, abraçou Caleb, e ele a abraçou de volta com firmeza.

"Feliz aniversário, querida!", Disse.

Mas, quando Caleb olhou por cima do ombro de Scarlet, viu que havia uma pessoa de pé na porta e sua expressão endureceu.

Caitlin olhou e viu que, na porta da frente, estava um menino, talvez da idade de Scarlet, 16.

Estava com as mãos nos bolsos e usava uma camisa xadrez e calça jeans, com cabelo comprido, e estava olhando meio desconfiado para os dois. Caitlin nunca tinha visto esse rapaz mas, de repente, foi dominada pela estranha sensação de que eles se conheciam. Ele parecia tão familiar que a incomodava.

Scarlet deve ter notado a súbita tensão no ar, porque ela se virou.

"Hum ... gente", disse ela. "Tipo, desculpe, eu não sabia que todos estariam aqui. Este é o meu namorado. Blake."

"*Namorado?*", Perguntou Caleb com cautela, surpresa aparecia em sua voz.

Blake, Caitlin pensava. Como ela conhecia este nome? De alguma forma, ela sentia que sim.

Blake olhou com cautela para Caitlin e Caleb.

"Hum ... oi", ele finalmente disse, tímido.

"Pai, seja agradável," Scarlet advertiu.

Caleb estendeu sua mão grande e firme e Blake estendeu a mão timidamente. Caleb apertou sua mão um pouco mais forte, Caitlin podia ver.

"Qualquer amigo da minha filha é bem-vindo em nossa casa", disse Caleb, embora Caitlin pudesse ver sua mandíbula apertada. Ela também notou que ele escolheu a palavra *amigo*, não namorado.

"Oi Scarlet!" Sam gritou e veio correndo para lhe dar um abraço.

"Oh meu Deus, você está linda ou o quê!?" Polly gritou, quando ela se aproximou e envolveu Scarlet em um grande abraço apertado. "Oh meu Deus, olha para esse cabelo! E esses brincos! E esses sapatos! Onde você conseguiu isso? Oh meu Deus, você está deslumbrante! Impressionante! ", elogiou Polly.

Scarlet abriu um largo sorriso quando ela abraçou Polly, que era como uma segunda mãe para ela.

"Obrigado, Polly. Você está ótima, também."

Caitlin levou todos para a mesa de jantar e, à medida que eles iam se aproximando, ela correu por trás de Scarlet e colocou as mãos sobre os seus olhos.

"Não olhe!", disse Caitlin, enquanto ela guiava Scarlet para a sala de jantar. Quando se aproximaram da mesa, Caitlin tirou as mãos.

Os olhos de Scarlet abriram em surpresa e ela abriu um sorriso enorme.

"Oh meu Deus, vocês fizeram tudo isso para mim!", Ela gritou, e virou-se e abraçou Caitlin bem apertado.

Caitlin sorriu com satisfação. Era o bolo favorito de Scarlet, um cheesecake de veludo vermelho, de quando ela tinha tido para Manhattan e provado um, nunca mais esqueceu. A padaria na cidade era a única que o fazia e Caitlin tinha feito uma viagem especial no dia anterior, duas horas para ir mais duas para voltar, apenas para pegar para ela.

Scarlet virou-se para Blake, que tinha ficado para trás; ela agarrou sua mão e o puxou para frente, bem ao lado dela.

"Oh meu Deus, você não entende!" Ela se emocionou com ele. "Este é o melhor bolo do mundo. Você tem que prová-lo! "

Enquanto ela falava, Caitlin podia ver o amor que emana sobre o rosto de Blake. E era recíproco.

Isso a deixou muito feliz e nervosa ao mesmo tempo. Ela sabia como Scarlet se apaixonava facilmente e não queria vê-la se machucar.

Scarlet apagou todas as velas e, logo em seguida, todos aplaudiram.

"Obrigado, mamãe," Scarlet disse para Caitlin e abraçou de novo ", você realmente me surpreendeu. Eu amo você. "

"Eu também amo você", disse Caitlin.

* * *

Todos eles tinham tido uma bela refeição juntos. Blake se juntou a eles e os seis sentaram-se ao redor da mesa, comendo prato após prato, rindo, falando sobre o ano surpreendente que aguardava Scarlet. Polly trouxe uma energia vivaz borbulhante para a mesa, ter ela e Sam fazia a casa parecer bem maior para Caitlin, muito mais aquecida. Parecia um lar de verdade.

Com Blake lá, Caitlin percebeu, que ele era uma adição bem-vinda também. Os seis pareciam fazer parte de um conjunto, como se eles se conhecessem há muito tempo. A conversa não parou, e nem o riso.

Todos comeram demais e, em seguida, cortaram o bolo e então comeram ainda mais. Depois, veio o café e o chá e mais sobremesas – as caixas de biscoitos que Polly e Sam tinham trazido. Ruth sentou em seus calcanhares e eles jogaram pedaços para ela toda a noite. Especialmente Scarlet, que Ruth adorava mais do que tudo. O amor era recíproco – na maioria das noites, Ruth dormia no quarto de Scarlet e, se alguém chegasse perto dela, ela rosnava.

Polly, tão animada, mal podia esperar para dar a Scarlet seus presentes, tanto que ela, como sempre, lhe entregou os presentes ali mesmo, na mesa e pediu para que ela abrisse naquela hora.

Caitlin não sabia quem estava mais animada – Scarlet ou Polly. Como sempre, Polly era muito generosa. Scarlet abriu presente após presente. Scarlet, tão feliz se levantou e abraçou ela e Sam.

Depois que as conversas foram encerrando e todos começaram a se levantar da mesa, Caitlin finalmente encontrou sua oportunidade. Ela estava morrendo de vontade de dar Scarlet seu presente, um presente muito importante, que ela estava esperando até seu décimo sexto aniversário para dar.

Quando os outros começaram a sair da sala, ela ia puxou Scarlet para um canto – mas ficou surpresa ao vê-la pegar seu casaco.

"Scarlet?" Caitlin perguntou, surpresa. "Você vai sair?"

Scarlet parou na porta, com Blake, e olhou para trás, hesitante, parecendo um pouco culpada.

"Desculpa mãe", disse ela. "Eu não percebi que você esperava que eu ficasse. Eu ia pegar um cinema com Blake. Para o meu aniversário, você sabe? "

Caleb olhou, preocupado.

"Hum ... se estiver tudo bem?", acrescentou Scarlet.

Caleb olhou para o relógio, descontente.

Mas Caitlin esticou o braço e colocou a mão em seu pulso. Ela sorriu.

"É claro que está tudo bem, querida. É seu aniversário. Fico feliz que vocês estejam saindo ", disse ela, de verdade. Caitlin ficou um pouco triste porque ela queria sair com Scarlet e conversar mais com ela em seu aniversário, mas ela estava realmente feliz por ela que ela tinha Blake.

Scarlet abriu um sorriso, parecia aliviada.

"Mas antes de ir, posso falar com você um minuto?", Perguntou Caitlin. "Há algo que eu quero lhe dar. É seu aniversário, afinal."

Scarlet sorriu.

"Claro", disse ela. Ela virou-se para Blake. "Espere por mim na varanda, eu vou estar fora em poucos minutos."

"Eu acho que ficar na varanda é uma ótima ideia", disse Caleb, sem perder tempo, enquanto caminhava para Blake e passava o braço por cima de seu ombro. "Eu acho que vou acompanhá-lo. Será uma oportunidade perfeita para nós nos conhecermos. "

Blake olhou nervosamente para Scarlet enquanto Caleb o levava para fora.

"Pai, seja legal," Scarlet advertiu....

Caleb se virou e sorriu quando ele abriu a porta para levar Blake a uma das cadeiras de vime estofadas em sua varanda vitoriana.

"Não se preocupe, querida", disse Caitlin, quando a porta se fechou atrás delas. "Tenho certeza que ele será. E por falar nisso, eu realmente gosto Blake."

Scarlet sorriu enquanto as duas caminhavam através da casa em direção a uma pequena sala de estar, forrada com estantes de livros. Quando entraram no aposento, os olhos de Scarlet se arregalaram de surpresa ao ver uma pequena caixa de presente na mesa de café.

Caitlin irradiou. Ela estava preparando aquilo há mais tempo. Agora, finalmente, era o momento perfeito.

"Você realmente não tem que me dar nada, mãe", disse Scarlet. "O bolo já era mais do que suficiente."

Assim era Scarlet. Sempre tão atenciosa. Sempre tão altruísta.

"Isto é muito importante", disse Caitlin. "Continue. Abra."

Scarlet tomou a pequena caixa e retirou o embrulho delicado, revelando uma caixa antiga, joias de mogno.

Scarlet olhou para Caitlin em surpresa. Claramente, ela estava perplexa. Ela lentamente a abriu e, em seguida, seus olhos se arregalaram.

"Oh meu Deus", disse ela, levantando a mão à boca. "Eu não posso aceitar isso. Parece tão valioso. Parece, assim, antiga! "

Ali, contra o veludo preto, havia um pequeno colar, prata. Um antigo crucifixo. Scarlet o ergueu, examinando-o, hipnotizada por sua beleza.

"Onde você conseguiu isso?"

"Minha avó deu para mim", Caitlin disse, "quando eu me fiz 16. E sua avó deu a ela."

Caitlin pegou o colar, foi atrás de Scarlet e o colocou-o em volta do pescoço, apertando-o. Ela, então, deu a volta e olhou para ela, sorrindo.

"Ele se encaixa muito bem", disse Caitlin.

Caitlin tinha encontrado o colar apenas outro dia, no sótão e sabia que Scarlet deveria ficar com ele. Afinal, ela não o usava mais. Era tão bonito, misterioso, com aquela estranha inscrição em latim na parte de trás.

"Eu nunca vou tirá-lo. Eu amo você, mamãe ", disse Scarlet, abraçando-a.

Por cima do ombro, Caitlin sentiu as lágrimas de Scarlet.

Caitlin não tinha ideia do que ela tinha feito para merecer uma filha tão incrível.

"Eu também amo você."

* * *

Caitlin ficou ali em sua na cama, à noite, no escuro, virando e revirando. Caleb estava dormindo há pelo menos uma hora e ela ouvia o som constante e comedido de sua respiração. Ela sempre se surpreendia como ele dormia rápido.

Mas não Caitlin. Na maioria das noites, ela tinha dificuldade em adormecer. Ela alcançou sua mesa de cabeceira e virou o relógio em sua direção: 12:30. Ela havia deitado na cama mais de uma hora atrás, e ainda nada.

Ela estava deitada de costas, descansando a cabeça no travesseiro, olhando para o ventilador de teto, pensando. Sua mente acelerava e ela não conseguia se acalmar. Aquela noite estava mais difícil que o habitual. Ela se perguntou se estava agitada por ter sido um grande dia, com Scarlet fazendo 16 anos. Ela se lembrou de quando ela mesma completou 16 anos, ela ainda sentia, em alguns aspectos, como se fosse ontem – pensar que sua filha estava com 16 anos era surreal. Era tão estranho pensar em si mesma como uma mãe. De certa forma, ela ainda era a mesma Caitlin de 16 anos de idade.

O que mais a incomodava não era o que ela se lembrava e sim o que ela não conseguia se lembrar. Era como se houvesse algum canto obscuro de sua consciência que ela não conseguia alcançar, uma parte profunda do cérebro onde as coisas estavam turvas. Ela fez um esforço para se concentrar, pensar de volta para o dia em que ela mesma fez 16 anos, para se lembrar de tudo o que tinha acontecido naquele dia, todos os detalhes – e foi frustrante ao perceber que ela não conseguia.

Muitas vezes, Caitlin tentava se lembrar de sua criação, em especial a sua infância, convencida de que ela devia ter algumas memórias precoces de seu pai. *Algo*. Mas muitas vezes ela só via um branco, ou imagens mudas, de modo vago e confuso que ela não sabia se eram memórias reais ou apenas sua imaginação, algo que ela tinha inventado ao longo dos anos. Era como se houvesse este enorme buraco negro em sua memória, esta parte oculta de sua vida que ela simplesmente não conseguia lembrar. E isso a incomodava infinitamente.

Talvez ela estivesse apenas imaginando que havia algo a mais. Às vezes, Caitlin sentia que ela estava destinada para coisas maiores, uma vida maior. Como se ela tivesse algum grande destino, algum enorme propósito ou significado para o mundo. Às vezes, ela não podia deixar de se perguntar se sua vida era para ser muito maior, se ela tinha uma missão secreta à espera de ser revelada.

Mas esse dia nunca havia chegado. Quando Caitlin ponderava sua vida – uma vida normal, uma vida que parecia muito como de qualquer um – ela não chegou a ver alguma coisa que a fizesse tão especial. Parecia que ela estava destinada a viver uma vida normal, em uma cidade normal. Uma parte dela se recusava a aceitar isso.

Outra parte dela perguntava se ela não estava ficando louca. Afinal, o que havia de errado com uma vida "normal" de qualquer maneira? Ter uma vida normal não era nenhuma conquista própria? Por que a vida tem que ser maior do que o normal? Quando Caitlin olhava em volta e via tantas pessoas com problemas reais, com casamentos desfeitos, com problemas de saúde – com sofrimentos *de verdade* – ela percebeu que o normal era OK. Era melhor do que OK. Ela deveria ser muito grata, ela sabia, só de ter a normalidade, só de ter o que ela tinha. E ela estava grata. Ela não era infeliz.

Era só que, às vezes, ela se perguntava que, talvez, ela estava destinada a algo mais. Pensar naquele colar que sua avó lhe dera a despertou. Ele trouxe à tona lembranças dela – uma das poucas memórias claras que Caitlin ainda tinha. Lembrava-se dela, uma das poucas pessoas que ela amava, em seu oitavo aniversário, dando-lhe uma caixa de livros raros; lembrou-se de segurar aquela caixa como se fosse um tesouro; lembrou-se de todas as vezes que sua mãe tinha insistido em se livrar daquela caixa e todas às vezes Caitlin tinha se recusado. Lembrou-se de uma vez, quando ela chegou em casa e descobriu que sua mãe a tinha jogado fora e ela a pegou de volta e a escondeu. Ela a manteve escondida, debaixo da cama,

durante anos, determinada que sua mãe nunca a encontraria novamente. E ela nunca o fez.

Anos mais tarde, quando Caitlin mudou-se para o Vale do Hudson, para esta grande casa antiga, ela tinha trazido a caixa e a armazenou em um canto distante do seu sótão. Uma parte dela queria passar por todos aqueles livros de imediato, mas outra parte não estava pronta para isso. Ela não conseguia explicar o porquê. Havia algo tão pessoal sobre eles; ela sentiu que tinha que esperar exatamente o momento certo para fazê-lo.

Caitlin virava na cama, pensando sobre esses livros e, depois de muitas horas, ela não sabia quantas, ela finalmente caiu em um sono profundo.

* * *

Caitlin estava em um milharal, ao pôr do sol, a única pessoa em um vasto e vazio universo. Havia um caminho estreito, entre as espigas de milho, e ela desceu por ele, sob um céu em chamas em um milhão de tons de vermelho e rosa. Ela caminhou em direção ao horizonte, sabendo, por algum motivo, que era onde ela tinha que ir.

Quando chegou lá, ela viu uma figura solitária que estava lá, um homem, de costas para o sol.

Uma silhueta. De alguma forma, no fundo, ela sentia que o conhecia. Sentia que, talvez, fosse seu pai.

Caitlin correu, querendo alcançá-lo, vê-lo.

Enquanto corria, os pés de milho viraram oliveiras, com os seus ramos de prata lindamente iluminadas sob a última luz do dia. O terreno mudou, também, virou uma montanha e, agora, ela estava correndo. Um coro de sinos de igreja soava ao seu redor. Ela sentiu-se cada vez mais perto e, à medida que se aproximava, ele ficava maior. Quando ela estava bem perto dele, ela olhou para cima e viu

que ele já estava montado em um crucifixo. Ela só podia ver a sua silhueta, e a imagem a aterrorizava.

Caitlin correu ainda mais rápido, querendo libertá-lo, ajuda-lo a sair da cruz. Ela achava que se ela pudesse alcançá-lo, tudo ficaria bem.

"Caitlin", disse ele. "Eu estou com você."

Ela estava apenas começando a ver alguns dos detalhes de seu rosto e sabia que em outro momento, ela iria ver claramente quem ele era.

De repente, um bando de morcegos desceu do céu, mergulhando sobre ela como um enxame. Eles cobriram seu rosto e cabelos e olhos e ela os golpeava freneticamente. Mas havia muitos deles: eles forçaram-na a ficar de joelhos, no chão e a cobriram como formigas. Ela gritou e gritou, mas ninguém ouviu.

Caitlin sentou-se na cama, respirando com dificuldade, suando. Ela olhou ao redor, no silêncio, esquecendo momentaneamente onde ela estava. Finalmente, ela percebeu: era um sonho.

Foi um sonho terrível, e seu coração batia forte. Ela não entendia – nada parecia fazer sentido.

Ele a deixou triste e assustada ao mesmo tempo.

Ela pulou da cama e andou, muito afetada para voltar a dormir. Ela olhou para o relógio: 04:01.

Não estava nem perto do amanhecer, mas ela estava bem acordada. Ela caminhou pelo quarto, tentando descobrir o que fazer e se sentiu mais inquieta do que nunca. Ela sentiu que seu sonho era mais do que apenas um sonho: parecia uma mensagem, como se exigisse algum tipo de ação. Mas o quê?

Ela sentia que tinha que fazer algo. Mas era 04:00. Para onde ela poderia ir? O que ela poderia fazer?

Ela precisava ocupar sua mente em algo, como um livro velho, um quebra-cabeça difícil. Algo para ajuda-la. E então, ela teve uma ideia: o sótão. Aqueles livros que ela estava pensando antes de dormir. A caixa de sua avó. Aqueles livros raros. O maior quebra-cabeça de todos.

Sim, isso era exatamente o que ela precisava. Era o lugar perfeito para ir e se perder, e não incomodar ninguém.

Caitlin saiu correndo para a sala e pelo corredor. Ela pegou uma lanterna de uma gaveta e subiu os degraus íngremes para o sótão.

Quando chegou ao topo, ela puxou uma cordinha de uma lâmpada e iluminou uma parte daquele ambiente escuro. Ela pegou sua lanterna e examinou os cantos escuros: o sótão estava completamente lotado de coisas. Eles viviam lá há tanto tempo e nunca se importaram em esvaziá-lo. O ar não circulava lá e Caitlin abraçou o pijama de seus ombros sentindo frio.

Ela mal se lembrava de onde ela havia deixado às caixas de sua avó. Ela virou a lanterna e procurou no sótão de um canto ao outro. Começou a andar cuidadosamente, indo de caixa em caixa.

Os minutos passavam e, quando ela estava começando a pensar que aquilo era uma busca fútil, ela a viu: um pequeno amontoado de caixas em um canto. Os livros de sua avó.

Caitlin tirou algumas coisas do caminho – uma cadeira alta, um berço, um cavalinho enorme – e conseguiu chegar até as caixas. Ela abriu a primeira caixa devagar, metódica, como ela foi treinada para fazê-lo, retirou os livros um por um. E os organizou, depois catalogou e os indexou em sua mente. A Caitlin profissional estava agindo.

Havia dezenas de livros e este era o tipo de projeto que Caitlin precisava. Aos poucos, ela podia sentir sua mente e coração desacelerando.

Ela ficou ali sentada, de pernas cruzadas, passando seu tempo pegando um livro de cada vez. Ela espirrou algumas vezes, culpa da poeira, mas estava feliz. Sentiu uma instantânea conexão com sua avó enquanto passava de livro em livro, sentindo cada um, passando suas mãos pela capa, pela encadernação, pelos papéis antigos. Ela começou a relaxar, seus pesadelos estavam ficando distantes.

Uma hora passou em um piscar de olhos e até então, Caitlin já tinha terminado a maioria das caixas. Quando ela pegou a última caixa e a abriu, ficou impressionada ao ver que aquela estava mais lacrada que as outras. Ela retirou camadas e camadas de fita adesiva sem parar. Ela se perguntou por que aquela caixa estava tão bem selada, bem mais que as outras.

Ela estava incomodada. Saiu de sua confortável posição e começou a procurar por uma tesoura no sótão, algo que a ajudasse a abrir a caixa.

No canto mais distante, ela tropeçou em um kit de costura antigo e tirou um pequeno par de tesouras. Eles eram bem pequenos, mas pareciam suficientes.

Ela voltou para a caixa e começou a trabalhar no corte da fita. Levou alguns minutos para cortar ele com a tesourinha, mas, finalmente, ela conseguiu. Ela rasgou a caixa aberta.

Dentro desta caixa havia uma dúzia de livros. A maioria parecia igual – mesma encadernação, a maioria eram clássicos. Mas um livro se destacou imediatamente. Não se parecia em nada com os outros. Era grosso, estofados e resistente com capa de couro. Era como se tivesse passado por uma guerra. E parecia antigo.

Caitlin ficou intrigada. Como estudiosa de livros raros, poucos livros ela não conseguia decifrar em um instante. No entanto, este foi diferente. Ela nunca tinha visto nada parecido. E que tanto a emocionava quanto e aterrorizava. Como? Era diferente de qualquer livro que ela já tinha visto, e ela tinha visto tudo.

O coração de Caitlin bateu forte quando ela estendeu a mão e delicadamente retirou o livro. Ela estava tremendo e não sabia por quê. Era estranho mas, de alguma forma, ela se sentia como se estivesse sendo levada para aquela caixa. Para aquele livro. Ela puxou a tampa, e passou a mão ao longo da primeira página e começou a estudar a escrita manual.

Quando ela o fez, seu coração parou. Ela não conseguia entender. Era uma caligrafia que ela reconhecia.

Era sua própria.

Caitlin não conseguia processar o que estava acontecendo. Ela se sentia como se estivesse fora de si mesma, olhando para baixo, ela se sentia cada vez mais confusa.

Ela leu. E leu. E leu.

Finalmente, foi atingiu como um raio: este livro era *dela*. Seu diário. O diário de uma adolescente. A história do passar dos anos. De voltar no tempo. De se apaixonar por um homem chamado Caleb. De ter uma filha chamada Scarlet. De se tornar um vampiro. Perguntou-se se ela estava ficando louca. Era algum tipo de brincadeira? Algum tipo de fantasia que ela teve quando jovem? O que estava fazendo aqui? Como sua avó o tinha? E por que ela deveria apenas abri-lo agora, neste momento?

À medida que ela folheava as páginas, hipnotizada, lendo anotação atrás de anotação, enquanto estava sentada ali, paralisada até depois de o sol nascer, ela havia percebido: aquilo não era nenhuma piada.

Era real.

Era tudo real.

Este era seu diário de adolescente. E ela tinha sido um vampiro.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

As mãos de Caitlin tremiam enquanto ela dirigia. Suas mãos não tinham parado de tremer desde que ela tinha parado de ler seu diário, horas antes. Tinha lido cada página e, em seguida, começou tudo de novo e leu mais uma vez. Era como assistir a sua vida passar diante dos seus olhos. Era como ler sobre uma vida que tinha sido mantido em segredo dela, uma vida que ela sempre suspeitou que tivesse, mas estava com medo de acreditar que era possível. Era como segurar um pedaço de si mesma que ela nunca soube que existia.

Estava animada e aterrorizava ao mesmo tempo. Ela já não sabia o que era real e o que era imaginação. A linha que dividia um do outro estava tão borrada que ela se perguntou se ela estava perdendo a cabeça.

Sendo um estudioso, um especialista em livros raros, ela também tinha analisado e examinado o diário em si, com os olhos de um especialista. Ela poderia dizer que, cientificamente, objetivamente, que era real. Um livro antigo. Milhares de anos de idade. Mais velho do que qualquer livro que ela já tocara. Isso por si só seria suficiente para surpreendê-la. Isso não faz nenhum sentido. Como era possível? Em seu próprio sótão?

Quando Caitlin pensou sobre isso ela percebeu que seu colar, o que ela tinha dado a Scarlet, também era antigo e também tinha vindo de sua avó. Ela perguntou quem sua avó realmente era, e o que mais ela tinha escondido. E sua avó disse, na época, que aquilo tinha vindo de sua avó. Caitlin não podia deixar de sentir uma ligação intensa com as gerações. Mas ela não sabia o quê.

Enquanto ela revirava tudo de dentro de sua cabeça, ela só levantava mais e mais perguntas. O que a surpreendeu. Ela era uma estudiosa de renome mundial, poderia dissecar e analisar qualquer livro em questão de minutos. Mas, agora, com o seu próprio diário em seu próprio sótão – com sua própria caligrafia, ainda por cima – ela estava completamente perplexa. Isso a assustava mais do que qualquer coisa. Afinal, ela não se lembra de ter escrito nada disso. E ainda, quando ela leu, algumas partes pareciam voltar para ela, em alguma parte vago de sua consciência.

Quando Caitlin tinha finalmente desceu do sótão, que tinha sido no final da manhã e a casa estava vazia, Scarlet já tinha ido para a escola e Caleb já tinha saído há muito tempo para trabalhar. Ela mesma deveria estar no trabalho horas atrás e ela sequer havia ligado. Ela estava em transe, tinha perdido todo o senso de tempo e lugar. A única a cumprimentá-la era Ruth, e Caitlin, em transe, tinha apenas passado por ela, foi para fora, para o carro e saiu, com o diário ainda na mão.

Caitlin sabia que havia apenas uma pessoa no mundo que ela poderia procurar para obter respostas. E ela precisava de respostas agora, mais do que nunca. Ela não aguentava ter algo não resolvido e não iria parar por nada até descobrir. Ela correu rodovia abaixo, passando pela Taconic Parkway em direção à Nova York, suas mãos ainda trêmulas. Havia apenas um homem no mundo, ela sabia, que saberia o que fazer com naquela situação – apenas uma mente mais brilhante do que a dela quando se tratava de livros raros e antiguidades. Ele era o único que poderia explicar as verdades mais profundas da história, da religião, do esotérico. Aiden.

Seu professor da faculdade de idade, seu mentor ao longo de sua graduação e pós-graduação na Universidade de Columbia, Aiden era o único homem que ela confiava e respeitava mais do que qualquer outro no mundo. Ele também era o único homem que ela considerava ser seu verdadeiro pai. O professor mais venerado de antiguidades e estudos esotéricos em Columbia, a estrela brilhante da faculdade arqueológica, Aiden foi o maior estudioso que jamais teve. Se Caitlin encontrasse um livro raro ou um pedaço da história da antiguidade que a deixasse perplexa, era Aiden quem ela deveria chamar. Ele sempre tinha uma resposta para tudo.

Ela sabia que ele teria uma resposta para este diário, uma maneira acadêmica para explicá-lo que a faria se sentir melhor e também se perguntar por que ela não pensou nisso antes. E ele faria isso com graça e charme, de uma forma que não a faria se sentir estúpido. Na verdade, sabendo que ele teria a resposta era a única coisa que a impedia de perder sua mente enquanto ela acelerava na rodovia.

Caitlin tremia de ansiedade quando ela chegou a Manhattan, correndo pela West Side, atravessando a Broadway e estacionando à direita em frente à entrada para a Columbia. Ela estacionou na Broadway, em uma zona onde era proibido estacionar, mas estava preocupada demais para perceber. Ela não estava consciente de seu entorno, nem estava ciente de que ela havia saído de casa ainda vestindo calças de pijama, chinelos de dedo e uma camisola de idade, e seu cabelo estava desfeito.

Caitlin saltou para fora do carro, pegou o diário e percorreu as portas do Columbia, tropeçando na passagem de tijolos em linha irregular. Ela se apressou através do campus, e se virou e correu até os largos, degraus de pedra, subindo três de cada vez. Ela correu pela ampla praça de pedra, encontrou o prédio onde sabia que Aiden seria, voou pelas escadas, passou pelas portas duplas, por um corredor de azulejos, mais um lance de escadas, mais outro corredor e entrou direto em sua sala de aula. Ela sequer pensou em bater, nem sequer parou para considerar que ele poderia estar dando aula.

Ela não estava em seu estado de espírito normal. Ela simplesmente abriu a porta e entrou lá direto, como se ela ainda fosse uma aluna da graduação.

Ela parou, mortificada. Aiden estava ali, no seu quadro-negro, segurando um pedaço de giz e a sala de aula estava preenchida com cerca de 30 alunos de pós-graduação, todos se viraram e olharam para ela.

"E a razão pela qual as diferenças entre os valores arquetípicos romanos e gregos não eram considerad..."

Aiden de repente parou de lecionar, parou de escrever no quadro-negro. Ele se virou e a encarou.

Os estudantes de todos pararam de digitar em seus laptops e ficaram olhando para Caitlin, de cima a baixo. De repente, ela percebeu onde estava, o que estava vestindo.

Ela ficou ali como um cervo nos faróis, mortificado. Ela finalmente saiu de seu torpor, percebendo o que ela tinha feito. Ela deve ter parecido uma pessoa louca. Riso espalhados eclodiu a partir da sala de aula.

"Caitlin?", Perguntou Aiden, olhando para ela com espanto.

Ele parecia exatamente como ela se lembrava, com seu cabelo curto, e barba grisalhos e olhos azuis claros inteligentes. Ele olhou para ela com bondade, mas também surpresa e talvez aborrecimento. É claro: ela havia interrompido sua aula.

"Eu sinto muito", disse ela. "Eu não queria interromper."

Aiden estava ali, talvez esperando por ela para explicar, ou esperando por ela para sair. Mas Caitlin não teve coragem de sair. Ela não podia ir a qualquer lugar, fazer qualquer coisa, pensar em nada, até que ela ter respostas.

"Existe ... algo em que eu possa ajudá-la?", Ele perguntou, sem saber.

Caitlin olhou para o chão. Ela não sabia o que dizer. Ela odiava interrompê-lo. Mas, ao mesmo tempo em que não queria sair dali.

"Eu sinto muito", disse ela, finalmente, olhando para ele. "Mas eu preciso falar com você."

Ele olhou para ela por alguns segundos e seus olhos se estreitaram. Ele lentamente olhou para o lado e viu o livro e, por um breve momento, ela viu algo em seus olhos, como reconhecimento, e então espanto. Era um olhar que ela nunca tinha visto antes: Aiden nunca havia sido surpreendido com nada. Ele parecia saber de tudo no universo.

Agora Aiden era o que foi apanhado de surpresa. Ele se virou para a classe.

"Eu sinto muito, classe", disse ele. "Mas isso é tudo por hoje."

De repente, ele se virou para Caitlin, gentilmente pegou seu ombro e levou-a para fora da sala, longe dos sussurros de surpresa dos alunos.

"Para o meu escritório," ele falou.

Ela o seguiu pelo corredor, sem palavras, subindo as escadas, para o piso superior, passou outro corredor, e, finalmente, chegaram a seu escritório. Ela entrou e fechou a porta atrás dela.

Era aquele escritório, ela se lembrou, o lugar que era como uma segunda casa para ela. Era o escritório em que ela tinha passado tantos anos na análise e debate de ideias com Aiden, quando ele a aconselhava em seus ensaios, em sua tese. Era um pequeno escritório, mas confortável, cada centímetro dele recheado de livros, em toda parede até o teto. Livros eram empilhados sobre a mesa,

no peitoril da janela, nas cadeiras. E não apenas quaisquer livros – todos os tipos de livros raros e incomuns, volumes esotéricos sobre os assuntos acadêmicos mais obscuros. Era o escritório de um erudito por excelência.

Ele se apressou a retirar uma pilha de livros de um dos lugares em sua mesa, abrindo espaço para que ela se sentasse. Ela se sentou e, em seguida, sem hesitar, estendeu-lhe o diário.

Aiden lentamente o pegou com as duas mãos. Gentilmente, ele puxou a tampa. Seus olhos se arregalaram quando ele leu a primeira página.

Mas, para a surpresa de Caitlin, ele não foi lendo o livro, nem o inspecionou, nem o mexeu em todas as direções, como sempre fazia, com um volume incomum.

Em vez disso, ele gentilmente o fechou e, em seguida, o devolveu para ela.

Caitlin não podia acreditar. Ele nem sequer quis ler mais. Ela ficou ainda mais confusa com a reação dele.

Ele nem sequer olhava para ela. Em vez disso, ele se levantou lentamente, com um olhar triste no rosto, caminhou até sua janela, e ficou ali, com as mãos cruzadas, olhando para fora. Ele estava olhando, olhando para baixo no campus, nas centenas de pessoas correndo abaixo.

Caitlin podia senti-lo pensando. Ela sabia, ela simplesmente *sabia*, que ele estava escondendo algo. Algo que ele nunca tinha contado a ela. Isso a assustava ainda mais. Ela tinha tão desesperadamente esperado que ele iria apenas rejeitar aquele objeto como um disparate. Mas não.

Depois de momentos de silêncio denso, Caitlin não aguentava mais. Ela precisava saber.

"Isso é real?", ela perguntou, indo direto ao assunto.

Depois de um longo silêncio, Aiden finalmente virou. E, lentamente, ele assentiu.

Caitlin não conseguia compreender o que estava acontecendo. Ele estava confirmando sua realidade. Aquele diário. Era real. Tudo era real.

"Mas como isso é possível?", Perguntou Caitlin, sua voz aumentando. "Ele fala sobre as coisas mais fantásticas. Vampiros. Espadas míticas. Escudos. Antídotos. Milhares de anos de idade e é tudo em minha caligrafia. Nada disso faz sentido. "

Aiden suspirou.

"Eu estava com medo que esse dia chegaria", disse ele. "Ele só veio mais cedo do que eu esperava."

Caitlin olhou para trás, tentando entender. Ela sentiu como se um grande segredo tivesse sido retido dela e isso a deixava extremamente frustrada.

"Este dia viria?", ela perguntou. "O que você está me dizendo? E por que você não me contou antes? "

Aiden sacudiu a cabeça.

"Não era para eu lhe dizer. Era para você descobrir. Quando fosse o momento certo ".

"Para descobrir o quê?"

Ele hesitou.

"Que você não é quem você pensa que é. Que você é especial."

Caitlin o encarou, assustada.

"Eu ainda não entendo", disse ela, frustrado.

Ele andou.

"Como vocês sabe, a história é parte verdade e parte mito. É nosso trabalho para determinar o que é verdade e o que é ficção. No entanto, não é algo tão científico como nós gostaríamos que fosse. Não há fatos absolutos da história. A história é escrita pelos vencedores, pelos biógrafos, por aqueles que têm uma causa e efeito e meios para documentá-la. A história vai sempre ser tendenciosa. E vai ser sempre seletiva".

"Onde é que isso me deixa?" Caitlin perguntou, impaciente. Ela não estava com disposição para uma das palestras de Aiden. Não agora.

Ele limpou a garganta.

"Há uma quarta dimensão na história. A dimensão ignorada pelos estudiosos, mas que é muito real. O inexplicável. O esotérico. Alguns podem chamá-lo de o oculto, mas esse termo tem sido grosseiramente mal utilizado. "

"Eu ainda não entendo", Caitlin implorou. "Eu pensei que você seria a única pessoa que poderia me explicar. Mas soa como se você está dizendo que é tudo verdade, que tudo neste livro é verdadeiro. É isso que você está dizendo !?"

"Eu sei o que você queria que eu falasse. Mas eu sinto dizer que eu não posso." Ele suspirou. "E se um pouco da história tem, de fato, sido obscurecida? De propósito? E se houvesse, de fato, um momento em que uma raça conhecida como "vampiros" existiu? E se você fosse um deles? E se você tivesse viajado no tempo? Tivesse encontrado o antídoto, houvesse dizimado o vampirismo de todos os tempos?"

Ele fez uma pausa, recolhendo seus pensamentos. "E se houvesse uma exceção para o antídoto?", Perguntou.

Ela olhou para ele, mal acreditando no que estava ouvindo. Ele tinha perdido a cabeça?

"O que você quer dizer?", Perguntou ela.

"O antídoto. O fim para o vampirismo. E se houvesse uma exceção? Um vampiro imune? Imune porque ela ainda não havia nascido no momento em que você escolheu voltar? "

Ainda tinha nascido? Caitlin perguntou, quebrando seu cérebro. Em seguida, ela entendeu.

"Scarlet?", ela perguntou, pasma.

"Você foi advertida uma vez, há muito tempo, que teria uma grande escolha a fazer, entre o seu legado e o futuro da humanidade. Eu tenho medo que o momento chegou ".

"Pare de falar em enigmas!" Caitlin exigiu, em pé, com os punhos fechados, com o rosto vermelho. Ela não conseguia ouvir mais; ela se sentia como se estivesse perdendo a cabeça. Aiden era o único homem no mundo de quem ela esperava respostas racionais. E ele só estava fazendo as coisas muito, muito piores.

"O que você está dizendo sobre a minha filha?"

Aiden balançou a cabeça lentamente, angustiado.

"Eu entendo que você esteja chateada", disse ele. "E eu lamento ter de lhe dizer isto. Mas sua filha, Scarlet, é o último de sua espécie. O último vampiro restante. "

Caitlin olhou para Aiden como se ele tivesse enlouquecido. Ela nem sabia o que responder.

"Ela está crescendo," ele continuou. "Ela logo vai mudar. E, quando isso acontecer, ela vai liberar o vampirismo para o mundo. Mais uma

vez, o nosso mundo será cercado por uma praga de vampiros".

Aiden deu dois passos em direção a Caitlin. Ele colocou a mão em seu ombro, olhou em seus olhos, mais sérios do que ela jamais o vira.

"É por isso que este diário veio para você agora. Como um aviso. Você deve pará-la. Para o bem da humanidade. Antes que seja tarde demais. "

"Você ficou maluco?" Caitlin retrucou, mas sentindo-se insegura. "Você sabe o que está dizendo? Que minha filha é um vampiro? Está falando sério? E o que você quer dizer, impedi-la? O que isso significa? "

Aiden olhou para o chão, triste, parecia muito mais velho nesse momento do que Caitlin jamais o vira.

E então, de repente, ela percebeu o que ele quis dizer: matá-la. Ele estava dizendo a ela para matar sua própria filha.

A compreensão a atingiu como um golpe na barriga. Ela ficou tão horrorizada, tão fisicamente enojada disso que ela não podia suportar estar perto de Aiden nem mais um segundo.

"Caitlin, espere!", Ele gritou.

Mas ela não podia. Sem dizer uma palavra, ela se virou e saiu correndo para fora de seu escritório.

Ela correu, o mais rápido que pôde, como uma louca pelos corredores, determinado a nunca, jamais, voltar novamente.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Enquanto dirigia de volta para casa, Caitlin estava louca de preocupação. Ela sentia que não havia mais nenhuma pessoa racional no universo. Ela tinha pensado que dirigir até a cidade e falar com Aiden iria acalmá-la, faria seu retorno para casa mais tranquilo, com tudo explicado e em sua ordem racional.

Mas ele tinha acabado de fazer tudo um milhão de vezes pior. Agora ela desejava nunca tê-lo visitado e, mais do que tudo, desejava que ela nunca tivesse ido para o sótão. Ela desejava nunca ter tido aquele sonho nem ter encontrado aquele diário. Ela desejava poder fazer tudo isso simplesmente acabar.

Ainda ontem, tudo estava perfeito em sua vida; Agora, ela sentia que tudo estava de cabeça para baixo. Ela quase sentia que, ao ir para o sótão e abrir aquela caixa, ao abrir o diário, ela havia desencadeado algo horrível no universo. Algo que era para ser mantido trancado.

Uma parte dela ainda lhe disse que tudo isso era ridículo. Talvez Aiden tivesse perdido contato com a realidade depois de todos esses anos de ensino. Talvez esse livro fosse apenas uma relíquia estranho de sua infância, alguns coleção de fantasias que tinha rabiscado como uma jovem. Talvez ela pudesse apenas colocar esse livro de volta no sótão, colocou hoje fora de sua mente, e tudo ficaria bem, voltar ao normal, assim como sempre foi.

Mas outra parte de Caitlin, uma parte mais profunda, senti um crescente sentimento de mau presságio, que ela não poderia abalar. Ele disse a ela que nada iria ficar bem novamente.

As mãos de Caitlin tremeram quando ela terminou a duas horas de carro para trás e puxou para sua aldeia idílica. Ela puxou para baixo sua rua tranquila e esperava vê-la casa iria acalmá-la, como sempre fez.

Uma parte dela ainda lhe dizia que tudo aquilo era ridículo. Talvez Aiden tivesse perdido contato com a realidade depois de todos aqueles anos de ensino. Talvez aquele diário fosse apenas uma relíquia estranha de sua infância, alguma coleção de fantasias que tinha rabiscado quando mais nova.

Talvez ela pudesse colocar aquele diário de volta no sótão, tirá-lo de sua mente e tudo ficaria bem, voltaria ao normal, assim como sempre foi.

Mas outra parte de Caitlin, uma parte mais profunda, sentia um crescente sentimento de mau presságio, que ela não conseguia sossegar. Dizia a ela que nada iria ficar bem novamente.

As mãos de Caitlin tremeram quando ela terminou suas duas horas de viagem e entrou em sua vila idílica. Ela entrou em sua rua tranquila e esperava que ver sua casa fosse acalmá-la, como sempre fez.

Mas, quando ela entrou em sua garagem, ela sentiu imediatamente que algo estava errado. O carro de Caleb estava na garagem. Ele estava em casa no horário de trabalho, no meio da tarde. Ele nunca chegou em casa do trabalho mais cedo.

Ela imediatamente verificou seu celular para ver se tinha alguma chamada não atendida, e foi quando ela percebeu: seu telefone tinha ficado desligado durante todo o dia. Ela olhou para baixo e viu que agora uma luz vermelha piscava: 9 chamadas perdidas nas últimas duas horas. Todas de Caleb.

Seu estômago deu um nó. Caleb nunca ligava para seu celular. Isso só poderia significar uma coisa: emergência.

Caitlin saltou para fora do carro, subiu correndo os degraus, em frente ao pórtico e irrompeu pela porta da frente, que estava entreaberta, agravando seu pavor.

“Caleb!?” ela gritou, entrando com tudo na casa.

“Aqui em cima!” ele berrou. “Suba aqui! Agora!”

O tom de sua voz a fez entrar em pânico. Em todos estes anos que ela o conhecia, nunca havia o ouvido gritar com tamanha urgência, nunca ouviu sua voz com tanto medo.

Ela mal podia respirar quando ela correu subindo a velha escada, agarrada ao corrimão, subindo três degraus por vez. Ela correu pelo corredor, ouvindo um som como gritos abafados.

"Aqui!", Gritou Caleb.

Caitlin correu direto para o quarto de Scarlet. A porta estava entreaberta e ela entrou com tudo.

Ela congelou com a visão.

Deitada na cama, no meio do dia, estava Scarlet, completamente vestida, com a aparência de estar doente. Sobre ela, com o rosto cheio de preocupação, estava Caleb, pousando uma de suas mãos no rosto dela. Ruth estava do seu outro lado, choramingando.

“Onde você estava?” ele perguntou, em pânico. “A enfermeira a dispensou da escolar. Disse que ela estava com febre. Eu já lhe dei três Advil mas a febre só piora.”

“Mãe?” Scarlet gemeu, fraca.

Scarlet estava lá, se remexendo e virando, com a pior aparência que Caitlin já tinha visto nela. Sua testa estava molhada de suor e ela gemia de dor, apertando os olhos fechados, como se lutasse contra alguma doença horrível.

O coração de Caitlin se partiu com aquela visão. Ela correu para o lado de Scarlet, sentou em sua cama, e colocou uma mão no seu

braço e outro na testa.

“Você não está quente,” ela falou. “Você está tão fria. Quando que isto começou?”

“Isso que é esquisito,” Caleb disse. “A febre dela só piora—mas na direção contrária. Está anormalmente baixa: 21 graus e continua caindo. Não faz sentido.”

“Estou congelando,” Scarlet falou.

Scarlet estava gelada e pegajosa ao toque de Caitlin. O coração de Caitlin batia forte, sem saber o que fazer: ela nunca tinha visto nada parecido com isso.

“Mãe, por favor. Dói tanto! Por favor, faça isso parar!” Scarlet gemia.

O coração de Caitlin afundou, ela queria saber como tirar aquela dor. Ela sentia que aquilo não era uma doença qualquer. Scarlet começou a chorar.

“Onde dói, querida?” Caitlin perguntou. “Você precisa me dizer. Por favor, se acalme e me conte,” Caitlin perguntou, com firmeza, se sentindo desesperada. “O que aconteceu exatamente com você? Quando isso começou?”

“Esta manhã, quando eu fui para a escola. Eu estava sentada na sala de aula, quando meus olhos começaram a doer. Eles estavam tão ruins. A luz era tão brilhante. E então minha cabeça começou a doer. Eu fui para a enfermeira e ela brilhou uma luz nos meus olhos e isso só piorou. Tudo está me matando. Eles tiveram que me colocar em um quarto escuro. ”

“Eu tive que fechar todas estas cortinas”, disse Caleb. “Ela disse que a luz estava matando.”

Caitlin inspecionou o quarto e percebeu as cortinas fechadas pela primeira vez. O coração dela se apertou. Ali estava Scarlet, gelada ao toque, incapaz de suportar a luz solar. Havia alguma verdade, de repente, ela se perguntou, sobre aquelas coisas que Aiden tinha dito?

"Meu estômago – dói tanto," Scarlet disse. "Eu não sei explicar isso. É como se eu estivesse com fome e com sede, ao mesmo tempo. Mas não de comida. De outra coisa. "

"De quê?", perguntou Caitlin, suando.

De repente, Scarlet gritou e se enrolou em uma bola, segurando o estômago. Caitlin estava apavorada. Ela nunca tinha visto ela assim.

"Nós temos que levá-la a um hospital", Caitlin gritou. "Ligue 911. AGORA!"

"Mãe, por favor, faça isso parar. Por Favor! "

Caleb se virou para pegar seu telefone – mas, depois, parou de fazer o que estava fazendo. O mesmo aconteceu com Caitlin. Porque, naquele momento, veio um som que abalou toda a sala, um som que eriçou o cabelo na nuca de ambos.

Foi um rosnado.

Ambos pararam, congelados, e se viraram para olhar para Scarlet.

Caitlin mal conseguia processar o que estava acontecendo: Scarlet agora estava sentada ereta na cama e, diante de seus olhos, ela estava se transformando. Ela deixou escapar um grunhido tão cruel e vicioso que mesmo Ruth ganiu e saiu correndo da sala, com o rabo entre as pernas.

Caleb, um homem que Caitlin nunca tinha visto ter medo de nada, parecia absolutamente petrificado, como se ele estivesse enjaulado

no quarto com um leão selvagem.

Mas Scarlet ignorou os dois: em vez disso, ela olhou para a porta aberta.

Nesse momento, Caitlin, de repente, compreendeu. De repente, ela teve um flashback de algum lugar, ela não conseguia se lembrar de onde, quando ela própria estava sentindo a mesma coisa que Scarlet. Uma pontada de fome. Uma necessidade de se alimentar. Não de alimentos. Mas de sangue.

Quando ela viu o olhar dos olhos de Scarlet, aquele olhar desesperado, o olhar de um animal selvagem, de alguma forma, ela sabia o que ela estava pensando: que ela precisava sair. Escapar. Através dessa porta. Para afundar seus dentes em algo.

Foi nesse momento que ela sabia, sem dúvida, que Scarlet era realmente um vampiro.

E que ela, Caitlin, tinha sido uma vez, também.

E que tudo o que Aiden tinha dito era verdade.

Scarlet era o último vampiro restante. E Caitlin tinha que impedi-la de espalhar isso pelo mundo. Quando Scarlet começou a se levantar e ir para a porta, Caitlin gritou:

"Caleb, você tem que impedi-la! Não a deixe sair. Confie em mim! Apenas me escute! Não deixe que ela saia desta sala! "

Caitlin não queria pensar nas consequências se Scarlet tivesse atravessado aquela porta, fosse para fora de casa, percorresse as ruas. Poderia mudar o mundo inteiro.

Scarlet, com a velocidade da luz, ficou de pé em um único salto, pulando para a porta.

Caleb, felizmente, agiu rápido. Ele ouviu obedientemente Caitlin e pulou na frente de Scarlet, bloqueando seu caminho. Ele conseguiu agarrá-la por trás e a segurou firmemente em um abraço de urso.

Normalmente, não seria nenhuma competição. Caleb, com 1,95 metros, ombros largos, era duas vezes o seu tamanho e isso não seria nem mesmo um concurso.

Mas, par o choque de Caitlin – e, claramente, de Caleb também – foi uma luta para ele se agarrar a ela. Era como se Scarlet estivesse dotada de uma força super-humana. Quando ela se balançou, Caleb foi jogado para esquerda e direita. Scarlet, de repente, jogou os ombros para trás e, com isso, Caleb saiu voando pela sala como uma boneca de pano. Ele chocou-se contra a parede com tanta força que seu corpo deixou uma marca no gesso. Ele caiu para o chão, inconsciente.

Scarlet virou-se para a porta e Caitlin agiu rápido: ela pulou sobre ela por trás, agarrando-a em um abraço de urso da mesma forma Caleb tinha. Era como tentar agarrar um touro selvagem: Caitlin foi jogada para todo o lugar, e ela sabia que não era páreo para ela. Afinal, Caitlin era humano. E, obviamente, ela estava na presença de algo que não era.

Scarlet inclinou para trás e Caitlin saiu voando pelo ar, bateu em uma parede, colidindo a parte de trás de sua cabeça.

Scarlet se virou e saltou para a porta e, em um segundo, ela se foi.

Caitlin, de alguma forma, ainda conseguia ficar de pé. Tonta, ela tropeçou para fora do quarto, foi para o corredor, respirando com dificuldade, mas determinada. Ela desceu correndo os degraus, quatro de cada vez, escorregando e, em seguida, saiu correndo pela casa.

À distância, ela viu Scarlet correndo em direção as grossas portas frontais de carvalho; mesmo sem fazer pausa, Scarlet utilizou seu o

ombro para esmagá-los em pedaços.

Caitlin correu atrás dela, pelas portas da frente abertas e observou Scarlet andar pelo gramado e pular os arbustos altos. Ela se movia habilmente no meio da rua calma e suburbana. Enquanto estava ali ela se inclinou para trás. E, quando ela o fez, Caitlin viu presas começando a sobressair seus dentes, viu seus olhos começarem a mudar de azul para um vermelho brilhante.

Scarlet se inclinou para trás e gritou, e foi um rugido que abalou todo o quarteirão, um rugido que chegou até os próprios céus.

Era o rugido de um animal determinado a matar.

Document Outline

- [CAPÍTULO UM](#)
- [CAPÍTULO DOIS](#)
- [CAPÍTULO TRÊS](#)
- [CAPÍTULO QUATRO](#)
- [CAPÍTULO CINCO](#)
- [CAPÍTULO SEIS](#)
- [CAPÍTULO SETE](#)
- [CAPÍTULO OITO](#)
- [CAPÍTULO NOVE](#)
- [CAPÍTULO DEZ](#)
- [CAPÍTULO ONZE](#)
- [CAPÍTULO DOZE](#)
- [CAPÍTULO TREZE](#)
- [CAPÍTULO QUATORZE](#)
- [CAPÍTULO QUINZE](#)
- [CAPÍTULO DEZESSEIS](#)
- [CAPÍTULO DEZESSETE](#)
- [CAPÍTULO DEZOITO](#)
- [CAPÍTULO DEZENOVE](#)
- [CAPÍTULO VINTE](#)
- [CAPÍTULO VINTE E UM](#)
- [CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)
- [CAPÍTULO VINTE E SETE](#)
- [CAPÍTULO VINTE E OITO](#)
- [CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)
- [CAPÍTULO TRINTA](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E UM](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E DOIS](#)

- [CAPÍTULO TRINTA E TRÊS](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E QUATRO](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E CINCO](#)
- [CAPÍTULO TRINTA E SEIS](#)